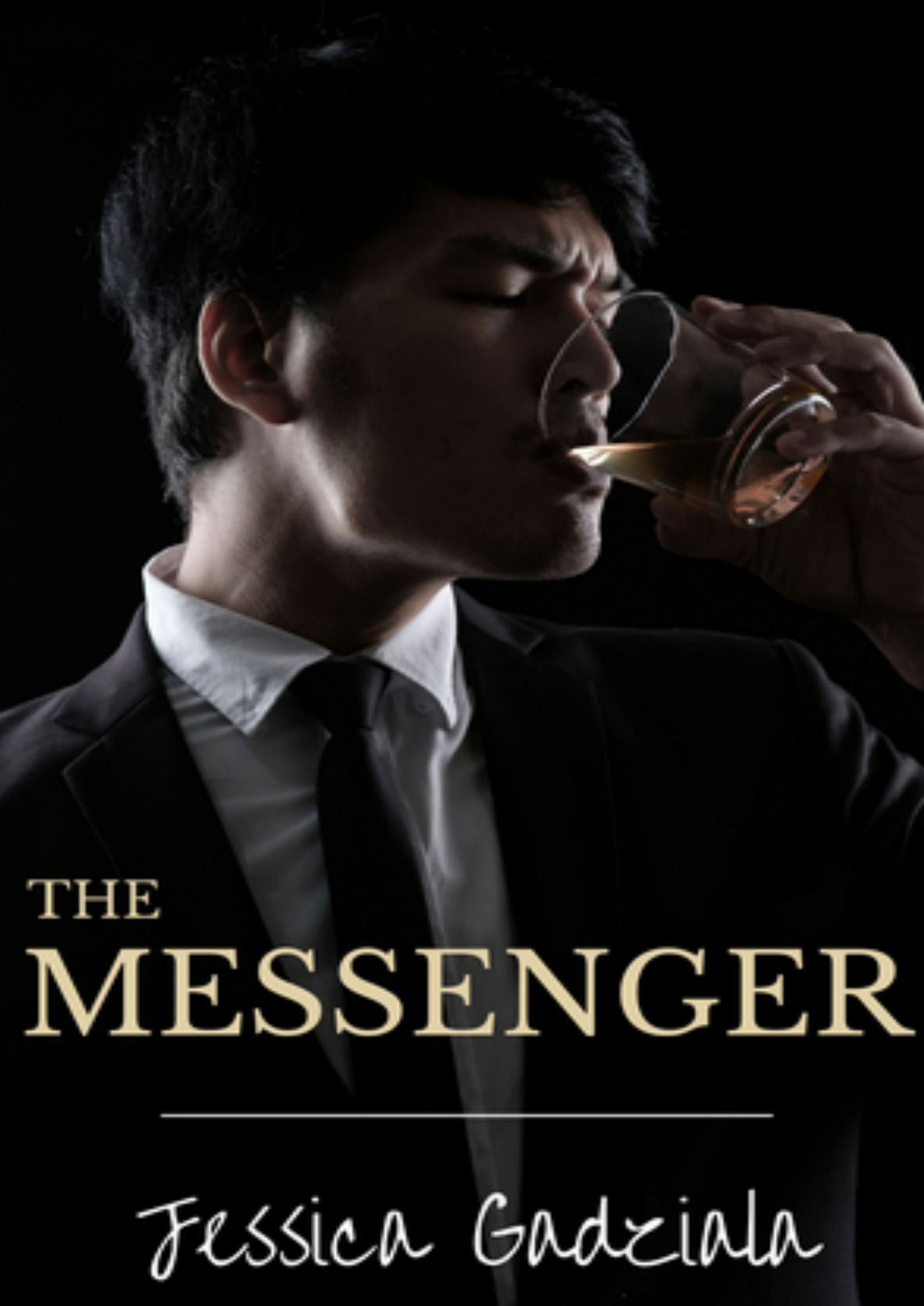




THE  
MESSENGER

---

Jessica Gadziala



Jessica Gadziala

#2 The Messenger

Série Professionals

## **Pepper Girl & Wings Traduções**

**Tradução Mecânica:** Criz

**Revisão Inicial:** Criz

**Revisão Final:** Lili Wings, Mika Hanazuki

**Leitura:** Raziel Wings, Mika Hanazuki

**Verificação:** Aurora Wings

**Data:** 11/2019

## *Sinopse*

Ele a ama desde o dia em que a conheceu.

Ela sempre foi indiferente ou desinteressada.

E agora ela está pronta para se casar com outro homem.

Então, ele decidiu que tinha que deixá-la ir.

Mas quando ele a encontra no que deveria ser o dia mais feliz de sua vida, manchando seu vestido de casamento com lágrimas, precisando de ajuda, ele percebe que nunca a deixou ir.

E agora que ele tem a chance, não vai parar por nada para mostrar a ela que era a ele a quem ela estava destinada.

## *Flashback – 1 semana antes*

— Merda, — Jules xingou, batendo o receptor de volta no suporte, liberando as mãos para esfregar a dor de cabeça formando em suas têmporas, uma pulsação aguda e insistente que ela sabia que iria tornar o resto do trabalho ainda mais exaustivo do que o habitual. Porque, ela aprendeu com a experiência, que o pior som do mundo quando você tinha uma crise de enxaqueca, era o toque de um telefone que você sabia que estava implorando por partes de você que você não tinha para dar, e o bip do um intercomunicador seguido por uma voz masculina pedindo-lhe para buscar algo, fazendo-a perceber o quão alto o clique de seus próprios saltos soavam no chão duro.

Miller não estava no escritório.

Ela era a única que *não* usava o interfone.

*Minhas pernas funcionam tão bem quanto as suas.* Isso foi o que disse quando Jules perguntou por que ela não pediu para ela pegar o arquivo que precisava.

Houve um tilintar e um clique, fazendo-a respirar fundo antes de abrir os olhos, encontrando um frasco de analgésicos diante dela em sua mesa.

Ela sabia.

Ela sabia sem ter que olhar para cima.

Porque havia apenas uma pessoa em todo o escritório que notaria que ela estava com uma enxaqueca, quanto mais trazer para ela o que ela precisaria para tolerar isso.

*Kai.*

— Tome um, — ele exigiu, usando o tom levemente firme com ela que ele aprendeu que precisava fazer de vez em quando. Quando ela estava sendo muito teimosa para seu próprio bem.

Ela pegou o frasco, tirou a tampa e jogou um comprimido na boca para descer com seu café muito frio, algo que estava tão acostumada que mal percebia mais.

Percorreu um longo caminho desde a garota que sempre tinha que ter Starbucks.

E sempre extra quente.

— Agora, o que está acontecendo? — ele perguntou, perdendo a rudez em sua voz enquanto se levantava do outro lado de sua mesa, algo que ele sabia que ela odiava, mas fazia de qualquer maneira.

— Não...

— Não, — ele a cortou, balançando a cabeça, fazendo seu cabelo um pouco longo captar a luz quando sua mão estendeu para tirar os cliques de seu suporte na mesa.

— Meu vestido, — ela admitiu, sentindo aquele desconforto rodopiante muito familiar em seu estômago ao falar de seu casamento na frente dele.

— O que há de errado com ele?

— Eu preciso pegá-lo antes das cinco quando a loja fecha, ou não vou conseguir até segunda-feira.

— E o casamento é domingo, — ele respondeu, sabendo, porque ele estaria lá, é claro, convidado. Como todo o escritório foi convidado. Até Gunner. Que não queria ir mais do que ela queria que ele fosse, mas ele viria. Porque a garota dele o faria ir.

— E Quin quer que eu me sente com seu cliente às quatro e meia para fazer anotações.

— Eu vou pegá-lo, — ele ofereceu, automaticamente, por reflexo, como ela estivesse convencida de que bondade sempre era com ele, altruísmo.

— Não, — ela disse automaticamente, enfaticamente, lutando contra a pontada de culpa por dentro.

Ele era a última pessoa no mundo que ela poderia pedir para pegar seu vestido de noiva.

Ela poderia ligar para sua mãe.

Ou uma de suas tias.

Talvez até Miller se ela estivesse na cidade.

— Considere isso feito, — ele disse a ela, pulando de sua mesa, dando-lhe um de seus doces sorrisos, correndo antes que ela pudesse negá-lo novamente.

Ela sentiu então, substituindo a culpa quando ele saiu pela porta da frente, uma sensação não totalmente desconhecida em torno de Kai.

Um sentimento em seu peito, estranho e íntimo, algo que ela nunca se deixou analisar, encontrando-se estranhamente com medo do que encontraria se tentasse.

Então ela se recusou.

E ela foi tomar notas para seu chefe, encontrando seu vestido pendurado em sua bonita capa protetora de cor pérola, no cabide ao lado da porta, e Kai tinha ido embora.

Estava realmente acontecendo, ela percebeu quando abriu o zíper da capa para ver o vestido.

Ela estaria realmente se casando.

E essa sensação de ansiedade?

Sim, ela só estava escolhendo não analisar isso também.

Ela ia se casar.

Ela ia se casar com outro cara.

E eu não conseguia amarrar minha gravata enquanto estava no espelho, olhando para um rosto quase desconhecido com o novo corte curto do meu cabelo que tinha cortado em uma brincadeira na noite anterior, não sabendo de onde veio o impulso, apenas precisando de uma mudança, apenas talvez esperando que isso sinalizasse um novo começo.

Mesmo que um novo começo fosse a última coisa no mundo que eu queria.

Tudo estava mudando.

Como uma criança cujos pais estavam se separando, eu estava fixado nas pequenas coisas, a maneira como a vida mudaria.

Ela pertenceria a outro homem.

Alguém que faria as tarefas que ela precisava fazer, mas não conseguia encontrar tempo sobrando no dia para fazê-la sozinha.

Alguém que traria seu café ou almoço quando ela estivesse se esquecendo.

Alguém que esfregaria aquela dor no ombro esquerdo por segurar o telefone entre ele e o ouvido, de modo que suas mãos estivessem livres para outras tarefas.

Eu não podia mais fazer essas coisas.

Talvez eu nunca devesse ter começado.

Talvez nunca tenha sido o meu lugar.

E essas eram as coisas girando em torno da minha cabeça enquanto eu tentava, pela sexta vez, amarrar a gravata.

Talvez minha mente estivesse focada naquelas coisas porque sabia que não poderia lidar com as outras coisas.

Tipo como eles estariam comprando uma casa juntos, decorando-a, construindo uma vida nela, criando bebês.

Todos os seus altos e baixos, pertenciam a *ele* agora.

Para sempre.

De uma maneira permanente.

De uma maneira que vinha com anéis, promessas e papelada.

Com um chiado, me afastei do espelho, indo para a cozinha, abrindo um armário para pegar o uísque... algo que raramente tive motivo de recorrer.

Mas se alguma vez já existiu uma razão para beber, era quando o amor de sua maldita vida estava se casando com outra pessoa.

*Eu deveria estar feliz por ela.*

Era um amor do tipo egoísta, querer apenas alguém feliz se eles fossem felizes apenas com você.

Eu entendia isso.

Sabia que era errado invejar uma mulher e seu *felizes para sempre*, simplesmente porque você não fazia parte, não podia ser aquele com o sapato de vidro, aquele com a rosa e a biblioteca, aquele com o beijo que poderia quebrar o feitiço.<sup>1</sup>

Porque ela merecia tudo isso.

Ainda mais.

Mas não conseguia afastar a sensação de que seu noivo era o homem errado para a tarefa. E eu não conseguia descobrir se o sentimento era genuíno, ou apenas o meu próprio ciúme falando.

O que quer que fosse, não gostava dele.

Não gostei dele no dia em que nos conhecemos, quando ele tinha apertado minha mão um pouco demais, como se precisasse demonstrar sua macheza, quando ele não olhou para Jules quando ela falou, quando ele brincou com ela por gostar de sabor em seu café, quando não abriu a porta para ela, deixou que ela abrisse sozinha.

Ele só tinha me irritado.

Mas Jules achou que ele era o cara certo.

O suficiente para aceitá-lo.

Quer eu pensasse se ele era digno ou não.

O uísque queimou descendo, uma sensação da que me delíciei porque... por um breve e glorioso momento, tirou a sensação esmagadora do meu peito,

---

<sup>1</sup> Referencias a contos da Disney. Cinderela, Bela e a Fera e a Bela Adormecida.

uma sensação com a que estive lidando há meses, mas que não parecia capaz de me acostumar.

Talvez eu devesse estar muito agradecido que foi um compromisso curto.

Tudo estava em ritmo acelerado desde que os dois se conheceram. Eu não tinha ideia de quem tinha sido a escolha. Poderia ter sido qualquer um deles, para ser honesto.

Jules era o tipo de pessoa que, quando se decidia, agia sobre isso. Com tudo dentro de si. Então, se ela se decidisse sobre Gary, então, bem, ela teria avançado assim que visse um anel, lançando-se no planejamento como fazia com tudo em sua vida. Com determinação. Com obstinação.

Essa era Jules.

Motivada. Confiante. Esforçada.

Inferno, eu não tinha ideia onde ela achou tempo para planejar cada detalhe único e minucioso do casamento enquanto trabalhava tanto no escritório. Chegando antes de todo mundo, saindo depois que a maioria.

Ela cometia excessos apenas para manter seu trabalho.

Eu não tinha ideia de quando ela conseguiu experimentar o vestido, fazer os convites e a degustação de bolos.

E não se engane, ela fez tudo isso.

Se Jules tinha uma falha, e eu não tinha certeza se você poderia chamá-la assim, era sua total incapacidade, ou falta de vontade, de delegar.

Então ela era aquela que analisava cuidadosamente as fontes, as peças de centro, música, seleções de vinho e comida.

Ela provavelmente não dormia em meses.

Suspirei quando olhei para a hora, percebendo que era quase tão tarde quanto eu poderia esperar sair sem realmente estar atrasado para o evento.

Deixando minha gravata como estava, imaginando que poderia conseguir alguém lá para consertar isso para mim, peguei minhas chaves e saí, uma mistura estranha de arrasado... e curioso.

Curioso porque, bem, eu não podia evitar.

Eu queria ver sua aparência para este dia, o que ela escolheu, o que ela imaginou em sua cabeça quando pensou em seu dia do casamento.

Claro, uma parte ridícula de mim realmente acalentava esperança que eu descobrisse porque seria *meu* dia também.

Corações faziam coisas fantasiosas.

O meu era propenso a pensamentos desejosos.

Eu parei no local, dando minhas chaves para o manobrista que parecia que estava sofrendo um pouco com o calor.

Eu não conseguia descobrir o que possuía Jules para escolher ser uma noiva de agosto, pois ela odiava o verão.

Tanto disso parecia estranho para mim.

Mas, novamente, era estranho pensar que a mulher que eu amava desde o momento em que a conheci estava se casando com outra pessoa, então estava escolhendo não analisar excessivamente a estranheza que sentia ao meu redor.

Tipo como a mesa de visitas dos convidados era o que se poderia chamar de tendência-rústico-chique com madeira envelhecida, molduras de quadros com imagens do casal feliz, velas e um quadro-negro.

Claro, a palavra ‘chique’ combinava com Jules, mas a mulher nunca tinha sido fã de nada rústico.

Um meio-termo, talvez?

Olhei para o livro onde eu estava destinado a derramar meu coração, dar-lhes minhas bênçãos, e minha garganta ficou em um nó apertado.

Porque se derramasse meu coração, tudo o que estaria na página seria *case-se comigo em vez desse cara*.

Com um aperto firme o suficiente para trincar a caneta, escrevi tudo o que pude.

*Felicidades - Kai.*

Porque apesar de tudo, isso era verdade. Eu nunca desejaria nada para ela, senão o melhor.

— Você precisa de ajuda com isso? — a voz de Sloane me chamou do meu lado, me fazendo virar para encontrá-la em um vestido de verão azul, fazendo seu cabelo e pele se destacar ao lado de Gunner, que parecia deslocado em um terno, não importa quantas vezes eu o tivesse visto em um antes.

Eu normalmente teria sorrído para o fato de que sua gravata combinava perfeitamente com o vestido dela, mas meus lábios não conseguiam encontrar a energia para se curvar.

— Com o quê?

— Sua gravata, — explicou, estendendo a mão, torcendo-a com dedos experientes. — O que há na caixa? — ela perguntou, apontando para o presente embrulhado em branco e dourado na minha mão.

Ela tinha uma lista.

Eu deveria comprar dela.

Deveria dar-lhes algo com a que começar suas vidas.

Pratos. Travessas. Tigelas.

Eu não consegui fazer isso.

— Globo de neve, — eu disse a ela, encolhendo os ombros. Todo mundo sabia que Jules os colecionava.

Deixei de lado os detalhes.

Como o fato de que era do Castelo de Edimburgo.

Como era da Irlanda, o lugar que ela sempre quis visitar.

Como a peça em si era chamada de *Para Sempre em meu Coração*, um fato que nenhuma alma jamais saberia. Seria um segredo só meu.

— Você quer se sentar com a gente? — Sloane ofereceu. — Chegamos aqui cedo, então conseguimos lugares bem atrás da família dela.

— Não, obrigado, — eu disse a eles, balançando a cabeça, me afastando do caminho para a cerimônia que aconteceria em frente ao gazebo.

Eu não queria estar na frente.

Eu queria estar lá atrás.

Primeiro para vê-la.

Mas com a pior visão da cerimônia real.

As cadeiras de ambos os lados eram todas de madeira, mas incompatíveis, algo que eu teria jurado que deixaria Jules louca. Na borda das fileiras, dois grandes barris de uísque foram montados, cada um com uma moldura na parte superior, uma com moldura de quadro-negro que dizia como somos todos uma família agora, e outro sente-se onde quiser.

Eu fui para a esquerda, tomando o assento final no último corredor, vendo duas fileiras da família de Jules na frente, sorrindo, falando alegremente.

Este era um dia alegre para eles, claro.

Eles queriam que Jules se estabelecesse, parasse de trabalhar tanto, permitisse que um homem cuidasse dela. Por mais que ela se irritasse com a ideia, sendo alguém que se orgulhava muito de cuidar de si mesma, embora talvez ela pudesse fazer uma pausa quando tivesse filhos.

E o escritório seria um lugar diferente sem ela por perto.

Inferno, seria um lugar triste pelas três semanas em que ela estaria em sua lua de mel.

Ou talvez fosse só eu.

— Ei Kai, — Gemma, a irmã mais nova de Jules disse do meu lado, dando-me um sorriso gigante, o padrão dela, que fazia com que seus olhos azuis captassem a luz.

Ela se parecia muito com sua irmã, que se parecia muito com a mãe delas. O mesmo cabelo ruivo. A mesma pele de porcelana. Os mesmos olhos azuis. A mesma forma alta e ágil. As mesmas sardas, iguais. Mas enquanto Jules tinha apenas uma pequena mancha sobre a ponte do nariz, Gemma as tinha sobre o nariz e sobre o topo das bochechas. Eu pensei que isso lhe dava uma aparência de fada quando a conheci, aparecendo no escritório depois da escola, quando Jules precisava de uma mão extra de vez em quando.

Ela era a luz e o ar, enquanto Jules era mais organizada e firme. Ela voava ao redor do mundo, fazendo todos ao seu redor mais felizes pela sua existência.

— E aí, Gemma, — eu disse a ela, conseguindo formar um pequeno sorriso para ela. — Por que você não está pronta?

— Pronta para o quê?

— Você não é a dama de honra?

— Oh, — ela disse, ficando desanimada. E era uma pena que alguém tão alegre parecesse tão triste. — Nenhuma festa nupcial.

— O quê? — eu perguntei, franzindo as sobrancelhas.

Isso não fazia sentido.

Jules tinha uma família enorme e uma rede de amigos. Ela teria desejado alguns deles, especialmente sua irmã, lá com ela em seu grande dia.

— Gary realmente não... tem muitos convidados.

Com isso, meu olhar se moveu ao redor, reconhecendo rostos, os caras do trabalho, suas companheiras ou encontros, a multidão de suas amigas com seus acompanhantes, sua família, próximos e distantes.

Na verdade, não havia um único rosto que eu não reconhecesse.

— Sinto, Gemmy, — eu disse a ela, sabendo que ela gostaria de estar lá em cima com sua irmã.

— Tudo bem. A questão não sou eu.

— Como está Jules? — perguntei, incapaz de evitar.

— Linda, — declarou Gemma, sorrindo mais uma vez. — Ela parece que saiu de um conto de fadas.

Eu apostaria um bom dinheiro que essas palavras não eram exageradas.

— Claro, — concordei, dando-lhe um pequeno aperto no pulso. — Vá se sentar, Gemmy. Eles devem começar em breve.

— Você tem certeza que não quer se sentar conosco? Mamãe ama você.

— Eu estou bem aqui atrás, — eu disse a ela, mentindo.

Não havia nada de bom em como me sentia naquele momento.

— Você vai guardar uma dança para mim depois? — ela perguntou em toda a sua adorável doçura de dezoito anos.

— Você pode ter todas elas, — prometi a ela, observando enquanto ela caminhava em direção à sua família, inclinando-se para dizer algo para sua mãe que olhou por cima do ombro para mim, olhos quase tristes antes que ela me desse um sorriso que suas filhas tiveram a sorte de herdar.

Quinze minutos depois, as pessoas começaram a verificar os relógios, os telefones.

Porque era cinco minutos depois do horário que a cerimônia deveria começar.

Do seu assento, Quin me lançou um olhar curioso.

Porque se havia uma coisa que sabíamos sobre Jules, era que a garota estava sempre no horário.

Dez minutos depois disso, as pessoas começaram a se mexer desconfortavelmente em seus assentos.

Eu incluído.

— Kai, — disse a voz de Miller perto do meu ouvido, fazendo-me virar para encontrá-la se inclinando do corredor para mim no vestido azul escuro que ela escolheu para a ocasião.

— Tudo bem? — eu perguntei, mantendo minha voz baixa desde que ela também tinha.

— Eles não estão aqui.

— Quem não está aqui?

— Jules e Gary.

Eu não era um homem tão bom que não sentisse uma onda de esperança. Que talvez eles mudaram de ideia. Que talvez ela tivesse visto o que eu tinha visto, ficado assustada, acabado com as coisas.

Mas Jules se certificaria de que alguém lidaria com as coisas, avisaria os convidados.

Ela não iria simplesmente... desaparecer.

Ela não seria tão descortês.

— Ela estava aqui há meia hora. Gemmy estava com ela.

— Ela estava, — concordou Miller. — Ela me pediu para pedir algo a Gary, e quando eu fui, ele tinha sumido. Eu disse a ela. E então fui pegar uma bebida para ela, pensando que ele só estivesse com medo, mas quando voltei, ela se foi também.

— Sem bilhete?

— E ela não está atendendo o telefone.

Mais uma vez, não era costume dela.

Não importa que tipo de caos estivesse acontecendo.

— O que devemos fazer aqui?

— Eu vou procurar por ela. Você diz à mãe dela. Veja se eles podem parar as coisas até eu dar notícias.

— Kai, — disse Miller, sacudindo a cabeça. — Não.

— Não o quê?

— Não, eu não vou fazer você rastrear Jules no dia do casamento dela com outro homem.

— Não se preocupe com isso, — assegurei a ela, levantando. — Mantenha seu celular por perto.

Com isso, andei para fora do espaço da cerimônia, correndo em direção ao manobrista que saltou de onde estava sentado na calçada, provavelmente não esperando que alguém viesse por horas ainda.

Eu nunca estive na casa de Jules.

Sabia onde ela morava desde que todos nós conhecíamos os endereços de todos os outros em caso de emergências, mas nunca tinha estado lá.

Ela morava no lado mais bonito do Navesink Bank, não exatamente na área rica, mas bem na fronteira, num apartamento no quinto andar.

Andei pelo corredor com um dourado cremoso acolhedor nas paredes, brilhantes pisos de madeira escura e castiçais de parede elegantes.

Agora, *isso* era Jules.

Elegante e discreta.

Sem barris rústicos de uísque e cadeiras incompatíveis.

Andei até o final do corredor, 5B, encontrando a porta ligeiramente aberta.

E Jules, bem, ela trabalhava para Quin. Ela sabia tudo sobre os aspectos mais feios do mundo. Achei difícil acreditar que ela deixaria a porta do apartamento aberta para qualquer um que pudesse aparecer.

— Jules? — chamei, empurrando a porta para abrir um pouco, começando a me preocupar quando não ouvi nada.

Decidindo que agora não era hora de respeitar coisas como limites pessoais, entrei em um espaço que era a cara de Jules.

Desde os pisos de madeira vermelha de Sedona, imaculados e reluzentes, até os armários brancos e as bancadas brancas de quartzo na cozinha que imediatamente me cumprimentaram. Havia flores frescas no lado L curto do balcão também, lírios brancos. No centro da ilha, uma tigela de vidro estava transbordando de frutas frescas, seu lanche favorito para manter na geladeira do trabalho para seus longos turnos.

A sala de estar que ficava à esquerda da cozinha era toda ela também. Com um sofá creme adornado e cadeiras de acento verde azulado ao redor de uma grande mesa de café branca, e tudo envolvendo uma grande lareira, acima da qual ela tinha um espelho gigante e ornamentado. Na cornija, sua preciosa coleção de globos de neve. O que eu peguei na Rússia ao lado de todos os outros.

Nenhuma TV.

Havia alguns livros sobre a mesa de café, uma mistura das recentes paradas musicais e crimes verdadeiros<sup>2</sup>.

Todo o espaço cheirava a ela. Do perfume que se agarrava a sua pele. Leve e doce, não um perfume que você esperaria dela, me fazendo pensar se havia uma história por trás disso. Sempre havia uma história por trás de todas as suas pequenas coisas. Isso fez um buraco negro originar no meu peito, com a ideia de que eu não iria conhecê-las todas.

— Jules? — chamei novamente, virando o canto de trás da sala de estar para ir a um corredor cheio de molduras brancas volumosas em torno de fotos de sua família.

Havia três portas ao todo. Dois quartos e um banheiro, imaginei.

Foi lá que finalmente ouvi alguma coisa.

Resmungos.

Resmungo baixo e feminino.

Sem saber que Jules fosse uma resmungona, andei em direção ao som com as sobrancelhas franzidas, abrindo a porta no final do corredor, encontrando o quarto principal.

Mais uma vez, a cara dela.

As paredes cinza grafite, a cama king-size com uma cabeceira branca estufada, edredom branco, travesseiros brancos, mesas de cabeceira brancas e cômoda. As lâmpadas de cada lado da cama eram grandes, de vidro, com cristais pendurados para captar a luz.

Havia uma penteadeira na parede livre, algo antigo, fazendo-me pensar se pertenceu a sua avó que faleceu no inverno passado, apenas repintada de branco para combinar com seu gosto. Uma bandeja de prata estava em cima, o único espaço em todo o apartamento que eu vi até agora que estava entulhado. Repleta de inúmeros pedaços de maquiagem, pincéis e outras várias coisas que não reconheci.

O resmungo era mais alto, vindo da única porta ao lado da penteadeira, cujo topo era forrado de velas e flores.

Ainda assim... sem TV.

---

<sup>2</sup> Uma série de jogos eletrônicos.

Mas quando cheguei mais perto, vi um pequeno conector escondido atrás de um arranjo de flores brancas. Porque Jules pode não assistir TV, mas ela era uma grande fã de música.

A porta do armário estava aberta, revelando um espaço enorme forrado com embutidos resistentes, com roupas cuidadosamente organizadas, sapatos e coleções de bolsa.

E então lá estava ela.

A resmungona.

Jules.

Ela estava de costas para mim, seu corpo ajoelhado em um canto.

Ela estava em seu vestido de noiva.

O que diabos ela estava fazendo em seu vestido de noiva, cavando em seu armário, falando consigo mesma como uma pessoa louca?

— Onde está? Onde está, porra?

Meus lábios se curvaram sem que eu percebesse. Porque, enquanto ela estava completamente cercada por homens, e mulheres, que xingavam como marinheiros, tinha certeza que nunca a tinha ouvido xingar.

A menos que um ‘inferno’ ocasional ou ‘maldito’ contasse. O que não contavam.

Ela certamente nunca soltou palavrões-com-p como uma profissional, como ela acabara de fazer, com a selvageria que vinha com a prática.

— Ei, Jules... — Eu tentei de novo.

— Algo. Tem que haver alguma coisa.

Sua voz havia falhado.

Eu não tinha imaginado isso.

Tinha falhado.

Como se ela estivesse chorando.

*Chorando.*

Não houve como parar a grande decepção ante a ideia.

Porque essa mulher poderia lidar com qualquer quantidade incalculável de pressão no trabalho, sem chegar a ser arrogante com qualquer um de nós ou com os clientes. Exceto talvez Gunner. Mas esse era problema deles.

Nada a fazia quebrar o passo ou perder a calma.

Certamente nunca vi a mulher ficar com os olhos marejados, muito menos chorar.

Se aquele desgraçado a machucou...

— Jules, — eu tentei de novo, seguindo em frente, pressionando minha mão em seu ombro.

Ela não reagiu.

Ela nem pareceu notar enquanto continuava vasculhando uma caixa, jogando vários itens para o lado, suas mãos perfeitamente cuidadas tateando os bolsos de roupas antes de jogá-las.

Itens de vestuário masculino.

Artigos de vestuário de Gary.

— Jules, querida, vou precisar que você olhe para mim, — eu exigi, ajoelhando-me ao lado dela, estendendo a mão ao redor de seu braço pálido, dando-lhe um pequeno puxão, forçando-a a me notar através de seu pequeno colapso mental.

Isso pareceu alcançá-la.

Suas mãos pararam enquanto segurava uma calça, os dedos longos, de ossos finos, as unhas perfeitamente bem cuidadas de um rosa claro, seu diamante gigante brilhando no quarto dedo de sua mão esquerda. Um dedo que deveria ter outra aliança com esse agora.

Um forte suspiro estremeceu todo seu corpo, seus ombros caindo, sua cabeça girando.

Rímel preto estava manchado sob os olhos, listras secas por suas bochechas.

Ela esteve chorando.

Nem foi só um pouquinho.

Não pela maneira como o rímel escorreu do queixo para cair na cor champanhe do vestido de noiva.

Eu não tinha olhado para ele.

Na noite em que eu fui buscá-lo.

Estranhamente, eu queria a surpresa disso.

Um luxo que era realmente destinado a Gary, não a mim.

Mas eu não queria estragar isso.

E aqui estava.

Estragado por lágrimas.

Antes que eu pudesse vê-lo em toda a sua glória.

Tudo que eu podia ver de sua posição ajoelhada era que o comprimento deslizava pelo chão, apertado através do quadril e do estômago, flutuando para fora perto das coxas, e se apertando ao redor do corpete.

Ela tinha sido discreta com as joias, apenas usando a pequena cruz de ouro que sua avó lhe dera em sua comunhão, como ela quase sempre usava, e simples brincos de pérolas em suas orelhas.

Seu lindo cabelo estava puxado para trás, como quase sempre estava. No trabalho, geralmente um look mais severo. Agora, ela se separou do centro, puxada para um lado e fez um coque logo abaixo atrás da orelha.

Bonita.

Teria sido lindo.

Se seus olhos não estivessem completamente em pânico.

Sem tristeza.

Nem devastada como você pensaria se seu noivo fugisse no dia de seu casamento, nem de coração partido como as lágrimas sugeririam.

Apenas apavorada.

Preocupada.

Insegura.

Eu conhecia essa mulher há anos.

Nunca a tinha visto insegura de si mesma antes.

Ver isso agora, era um maldito pecado.

Especialmente no dia de seu casamento, em seu vestido de noiva, ajoelhada em seu armário quando deveria estar encerrando o casamento com um beijo.

Seus lábios, levemente pintados com um pálido batom rosa, se abriram, sem saber o que dizer enquanto me encarava.

Demorou um longo momento antes que as palavras saíssem dela.

Palavras que eu nunca poderia ter previsto quando parecia que seu mundo estava desmoronando no momento.

— Você cortou seu cabelo.

Quase soou como uma acusação.

— Achei que era hora de algo novo, — eu disse a ela, encolhendo os ombros.

Suas sobrancelhas franziram, analisando isso, e claramente decidindo que não fazia sentido algum.

— Você deveria estar do outro lado da cidade agora, — eu a lembrei como se ela pudesse esquecer uma coisa dessas.

— Minha família... — As palavras saíram dela, um som quebrado.

— Miller deixou que soubessem que precisavam aguentar firme até eu ter uma resposta para eles.

— Você veio, — ela murmurou, olhando de repente para seu próprio colo.

— Claro que eu vim. Eu sempre vou vir se você precisar de mim.

E ela claramente precisava de mim.

Mesmo que ela não pedisse minha ajuda.

Mesmo que o orgulho dela nunca permitisse isso.

— Jules... — eu chamei quando o olhar dela ficou fixo para baixo.

Sua cabeça balançou, recusando contato visual.

— Ei, — eu tentei de novo, a voz ficando mais suave quando minha mão esticou, gentilmente agarrando seu queixo, puxando seu rosto para cima, esperando por um longo momento antes de seus cílios tremularem de volta para cima, me dando um flash daquela luz azul brilhante que me pegou de surpresa quando a vi pela primeira vez.

Antes de ver o cabelo.

Antes que eu visse as sardas.

Antes mesmo de ver o corpo dela.

Foram esses olhos.

Brilhantes, inteligentes e confiantes.

Mas agora, tudo que vi foi derrota.

Incapaz de pará-lo, meu polegar saiu, acariciando seu queixo um pouco antes de eu forçar minha mão a cair, lembrando-me que não era o momento para isso, que eu não era seu amigo de consolo, não importa quantas vezes tivesse tentando me estabelecer como tal.

— O que está acontecendo, Jules?

## *Flashback – 1 mes antes*

O escritório estava quieto.

Sempre era assim de noite.

Era quando Jules secretamente gostava mais.

Ela muitas vezes prosperou no caos. Ela estava em sua zona quando os telefones tocavam, quando o interfone gritava ordens, quando os arquivos estavam sendo jogados em sua mesa, quando ela precisava fazer cinco cafés enquanto tentava lidar com novos clientes histéricos.

Mas havia algo de bom quando todos saíam, quando ela estava trancada no escritório sozinha, limpando a área de espera, abastecendo o posto de café, reorganizando sua mesa, apenas preparando as coisas para o dia seguinte.

Era um hábito que ela aprendeu com sua mãe, que aprendeu com sua avó.

Elas nunca iam para a cama à noite sem gastar vinte minutos limpando os balcões e mesas, carregando a máquina de lavar louça, uma aspirada rápida, se necessário.

Não havia nada como acordar em um ambiente limpo, faz você se sentir como se estivesse à frente do dia antes mesmo de começar.

Era um hábito que ela trouxe para o escritório.

Era por isso que ela ficava mais tarde do que qualquer outra pessoa, mesmo que a maior parte de seu trabalho estivesse terminada. Isso dava a ela a oportunidade de começar a trabalhar de manhã, quando as coisas eram muitas vezes caóticas enquanto os homens e Miller entravam, lidando com clientes novos ou existentes.

A música cantarolava para ela através dos alto-falantes, um pequeno luxo que só permitia tarde da noite quando estava sozinha. Ela sempre tocava música em sua mesa silenciosamente, apenas o suficiente para permitir que ela mantivesse sua sanidade mental quando as coisas ficassem loucas.

Mas estava cercado ela agora, um abraço de som para ajudá-la a descontraír depois de um dia louco.

Ela estava debruçada sobre a mesa, limpando a superfície com um pano de limpeza quando ouviu o código sendo digitado na fechadura.

Ela não se incomodou em olhar para cima, sabendo que Gunner estava trabalhando em um caso que poderia trazê-lo de volta para o escritório.

Os dois não se davam bem desde o dia em que ela começou a trabalhar ali, sempre irritando os nervos um do outro, então não havia razão para olhar para cima, possivelmente iniciar uma conversa que nenhum deles queria ter.

Mas assim que a porta abriu, ela ouviu uma voz que decididamente não era Gunner resmungando.

— Apenas uma reunião fácil de dois minutos, — a voz de Kai resmungou, fazendo sua cabeça levantar rápido.

Principalmente porque Kai não era propenso a coisas como balbuciar e resmungar.

Kai era todo luz e coração, e um tipo de charme descontraído que o tornava fácil de estar por perto, um bom equilíbrio para todas as personalidades excessivamente fortes no escritório.

Ela não sabia que ele tinha saído em um caso. Deve ter sido algo que Quin jogou para ele no último minuto depois que ele já havia encerrado o dia.

Mas não havia dúvidas, ele estava em um caso.

Porque ele estava maltratado.

Seu cabelo comprido ainda estava enrolado em um coque em que estivera antes, pendurado frouxamente no lado da cabeça.

Seus olhos estavam escuros, o lábio rachado, o sangue espirrando em sua camiseta branca.

Rude.

Ela nunca o tinha visto tão rude antes.

Na verdade, às vezes era fácil esquecer que seu nicho particular no negócio vinha com certo grau de perigo. Mais ainda, em alguns aspectos, do que muitos dos outros membros da equipe.

Porque Kai era quem aparecia e entregava notícias que na maioria das vezes eram desfavoráveis para a pessoa que as recebia.

Ele era como uma versão da vida real do velho ditado sobre atirar no mensageiro.

E, claramente, quaisquer que fossem as notícias que ele tivesse acabado de dar, não saíra do jeito que Quin sugeriu, se isso deixou o habitualmente jovial Kai com um humor azedo.

— Você está bem? — ela se ouviu perguntar sem ter consciência de sequer pensar nas palavras.

A cabeça de Kai se ergueu, quase como se ele não a esperasse lá. Embora a luz estivesse acesa, a música estava tocando e, bem, ela estava quase sempre ali.

— Tudo bem, — ele rosnou.

*Rosnou.*

E com mais nada, seguiu pelo corredor até seu escritório, batendo a porta um pouco enquanto ele fechava.

Ela encontrou seus olhos observando o espaço que ele tinha desocupado. Um aperto estranho e inegável em seu núcleo a enrijeceu, certo de que ela estava interpretando mal, tentando se convencer de que era fome ou câimbras ou um caso infeliz de gripe estomacal.

Não o que ela tinha uma suspeita de que realmente era.

Não quando ela estava noiva de outra pessoa.

Não quando ela percebeu, vários meses antes, que Kai estava bem acima dela.

De uma vez por todas.

Que aquela porta estava fechada.

Fechada com força.

Ela jurou que ela até ouviu barras de aço se encaixando, bloqueando-a.

Fechando uma possibilidade que ela se convenceu de que não queria em primeiro lugar.

Mas esse sentimento, esse que ela estava tentando negar, sim, a fez perceber que ela não provara isso para si mesma.

Não completamente.

Talvez na cabeça dela.

Mas não as outras partes dela.

Droga.

Tinha que haver alguma coisa.

Havia sempre alguma coisa.

Não importa quão pequeno.

Pequenas coisas levaram a coisas maiores que levaram a descobrir tudo.  
Se você olhasse firme o suficiente. Se você fosse dedicado o suficiente.

Eu sabia disso porque tinha comido, dormido e respirado este mundo por anos. Porque aprendi com os melhores dos melhores.

Uma equipe de solucionadores com várias habilidades que me acolheram e confiaram em mim, permitindo que eu aprendesse os segredos do ofício, todas as pequenas maneiras que a sujeira podia estar escondida, então eu sabia como descobrir isso por mim mesma, caso precisasse.

E agora eu precisava.

Então *tinha* que encontrar alguma coisa.

Alguma migalha de pão.

Alguma partícula de poeira.

Algum pedaço de papel.

Alguma maldita *razão*.

Sim, uma razão seria muito bem-vinda.

Menos lógica, claro.

Eu tinha aprendido com Quin que o porquê não era tão importante no grande esquema das coisas.

Mas isso era quando não importava, quando era impessoal, quando era a vida de outra pessoa sendo girada em seu eixo.

De repente eu tinha muito mais respeito pelos homens e mulheres no escritório que mantinham a compostura quando suas vidas se tornavam caóticas, enviando-os para Quin em busca de ajuda.

Quero dizer, claro, muitos deles quebraram. Ficaram furiosos. Choraram. Desligavam-se completamente do mundo e de si mesmos.

Mas havia alguns estoicos, os que ouviam Quin quando ele detalhava exatamente como suas vidas iam mudar, que não lamentavam seu destino, que simplesmente aceitavam as coisas como elas vinham.

Eu nunca imaginei que minha vida iria virar de cabeça para baixo, é claro. Eu fui muito cuidadosa. Muito regimentada.

Mas você não pode deixar de ter sua mente vagando às vezes. Deitada na cama à noite, à espera do sono reivindicá-la, imaginando-se em situações estranhas e loucas que você sabia logicamente que nunca conseguiria, mas fingir navegar pelo seu caminho de qualquer maneira, pensava sobre o que você diria ou faria, sobre como você iria lidar com isso. De alguma forma, desenvolver habilidades de autodefesa apesar de nunca ter tido uma aula, jorrar um desabafo elegante, apesar do fato de que você era o tipo de engasgar em sua própria língua e cuspir em situações tensas.

Eu sempre me via como alguém que levantava o queixo, ajeitava os ombros e tomava o golpe. Figurativamente.

Eu desejava que a realidade correspondesse às minhas imaginações.

Porque não havia nada nobre sobre chorar a sua maquiagem no chão do seu armário em seu vestido de noiva.

*No dia do seu casamento.*

O dia que deveria ser o mais feliz de sua vida, cheio de lágrimas alegres, palavras gentis, beijos, danças, comida, bolo. Eu deveria dizer a minha mãe para parar de chorar, mas secretamente adoraria a alegria genuína disso. Deveria beber champanhe demais, tirar lindas fotos, pendurá-las na parede por décadas, fotos perfeitamente posadas que minhas filhinhas olhariam maravilhadas com admiração, respeito e muita esperança, como minha irmã e eu fizemos com as fotos do dia do casamento dos nossos pais e avós.

As únicas lágrimas que eu deveria ter tido eram de felicidade genuína.

Não essas feias.

Essas zangadas, amargas, confusas e frustradas.

Tudo começou bem também.

Eu chutei Gary para fora na noite anterior. Como era tradição. Você nunca passa a noite antes de seu casamento com seu futuro parceiro de vida. Supostamente era “azar”.

Eu tinha dado a ele um beijo esperançoso antes de fechar a porta, levando cerca de duas horas de preparação de beleza com Gemma, máscaras faciais, tratamento de cabelo, remoção de pontas-duplas, esfoliação, hidratação, apenas deixando tudo tão perfeito quanto poderia ser.

Então eu fui para a cama cedo depois de beber uma tonelada de água, então eu acordaria hidratada e não inchada.

Minha mãe e minha irmã vieram cedo, trazendo café e doces, no café da manhã, bolinhos de laranja com cranberry, crepes de banana, bolinhos de canela. Nós comemos, conversamos, acalmamos.

Então comecei a me preparar, tomar banho, fazer as coisas de último minuto, como depilar, fazer minhas sobrancelhas, pintar minhas unhas.

Minha mãe me ajudou a arrumar meu cabelo, enfiando um pequeno e delicado clipe de pérola que usara no próprio dia de seu casamento.

Algo emprestado.

Eu agarrei minha cruz que era da minha avó.

Algo velho.

Eu coloquei os lindos brincos de pérolas que Gemma tinha me dado.

Algo novo.

E então Miller apareceu com uma tanga azul da Tiffany, dando-me um sorriso e mexendo as sobrancelhas.

E então eu tive o meu algo azul.

Nós fomos para o local, em seguida, onde nós tínhamos vinho branco, enquanto fiz a minha maquiagem, então finalmente pus meu vestido.

Eu não vou negar isso.

Quando minha família saiu para encontrar seus assentos, cumprimentar os convidados, sentei-me no quarto.

E eu quase suei no meu vestido.

Nervosa.

Apenas nervosa.

Certamente.

Apenas normal.

Todos ficavam nervosos no dia do casamento.

Você estava prometendo seu futuro a alguém, todos os seus altos e baixos, todas as suas esperanças e sonhos.

Isso era um grande negócio.

Se você não estivesse nervosa, provavelmente não levaria a sério o suficiente.

E eu, bem, eu levei isso muito a sério.

Eu olhei tudo muito logicamente.

Até a escolha do meu parceiro.

Eu tinha uma lista.

Quer dizer, eu tinha listas para tudo.

Eu tinha uma lista de tons de cor de unhas aceitáveis.

Então, é claro, tinha uma lista de qualidades que queria em um parceiro. Do superficial, alto, em forma, mas não muito musculoso, usar ternos confortavelmente, ter ótima higiene, para os mais sérios. Eu queria alguém que fosse motivado profissionalmente, alguém que entendesse as exigências do meu trabalho, porque o dele próprio também exigia. Ele tinha que ser bem-falante, maduro, um bom motorista, apenas beber socialmente.

Eu até tinha uma seção para as coisas que não queria... mulherengos, filhinhos de mamãe, ex-usuários de drogas, jogadores, bebedores compulsivos, homens que jogavam videogame, xingavam demais, faziam piadas obscenas, ou, bem, se coçavam, quando os outros podiam ver.

Quero dizer, realmente.

Aquilo nem era preciso dizer.

Como se os caras fossem os únicos que tinham coceiras em lugares inadequados. Isso não significa que você poderia coçar ou reajustar na frente de outras pessoas.

Mas, a julgar pelo grande número de homens que vi fazendo essas coisas em situações públicas, *precisava* ser dito.

A lista era longa, a frente e atrás de uma folha de papel pautado, uma coisa que eu tinha começado, e editado conforme as coisas mudavam, quando eu tinha dezoito anos, entendendo que o primeiro passo para *conseguir* o que você queria era *saber* o que você queria.

Quero dizer, afinal, foi assim que consegui o emprego que queria, fazendo o dinheiro que ganhei, tendo o poder que tinha.

Eu escrevi.

Então me recusava a me contentar com menos.

Então, por que eu não podia fazer isso com um parceiro?

Então havia Gary.

Ele se encaixou em quase todas, faltando apenas algumas inconsequentes sobre preferências alimentares e antecedentes familiares.

Isso realmente não soava romântico, eu acho.

E talvez não fosse.

Se eu fosse perfeitamente honesta sobre toda a situação, não era exatamente a história de amor que parecia visto de fora.

Parecia que nos apressávamos a fazê-lo, como se passássemos de casualmente namorando para morar juntos e quase casados em um período tão curto de tempo.

Que outra explicação poderia haver exceto uma força imparável de paixão?

E bem, havia excitação.

*Tinha* que haver excitação, sabe?

Mas não foi um fogo selvagem de paixão, amor, que nos impediu de passar outro momento não unido ao matrimônio.

Era mais como... eu não sei... a progressão certa das coisas.

Você namorava para conhecer alguém, para ver se funcionaria a longo prazo.

Depois de estabelecer isso, você tomava medidas em *direção* a essa situação de longo prazo.

Isso foi o que fizemos.

Passo a passo, até que deveríamos dar aqueles maiores. Aqueles em um corredor. A caminhada mais importante da sua vida.

Romeu e Julieta ou Elizabeth e o Sr. Darcy nós não éramos, mas isso não significava que não fosse um bom relacionamento, um grande casamento, um casal para aspirar a ser.

E porque pensei muito nisso, porque eu levei isso mais a sério do que levei qualquer coisa, exceto pelo meu trabalho e finanças pessoais, fazia sentido que

me sentisse enjoada, trêmula e suada enquanto eu ficava lá sentada esperando que fosse a hora.

— Você precisa de algo? — Miller perguntou, com as sobrancelhas franzidas porque, bem, ela sabia que algo estava acontecendo, que eu geralmente não era nada além de completamente composta. E eu certamente parecia tudo menos isso.

Então dei a ela um pequeno assunto para perguntar a Gary, só para ter um momento completamente sozinha para me recompor.

Eu nunca imaginei, nem em um milhão de anos, que ela voltaria com a pele pálida, com pânico em seus olhos profundos, e me dissesse em sua forma um tanto característica que ela não pôde encontrar Gary.

Que ele foi embora.

Seu quarto estava vazio.

Levou seu carro.

Foi embora.

Eu liguei para ele.

Claro que sim.

Porque entendi que se ele estava se sentindo um pouco como eu estava, talvez ele fosse dar uma volta, fosse pegar algumas daquelas bebidas de 5-horas-de-café que ele gostava tanto para tentar se acalmar antes de voltar, e passar por tudo.

Não foi até a décima quinta chamada, e o décimo texto não respondido, que eu comecei a surtar.

Miller foi verificar seu quarto novamente para o caso de ele ter voltado.

E eu, bem, eu saí.

E quando levantei a saia do meu vestido de casamento, para que pudesse deslizar para o banco do motorista, não havia como duvidar da agitação no meu estômago.

Não era mais apenas nervoso.

Algo mais.

Algo mais desonesto.

Algo como um instinto.

Algo que dizia que as coisas tinham acabado de dar errado.

Não simplesmente porque ele teve fortes dúvidas.

Eu poderia perdoar isso, passar por isso.

Mas porque algo dentro de mim dizia que havia algo muito errado.

Sobre Gary.

Eu voei para o meu prédio, chamando seu nome freneticamente, a voz ficando cada vez mais histérica no momento.

Não me pergunte o que me fez fazer isso.

Virei no meu quarto de hóspedes.

O quarto com esse fim, bem como o meu escritório, porque eu odiava ter equipamentos eletrônicos onde qualquer um pudesse vê-los.

Encostados na parede debaixo de uma janela que tinha uma bela vista de um parque que sempre ficava lotado nos fins de semana com jogos da Little League ou famílias para se divertir, até amantes fazendo piqueniques, ou pessoas passeando com seus cachorros, estava minha escrivaninha rosa claro, longa, baixa, uma compra boba por impulso feminino, de uma noite que eu nunca me arrependi.

Meu computador estava sobre ela.

E, bem, era outra situação em que fiquei feliz pelo meu trabalho.

Porque o cara de TI que Quin contratou me disse como transformar minha câmera interna no meu desktop ou notebook em uma câmera de segurança acionada pelo movimento.

Eu tinha configurado por causa de uma pequena paranoia sobre alguém do trabalho, já que havia muitos personagens perigosos dentro e fora do local, encontrando seu caminho para minha casa. Pelo menos com a câmera de segurança, eu teria uma maneira de saber que se isso acontecesse, então teria uma prova.

Normalmente só checava se estivesse tendo um ataque de paranoia particularmente ruim, quando algum cliente realmente me incomodava.

Mas então, a determinação fazendo meus saltos soarem como se estivessem atravessando o piso de madeira, eu verifiquei por uma razão totalmente nova.

Porque nunca pensei em olhar para Gary.

Não  *dessa* maneira, pelo menos.

E isso, bem, de repente estava começando a parecer um erro gigante e épico.

Um que poderia ter repercussões horríveis.

Fui até o computador, sentei-me na cadeira, respirei fundo enquanto o ligava e fui em busca do arquivo da câmera salvo.

E lá estava Gary.

Em dez arquivos diferentes por dez dias diferentes, todos com código de tempo quando eu não estava em casa, quando ele realmente não tinha motivo para estar no meu apartamento, já que ele deveria estar no trabalho também.

Ele parecia bem em todos eles também.

Claro que ele sempre parecia.

Ele era uma daquelas pessoas que pareciam bem ao acordar, que ficavam bem quando estava no segundo dia da gripe, que parecia bem fazendo tarefas que ninguém encontraria alguém com boa aparência fazendo, aparando as unhas dos pés, usando fio dental.

Ele foi abençoado geneticamente com pele injustamente perfeita, lábios carnudos, olhos verdes, cabelo loiro que de alguma forma não era sujo nem branco, mas em algum lugar perfeitamente no meio, com uma mandíbula pronunciada, sobrancelhas grandes e um nariz proporcional.

Então o rosto estupidamente bonito dele estava bem ali em um monte de arquivos. No meu computador. Parecendo estranhamente determinado.

Meu olhar desceu para um em particular. Um onde seus adoráveis olhos verdes estavam escondidos atrás de óculos de armação preta.

Óculos.

Gary não usava óculos.

Mas esse Gary, o Gary do computador, o Gary que não deveria estar no meu computador, usava óculos.

Fiquei lá, o coração batendo contra as minhas costelas, me deixando enjoada, passando pelos vídeos, assistindo, ouvindo o clique do mouse, o toque das teclas, antes que a câmera desligasse, só sendo programada para funcionar por dois minutos.

Foi o final quando ele finalmente falou.

E as palavras enviaram um arrepio na minha espinha.

*Peguei você, cadela.*

Por que eu automaticamente achei que essa *cadela* era eu? Eu não tinha certeza. Mas eu sabia. Sabia como se soubesse que teria uma dor de cabeça se usasse meu cabelo tão apertado que ele falava de mim. Sobre me *pegar*.

E aquele vídeo foi datado apenas uma hora antes, ainda usando o terno que eu escolhi para ele para a cerimônia, gravata solta.

Ele me pegou.

Eu não tenho ideia do que me deixou certa, o que fez minhas mãos se moverem para o histórico de buscas, com certeza do que eu encontraria, nem mesmo sentindo um sentimento de decepção quando foi confirmado.

O site do meu banco.

Respirando fundo, eu digitei minhas informações de *login* com os dedos dormentes, e apertei o botão *enter* em um exalar forte.

E tinha ido embora.

Cada centavo duramente ganho.

Cada centavo que representava chegar cedo, noites tardias, dores nas costas, dores nos pés, dores de cabeça, noites sem dormir, nervos em frangalhos.

Anos.

Anos de poupança cuidadosa, para o meu futuro.

Tudo se foi.

Senti a picada em meus olhos enquanto fazia as transações, certa de que não havia como ele conseguir o dinheiro. Não sem mim.

Talvez uma parte de mim estivesse ingenuamente esperando que houvesse alguma falha bancária, algum estrago que explicaria tudo. Talvez todas as transações tivessem desaparecido, estivessem em algum servidor em algum lugar, não perdido, apenas momentaneamente fora de lugar.

Mas eles estavam todos lá.

Até o último.

Aquele que transferiu cada centavo dos meus centavos para alguma conta desconhecida em algum lugar.

Eu nem me incomodei em sair quando me afastei do computador, as lágrimas começando a fluir.

Qual era o ponto em sair, estar segura, quando não havia mais nada para roubar?

Eu corri pelo meu apartamento, procurando qualquer coisa dele, não encontrando nada, irritantemente nada, mesmo quando minha maquiagem manchava, meu vestido ficando arruinado.

E então eu finalmente me encontrei no armário, localizando aquela caixa que ele trouxe logo no começo, carregada com coisas o suficiente para levá-lo a um longo fim de semana. Antes de começar a pendurar coisas nas prateleiras ao lado das minhas.

Ainda estava lá.

Cheio de coisas aparentemente aleatórias. Roupas, suprimentos de higiene, alguns recibos, nada para investigar.

Foi quando percebi que não estava sozinha, que alguém havia se esgueirado.

*Kai me pegou de surpresa.*

Claro que era Kai.

Kai com seu sorriso doce e coração grande demais.

Kai, que talvez fosse a última pessoa que eu queria que me visse assim.

Uma bagunça.

Quer dizer, eu nunca quis parecer uma bagunça na frente de ninguém.

Mas mais ainda com Kai.

Por razões óbvias.

Porque, enquanto isso foi há um tempo, ele costumava me colocar em um pedestal, ele costumava pensar que eu era perfeita.

Dito isto, ele estava aqui.

Ele estava aqui e eu estava surtando.

E eu precisava expurgar um pouco, falar para outra pessoa antes que isso me consumisse.

— Ele pegou tudo, — eu disse a ele, encolhendo-me quando minha voz falhou novamente.

— Querida, ele pegou o quê? — ele perguntou, voz fazendo aquela coisa suave que fazia como se eu estivesse com dor de cabeça, ou quando eu mal

conseguia manter meus olhos abertos no trabalho. Aquela voz doce que fazia meu peito se sentir apertado.

Meus olhos se fecharam por um longo momento antes de abrir, observando aqueles olhos escuros, encontrando um pouco de força ali. — Ele levou todo o meu dinheiro.

Os lábios de Kai se separaram ligeiramente quando as palavras eram assimiladas, enquanto ele tentava encontrar algo para dizer. — Como você sabe disso?

— Tenho uma câmera de segurança no meu notebook. Ele estava nela. Hoje. Ele disse que me pegou. E minhas economias se foram.

— Posso ir olhar? — ele perguntou, deixando uma parte estranha e insegura de mim brotar, pensando que ele só queria ficar longe do meu eu histérico.

Simplesmente balancei a cabeça, observando como ele se virou e saiu, andando por um apartamento que ele nunca tinha estado antes, como se ele soubesse todos os segredos escondidos dentro.

E eu apenas fiquei lá, ouvindo o zumbido do sistema de ar condicionado passando por um ciclo, o ar soprando nas minhas costas pela abertura, fazendo minha pele arrepiar, mas eu não conseguia pensar em me levantar, afastar-me, pegar as roupas na prateleira e sair dessa mentira de vestido.

Então fiquei nos meus calcanhares, as pernas ficando dormentes, muito parecido com o coração no meu peito enquanto Kai procurava pelo meu computador, vendo a farsa de um homem que me disse que me amava, que mentiu na minha cara, que levava tudo de mim.

Minha segurança.

Meu futuro.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei sentada lá, mas quando Kai voltou, estendendo a mão para me ajudar a ficar de pé, uma tarefa que seria quase impossível com o material longo e sedoso do meu vestido, alfinetes e agulhas picaram com ataques implacáveis quando meus pés em saltos encontraram o chão mais uma vez.

— Mova-os um pouco, — sugeriu Kai, lendo a situação, ou, mais provavelmente, me lendo como ele sempre parecia capaz de fazer. Tudo o que

consegui fazer foi pisar nos calcanhares algumas vezes, respirando fundo quando a dor se intensificou antes de ir embora. — Vamos lá. Vamos conversar com café. Ou uma bebida. Tenho certeza que você poderia precisar de um ou outro.

Ambos.

Eu poderia precisar dos dois.

Mas nós saímos do meu armário, através do meu quarto onde meus olhos pousaram na cama, de repente percebendo que eu nunca poderia dormir lá novamente. Naquele colchão. Onde eu dormi com ele.

Me perguntei um pouco fugazmente se os casais se sentiam da mesma maneira enquanto passavam pelo divórcio, que nenhum dos dois queria a cama, era melhor simplesmente colocá-la em uma pilha de lixo. Ou doar. Ninguém iria querer dormir lá novamente.

— Qual deles, Jules? — Kai perguntou quando chegamos à cozinha, eu em um estado de torpor, olhos correndo pela minha casa, vendo fantasmas de Gary ao redor, sentado no sofá folheando as coisas em seu telefone, alimentando o fogo, na cozinha fazendo meu café. Muito forte. Ele sempre fez isso muito forte. E só punha uma gota de caramelo quando eu queria três. Tinha dito isso várias vezes antes.

— Café, — decidi, puxando um banquinho no balcão, sentando-me, observando Kai enquanto ele se movia em volta da minha cozinha.

— Como você sabia... — Eu comecei não estando consciente de querer perguntar enquanto o observava encontrar o café na primeira tentativa.

— Você organizou como faz no trabalho, — ele respondeu à pergunta inacabada enquanto colocava uma cápsula na máquina, empurrando uma das minhas canecas de vidro embaixo enquanto ele voltava para dentro do armário para pegar o caramelo com uma mão e a com a outra na geladeira para pegar o creme, colocando um pouco no centro, depois três gotas de caramelo.

Um pouco no centro e três gotas.

Eu nunca tinha dito isso a ele.

Nunca lhe disse isso *várias vezes* sem que ele se lembrasse.

— Obrigada, — murmurei, as mãos se fechando ao redor da caneca, vendo o meu anel de noivado pegar a luz do teto.

Brilhante.

Tão brilhante.

— Jules... — A voz de Kai chamou quando eu fui arrancar o anel do meu dedo, segurando-o levantado, em seguida, agarrando o aro com minhas unhas, sentindo-as rachar, e nem mesmo me importando, apenas precisando que o metal se soltasse, então eu poderia tirar a pedra. — O que você está fazendo? — ele perguntou quando finalmente cedeu, e eu pulei, indo pegar um copo, enchendo-o com água da torneira, em seguida, colocando-o no balcão, já sabendo, sabendo antes de deixar a pedra cair dentro

Mas eu deixei cair de qualquer maneira.

E flutuou logo abaixo da superfície da água.

Falso.

Ele me deu um anel de noivado falso.

Como se ele tivesse me dado um relacionamento falso.

Como se ele tivesse me dado um futuro falso.

— Diamantes afundam, — ouvi minha voz explicar, olhando para cima para ver o rosto de Kai, o olhar entendendo a situação, ficando triste.

— Jules, você precisa se sentar, — ele sugeriu, erguendo um braço em direção à minha sala de estar.

Para um sofá que eu já havia sentado com a cabeça no ombro de Gary, contando sobre a casa que eu estava planejando comprar nos próximos dois anos, com pelo menos meio hectare de quintal, para que pudesse ter uma horta, com uma tonelada de janelas para deixar entrar a luz, assim poderia ter plantas de casa, com quatro quartos, uma suíte, um para cada uma das crianças que eu queria ter, um extra, e então um escritório / ginásio misto, com uma cozinha enorme para fazer os jantares, com uma varanda para sentar e beber café.

De repente, eu não queria esse sofá também.

Eu balancei a cabeça, tomando meu assento na ilha novamente, tomando um gole do meu café quente demais, apreciando a queimadura, imaginando se poderia fazer alguma coisa pelas lascas de gelo que se formavam em meu coração.

— Eu posso ver essas engrenagens girando, — comentou Kai. Eu podia sentir seus olhos no topo da minha cabeça inclinada, provavelmente esperando pelo meu contato visual. — Por que você não as desliga por algum tempo?

— Desligá-las? Minha poupança *se foi*. — Lá estava, a sacudidela frenética insinuando lágrimas mais uma vez.

— Sim, querida. Mas não é só isso. Você compartilhou sua vida com esse homem. Ele traiu você. Ele... — Kai fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Ele te machucou, Jules. Você precisa processar isso. Você está focada no dinheiro. Há mais do que o dinheiro acontecendo aqui.

— Não há como consertar o que ele fez comigo, — retruquei, tom resignado. — Mas se há uma maneira de conseguir esse dinheiro de volta, preciso fazer isso. Essa é a única coisa que pode ser feita. Então tem que ser feita. Eu não preciso... levar isso para a cama e me lamentar, preciso... eu não sei. Ir ao banco. Ou tentar rastrear Gary. Se é esse o nome dele.

Agh.

Deus.

Não era esse o seu nome?

Se eu não soubesse o nome do homem cujo corpo estivera na minha cama, cujas mãos haviam tocado minha pele? A ideia fez uma onda de náusea tomar conta de mim, fazendo-me lamentar o café da manhã cheio de açúcar que eu tive antes.

Como eu não poderia saber?

Que eu estava sendo enganada?

Que eu era apenas um alvo, apenas uma mulher confiante demais, facilmente enganada por um homem bonito?

Se eu não estivesse tão focada em quais quadradinhos ele preenchia, talvez eu pudesse ter notado coisas sendo imprecisas, pequenas coisas não encaixando.

Mas não.

Eu estava muito cega pela fachada perfeita de tudo isso.

Deus.

Quando eu me tornei tão idiota?

De qualquer mulher, eu deveria ser capaz de ver isso há uma milha de distância. Ou, pelo menos, deveria pelo menos ter feito uma breve análise dele.

Não era romântico, na verdade.

Mas inteligente.

Seguro.

— Arrgh, — eu rosnei, cotovelos encontrando a bancada de quartzo frio quando eu levantei minhas mãos para descansar os lados da minha cabeça.

— Fale comigo, Jules, — implorou Kai, com a voz sutilmente firme, pedindo, mas exigindo também.

— Eu sou tão estúpida, — admiti, ignorando o modo como meu orgulho levou outro golpe. Não sobraria nada depois de tudo isso, eu tinha certeza.

— Você *não* é estúpida — a voz de Kai retrucou, firme, incomum o suficiente para fazer meu olhar se mover para cima, encontrando-o mais perto do que estivera um momento antes, bem do outro lado do balcão. Vendo meu olhar, ele se inclinou para frente, descansando seus antebraços na superfície, aproximando-se de mim. — Se este era ele, se ele fez isso com você, então ele é o culpado. Não você.

Na minha opinião, não havia realmente ‘se’ sobre isso.

Houve um zumbido no seu bolso, fazendo nós dois saltarmos um pouco.

— Miller, — ele me disse sem sequer olhar.

— Oh, Deus, — eu gemi, pensando em toda *essa* situação.

Um local de casamento cheio de amigos e familiares.

Cheio de decoração que eu odiava, mas tinha feito porque eu sabia que Gary gostaria.

Eu teria que dizer a minha mãe para dizer a nossa família e amigos que o casamento foi cancelado.

Todos iriam pensar que Gary teve dúvidas, que eu era uma noiva clichê que foi deixada no altar proverbial.

Eu seria alvo de pena.

Havia algo pior?

Inferno, talvez eu merecesse pena.

Eu estava certamente em um estado lastimável.

No meu vestido de casamento com um anel falso, maquiagem borrada, contas bancárias vazias e um noivo falso trapaceiro desaparecido.

— Jules, — a voz de Kai cortou meus pensamentos novamente. — Pare, — ele exigiu, de alguma forma, sabendo onde minha mente estava naquele momento.

— Eu não posso parar, — disse a ele, sentindo a picada em meus olhos tarde demais para parar as lágrimas quando elas se derramaram. Não triste, apenas com raiva, amarga purgação. — Meu dinheiro se foi. Todo ele. Não consigo nem comprar uma xícara de café!

Ok.

Talvez isso tenha sido um exagero.

Eu tinha dinheiro na minha bolsa.

Nós estávamos planejando ir ao banco pela manhã para trocar por rupia para nossa lua de mel em Bali.

Cinco mil em dinheiro.

Isso era algo, pelo menos.

Eu poderia manter gasolina no meu carro, comida na minha geladeira até o meu próximo pagamento.

Cristo.

Salário para salário.

Eu jurei para mim mesma que nunca seria minha vida. Eu trabalhei tanto para nunca acontecer. Liberdade financeira pessoal era importante para mim, foi embutida em mim desde tenra idade por todos na minha família. Meus pais, apesar de gostarem da ideia de me estabelecer um dia para criar minha família, eles queriam ter certeza de que minha decisão de me estabelecer fosse baseada nas coisas certas, não porque eu queria ajudar a pagar minhas contas.

Mas eu teria que lidar com isso agora.

Eu tive sorte, de certa forma.

Quin me pagava bem.

Em alguns meses, eu teria uma pequena quantia na minha conta novamente.

Mas levaria anos para chegar perto do que eu tinha para começar.

Anos.

Aquele desgraçado me custou anos.

— Então, eu vou pegar um café para você, — declarou Kai, tentando manter as coisas leves.

Mas não consegui encontrar o controle muscular, nem o desejo, para sorrir.

— Você sabe o que quero dizer, Kai.

— Eu sei o que você quer dizer, — ele concordou, balançando a cabeça, adquirindo o que eu chamava de “tom profissional”. Porque a voz normal de Kai era calma, descontraída, charmosa. Mas sua voz de trabalho tinha uma intensidade, uma firme confiança. — Você trabalhou muito por esse dinheiro, Jules. Ninguém sabe disso melhor do que eu.

— Eu tenho que recuperá-lo, — eu decidi, minha própria voz recuperando um pouco do seu espírito.

— Ok, — Kai concordou, sem hesitação, endireitando-se, pegando o telefone que soltou um pequeno zumbido. Um texto, talvez.

— Não! — Eu praticamente gritei, atravessando a ilha, fechando minha mão sobre a dele em seu celular.

Seu olhar subiu, um olhar que eu não conseguia interpretar.

Parecia precisar de esforço para ele encontrar suas próximas palavras. — Não, o quê?

— Não diga a Miller. Não conte a nenhum deles. Por favor.

Havia um tom desesperado em minhas palavras, e eu não conseguia reunir o desejo de me importar com isso.

— Jules...

Eu sabia o que ele queria dizer.

Que se algo tivesse acontecido na minha vida, algo criminoso, então o conhecimento e as habilidades combinadas de Quin, Gunner, Finn, Miller, Lincoln, Ranger e Smith seriam inestimáveis. Eles seriam capazes de dar uma ajuda, fazer disso um esforço de equipe, descobrir quem realmente era Gary, onde ele poderia estar, localizá-lo, recuperar o dinheiro.

— Kai, — comecei, voz grossa. — Eles não podem saber.

— Por que, querida? Todos se importam com você. Eles gostariam de ajudar.

— Eu... não seria capaz de enfrentá-los novamente se eles souberem que idiota eu fui. Não, — eu o interrompi quando ele tentou se opor. — Não diga que não sou uma idiota. Eu fui. Corri para isso. Não pensei. Eu não... fiz uma verificação nele. — Com isso, os lábios de Kai se curvaram para cima, fazendo minhas sobrancelhas franzirem. — O quê?

— Jules, talvez umas duas dúzias de mulheres em todo o mundo pensariam em fazer uma verificação de antecedentes sobre seu parceiro em potencial.

— Mas *eu* deveria ter pensado. *Eu* deveria ter feito. Quin e todos os outros estariam pensando a mesma coisa. Você sabe que eles iriam. É apenas... humilhante, Kai. Eu sei que você não vê dessa maneira, mas eu vejo. Não quero que eles saibam, mesmo que sejam úteis.

— Tudo bem, — ele concordou, assentindo. — Eu não vou contar a eles.

— Obrigada. — As palavras vieram de algum lugar profundo. Eu senti como se estivesse sempre agradecendo a Kai, como se ele estivesse sempre fazendo algo bom, gentil, atencioso, inesperado. Este foi apenas o mais novo em uma longa linha de boas ações pelas quais eu tinha começado a conhecê-lo.

— Mas eu vou ajudá-la então.

— O quê? Não.

A resposta foi automática.

Eu não podia pedir isso dele.

— Você pode tentar lutar comigo, Jules, mas o resultado final será o mesmo. Eu não vou deixar você lidar com isso sozinha. Você está presa comigo.

Lá estava novamente.

Aquela coisa de peito apertado que tenho ao redor dele às vezes.

E, para ser perfeitamente honesta, a ideia de não ter que fazer isso sozinha era atraente. Especialmente com meu humor oscilando tanto. Eu precisava de alguém equilibrado, alguém para manter a calma quando eu estava perdendo a minha.

Kai era bom em calma.

— Tudo bem, — concordei, assentindo. — O que eu estou...

— Olha, — ele me cortou, chegando a colocar a mão por cima da minha. — Eu vou lidar com Miller. E corro para o escritório para fazer uma verificação rápida, — ele ofereceu, ou seja, significando a verificação de antecedentes que eu deveria ter feito nele meses antes. — Você precisa tirar esse vestido. Talvez tomar um banho. Lavar isso tudo. Então vamos verificar a casa dele juntos. Vinte minutos, no máximo, — ele me assegurou, sabendo que lhe dando muita vantagem significaria que ele poderia estar em qualquer lugar, talvez até fora de

alcance antes que pudéssemos encontrá-lo. —Ok? — ele perguntou, precisando de confirmação.

Ele fez parecer tão fácil.

Tão possível.

Tanto que não tive escolha senão acreditar nele, confiar nele.

— Ok.

## *Flashback – 6 meses antes*

Ela não podia alegar odiar ser durona. Ela ganhava a vida tendo que ser uma, afinal.

Mas não havia como negar que Miller odiava cada segundo de andar pelo corredor e parar na frente do escritório de Kai.

Inferno, precisou de alguns segundos, e respirações lentas e profundas, para poder levantar a mão para bater.

Porque, bem, uma coisa era ser um pouco franca e direta para algum idiota.

Era outra coisa fazer isso com o cara mais doce que você já conheceu.

Ela tinha a sensação de que ia parecer como chutar um cachorrinho.

— Entre, — a voz de Kai chamou, calma, feliz, completamente alheia ao que estava por vir.

Mas tinha que vir, ela lembrou a si mesma.

Isso o machucaria.

Mas não havia como evitar isso.

Porque isso era necessário.

Para ser honesta, isso foi necessário faz tempo.

Todo mundo sabia disso.

Todo mundo viu isso.

Mas ninguém faria isso.

Este escritório cheio de homens, e ela era a única com bolas o suficiente para conseguir dizer já.

— Ei, Miller, — Kai cumprimentou, recostado na sua cadeira, pernas no canto de sua mesa bagunçada, as mãos jogando uma bola de stress da cor de terra no ar. — Você precisa de mim para alguma coisa?

— Precisamos conversar, — ela especificou, fechando e trancando a porta.

— Oh-oh. Ela tem sua voz séria.

Miller gostava de Kai.

Adorava, na verdade.

Talvez mais do que qualquer outra pessoa no escritório.

Talvez porque tivessem feito tantos trabalhos lado a lado, estivessem colidindo um com o outro, formando laços.

Ou, bem, talvez fosse simplesmente porque o homem era apenas... amável.

Se você precisasse de um de seus rins e metade de seu fígado, ele certamente te daria. Sem perguntas.

Era assim que ele era.

E ela tinha que ser a única a lhe dizer que ele não poderia ter o que mais queria.

— E aí, Miller? — ele perguntou, abaixando a bola, tirando as pernas da mesa, inclinando os braços sobre ela, trazendo-o para perto dela enquanto ela se sentava em frente a ele.

Quin brigava com Kai sobre seu escritório, sendo um homem que gostava de coisas organizadas e elegantes.

Mas Kai prosperava no caos.

Ele tinha pilhas de arquivos em sua mesa, livros de pesquisa quase derrubando o armário de madeira escura que cobria a parede da direita. Uma parede em que ele usava tachinhas de néon brilhantes, segurando fotos que provavelmente acompanhavam alguns de seus arquivos.

Havia uma mochila pendurada no gancho na parte de trás da porta, provavelmente cheia de revistas, lanches e trocas de roupas. Enrugada, conhecendo-o.

Ele tinha música vindo através de seu computador, e Miller estendeu a mão para desligá-lo.

— Chega, — ela disse, a palavra saindo forte e implorando ao mesmo tempo.

— Chega de quê? Meu charme premiado? — ele perguntou com outro de seus sorrisos, os que iluminavam uma sala, fazendo-a se sentir pior pelo que estava por vir.

— Chega de Jules, — ela esclareceu, observando as sobrancelhas de Kai se franzirem.

— O quê...

— Você sabe o que eu quero dizer, — ela o interrompeu. — Todos neste *escritório* sabem o que quero dizer.

— Eu não fiz nada de inapropriado, — objetou ele.

— Bem, isso é parte do problema, não é? — ela perguntou, revirando os olhos quando estendeu a mão para passar a mão pelo longo cabelo escuro, colocando-o mais para um lado do que para o outro.

— Como?

— Você travou, Kai, — ela explicou encolhendo os ombros. — Você viu algo que queria. E você travou. Foi doce no começo, sabe? Quem não gosta de ver uma pequena paixão florescer? Especialmente no trabalho. Mas deixou de ser doce há um ano e meio atrás.

O peito de Kai se desinflou quando a cabeça dele caiu levemente, olhando para a superfície de sua mesa.

Ele sabia que ela estava certa.

Sabia que ele havia estragado sua chance.

— Não posso evitar gostar dela, Miller.

Como se fosse uma palavra fraca.

Qualquer um que visse o jeito que o homem olhava para ela sabia que se inclinava muito mais para o amor do que para gostar.

Ele olhava para ela como se ela fosse a única razão pela qual ele saía da cama pela manhã.

Inferno, talvez ela tenha sido alguns dias.

— Eu entendo isso. Quero dizer, não entendo, — ela admitiu como uma reflexão tardia. — Eu amo o quão grande é o seu coração, não me leve a mal, mas não entendo como você pode continuar a amar alguém que não retribui seu amor. Pelo menos não da mesma maneira.

Porque Jules amava Kai.

Todos nós amávamos.

Ele era a única pessoa no *escritório* que conseguia fazê-la sorrir em um dia difícil.

Ela odiava qualquer pessoa em seu espaço, mas nunca lhe dissera para ir embora quando ele puxava uma cadeira para manter sua companhia, para

organizar seus cliques, tachinhas e canetas, mesmo que ele nunca tivesse organizado a sua própria.

Ela realmente se importava com ele.

E talvez, apenas talvez, se ele tivesse encontrado a coragem de dizer a ela como ele se sentia, em vez de esperar que ela percebesse sozinha, ela poderia estar disposta a deixar as coisas ficarem *inapropriadas*.

— Não importa se ela não sente o mesmo, — disse Kai. E, além disso, ele falava *sério*. Ele não se importava que ela não retribuísse seus sentimentos, ele ainda queria continuar a tratá-la como se ela fosse o sol que tudo no mundo girava em torno.

— Kai, ela está a poucos minutos de ficar noiva. Você sabe disso. Eu sei disso. Todo mundo sabe disso. Você tem que controlar isso um pouco.

— Ele não a merece, — disse Kai, mas havia uma resignação em sua voz. Foi uma pena também ouvir isso.

— Eu sei.

Claro que ela sabia.

Ela odiava o pequeno merda.

Ela não disse isso desde que Jules se decidiu pelo homem depois do que parecia ser o terceiro encontro. E, bem, quem era ela para dizer alguma coisa sobre relacionamentos quando ela nunca conseguiu se apegar a um?

Gunner chamava Gary de falso.

Quin, geralmente alguém que cuidava da própria vida, chegou a dizer que não gostava de ter o babaca no prédio.

Jules era a queridinha do escritório.

Nossas vidas profissionais desmoronariam sem ela. E ela fazia tudo sem reclamar, sem uma má atitude, mesmo quando um dos caras gritava com ela.

— Mas é isso que ela escolheu. Precisamos respeitar isso. *Você precisa respeitar isso. Dê-lhe espaço. Deixe que o homem dela faça as coisas que o homem dela deve fazer.*

A implicação estava lá.

*Você não é o homem dela.*

— O que eu devo fazer, Miller? Sair de todos os cômodos em que ela entra?

— Trate-a como você me trata, — ela sugeriu.

— Ei. Eu te trato bem, — ele objetou, parecendo quase em pânico com a ideia de que não tratasse.

— Bem, sim. Mas você não organiza minha escrivania. Você não aquece meu carro no inverno. Você não memoriza meus lugares preferidos para o almoço, e pede apenas de lá.

— Bem, porque você gosta de frituras e cobre tudo com queijo.

Miller sorriu um pouco, sabendo que ele não era exatamente um grande fã da preferência de Jules por saladas e tacos vegetarianos o tempo todo, mas comia alegremente todos os dias, já que era disso que ela gostava.

— Apenas... afaste-se um passo, ok? — Miller pediu. — Por ela, porque eu acho que vai fazê-la se sentir esquisita se continuar. Mas também por você, Kai. Porque você não pode ser feliz assim. E isso só vai piorar se ela se casar com esse cara. Se eles se firmarem, comecem a vida que você quer com ela. Você precisa seguir em frente.

— Sim.

Havia derrota e resignação em seu tom.

Emparelhado com a profundidade da tristeza em seu olhar, isso a trespassou. A fez se sentir a pior das criaturas. Fez seu lado crítico aparecer, falando as palavras que ficaram presas em sua garganta por meses.

— Sinto muito, Kai, — ela disse, passando pela mesa para envolver um braço em volta dos ombros dele.

— Você não tem nada para se lamentar, Miller. Você está certa. Eu preciso dar-lhe espaço.

E assim ele fez.

# 3

*Kai*

Aquele desgraçado.

Não havia mais nada capaz de entrar na minha cabeça enquanto me movia em direção à porta da frente de Jules, voltando no último momento para observar o jeito que ela se curvava sobre a ilha, deixando escapar um suspiro trêmulo que eu praticamente podia sentir.

Eu me forcei a entrar no corredor, fechando a porta com um clique silencioso antes de pegar meu telefone.

Tive que respirar algumas vezes, tirando a tensão da minha voz, sabendo que Miller iria captar, perceber.

Eu não ia quebrar minha promessa para Jules. Mesmo se a equipe fosse um ativo, faria isso mais rápido. Se ela queria isso apenas entre nós dois, era assim que seria. E eu teria apenas que me superar.

Eu não podia decepcioná-la.

Nós tínhamos que encontrar o desgraçado.

E então eu iria segurá-lo enquanto ela o espancasse.

"Cristo, Kai. Você poderia demorar mais? As pessoas estão todas supondo que Gary ficou com medo.

Com medo.

Mais como um coração frio.

Como diabos você poderia explicar a vontade dele de fazer algo assim para Jules?

Pelo menos eu poderia fazer um pequeno favor a ela. Salvar seu orgulho para sua família e amigos. Até que ela descobrisse como ela queria lidar com tudo sozinha.

— Jules cancelou, — eu disse a Miller, a mentira saindo da minha língua com facilidade. Precisei dobrar a verdade mais do que algumas vezes na minha

linha de trabalho. Normalmente não para colegas de trabalho, mas com ela ausente para me ver, eu consegui.

— O quê? Por que ela faria isso? Apenas alguns minutos antes da cerimônia?

— Acontece que Gary estava mentindo para ela sobre algumas coisas. Você sabe como Jules se sente sobre isso.

— Uau. Então ela apenas... mandou-o embora? Só assim. Eu sei que Jules pode ser um pouco fria, mas isso é muito frio. Bem, pelo menos ele não parece ter uma grande multidão aqui para ficar envergonhado por ele. Onde está Jules agora?

— Se trocando. Então pegando um avião.

— Ela ainda vai na lua de mel? Sozinha? Droga. Ela é minha nova heroína. Aposto que ela conhecerá um homem quente de Bali, e vai casar escondida na praia.

— Sim, isso soa como Jules, — disse, revirando os olhos, mesmo quando a familiar pontada de ciúmes perfurou meu peito.

— Ei, você sabe o quê? — ela perguntou, parecendo satisfeita.

— O quê?

— Talvez isso signifique que você tenha uma segunda chance. Mas você tem que criar coragem dessa vez.

— Acredite em mim, essa é a última coisa em minha mente agora.

— Hum

— Hum, o quê?

— Nada. Eu só... não sei. Achei que você tinha só tinha dado um show desde que tivemos aquela conversa, que você realmente não seguiu em frente. Apenas fingiu. Acho que estava errada.

Ela não estava errada.

Não poderia estar mais certa.

Eu tinha simplesmente desempenhado um papel desde aquela noite com Miller no meu escritório.

Eu criei um amplo espaço em torno de Jules. Parei de organizar suas coisas na mesa. Parei de ficar com ela quando poderia estar no meu próprio escritório. Já que não podia simplesmente parar de pedir o almoço dos seus

locais favoritos, apenas comecei a sair imediatamente, como se eu tivesse trabalho a fazer, sentando-me na loja local sozinho, como um perdedor.

Parei de falar sobre ela.

Tentei parecer que a notava menos.

Interpretei um papel.

Aparentemente, de forma convincente.

— Jules queria saber se havia alguma maneira de alguém dizer a todos para ir em frente e ter uma boa refeição. Talvez Gunner espalhe a notícia. Ele gosta de ser o portador de más notícias.

— Sim, não se preocupe. Nós veremos você na festa?

— Vou dar a Jules uma carona para o aeroporto. Mas se eu voltar a tempo...

— Parece bom. Vou lhe guardar um pouco de bolo sem-casamento.

— Obrigado, Miller.

Com isso, caminhei para o escritório, me jogando em uma pesquisa sobre o cara que quebrou o coração de Jules, mesmo que ela estivesse muito focada no dinheiro para perceber isso ainda.

Gary Truman.

Trinta e dois anos.

E, bem, para seu crédito de vigarista, apenas o suficiente surgiu.

Apenas o suficiente para convencer qualquer garota que procurasse seu nome que ele era legítimo. E solteiro.

Ele tinha todas as contas de mídia social, Facebook, Instagram, um Twitter que ele nunca postou.

O material certo com algumas fotos, alguns posts compartilhados.

Não muito, mas aceitável.

As mulheres aceitavam que a maioria dos rapazes não atualizava com tanta frequência quanto elas, não faziam selfies, não adicionavam todas as informações de trabalho e vida.

Nada sobre esse Gary Truman levantaria bandeiras vermelhas a menos que você soubesse procurar por elas.

Porque o seu post mais antigo foi cerca de dois anos e meio antes. Provavelmente ao redor da época que ele conheceu Jules. Ele carregou,

compartilhou e postou muito as primeiras duas semanas, dando a aparência de um longo período de tempo se alguém não estivesse investigando o suficiente para ver as datas.

E fora da mídia social, não havia nada. Não há páginas de trabalho do LinkedIn, sem links para blogs antigos ou artigos de jornal sobre como ele chegou ao home run<sup>3</sup> em um jogo no ensino médio.

De fato, os únicos outros posts sobre Gary Truman, de trinta e dois anos, pertenciam a alguém preso por assalto à mão armada.

Ele era um fantasma em um presente onde era impossível ser um fantasma.

Tirei uma foto de sua conta, fazendo o upload para um amigo que havia feito algum trabalho para mim no passado, peguei meu notebook, enfiei na mochila e voltei para o meu carro, pegando saladas no caminho, as dela com alface romana... espinafre, cenoura, pepino, amêndoas e molho de mostarda com mel, a minha com repolho, croutons e molho rancheiro, porque as saladas eram, bem, sem sabor e sem sentido sem pão e gordura.

Cheguei lá cerca de meia hora depois que saí, esperando que ela tivesse tido tempo para talvez chorar no chuveiro em particular, mas não tivesse caído em algum tipo de depressão sobre a coisa toda.

Quanto mais cedo começássemos a trabalhar nisso, maiores as chances de encontrar Gary antes que o dinheiro acabasse.

Eu me deixei entrar, fechando a porta silenciosamente.

— Jules? — eu chamei, colocando as saladas na ilha ao lado de seu café frio meio bebido. — Estou de volta, — acrescentei quando não obtive resposta, esperando por ela, não querendo ir em busca dela apenas para encontrá-la em um momento fraco que ela poderia não querer que eu compartilhasse.

Pude ouvir o movimento um momento depois, passos se aproximando. Não os saltos, como era de costume, mas imaginei que talvez ela simplesmente não os tivesse colocado ainda.

Eu não poderia esperar tênis.

---

<sup>3</sup> Um golpe justo que permite ao batedor fazer um circuito completo das bases sem parar e marcar uma corrida.

Ou, bem, qualquer outra parte de Jules que veio em torno da curva da cozinha e na minha linha de visão.

Porque Jules, bem, Jules gostava da imagem dela. Ela dedicava tempo e pensava em suas roupas, seu cabelo, sua maquiagem, sua seleção de joias. Nunca houve um dia em que ela aparecesse para trabalhar depois de dormir muito pouco com um olhar que claramente dizia ‘dane-se’.

Ela sempre usava trajes de trabalho, vestidos ou calças com blusas ou blazers.

Mesmo quando ela era chamada às duas da manhã, quando havia um cliente de emergência, ela de alguma forma conseguiu vestir um vestido, puxar o cabelo para trás, colocar os saltos, arrumar a maquiagem e ainda estar lá em menos de vinte minutos.

Era assim que ela era.

Ou então eu pensei.

Se não tivesse me distraído tanto com ela de joelhos em seu vestido de noiva, eu poderia ter notado que seu armário ostentava coisas que os outros poderiam considerar roupas diárias, mas Jules provavelmente chamaria de roupas de casa.

Porque, aparentemente, estava lá.

Eu sabia disso porque Jules estava usando-as.

Jeans capri lavado suave, nem apertado nem solto, apenas deslizando as curvas suaves de seu corpo, a barra caindo logo abaixo do joelho, expondo alguns centímetros de sua perna e tornozelo antes de encontrar o tênis branco puro, tão branco que ela nunca usou antes, ou ela era obsessiva com o branqueamento deles.

Por camisa, ela usava uma camiseta branca simples com decote em V que, como suas calças, emoldurava seu corpo sem abraçá-la da maneira como suas roupas habituais eram conhecidas.

Ela usava a cruz, mas nada mais. Nada em suas orelhas ou pulsos. Ou bem, dedos. Desde que seu anel de noivado falso estava flutuando em um copo no balcão da cozinha.

Talvez o mais chocante, no entanto, não tenha sido a roupa.

Mas o que estava acima do pescoço.

Seu cabelo, normalmente puxado para trás por conveniência durante seus longos turnos de trabalho, foi deixado solto em volta dos ombros, as ondas vermelhas brilhantes emoldurando um rosto mais jovem e mais vulnerável sem qualquer rímel para escurecer seus cílios naturalmente claros, ou preenchimentos em suas sobrancelhas, ou linhas sobre os contornos dos olhos, ou cor a seus lábios.

Esta não era Jules, a assistente executiva/ gerente de escritório/ assistente pessoal/ zelador do zoológico que ela era como nós sempre a víamos.

Essa era simplesmente Jules.

E, surpreendentemente, porque eu não achava que tal coisa fosse possível, ela era ainda mais bonita do que o normal.

— Você me trouxe uma salada? — ela perguntou, sobrancelhas franzidas

— Você não tem nada em sua geladeira, — informei a ela, algo novo que eu tinha aprendido sobre ela enquanto fazia café.

— Eu diria que era porque estava planejando sair de férias, então tinha esvaziado. Mas eu honestamente não guardo muito mais do que isso lá regularmente.

— Você está sempre no trabalho, — eu disse, compreendendo. Minha geladeira geralmente só estava cheia de recipientes para viagem, condimentos e bebidas.

— Exatamente, — ela concordou, passando por mim em direção à cozinha, tomando um gole de café gelado. — Talvez devêssemos colocá-la na geladeira, — ela sugeriu, pegando a sacola para retirar os recipientes, pegando a minha para pegar os croutons, colocando-os em um saquinho antes de colocar as próprias saladas na geladeira. — Acho que seria inteligente chegar à casa de Gary o quanto antes. É um tiro no escuro, mas talvez nós o peguemos. Antes que ele fuja da cidade.

Não querendo esmagar suas esperanças, eu não disse nada, embora eu soubesse que não havia como ele ter pegado o dinheiro, e então ficar parado. Não quando ela estava esperando por ele em um altar. Sabendo que ela iria procurá-lo. Se eu soubesse alguma coisa sobre isso, e sabia, ele provavelmente já havia pegado a estrada. Nem mesmo parando em seu apartamento que ele havia deixado para trás.

— Tudo bem, — eu concordei. — Vamos dar uma olhada.

— Eu nunca estive em seu carro antes, — ela comentou, o tom um pouco seco quando nós descemos o elevador.

— Eu nunca estive no seu também.

— É como o seu escritório? — ela perguntou, escolhendo as palavras cuidadosamente.

— Você quer dizer um desastre?

— Foi o que eu quis dizer, — ela concordou, me dando um pequeno sorriso. Nem chegou perto de encontrar seus olhos.

— Veja por si mesma, — eu a convidei enquanto caminhávamos ao lado do meu Jeep bronze, algo que eu tinha escolhido porque era espaçoso se eu precisasse tirar um cochilo enquanto estava na estrada.

Não era uma vida glamorosa, mas sempre fui capaz de dormir em qualquer lugar.

Eu destravei as travas, e Jules foi para a porta dela, mas não completamente antes que minha mão chegasse lá primeiro, fazendo-a pular para trás.

Ela se acostumara demais com seu falso noivo não abrindo as coisas para ela.

— Bem, isso é surpreendente, — ela decidiu, olhando por dentro antes de entrar.

Em um longo trabalho, meu carro era tão bagunçado quanto meu escritório, mas assim que o trabalho terminava, era esvaziado, lavado por dentro e por fora.

Era menos porque eu era obcecado com isso e mais porque embalagens de alimentos antigos atraíam insetos. E, enquanto eu conseguia dormir de muitas maneiras, com as coisas rastejando em mim nem pensar.

— Aponte-me em uma direção, — eu exigi quando virei o carro, sufocando o aumento inadequado de felicidade por vê-la no meu carro. Uma coisa tão pequena, mas também algo como um marco também.

Jules, para mim, invadiu uma parte da minha vida de maneira física.

Trabalho.

Foi isso.

Ela nunca esteve no meu carro, minha casa, nunca saiu para comer comigo, para beber, filmes, nada. Ela era a única pessoa no escritório com quem eu não tinha passado tempo fora do trabalho. E, claro, a que eu mais queria.

Dito isto, não gostei das circunstâncias. Eu não gostava que ela meio que tivesse que estar no meu carro, que ela estava aqui porque precisava da minha ajuda, não porque ela realmente queria estar.

Ela me conduziu diretamente por Navesink Bank, vinte minutos para o sul, até Eastontown, para um complexo grande e sinuoso de prédios de tijolos vermelhos, com apartamentos simples para cima ou para baixo, sem andares inteiros. Os terrenos eram verdes brilhantes, mesmo durante uma onda de calor incapacitante e subsequente seca. Duas garotinhas estavam andando de bicicleta infantil em um dos muitos caminhos enquanto sua mãe regava suas floreiras na janela.

Era direto de um filme.

Minha coisa mais próxima de um vizinho eram os gambás que ficavam nos bosques atrás da minha casa.

— Lugar legal, — eu disse porque, bem, era.

— Sim, — ela concordou, mas estava claro que ela estava vendo através de uma lente diferente da que eu estava, provavelmente analisando em excesso cada interação que ela e Gary tinham compartilhado neste local.

— É como um labirinto aqui, — eu murmurei, tendo de alguma forma feito uma curva errada, terminando em outra seção de edifícios.

— Pegue a próxima à esquerda. E estacione. Temos que andar a frente, — ela explicou, já chegando a destravar o cinto. — Último andar, — ela me disse, pegando suas chaves, uma com uma capa de borracha azul escura em volta, diferenciando-a da branca para a casa dela, a preta para o trabalho e, se eu tivesse que adivinhar, verde para sua mãe e rosa para sua irmã, suas cores favoritas.

— Oh, ei, Jules, — a voz de uma mulher chamou, fazendo-nos voltar para encontrá-la em pé na tela de sua porta. — Você está se certificando de que ele tem tudo?

— Ei, Jean. Tem o quê?

— O resto de suas coisas, — Jean especificou, dando um sorriso para nós dois, fazendo seu rosto enrugado ficar caloroso e maternal. — Ele esteve movendo a maior parte disso mais cedo. Sinto muito por vê-lo partir, mas tão feliz por vocês dois. O casamento será em breve, certo? — ela continuou, alheia à tensão que ultrapassava o corpo de Jules. — Quem é esse?

— Sim, em breve, — Jules se recompôs o suficiente para dizer. — E este é Kai...

— Estilista, — interrompi. — Nós estamos indo para a última prova dela depois que nós nos certificarmos que Gary tenha todas as suas coisas. Ele disse algo sobre pensar que deixou uma caixa em seu armário.

— Ok. Eu não vou atrasar você. Eu me lembro de como as coisas foram agitadas em torno do meu grande dia com Luis. E isso foi há muitos anos atrás, você sabe, — ela continuou, me dando um olhar sugestivo. — Aposto que as coisas estão ainda mais exigentes agora. Envie-me fotos, sim?

— Claro, Jean. — Jules fez a promessa falsa com genuíno pesar no olhar. Não por ela, não parecia. Mas por Jean. Por seu entusiasmo maternal pelo feliz para sempre dela. O que não aconteceria.

Com isso, Jules enfiou a chave na fechadura e moveu-se para dentro do pequeno patamar, mal grande o suficiente para se virar, fazendo meu corpo quase pressionar o dela antes que ela subisse a escada, passos abafados pelo horrível carpete marrom cobrindo os degraus.

Eu entrei em um espaço pequeno e apertado, pelo menos em comparação com o meu e o de Jules. Uma sala de estar ficava à esquerda, fundindo-se em um espaço de jantar que parecia se curvar em uma cozinha. À direita, você podia ver o azulejo branco de um banheiro, depois as portas no final do corredor. Uma aberta, uma fechada.

— Jules, — eu assobiei baixinho, fechando a mão em torno de seu braço, tentando puxá-la para uma parada enquanto ela ia para os quartos. — Ele poderia estar aqui, — eu disse a ela, insistindo para ela perceber que um homem encurralado era perigoso.

— Bom. Eu não terei que viajar muito para dar cabo dele, — ela me disse, liberando o braço, e correndo pelo corredor, entrando na porta aberta de forma imprudente.

Eu estava logo atrás dela, entrando para o que era o quarto principal. Não desocupado, mas vazio.

A cama king-size ainda estava lá, sustentada pela feia moldura de metal preta com a cabeceira da cama anexada. Havia lençóis na cama, mas sem colcha ou travesseiros.

Duas pequenas cômodas de madeira média flanqueavam os lados, cada uma com uma lâmpada combinando, mas nada mais.

Aposto que todas as gavetas estavam vazias.

Assim como a cômoda que Jules estava vasculhando freneticamente, puxando uma completamente para fora, largando-a descuidadamente no carpete marrom que parecia cobrir todos os andares do espaço, exceto o banheiro e, imaginei, a cozinha.

Não encontrando nada, ela entrou no armário, vendo nada além de cabides de plástico e de arame, algo que parecia fazê-la rosnar antes de se virar para mim,

— E quanto ao quarto de hóspedes?

— Ele sempre disse que era onde ele guardava todas as caixas extras.

— Você nunca esteve lá? — eu perguntei surpreso. Quem tinha quartos inteiros que você nunca tinha visto pelo menos?

— Não, — ela disse, os ombros caindo um pouco, parecendo finalmente ver a estranheza disso. Especialmente depois de namorar por mais de um ano, próximo de dois.

— Tudo bem, vamos dar uma olhada, — eu ofereci, indo para o corredor, deixando-a ir da frente de mim, abrindo a porta e procurando pelo interruptor na parede do quarto escuro.

Tive a sensação de que, assim que a luz acendeu, ela se arrependeu de ter encontrado o interruptor pra começar.

Porque uma coisa era saber que você tinha sido enganado por um vigarista.

Outra completamente diferente era ver tudo mapeado na sua frente em detalhes completamente inegáveis.

Não só foi enganada, como havia sido um longo jogo.

Ele não tinha acabado de conhecê-la, chegado a saber que ela ganhava muito dinheiro, que ela tinha muito guardado, e *então* decidiu usar isso.

Não.

Pela aparência das coisas, ele a marcou um bom tempo antes que eles realmente se encontrassem oficialmente, que ele a tinha observado e estudado.

Inferno, ele a tinha visto de jeans e camiseta um ano antes que eu, alguém que passava todos os dias de trabalho com ela há anos.

Jules se moveu alguns passos para dentro, caminhando em direção a uma parede, me dando o perfil dela, o cabelo preso atrás da orelha, me mostrando os lábios entreabertos, os olhos arregalados.

Porque o que ela estava olhando era ela mesma.

Indo para o trabalho, voltando para casa muito mais tarde, indo para a academia, pegando comida, tomando um lanche com sua mãe, indo ao cinema com sua irmã.

Havia uma foto em uma vitrine em uma loja de animais.

Uma dela saindo do carro, a saia presa muito mais alta do que ela teria permitido que alguém mais visse.

Outra com ela sentada em seu carro no trabalho, as mãos segurando o volante, a cabeça apoiada no topo.

Apenas cansada, parecia a princípio.

Mas havia outra foto um momento depois, de ela olhando para cima, maquiagem escorrendo.

Forcei meus olhos para longe das fotos intermináveis, uma parte de mim querendo olhar, para ver todas as partes de sua vida. A outra parte de mim, entretanto, sabia que não era assim que ela queria que eu a visse, quando não estava ciente, quando ela não queria ser vista, em momentos fracos, em momentos comprometedores.

Eu me movi em direção a uma parede diferente, encontrei páginas escritas à mão, garranchos fazendo o trabalho de investigação real para descobrir o que estava escrito lá.

A primeira página tinha fatos básicos. Nome completo, endereço, trabalho, moradia conhecida.

O próximo tinha uma lista de todos nós. Junto com notas rabiscadas.

Eu bufei quando vi uma nota ao lado do nome de Gunner que dizia *sangue ruim. Por quê?*

Meu estômago deu um nó quando eu escaneei para o meu nome, sabendo que, se ele notasse a animosidade entre Jules e Gunner, ele sem dúvida pegou a situação comigo e com ela.

*Kai. Apaixonado por ela. Ela é alheia ou desinteressada. Pobre coitada.*

Era melhor do que eu esperava.

Minha cabeça virou por cima do meu ombro, vendo Jules ainda simplesmente esquadrinhando as fotos aparentemente intermináveis dela, tentando, imagino, entender tudo também.

Voltei para a papelada, imaginando que isso me daria muito mais do que qualquer uma das fotos daria.

A próxima folha que peguei foi uma informação mais aprofundada sobre Jules.

Altura. Peso. Tamanho de sapato. Preferências alimentares. Tamanho do sutiã. E, bem ali embaixo, uma lista diferente. Uma que eu não entendi até ler algumas das linhas.

Fantasias

O desgraçado escreveu uma lista das coisas que ela gostava, ou queria tentar, na cama.

Incapaz de evitar, minha mão se curvou onde eu estava segurando, amassando as palavras em uma bola apertada, esmagando na palma da minha mão, a raiva uma coisa bastante estranha e desconfortável enquanto percorria meu corpo, aquecendo minhas veias, minha pele arrepiando.

Eu engoli o gosto ácido na minha saliva, me forçando a ir para o próximo pedaço de papel, apenas encontrando pequenas anotações básicas da vida, pequenos detalhes sobre ela mesma que ela tinha dado a ele, coisas que pareceram precisar se lembrar. Então ele poderia parecer o namorado perfeito e apaixonado.

Quero dizer ... até onde ele estava disposto a aceitar isso?

Se ele não tivesse entrado em sua conta bancária esta manhã, ele estaria totalmente comprometido? Casado com ela? Obteria seu nome em suas contas, então o dinheiro também seria dele?

Então a deixaria?

Inferno, deixá-la possivelmente grávida? Para criar um bebê sozinha?

Jules era uma pessoa cuidadosa, uma mulher sobre cronogramas. Ela teria se assegurado de que não houvesse surpresas antes do casamento. Mas ela também queria ser mãe. E provavelmente antes que ela ficasse muito mais velha. Eu apostaria que ela teria abandonado os contraceptivos e deixado a natureza seguir seu curso logo após o casamento.

Eu caminhei para a pequena mesa dobrável quadrada com uma cadeira combinando como uma escrivaninha contra uma parede, encontrando um montão de papelada que me fez de repente sentir que eu precisava colocar minhas coisas em ordem na minha própria mesa.

Puxei a cadeira, sentando-me, sabendo que isso ia demorar um pouco com o grande número de papéis ali.

Pedaços da correspondência de Jules

Um velho extrato bancário mostrando as economias que ela acumulou meticulosamente, tendo trabalhado para Quin desde que ele abriu. Cada maldito centavo disso foi muito merecido também.

E ele viu isso como uma maneira fácil de se estabelecer por alguns anos.

Havia outra folha de papel com seu garrancho, um monte de palavras aleatórias e combinações de números.

Exceto que nenhuma delas era aleatório.

O nome de solteira da mãe dela.

Aniversário da irmã dela.

O nome do golden retriever de sua infância.

Seu CEP.

Pela aparência das coisas, ele estava tentando descobrir o código de acesso dela por um longo tempo, anotando cada pedaço de informação que lhe era dado.

Eu não pude deixar de me perguntar o que realmente conseguiu, o que era certo, que partes do passado ela usava para proteger seu presente.

E porque hoje?

De todos os dias, por que e como ele tinha descoberto no que deveria ser o dia do casamento deles? Ela tinha dito algo para ele? Ou ele encontrou alguma coisa quando voltou para o apartamento que nunca havia notado antes?

Perguntas importantes, todas.

Quando terminei, empurrei a cadeira, movendo-me para ficar em pé, me virando para verificar Jules, ver se ela estava conseguindo processar a informação melhor do que tinha estado um momento antes.

Parecendo sentir o movimento, ela lentamente se virou de onde estava segurando uma foto de Gemma, a cabeça jogada para trás, rindo, tudo sobre ela irradiando luz e amor como tantas vezes fazia.

— Nunca foi real, — concluiu, com o tom vazio, sem qualquer emoção, apenas uma recontagem da situação como se não a envolvesse. E certamente não o coração dela. — O que é isso? — ela perguntou, empurrando o queixo em direção a minha mão, a que eu não tinha percebido que ainda estava segurando aquele pedaço de papel. Aquele que eu sabia que ela não queria ver. O que eu sabia iria despedaçar a calma dela.

— Nada, — eu me opus, me movendo para dar um passo para o lado enquanto ela avançava para mim.

— Não é nada. Se fosse nada, você não estaria tentando me proteger disso, — ela retrucou, me conhecendo talvez um pouco bem demais.

— Jules, essa coisa que ele escreveu... não é importante.

— É importante para mim, — ela especificou, levantando a sobrancelha, recuperando um pouco do seu espírito. O tipo que dizia que ela não pararia por nada para pegar o papel na minha mão, para ler o que eu tanto não queria que ela visse. — Dê-me o papel, Kai, — ela exigiu, entrando bem na minha frente, a mão estendendo-se, os dedos se curvando impacientemente. — Bem, — ela resmungou quando não entreguei. Sua mão fechou-se sobre a minha, os dedos se mexendo, pegando o pedaço de papel, puxando-o para fora do meu punho fechado.

Recostei-me contra a parede, expirando tão forte que quase soou como um suspiro enquanto observava Jules cuidadosamente desenrolar o papel, tentando achatá-lo para que a caligrafia horrível fosse mais facilmente vista.

Demorou um minuto.

Como aconteceu comigo.

Apenas repassar as coisas básicas, como o tamanho dela, que, embora invasivas, não era algo para se assustar.

Eu pude ver no momento em que ela percebeu o que a outra lista era.

Seus lábios se separaram.

Seus olhos se arregalaram.

Sua respiração simplesmente parou.

— Oh, meu Deus, — ela choramingou, parecendo perder qualquer força que a mantivesse de pé.

Ela lentamente afundou, joelhos batendo no chão.

Ambas as mãos ainda seguravam o papel, puxadas com tanta força que pareciam prestes a rasgar no meio.

Uma fratura começou no meu coração ante o completo e absoluto horror em seu rosto.

Porque se havia uma coisa que deveria ser sacrossanta, eram suas partes íntimas, as coisas que só deveriam ser compartilhadas entre parceiros. Porque você nunca daria isso a uma pessoa se não achasse que poderia confiar nela, que a valorizasse, que a respeitasse suficiente para mantê-la privada.

E aqui estava tudo, escrito em papel para qualquer um ver. Para ele analisar. Possivelmente usar contra ela. Usar para manipulá-la.

— Ei, — eu comecei quando abaixei na frente dela, sem ter certeza se tinha as palavras certas, mas sabendo que precisava tentar encontrá-las. Por ela. Por sua sanidade. Para tirar aquele olhar horrível do rosto dela. Minha mão alcançou o papel, puxando-o para longe, surpreso quando seus dedos permitiram, amassando a página de novo, soltando-a, e alcançando seu queixo, forçando seu rosto para cima, dando-lhe um segundo antes de seus olhos encontrarem os meus. — Ele é um vigarista. Isto é o que vigaristas fazem. Eles estudam você. Eles encontram informações sobre você.

— Ele *escreveu* isso, — ela sussurrou, tentando respirar fundo.

— Sim, Jules. Mas, eu acho, apenas para os olhos dele. Nada aqui implica que alguém além dele estava envolvido.

— E meus olhos. E *seus* olhos. — Sua voz fez aquela coisa de travar novamente, mas seus olhos estavam completamente secos.

— Eu parei de ler, — disse a ela, observando seus olhos se fecharem com força. — Não, olhe para mim, — exigi, dando-lhe um pequeno aperto no queixo.

— Assim que percebi o que era, eu parei de ler. Seus segredos são seus para manter, Jules. E eu nunca trairia você assim.

Ou simplesmente me conhecendo, ou ouvindo a sinceridade em meu tom, ou ambos, ela me deu um breve aceno de cabeça. — Eu sei disso, — ela concordou, deixando escapar um suspiro que fez seu corpo tremer com sua intensidade.

— O que está acontecendo aí? — eu perguntei quando ela apenas continuou sentada lá, olhando para o lado dela, mas não parecendo ver nada.

— Eu nem sei, — ela admitiu, e eu sabia que era outro golpe para seu orgulho dizer algo assim, para uma mulher tão segura se sentir tão perdida. — O que você está pensando?

— Estou pensando que não há nada aqui para continuar. Ele provavelmente pegou seus eletrônicos. Ele é meticoloso em sua pesquisa, então acho que ele seria esperto o suficiente para pegar qualquer coisa que apontasse para seus planos. Acho que precisamos de mais para continuar.

— Ele tinha um emprego, — ela sugeriu.

— Mas ele realmente tinha? — eu perguntei. — Ele fabricou uma vida inteira...

— Não, ele tinha um emprego, — ela insistiu. — Em um prédio. Eu estive lá. Eu o surpreendia com o almoço ou jantar quando poderia ficar longe por uma hora.

Isso fazia sentido, realmente.

Este foi um longo golpe.

Os golpes de Don Juan costumavam ser.

Demorava um pouco para ganhar a confiança de uma mulher.

Mais tempo para ter acesso às suas finanças.

Se ele não tivesse economias suficientes de um emprego anterior, ele precisaria se sustentar através do processo de pesquisa e implementação.

— O que ele fazia?

Para isso, ela soltou um bufo sem humor.

— Contabilidade, — ela disse, passando a mão frustrada através de seu cabelo.

— Vamos até lá? — eu perguntei, tentando manter meu tom mais leve, tentando impedi-la de ir muito fundo em um buraco enquanto ainda havia muito trabalho a fazer.

— Kai... — ela disse, balançando a cabeça.

— O quê? — perguntei, as sobrancelhas franzindo, não totalmente certo do que era esse tom de voz, com certeza eu nunca tinha ouvido isso antes nela.

Sua cabeça balançou novamente. — Eu não posso pedir...

— Você não está pedindo. Estou oferecendo, — eu a cortei, tom definitivo, não querendo que ela pensasse que havia alguma dúvida ou hesitação.

— Kai, é minha preocupação, não sua.

— Isso diz respeito a você, Jules, então também me preocupa.

Eu não me importava que talvez isso estivesse dizendo demais, mostrando minha intenção, provando que todos aqueles meses que eu representei um papel, que meus sentimentos estavam agora como sempre estiveram.

Observei, esperando para ver o reconhecimento, mas tudo o que ela me deu foi uma expiração lenta, fechando os olhos como se ela estivesse tentando encontrar alguma paciência ou força, ou a combinação dos dois.

— O que acontece se não encontrarmos nada em seu escritório também?

— Jules, se há uma coisa que aprendi trabalhando com Quin, e com todos os outros, é que há sempre alguma coisa. Ninguém é bom o suficiente para apagar tudo.

— Exceto Finn, — interveio Jules.

— Exceto Finn, — concordei. — Mas duvido muito que Gary seja quase tão bom quanto Finn. Haverá algo em algum lugar para avançar.

— E então o que?

— Então nós seguimos a pista.

— Pode demorar um pouco.

— Sim, poderia, — eu concordei.

— Você precisa trabalhar. Eu estou, ah, estou em minha lua de mel por três semanas. Ninguém vai notar que sumi. Mas você... você precisa estar lá.

— Eu preciso estar neste caso, — respondi, encolhendo os ombros. — Vou criar uma história para Miller. Ela vai acreditar.

Claro que ela acreditaria.

Porque ela nunca teria me achado mentiroso.

Senti uma pontada de culpa por ter que fazer isso, mas se algum dia tudo se revelasse, Miller entenderia.

— E se Quin precisar de você?

— Jules, querida, deixa eu me preocupar comigo, ok?

— Vou me preocupar também, já que sou o que está atrapalhando o seu trabalho.

— Ouça, o que está acontecendo com você é mais importante do que Quin talvez ficar chateado comigo, ok? Então pare. Esta é a minha prioridade agora. Você é minha prioridade agora. Então, vamos parar de falar sobre isso, e continuar trabalhando nisso. Certo? — eu perguntei, ficando de pé, estendendo minha mão para oferecer a ela.

Ela olhou para ela por um longo momento, as sobrancelhas franzidas sobre os olhos claros.

Quando tinha certeza de que ela ia recusar e ia se levantar sozinha, a mão dela deslizou na minha, hesitante no início, depois se enrolando com a minha, permitindo-me puxá-la com cuidado de pé.

— Certo, — ela concordou, dando-me um aceno de cabeça enquanto seus ombros se endireitavam, o seu queixo se erguia, sua coragem se mostrava.

E essa era a Jules que eu conhecia.

Mas, percebi, essa não era, como eu pensava, o quadro todo, a mulher inteira.

Talvez alguns se sentissem como se um sonho estivesse se quebrando ao perceber que a mulher que eles amavam era apenas uma parte de quem ela realmente era.

Mas tudo o que pude sentir quando saímos do apartamento foi excitação. Até prazer. Que havia mais para conhecer. Que havia partes dela que eu conheceria que os outros não conheciam.

Egoísta, talvez.

Mas é verdade, no entanto.

## *Flashback – 10 meses antes*

— Senhoras, — a voz de Kai quebrou o momento silencioso que Miller e Jules estavam desfrutando na sala de estar no segundo andar.

Miller vivia ali, estando de plantão pelo serviço, e imaginando se seria mais fácil ficar por perto caso ela fosse necessária. Jules estava limpando e reabastecendo a geladeira, como fazia algumas vezes por semana... sempre mantendo o local preparado no caso de clientes de emergência chegando e precisando de um lugar para ficar.

Miller tinha vindo, convencido Jules a tirar os pés dos saltos por alguns instantes, as duas sentadas no sofá falando sobre o próximo caso dela.

— Como você sabia que estaríamos aqui? — Miller perguntou, vendo a caixa de papelão com uma bandeja de café. E bem, o chocolate quente dele. Desde que isso era tudo o que ele bebia.

— Quin disse que você tinha chegado, — ele disse, entregando o café a Miller. — E Jules sempre reabastece nas noites de terça-feira, — acrescentou, dando a Jules aquele *olhar* que ele sempre dava a ela. Seu habitual olhar de cachorrinho, mas misturado com anseio e devoção. Ela pegou o café, dando-lhe o seu habitual olhar satisfeito, mas um pouco absorto.

— Você quer se sentar e se esquivar das responsabilidades conosco? — Miller sugeriu, acenando com a mão em direção à cadeira.

Kai olhou para ela, uma mistura de tentação e resignação ao seu destino. Um que o levaria claramente por todo o país para irritar um grande contrabandista de cocaína. Você sabe, apenas mais um dia no escritório para ele.

— Eu consegui um trabalho. Mas vocês, senhoras, se divirtam. E garantam que Gunner ou Finn as acompanhem mais tarde, — acrescentou, conversando com Miller sobre Jules. — Ela é muito teimosa para o bem dela às vezes, — ele acrescentou, indo para a porta, saindo tão rápido quanto apareceu, mas criando algo novo no ar ao redor delas, uma nova dinâmica, algo que Miller sentiu necessidade de comentar.

— Você não pode me dizer que não pensou sobre isso.

— Pensou sobre o quê? — Jules perguntou, dando um cheirinho no café com caramelo antes de prová-lo. Estaria perfeito. Porque sempre esteve. Era de Kai que elas estavam falando aqui. Ele sempre acertou seu pedido. Era assim que ele era.

— Sobre Kai.

— Sobre ele?

— Oh, por favor, — disse Miller, revirando os olhos. — Você tinha que ter pensado em dar-lhe uma chance.

— E por que eu faria isso?

— Você é uma mulher jovem e vibrante em um escritório cheio de caras de primeira qualidade, é por isso.

— Isso é trabalho, — insistiu Jules, como Miller imaginou que ela faria. Todo esse tempo, e ela nunca a tinha visto secar um dos caras. E eles eram todos atraentes. Mesmo se você não quisesse realmente pensar sobre isso. Por razões de trabalho ou, bem, de personalidade.

— Oh, me desculpe. Não é mais adequado para o trabalho ter uma vagina funcional? O que você faz, desparafusa antes de vir todas as manhãs? Por favor!

— Estou vendo alguém.

Agh.

Sim.

Gary.

Que ninguém, exceto ela, gostava.

O menino bonito com um bom currículo. E uma personalidade de merda.

Acho que há gosto pra tudo.

Quem era ela para julgar?

Ela não tinha tido um relacionamento real por... bem, ela nem tinha certeza.

— E daí? Você nem sempre esteve com ele. Me diga que você não considerou Kai. Especialmente por como ele é com você.

A isso, seu corpo recuou, mas Miller teve a sensação de que não era necessariamente por surpresa. Apenas choque. Que alguém mais havia notado? Ou a falta de decência para trazê-lo à tona?

Miller nunca foi acusada de ser completamente diplomática.

Chame isso de ser a única garota em um clube só de garotos. Ela absorveu completamente a surdez ao tom de sutileza há muito tempo atrás.

— Ele nunca disse nada nesse sentido, — insistiu Jules, as costas bem eretas.

— Certo. E você está morta, burra e cega, ainda por cima.

— Miller...

— Nada de 'Miller' como se eu estivesse sendo ridícula. Você é aquela que teve aquele homem atrás de você como se ele estivesse em uma maldita comédia romântica desde o dia em que você começou aqui. E você vai tentar agir como se não soubesse? — Miller perguntou, a cabeça balançando para o lado um pouco, atitude pura. — Ele é fofo, — ela insistiu. — Diga-me que pelo menos você vê isso.

— Ele é fofo, — Jules confirmou, como se tal coisa precisasse de confirmação. Dizer que Kai não era fofo seria como dizer que Gunner não era gostoso, apesar de seus sentimentos pessoais sobre ele.

— E doce.

— E doce, — Jules concordou.

— E engraçado, interessante, talentoso, educado...

— Sim, todas essas coisas também.

— Então qual é o problema?

— Não há problema, — disse Jules, sacudindo a cabeça. — Eu só... o trabalho é importante para mim. Eu nunca iria estragar tudo.

— Então você não pode tocar o *botão do diabo* <sup>4</sup>com a ideia de Kai em sua *cabeça* porque pode atrapalhar o trabalho? Boneca, de todas as habilidades variadas desses homens, a leitura da mente não é uma, — Miller informou a ela com um sorriso.

— Botão do diabo? — Jules se agarrou a isso, os lábios se contorcendo.

— Mhmm. E você sabe o que eles dizem...

— Não, o que eles dizem?

— Se você continuar tocando nele, eventualmente ele vem *gozar* da sua companhia.

---

<sup>4</sup> Devil's doorbell = Botão do diabo = clitóris.

A isso, ela deu uma gargalhada, um som leve e musical, que você não ouvia com frequência de Jules.

Exceto, claro, quando Kai estava tirando isso dela.

Ela deixou o assunto morrer, sabendo que, se ela se esforçasse muito, Jules iria se fechar, e ela nunca mais tiraria nada dela.

Além disso, ela conseguira o que queria.

Conseguiu que ela admitisse que Kai era fofo e interessante. E digno de atenção.

Se Miller a conhecia, e ela achava que sim, ela suspeitava que a única razão pela qual Jules nunca levava Kai a sério, a questão ética do trabalho à parte, era porque ele não preencheu os quadradinhos que ela tinha em algum lugar da mente.

Jules era toda sobre listas.

Inferno, mesmo depois de todo esse tempo, Miller ainda a pegou realmente checando uma lista diária de tarefas antes de ir para casa à noite.

Kai estava claramente falhando em alguns quadradinhos.

Era uma grande pena que ela fosse muito teimosa para perceber o quão divertido poderia ser com um cara que parecia completamente errado para você no papel, mas era tão certo na vida real.

# 4

Jules

Eu gosto da Miley Cyrus.

Aí.

É loucura

E não a Miley Cyrus fria, nervosa e nua em uma bola de demolição, lambendo vários objetos com um corte de cabelo curto.

Quero dizer, a garota Miley americana, de botas de cowboy em uma carroceria de caminhão cantando *Party in the USA*.

Eu talvez até tenha dançado junto.

Ok, certo.

Eu certamente dancei junto.

E aliás, cantei na minha escova muitas vezes.

E a razão pela qual eu estava pensando isso no carro a caminho do trabalho do meu falso noivo, você pode estar se perguntando?

Por causa do homem sentado ao meu lado.

Veja, ele não sabia sobre o meu profundo e obscuro gosto pecaminoso por Miley.

Ele não sabia que eu devorava bolachas Ritz no meu carro quando estava estressada.

Ou que às vezes colava dois dos dedos dos pés juntos para evitar que eles doessem durante longos dias de trabalho em saltos.

Ou que às vezes eu tinha uma ligeira obsessão com a minha ferramenta de extrair cravos e espinhas, deixando meu rosto todo vermelho e manchado durante metade do dia enquanto se recuperava.

Ele não sabia de todas essas coisas.

As coisas bobas.

As coisas feias.

Ele viu uma pequena parte do quadro à distância. Não de perto, onde você poderia ver todas as pinceladas, todos os pequenos erros, todas as manchas.

Sabia o que todos pensavam, o que eles diziam quando pensavam que eu não podia ouvir.

Que Kai estava apaixonado por mim.

Eu não era cega.

Eu tinha visto o seu comportamento tipo paixonite desde que comecei a trabalhar para Quin.

Mas isso era o que era.

Uma paixonite.

Paixão adolescente.

Você não poderia amar alguém até que você soubesse tudo sobre ela. E ele não sabia tudo sobre mim. Ele conhecia apenas a superfície.

Dito isto, eu era apenas humana. Meu corpo reagia a coisas que minha mente não teve a chance de ponderar.

Então, quando ele ficou suave e doce, quando ele disse exatamente as coisas certas nos momentos certos, isso me impactou. Isso enviou um arrepio pela minha barriga. Isso fez aquela coisa de aperto no peito acontecer.

E hoje, hoje ele estava cheio das palavras certas, olhares certos, dos toques certos.

Mais certo do que qualquer outra pessoa poderia ter sido.

Ele era bom nisso.

Sabendo o que eu precisava ouvir.

Ele era bom nisso tudo.

Minha mãe era obcecada por um livro sobre as linguagens do amor, jurando que era a única coisa que ajudava a renovar seu casamento, quando... inevitavelmente, parecia... que começou a ficar um pouco sem graça depois de algumas décadas. E eu me sentei e ouvi ela falar sobre como meu pai mostrou amor através do toque físico e dando presentes, e que ela fez através de palavras de afirmação e toque físico. E a razão pela qual eles ficaram estagnados foi porque eles não “falavam a mesma língua”. Então, uma vez que eles aprenderam a falá-la, tudo mudou.

Porque eu tinha ouvido falar muito sobre isso, tinha essa capacidade automática de vê-lo em todos, mesmo que não tivesse certeza de ter acreditado.

E Kai?

Kai mostrou amor de todas as formas. Afirmações, toque, tempo, presentes e serviço.

Foi muito.

Tão incrivelmente muito.

Talvez até demais.

Mesmo se eu realmente acreditasse que ele me amava por mim, não alguma imagem que ele tinha de mim em sua cabeça, não tinha certeza se poderia aceitar tanto amor. Eu não tinha certeza se poderia segurar tudo.

— Jules? — a voz de Kai chamou, tirando-me dos meus pensamentos errantes, fazendo-me perceber que o carro estava parado, o motor apenas em marcha lenta. — Você quer que eu vá sozinho? — ele perguntou, interpretando mal o momento, minha ausência.

— Não, — eu me opus imediatamente, voz um pouco estranha. — Eles me conhecem. Eu posso entrar sem levantar muitas sobrancelhas.

— É um domingo, querida, — ele me lembrou. — Ninguém estará aqui, exceto talvez alguns guardas de segurança.

Certo.

O que havia de errado comigo que eu não tinha percebido isso?

Me senti como se o cérebro estivesse nessa névoa espessa e tóxica, como se nada pudesse rompê-la.

Eu odiava não estar concentrada.

Odiava me sentir como se estivesse para trás, freneticamente tentando recuperar o atraso.

Essa não era a imagem que eu queria projetar.

Eu trabalhei tanto para nunca parecer alguém despreparada, ou fraca para perceber as coisas.

Tem sido um longo dia.

E mal passou da tarde.

Estava exausta, fisicamente, emocionalmente e, vamos encarar... financeiramente.

Eu me sentiria melhor quando tivéssemos algumas respostas, uma vez que soubesse que a situação não era completamente sem esperança.

— Como você vai entrar então? — Me ouvi perguntar, observando o que só poderia ser chamado de um sorriso astuto em seus lábios, um olhar que dizia: *Qual é, Jules*. — Oh, certo, — eu disse, assentindo.

Então, era assim que eu me tornaria uma criminosa.

Que dia selvagem.

Se você tivesse me dito vinte e quatro horas atrás que tudo o que sabia ser: cuidadosa, segura, inteligente e obediente à lei, seria completamente arrancado de mim, eu teria dado uma boa risada. Provavelmente uma muito necessária. Mas também completamente descrente.

Mas lá estava eu, seguindo Kai até uma entrada lateral, observando-o abrir a tranca com um pé de cabra, levando-nos facilmente até uma escada até o andar que eu lhe disse que Gary trabalhava.

— E as câmeras? — eu ouvi minha voz preocupada perguntar quando chegamos à porta do andar.

— Essa não é uma grande operação. Eles provavelmente apenas olhariam se houvesse algo errado. Já que não estaríamos acionando nada nem pegando nada, não haveria razão para checá-las.

De repente, me senti tola pela ideia na cabeça de um cara sentado no porão, cercado por meia dúzia de câmeras de segurança, uma mão posicionada ao telefone, pronto para chamar a polícia, e nos levar presos por invasão.

Talvez essa fosse uma situação que nem mesmo Quin consiga tratar.

Acho, tanto quanto sei, que ainda havia muito a aprender.

Espero que não seja diretamente.

Eu tinha um monte de manias.

Vício em adrenalina não era uma delas.

E, eu estava convencida, tinha que haver uma parte que foi atraída para isso para poder viver o estilo de vida que Quin e sua equipe viviam. Até pessoas como Finn e Kai, das quais você nunca pensaria isso normalmente. Eles foram atraídos para isso não só porque Finn tinha uma habilidade para limpeza e Kai tinha uma habilidade inata de persuadir as pessoas em qualquer situação.

Eles viviam suas vidas constantemente flertando com o perigo, com ameaças de pessoas más e ‘caras maus’ em medidas iguais.

Uma mão se fechou ao redor do meu pulso, gentil, mas insistente, me puxando para frente, mais uma vez me fazendo perceber como estava no meu pequeno mundo enquanto ele me puxava para um corredor, levantando a mão para mim, silenciosamente me perguntando para onde estávamos indo.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo até que minha mão se moveu sozinha, até que deslizou para cima, encontrando sua palma, seus dedos, enrolando-se por instinto, por impulso. Debaixo da minha, sua mão se contraiu, quase como se ele fosse se afastar antes de sua mão se enroscar na minha, os dedos entrelaçados, apertando com mais força.

E lá estava novamente.

A coisa do peito.

Eu respirei fundo, tentando passar por ele, quando me virei, puxando-o comigo pelo corredor em direção ao escritório de Gary, soltando sua mão assim que entramos, sentindo a estranha necessidade de me livrar da sensação, como um formigamento, uma corrente de choque elétricos sobre a superfície da minha palma.

Kai passou por mim, a cabeça abaixada, a mão abrindo e fechando algumas vezes enquanto ele passava pela mesa de Gary, imediatamente começando a trabalhar em seu computador.

Deixada me sentindo inútil, uma das mais odiadas sensações que eu estava familiarizada, andei em torno da sua sala, levemente irritada quando cheirava como ele, procurando por coisas que talvez não tivesse percebido antes, tão apanhada em meus próprios sonhos e ambições para nós como um casal, que fui cega para os sinais de alerta.

Não havia fotos.

Mas, para mim, isso não era incomum.

Ninguém no escritório tinha fotos pessoais em suas mesas ou paredes.

Havia um paletó num gancho atrás da porta. Fui até lá, sentindo os bolsos enquanto Kai clicava no teclado.

Eu encontrei um recibo da gasolina, outro do café que ele me trouxe uma tarde. Sem o caramelo que ele sabia que eu queria. Havia duas moedas. E um isqueiro.

Isqueiro.

Meu Gary não fumava.

Isso teria sido um problema para mim.

Mas assim como o Gary do Computador usava óculos, acho que o Gary do Escritório fumava.

Apenas mais uma falsidade, mais uma razão para me desmoralizar um pouco.

Quero dizer, como poderia ter acreditado nele quando ele disse que cheirava a cigarro porque ele tirava a folga do lado de fora com as pessoas no escritório que fumavam? Quão ingênua eu poderia ser?

— Não tão inteligente quanto ele pensava que era, — Kai murmurou, chamando minha atenção, fazendo-me girar para encontrá-lo rolando com uma mão enquanto escrevia com a outra, um talento que eu absolutamente não possuía, e definitivamente invejava um pouco.

— Você achou alguma coisa?

— Alguma chance de vocês terem pensado em Connecticut para um destino de lua de mel? — Ele perguntou, sorrindo sobre o olhar de sobrancelhas erguidas que eu lhe enviei. Quem ia para Connecticut para sua lua de mel? — Então eu acho que nós temos algo. Me dê mais um... sim, — ele declarou, assentindo. — Ele estava olhando para um novo empreendimento residencial sendo construído. Acho que ele está de olho no Estado da Noz-moscada.

— Estado da Noz-moscada, — repeti, contorcendo os lábios. — Você está inventando isso.

— Não. Não é o oficial, mas é amplamente usado, — ele declarou, anotando um endereço antes de desligar o computador. — Então... vamos lá?

Havia realmente uma escolha?

Eu precisava saber.

Kai nunca me deixaria fazer isso sozinha.

E, francamente, com a minha cabeça desorganizada, era reconfortante ter alguém por perto que pudesse manter a sua centrada.

— Paradas por saladas e uma mala? — Ele sugeriu quando eu fiquei lá, processando.

— Ah, sim. Você não precisa...

— Tenho algumas roupas na minha mochila, — ele declarou. Porque, bem, claro que ele tinha. Todos no escritório tinham uma mochila cheia. Em caso de viagens de última hora para fora da cidade.

— Qual é a distância? — Perguntei uma vez que estávamos a salvo no carro, sem fotos embaraçosas e coletas de impressões digitais em nossos futuros.

— Cerca de duas horas e meia. Nada mal. Poderíamos estar lá bem antes do anoitecer.

Com isso, voltamos para o meu apartamento.

Kai embalou novamente as saladas enquanto eu jogava algumas coisas em uma mala, para o caso de precisarmos passar a noite. Foi só quando estávamos na estrada novamente, desta vez para uma viagem prolongada, que a mão de Kai foi pegar algo em seu porta-luvas, puxando um iPod vermelho, conectando-o, depois tocando-o com dedos hábeis, já que ele nunca tirou os olhos da estrada.

Você poderia ter me derrubado com uma pena quando uma voz muito familiar cresceu nos alto-falantes um momento depois.

Meu olhar foi para o perfil de Kai, examinando-o por um longo momento enquanto Miley começava a cantar *Hoedown Throwdown*.

Achei que era um acaso quando fiquei sentada lá, olhando pela janela.

Mas quando Miley fez a transição para Britney e depois Britney para Nikki, eu me vi virando, observando-o por um longo momento até que ele dar seta, virando-se para mim. — Tudo bem?

— Esta é minha playlist. — Saiu como uma acusação. Talvez tenha sido. Porque ele tinha minha playlist. Como ele tinha minha playlist pessoal? *Por quê?*

— Sim, — ele disse simplesmente, assentindo.

— Por que você tem minha playlist? Como?

— Eu sigo você.

— O que? — eu me ouvi perguntar, o tom um pouco ríspido.

— No Spotify, — ele especificou. — Você faz as melhores playlists.

— Mesmo? — eu perguntei, desconfiança clara na minha voz. — Então você é um grande fã de Miley, hein?

Para isso, ele bufou. — Não. Mas eu imaginei que sua playlist *Vamos lá, Alegre-se* era necessária agora. Se eu tivesse minha escolha, estaríamos ouvindo Billy Joel Acalma o Espírito.

— Você memorizou minhas playlists?

— Apenas algumas.

Como eu tinha pelo menos três dúzias, não eram muitas. Mas ainda assim... estranho. Surpreendente. E, para ser perfeitamente, cem por cento honesta... quase um pouco assustador.

Não porque achei que era assustador, que Kai era algum tipo de perseguidor.

Mas por causa do que isso significava.

Isso significava que ele *via* mais do que eu percebi.

Isso significava que ele viu algumas das minhas partes bobas que, do lado de fora ninguém conseguia ver.

E ele não parecia me ver de forma diferente por causa delas.

— Quer algo diferente?

Estendi a mão para o iPod que ele me entregou, percorrendo as playlists sobre as quais eu havia me debruçado, tentando fazer com que cada uma ajustasse um clima, evocasse um sentimento.

O que eu realmente senti necessidade em minha alma era *Sons de Tristeza*. Mas eu não queria que isso me alcançasse, libertasse os sentimentos ruins, onde alguém poderia ser capaz de vê-los.

Então eu escolhi *Partir à Deriva*, algo para relaxar em casa com um pouco de vinho, apenas relaxando depois de um longo dia.

— Esta é a minha favorita, — declarou Kai, surpreendendo-me, sempre tendo pensado nele como um tipo de música animada.

Acho que não o conhecia tão bem quanto pensava.

Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

E em um dia em que havia muitas coisas para se sentir, optei por não sentir nada.

Era uma técnica de sobrevivência.

Eu não tinha certeza se poderia lidar com tudo isso se eu deixasse isso me dominar.

Então peguei tudo, juntei e tranquei. Para ser tratado mais tarde. Quando estivesse sozinha. Quando ninguém estaria por perto para ver o colapso. Quando ninguém iria me observar varrer meticulosamente os destroços.

Porque eu não era capaz de deixar alguém ver, ou especialmente me ajudar a limpar, minha bagunça.

— Então é isso que o meu dinheiro está comprando para ele, — murmurei quando entramos na vizinhança com uma fileira de moradias completamente acabadas, modelos de exposição, e cerca de uma dúzia de casas semiconstruídas.

— Não, se pudermos evitar, Jules, — Kai me consolou, o otimismo talvez de alguma forma irritasse meus nervos. Porque, às vezes, você só queria ouvir alguém dizer *‘quer saber? Você está certa. Isso é uma merda’*. Então, novamente, eu estava no meio de uma crise existencial. Não estava pensando como eu pensaria normalmente. Porque normalmente eu estaria traçando, planejando, criando listas, dividindo um problema maior, aparentemente impossível, em partes menores e mais fáceis de manusear. Certamente não estaria sentada no banco do passageiro apenas observando o mundo passar por mim.

Eu não sabia quem era esta eu, mas não conseguia sacudi-la.

— Acho que este é o escritório, — disse Kai, dirigindo-se a um trailer com um trio de carros ao lado e uma placa que dizia ‘Aberto’ na porta.

— Qual é o plano? — eu me ouvi perguntar.

— Nós procuramos quem está no comando. Então perguntamos a ele sobre Gary.

Eu não questionei, não exigi mais detalhes. Como quem diríamos que éramos. Por que diríamos que estávamos procurando por Gary.

Só saí do jipe, segui Kai para dentro e o deixei falar.

Mais uma vez, não era típico de mim.

Eu gostava de estar no comando.

Eu gostava de saber que meu destino estava todo nas minhas mãos.

Talvez simplesmente não tivesse energia.

Talvez simplesmente confiasse em Kai.

Mas, qualquer que fosse a razão, fiquei ao lado de Kai enquanto ele falava com a mulher, chamada Abby, que tinha mais ou menos a minha idade, sentada

na escrivaninha com longas unhas de acrílico em uma cor roxa brilhante da qual eu não conseguia desviar o olhar.

E eu não disse nada.

Assim como quando fomos informados que o gerente, Ron, tinha acabado de sair, e que ele não estaria de volta até o dia seguinte.

Kai disse algo com aquele seu sorriso, que fez a moça passar de simpatia profissional para paquera, me dando um outro vislumbre de como ele era bom em seu trabalho.

— Nós voltaremos amanhã, — interrompi, sem me importar em cortar a frase de Kai, minha voz um pouco aguda. — Você está pronto para ir? — eu perguntei, fazendo as sobrancelhas de Kai franzirem, tentando ler minha reação.

Eu não achei que ele teria muita sorte.

Desde que eu mesma não entendia.

Certamente não sabia o que me fez pegar sua mão novamente. Mas fiz isso. E comecei a puxá-lo comigo para a porta.

— Nos vemos amanhã, — eu disse para a garota na mesa antes de puxar Kai para fora, arrastando-o comigo de volta para seu jipe.

— Jules, — Kai chamou, estendendo a mão livre de repente quando eu peguei a maçaneta, pressionando-a na porta, segurando-a fechada, forçando-me a virar para ele. — Respire, — ele exigiu, surpreendendo-me, me fazendo perceber que eu mal respirei por vários segundos. Ele esperou, me observando respirar fundo, depois soltar devagar. — Ok. Agora, o que está acontecendo?

— O que você quer dizer?

— Você não... está agindo como você mesma.

— Você mal me conhece, — eu declarei, lábios derramando a mentira como veneno, querendo tirar o foco de mim e jogar sobre ele, não importando o quanto isso fosse injusto.

— Tudo bem, — ele disse, assentindo. — Você quer voltar aqui amanhã?

— É a única pista que temos.

— Tudo bem, — ele concordou, algo em seu tom que tinha certeza que eu não tinha ouvido lá antes, algo que era parecido com frustração. Mas isso parecia improvável. A única vez que o vi frustrado foi uma noite que ele entrou no

escritório espancado. — Você quer voltar para Navesink Bank e dirigir até aqui amanhã ou arrumar um hotel?

Seriam algumas centenas que eu realmente poderia economizar.

Mas era estúpido dirigir duas horas e meia de volta a Navesink Bank.

Além disso, não tinha certeza se estava pronta para voltar para o meu apartamento, para encarar todas as falsidades que encontraria dentro daquelas paredes.

Eu simplesmente não conseguiria.

Tanto quanto machucou meu ego admitir isso, mesmo apenas para mim mesma.

— Provavelmente é inteligente ficar por aqui, — eu disse a Kai. — Você quer que eu procure... — Eu comecei, tão acostumada a fazer as pesquisas para todos no escritório que automaticamente peguei meu telefone.

— Pode deixar, — ele me disse, abrindo a porta, me deixando entrar enquanto pegava seu próprio celular. — Apenas um na área, — ele declarou, sentando-se, jogando o telefone no porta-copos.

E com nada mais, ele nos levou do empreendimento semiconstruído para o hotel.

Sem dizer nada.

Eu nunca iria acusar Kai de ser irritantemente tagarela, mas ele geralmente tinha algo a dizer, alguma maneira de manter uma conversa. Mesmo em situações difíceis e tensas. Que é como isso mais se parecia, para ser perfeitamente honesta.

Ou talvez fosse só eu.

Eu certamente me sentia estranha e tensa.

Embora a tensão pudesse ser minha velha amiga, nunca tendo sido realmente capaz de relaxar completamente, sentir-me *estranha* era uma sensação inteiramente nova.

— Você está quieto, — comentei, incapaz de aguentar mais, querendo o meu velho Kai de volta, aquele que teria feito comentários sobre a cidade, sobre a música, contando piadas. Alguma coisa. Qualquer coisa.

— Só pensando, — ele respondeu, não ajudando a situação.

Porque agora eu não conseguia me impedir de exigir o que ele estava pensando.

— Sobre o que?

— Estratégias. Planos. Esse tipo de coisa.

— Bem, sou o tipo de garota para estratégia e planos.

— Normalmente, sim. Mas hoje, acho que você é o tipo de garota sentada no banco do passageiro que se perde em seus próprios pensamentos.

Ele não estava errado.

Mas esse era exatamente o problema.

Eu não queria me perder em meus próprios pensamentos.

Assim que aquelas palavras começaram a subir pela minha garganta, por cima da minha língua, estávamos chegando ao estacionamento de um hotel de estuque branco de cinco andares com uma saliência para manobrista.

Manobrista.

Meu olhar foi para o perfil de Kai enquanto ele nos dirigia para baixo, imaginando se este era realmente o único hotel na área... ou se era o único em que ele pensava que eu estaria disposta a ficar. Porque tinha que haver um em algum lugar menos caro, um desses hotéis longos e baixos fora da rodovia onde você pode pegar percevejos ou uma DST simplesmente entrando nele.

Mas antes que eu pudesse perguntar se havia outro lugar, ele estava saindo, correndo ao redor do capô para superar o manobrista para a minha porta, abrindo-a para mim.

Gary não tinha sido muito de abrir portas.

E, para ser honesta, foi uma das minhas maiores irritações sobre ele. Isso nem sequer passava pela cabeça dele quando minhas mãos estavam cheias, ou quando estávamos todos bem vestidos e indo para um restaurante chique.

Talvez não devesse ter me incomodado. De todas as mulheres. Desde que me orgulhava tanto de ser independente, de cuidar de mim mesma de todas as formas possíveis. Então é claro que eu poderia abrir minha própria porta.

Eu acho que era simplesmente que não tinha nada a ver com sexismo ou feminismo ou qualquer coisa assim. Eram apenas boas maneiras básicas. E esse sempre foi um dos meus requisitos.

Mas desde que ele era bom sobre a maioria das outras coisas, eu deixei passar. Mesmo que isso me incomodasse.

Kai buscou nossas malas, nos levando para o hotel sem dizer nada ainda.

O saguão era tão espaçoso quanto você esperaria com o quão gigante era o lugar, todo em creme e champanhe, com toque ocasional de cobre.

Eu estava ocupada demais admirando o enorme lustre de vidro pendurado sobre o centro do espaço, e talvez me perguntando como diabos alguém limpava tal coisa, quanto mais trocava as lâmpadas, para perceber o que Kai estava dizendo para a linda morena no check-in.

Isso foi até eu ouvir três palavras.

— Apenas um quarto...

Minha atenção se voltou para ela, encontrando-a focada em Kai, e ele em mim.

— O próximo hotel fica a meia hora de distância, — ele me disse, encolhendo os ombros, afastando-se de mim. — Apenas uma cama king, — ele acrescentou, não duas queens e está cheio como se poderia esperar.

Trinta minutos não era longe, não realmente.

E eu nem era quem dirigia.

Mas me sentia esgotada.

Como se não fosse capaz de manter meus olhos abertos para a caminhada até o elevador, muito menos ter que voltar para o carro quente, dirigir para um novo lugar, então ver se eles tinham alguma vaga.

— Nós vamos aceitar, — eu disse à garota, pegando minha carteira, só para ver Kai se antecipar. — Kai ... não...

— O quê? É uma despesa de negócios, certo? — ele perguntou, dando-me um sorrisinho travesso, sabendo que eu era quem lidava com os cartões de crédito da empresa, e que Quin apenas cegamente os assinava.

Não foi até que ela pegou e entregou de volta para ele que percebi que ele não tinha entregado um cartão da empresa, um que eu sabia ser dourado, uma vez que todos eles eram, mas um prateado que devia ser dele.

Eu deveria tê-lo reprimido.

Mas não consegui reunir energia.

Eu iria devolver o dinheiro.

Quando tudo isso acabasse, descobriria o custo do quarto e pagaria de volta. Mesmo que tivesse que discretamente colocá-lo em seu pagamento para impedi-lo de saber sobre isso, porque sabia que ele nunca aceitaria isso de mim.

— Vamos? — Kai perguntou, a cabeça inclinada para o lado, segurando duas chaves do quarto, esperando que eu mostrasse qualquer sinal de vida.

— Sim, — concordei, deixando-o me levar pelo corredor, até um elevador, depois até o quarto andar, descendo por outro corredor, e finalmente até a nossa porta.

Nós entramos no quarto do hotel, apenas o terceiro em que eu já estive na minha vida e, de longe, o mais legal. Não que isso deveria ter sido uma surpresa, dada a beleza do exterior, do saguão e até mesmo dos corredores.

Mas parecia que estava voltando para casa.

Tudo, do impecável, e inesperado, piso de madeira cinza, às mesinhas-de-cabeceira brancas e as cômodas cortinas cor de champanhe que contornavam o chão, combinava com o estilo que eu mais gostava.

Limpo.

Elegante.

Discreto

Meus olhos vagaram para a cama, grande o suficiente para dois, com certeza, mas de alguma forma parecendo pequena, mas com uma cabeceira bege tufada, lençóis bege e edredom branco puro.

Achei tranquilizador.

Tendo um *fraquinho* sobre as coisas estarem em ordem e limpas, a ideia de um edredom completamente branco dizia que a coisa precisou ser lavada, e muitas vezes, para mantê-la parecendo tão limpa.

Eu me virei para encontrar Kai me observando, e me vi querendo perguntar se era por *isso* que ele escolheu o quarto, porque viu as fotos online, e sabia que eu me sentiria em casa aqui.

Bem, em casa, sem todas as memórias feias ligadas a todos os itens espalhados.

De repente, fiquei muito estranhamente contente com o fato de que Gary odiava meus globos de neve, que eles ainda eram meus e só meus, que seu toque e sua voz não os tinham contaminado também.

Pelo menos isso era alguma coisa.

Eu poderia conseguir novos móveis, roupas novas, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre os globos de neve, sobre o significado e o apego por trás deles.

Então estava quase tolamente grata por ele odiá-los.

— Que tal eu ir procurar o jantar? — Kai sugeriu enquanto colocava nossas malas na cômoda ao lado da TV. — Tacos? — ele perguntou, esperando um sim automático. Porque, bem, saladas, tacos, frutas e aveia eram quase noventa e oito por cento da minha dieta. Eu fui criada para comer de forma saudável, mantive o hábito como adulta porque era o que estava acostumada, e porque me mantinha em forma sem ter que me matar na academia.

Não tinha, por sorte, hábito de comer movida pela emoção, nunca tendo aprendido o comportamento na minha juventude.

Mas só desta vez, sim, eu queria comer por meus sentimentos.

— Na verdade... você acha que teria alguma pizzeria nas proximidades?

— Pizza? — sua voz e o olhar em seu rosto combinavam. Surpresa. Confusão.

— Você gosta de pizza?

— Todo mundo gosta de pizza, — ele retrucou, o rosto suavizando. — Que tipo você quer?

— Cogumelo e cebola.

— Certo. Cogumelo e cebola. Eu voltarei em... meia hora.

Ele foi passar por mim, abrindo a porta antes que as palavras finalmente me escapassem.

— Kai...

— Sim? — ele perguntou, voltando-se quando eu o encarei também.

— Obrigada, — eu disse a ele, com a voz um pouco grossa.

— Pela pizza? Não precisa agrade...

— Não, — eu o interrompi. — Não apenas pela pizza. Por tudo.

Sua cabeça se inclinou para o lado, a orelha quase tocando seu ombro, os olhos suaves. — Não mencione isso, Jules.

Com isso, ele se foi deixando-me com a coisa de aperto no peito.

Tentando pensar em algo que não fosse isso, ou no fato de que meu parceiro nos últimos quase dois anos era um mentiroso e um vigarista, fui até o quarto, encontrando uma pequena cadeira bege ao lado da cama, sentei, olhando para fora da janela para o dia lentamente escurecendo.

Sem pensamentos.

Decidi não pensar em como Kai pediu a pizza, em como ele voltou com ela, em como ele a serviu em pratos que ele teve a iniciativa de pedir, em como comíamos em silêncio enquanto ele passeava inquieto pela TV, tentando passar os canais, eventualmente se estabelecendo em uma antiga reprise de *Golden Girls*.

Ele se mexeu um pouco desconfortavelmente em seu assento na beira da cama, parecendo inquieto com o silêncio constrangedor, mas disposto a permitir-me se isso era o que eu precisava. — Ei, Jules? — ele perguntou quando decidi que não poderia caber outra gota de gordura em meu estômago.

— Sim?

— Você falou com sua família?

Minha família.

Deus.

Como consegui esquecer-me de todos?

— Mesmo apenas uma mensagem, — ele me disse quando pulei na minha bolsa para encontrar o meu telefone. — Apenas diga a eles que você se explicará amanhã. Hoje tem sido louco o suficiente; não tenho certeza se você pode aguentar mais.

Meu orgulho queria que eu me opusesse a isso, insistir que poderia lidar com mais, poderia lidar com qualquer coisa que viesse no caminho. Mas, francamente, simplesmente não era verdade. E Kai sabia que era mentira.

— Sim, — eu concordei, mandando um texto para minha mãe e irmã dizendo que explicaria tudo depois que dormisse, para não se preocupar comigo. — Vou tomar um banho, — declarei, mexendo na minha bolsa para encontrar uma pequena garrafa de plástico.

— Que diabo é isso? — Kai perguntou, sobrancelhas franzidas.

— Alvejante e água.

— Você mantém alvejante e água em sua bolsa? Para quê?

— Para situações como essa, — sugeri, revirando os olhos um pouco.

— Eu quero saber que outros itens aleatórios você leva nisso? — ele perguntou, sacudindo o queixo para a minha bolsa ligeiramente grande. Mas tudo bem. Ela ainda estava na moda. Eu não tinha ideia do que eu faria se aquelas coisas da mini bolsa se tornassem a *coisa* novamente.

— Vamos apenas dizer, se o mundo terminasse amanhã, eu poderia viver por dez meses. Aproximadamente.

— Eu acredito nisso, — Kai disse quando fui para o banheiro, respirando fundo, lembrando-me que precisava continuar respirando enquanto esfregava a banheira, quando fechei o ralo, enchi-a com água fumegante, pus sais e aromatizante, enquanto lentamente tirava minhas roupas, sentindo-me estranhamente suja apesar do fato de já ter tomado banho duas vezes hoje.

Eu não tinha certeza se iria parar de me sentir como se houvesse um filme cobrindo minha pele, colocado ali por mãos que não me amavam como eu pensava que amassem.

Afundi na água, sentindo-a subindo até meu queixo, um arrepio passando por mim apesar da água excessivamente quente, porque um pensamento novo e surpreendente rompeu a névoa do meu cérebro.

Gary tinha essa *coisa*. Esta *preferência*. Este *fetice*, de certa forma.

Ele só gostava de fazer sexo por trás.

Ele só queria me foder quando não podia ver meu rosto.

Cristo.

Como diabos eu poderia ter deixado passar aquilo por tanto tempo? Aceitei isso, embora não fosse algo de que gostasse, e roubava a intimidade que eu tanto ansiava?

Por que dei tantas desculpas para ele ao longo do nosso relacionamento?

Quando me tornei tão complacente, tão disposta a me contentar com coisas que certamente não queria? Ou até mesmo gostava remotamente?

Ele me fodeu por trás porque não queria ver o rosto de seu alvo enquanto a usava da maneira mais desprezível possível.

Usada.

Era absolutamente como me sentia.

Talvez eu tenha me sentido assim toda vez que ele me tocou.

Talvez isso explicasse por que eu não conheci a sensação de um orgasmo por tanto tempo que tinha certeza de que esquecera como se parecia.

Talvez não fosse estresse, exaustão, uma posição que eu odiasse. Talvez não tenha sido essas coisas. Talvez porque uma parte de mim soubesse que algo estava errado, mas a outra parte de mim estava trabalhando tanto para suprimir esse conhecimento. Talvez ao suprimir isso, também tivesse suprimido o meu próprio prazer.

Minha cabeça bateu contra a porcelana com força suficiente para sacudir meus dentes.

Eu deveria estar com raiva dele.

Esse deveria ter sido o meu pensamento dominante.

Mas tudo o que podia penetrar era sobre mim.

Raiva de *mim mesma*.

Por não perceber os sinais.

Por me tornar alguém nesse relacionamento que nem sequer reconheci.

Alguém fraca, complacente, alguém disposta a dar tanto de si que perdeu pedaços, dos grandes, ao longo do caminho.

Com que diabos eu preencheria esses espaços?

Auto aversão?

Seriam essas minhas novas partes?

Seria tão fácil isso acontecer.

Sem esforço, realmente.

Isso tem acontecido com tantas mulheres, sem perceber, sem sequer serem parte do processo.

Eu tinha visto tantas mulheres, amigas, membros da família, clientes no trabalho, que se tornaram sombras de seus antigos egos depois que algo aconteceu com elas, algo de que não participaram, mas assumiram a culpa e a vergonha de tudo isso, independentemente disso.

Elas não viram isso acontecendo.

Mas eu poderia.

Eu poderia ver, sentir, e devia a mim mesma parar, preencher esses espaços com outra coisa, algo que melhoraria minha vida, não a destruiria.

Com o que eu poderia me preencher, isso ainda estava no ar.

Mais trabalho, provavelmente.

Alguns livros sobre os truques dos vigaristas, provavelmente.

Algumas horas incansáveis na academia tentando remover esses sentimentos que estavam exigindo sair da maneira mais ofensiva que eu poderia imaginar.

Lágrimas.

As que eu pisquei para conter implacavelmente, mantendo meus olhos fechados, pressionando as palmas das mãos nas pálpebras, recusando-me a deixar que elas caíssem mais.

Melhor deixá-las sair no suor.

A água salgada era água salgada.

Estava convencida de que elas eram intercambiáveis.

Ou pelo menos eu faria isso.

Porque eu com certeza não ia chorar sobre isso.

Por *ele*.

Eu não usava essa frase com frequência, mas parecia apropriado.

Que ele se foda.

Foda-se de todas as maneiras possíveis.

Ele tinha conseguido meu corpo, meu tempo, minhas esperanças, meus planos, meu *dinheiro*.

Ele não receberia mais nada de mim.

A água ficou fria antes que eu finalmente saísse, me envolvendo em uma toalha branca fofa que era longa o suficiente para quase roçar meus joelhos enquanto fiquei na frente do espelho, lavando meu rosto, escovando os dentes, seguindo a rotina.

*Quando a vida está desmoronando, anjo, cuide das coisas que você pode, minha avó costumava me dizer quando alguma pequena, ou grande, crise abalava a nossa família, deixando a maioria de nós se sentindo impotente. Lave o rosto, varra o chão, arrume a cama mesmo que tudo o que você vá fazer seja engatinhar de volta nela em uma hora. Crie uma ordem no caos.*

Isso, bem, isso eu poderia fazer.

Me cuidei, passando a loção que mantinha na minha bolsa, escovando meu cabelo para tirar os emaranhados, vestindo o short de seda cor rosa que eu

tinha embalado, apenas parando quando minhas mãos tiraram a camisola combinando.

Eu nunca tive que pensar muito no meu pijama antes, tendo morado em um quarto com minha irmã, depois sozinha na idade adulta, nunca tendo que pensar em coisas como sutiã e frio, tecido implacável contra meus mamilos.

Mas eu estava pensando no meu pijama agora.

Com uma única cama no outro quarto.

E Kai para compartilhá-la.

Eu estava pensando em como meu short se levantava um pouco atrás, criando uma coisa sexy e atrevida se eu não prestasse atenção. E que o corpete da minha camisola era decotado um pouco para mostrar o volume dos seios. Que o ar estava bombeando no cômodo. Não haveria maneira de impedir que meus mamilos se mostrassem sob a blusa de seda.

Braços nus, pernas nuas, um pouco da barriga.

Mas eu só tinha outra roupa para vestir.

Para o próximo dia.

Um vestido.

Não poderia usar um vestido na cama.

E tinha uma oposição moral a usar minhas roupas sujas do dia novamente depois do banho.

Eu tomei outro fôlego, puxando a camisola sobre a minha cabeça, deslizando-a no lugar, decidindo que iria apenas rolar para o lado de costas, certificar de que o cobertor fosse puxado para o alto.

Com isso, apaguei a luz, fui para o quarto e encontrei Kai escurecendo o lugar também, apenas deixando uma luz fraca sobre a porta.

Ele já estava na cama, com uma simples camiseta branca, um pouco solta ao redor de seu corpo magro. Eu tive esse desejo estranho de ver o cabelo escuro fazendo cócegas no colarinho. Nunca pensei que me ligaria ao cabelo de um colega.

A cama, grande o suficiente para três pessoas na verdade, parecia estranhamente apertada enquanto eu contornava o lado desocupado, puxando as cobertas para trás, subindo, sentando do meu lado como eu disse a mim mesma, vendo algumas luzes através das cortinas fechadas das janelas.

Foram dois longos minutos de nada, exceto pela ocasional porta estalando no corredor, o barulho discreto do elevador, os sons abafados de uma TV em outro quarto.

Eu odiava ouvir o barulho de uma televisão à noite, mas de repente desejei que Kai tivesse ligado, só para tornar as coisas menos estranhas.

Mas então ele finalmente quebrou o silêncio.

— Ei, Jules?

Eu tomei fôlego, sentindo que enchia meus pulmões para queimar, sabendo que sua voz suave frequentemente vinha com coisas que nem sempre queria ouvir.

— Sim?

— Não há problema em compadecer-se sobre isso. Eu sei que você está pensando sobre isso. Mas você precisa sentir isso também.

Meu corpo virou, enrolando no lado de frente para ele, encontrando seu olhar já em mim.

— Temo que, se começar a sentir isso, talvez nunca pare.

— E daí?

— Então... ninguém quer isso, — eu disse a ele, tendo certeza disso até a minha medula.

Ninguém me queria bagunçada.

Todos queriam a Jules fria, calma, senhora de si e responsável que pudesse lidar com o que você jogasse para ela, sem quebrar o passo.

Eles não me queriam desmoronando.

Nenhum deles.

— Eu quero, — Kai insistiu.

— Não, você quer...

Sua mão se moveu tão rápido que eu mal notei o movimento antes de sentir meu queixo preso entre dois dedos, chocando-me o suficiente para me fazer esquecer a frase.

— Um homem com quem você deveria passar o resto da sua vida, que você achava que te amava, com quem você compartilhava cada parte da sua vida, via você como nada mais do que um alvo, roubou tudo o que você trabalhou até o fim nos últimos anos, e depois deixou você no dia do seu casamento.

De alguma forma, ouvir isso, ouvi-lo de alguém que conhecia todos os pedaços feios, sabia o quão profunda a traição foi, deu-lhe forma. Tornou-se maior, mais real. Tirou-o do 2D raso, colocou-o em três dimensões cheias de detalhes brilhantes em Technicolor.

Ele quebrou as defesas, colocou buracos na parede atrás da qual eu estava tentando esconder tudo.

— Jules, querida, você tem que expurgar. Se você não fizer isso, vai te comer viva.

Foi isso.

Minhas defesas foram removidas impiedosamente.

As lágrimas inundaram e derramaram antes que eu pudesse detê-las.

Um gemido sufocado explodiu de mim espontaneamente.

Não foi um segundo antes de sentir as mãos se aproximando, me puxando para perto.

Kai rolou de costas, me puxando com segurança para o peito.

Um de seus braços foi ao redor dos meus quadris, me segurando perto.

Sua outra mão foi para o meu cabelo, remexendo suavemente os fios úmidos enquanto eu mergulhava em sua camiseta, enquanto meu corpo sofria com a intensidade dos sentimentos que ele dizia que queria que eu expurgasse.

Aposto que parecia muito com coração partido.

O que ele não sabia era que me segurava pela raiva, frustração, confusão, vergonha, constrangimento, medo.

Não houve nem uma gota de coração partido.

Porque o mais profundo, mais sombrio e feio segredo que eu nunca compartilharia com ninguém era o fato de que estava pronta para me casar com um homem por quem não estava apaixonada.

Nem mesmo um pouco.

## *Flashback – 18 meses antes*

Ele não era um viciado em trabalho por natureza.

Na verdade, seu trabalho nem sequer exigia isso.

Ele estava simplesmente destinado a intervir quando uma fala suave e seu tipo particular de charme fossem necessários. Para entregar notícias que ninguém queria ouvir. Para aterrar golpes metafóricos. Ocasionalmente os reais. Ou recebê-los. Isso acontecia menos do que você pensa, dado que sua presença geralmente significava que tudo que você dava a mínima estava indo para o inferno.

Ele também participaria dos casos de todos os outros se eles precisassem de uma mão.

Mas ele não era, de qualquer forma ou maneira, casado com o seu trabalho.

Então, por que ele estava de repente no escritório três horas depois, quando ele terminou seu arquivo em seu caso mais recente?

Sim, essa era a questão.

E a resposta?

Jules.

A resposta era sempre Jules ultimamente.

Por que ele estava feliz em rastejar para o trabalho ao raiar do dia?

Jules.

Por que ele estava feliz por voltar aos Estados Unidos depois de um trabalho quando normalmente era fã de viajar?

Jules.

Kai esticou o braço, soltando o cabelo, tendo notado algumas semanas atrás que ela estava estranhamente fascinada com ele, tinha a encontrado observando, encontrando seus dedos se enrolando em si mesma como se estivesse tentando se impedir de tocá-lo.

Havia muitas coisas que ele podia atribuir a ilusão quando se tratava da ruiva que, sozinha, impedia que o escritório pegasse fogo na maioria dos dias.

Essa não era uma dessas coisas.

Ele sabia disso.

Tinha visto muitas vezes para ter certeza.

Ela estava fascinada com o cabelo dele.

Então ele tinha, naturalmente, já que ele não tinha muitas outras cartas para jogar, jogado aquela. Sempre lembrando-se de soltar os fios do nó com que normalmente prendia, se ele estivesse próximo a ela.

A essa hora da noite, você normalmente encontrava Jules em sua mesa, digitando as anotações manuscritas que todos jogavam nela, quase nada mais do que rabiscos.

Se fosse apenas meia hora depois, seria tarde demais.

Porque então ela estaria se movendo sem descanso ao redor do escritório, limpando superfícies, endireitando revistas, carregando a máquina de café, seus saltos clicando implacavelmente enquanto ela fazia seus últimos rituais noturnos.

Jules era uma criatura de hábitos.

E ela ficava irritada se ele atrapalhasse seu processo de limpeza, tendo um método que ela não gostava de ter interrompido. Nem mesmo por ajuda.

Então, se ele a perdesse entre o ditado de anotações e o rolar de ombro, não conseguiria passar nenhum tempo com ela.

Talvez fosse patético da parte dele.

Observá-la.

Procurar por aberturas.

Saltar através delas quando elas se abrissem.

Inferno, ele até se sentia embaraçado sobre isso às vezes.

Mas o que você esperava fazer?

Quando você encontrava essa pessoa?

Aquela que entrou em sua vida como qualquer outra pessoa, de repente num dia, inesperadamente, mesmo inocentemente.

Apenas alterou sua vida inteira de maneira excitante.

Ele não podia nem dizer por quê.

Ela era linda, com certeza, mas sua vida lhe dava o luxo de ver inúmeras mulheres bonitas em um número incontável de países.

Bonita era tão comum quanto não bonita.

Mas era outra coisa.

Era algo que o fazia parar de respirar, achando o ar difícil de inalar por que de repente estava cheio de algo para o qual ele não tinha nome, algo que fazia tudo ficar lento, fazia um arrepio percorrer sua espinha.

E ele sabia.

Sabia como se soubesse que o sol nasceria no dia seguinte, como se soubesse que teria insônia depois de uma viagem à Austrália.

Ele sabia.

Era ela.

Única.

Era algo que ele não tinha planejado, mal tinha participado.

Aconteceu.

Ele estava junto de carona.

E que carona.

Então não se importava que parecesse fraco e patético, que parecesse um filhote de cachorro apaixonado.

Você fazia o que fosse preciso para passar algum tempo com a mulher com quem sabia que deveria estar.

Mesmo que ela fosse ignorante sobre a coisa toda.

Então ele parou na área de café, fazendo uma xícara para ela enquanto se endireitava um pouco antes que ela pudesse vê-lo e gritasse com ele sobre isso, e caminhou até a mesa dela, encontrando-a sentada lá, com a coluna sempre ereta. Ele nunca a tinha visto sequer desleixada neste escritório. Seus dedos longos e delicados, rematados com unhas rosa-claro perfeitamente pintadas, batendo implacavelmente em seu teclado, os olhos fixos no papel com a caligrafia bagunçada de Lincoln, em um ângulo em vez de linhas, como ele estranhamente fazia.

Ele avançou, colocando o café ao lado do que ela estava bebericando por uma hora, sem dúvida frio. Pegando uma cadeira da sala de estar, ele estendeu a mão para arrumar o organizador da escrivaninha, para colocar os papéis de volta dentro de suas pastas de arquivo, para jogar anotações enroladas no pequeno compartimento sob a mesa.

— Eu teria chegado a isso, — disse Jules, a voz suave. Não soava como um, mas ele sabia que era. Um obrigado. Às vezes, com Jules, você tinha que ler nas entrelinhas.

— Sim. Mas agora você não precisa, — ele respondeu, girando para encontrá-la já o observando. Ele sacudiu a cabeça para limpar uma mecha do olho, vendo os olhos dela observando o movimento enquanto seu cabelo se movia para trás.

Preocupada em ser pega, o olhar dela voou para o dele, os olhos um pouco mais largos do que o habitual.

Seu jogo de contato visual era geralmente forte.

Com todo mundo.

Com ele, porém, tinha essa tendência a deslizar, a flutuar, a encontrar outros lugares para pousar.

Mas naquele momento, se deteve.

E seus lábios se separaram.

E ele poderia jurar que havia algo em seu olhar, algo inconfundível, algo aquecido.

Algo que *sugeria* a ideia de que ela também o sentia, o que quer que fosse entre eles.

E uma sugestão, bem, ele poderia trabalhar com uma sugestão.

Ele respirou fundo quando a mão dele foi para o encosto da cadeira dela, enquanto seus dedos se curvavam, puxando-a levemente, fazendo as rodas trazê-la para mais perto, sua coxa roçando a dele.

Sua outra mão foi para a mesa, os dedos coçando para agarrar a mão dela, mas querendo ir devagar, sabendo que isso era delicado.

Quando seu olhar não fugiu, procurou outro alvo, as pálpebras ficando cada vez mais pesadas, ele se aproximou mais, o coração martelando sob as costelas com a antecipação, com a exatidão do momento.

— Aquele filho da puta, — a voz de Gunner gritou da porta da frente, de algum modo socando o código sem que eles ouvissem, tão perdidos no momento, fazendo os dois tremerem, voando para trás, o momento passado, a chance perdida.

Não havia palavras para descrever seu desânimo ante aquilo.

E a suspeita desconcertante de que ele não conseguiria outra chance.

— Eu vou rasgar a porra do seu pau, — ele acrescentou, passando pela mesa em direção ao seu escritório.

Kai respirou fundo, tentando encontrar uma voz que não soasse tão torturada.

— Fenway? — ele perguntou, olhando de volta para Jules, cujos olhos se detiveram por alguns segundos antes de se afastarem.

— Fenway, — ela concordou com um aceno de cabeça.

O tempo diria que ele estava certo.

Ele não teve chance novamente.

Ela começou a namorar alguém logo depois.

# 5

*Kai*

Ela chorou.

Incansavelmente.

Encharcando minha camisa, seu corpo delicado exaurindo-se forçosamente.

Diminuiu depois de um tempo, fungadas substituindo os soluços silenciosos.

Mas ela ficou.

Ela ficou lá no meu peito, o joelho dela pressionando minha coxa, a mão no meu ombro. Enrolada em um punho no início, então, enrolada em minha camiseta depois.

Ela ficou lá quando seu cabelo ficou seco remexido entre meus dedos, enquanto minha camiseta secava sob sua bochecha. Quando ela finalmente adormeceu.

Parecia que eu tinha esperado a vida inteira para tê-la como ela estava agora, no meu peito, descansando pacificamente.

Nunca me ocorreu especificar que a queria lá porque era onde ela queria estar, porque ela achava alegria ali.

Não porque ela estava machucada, quebrada, porque precisava de alguém para dizer a ela que estava tudo bem, que eles a manteriam inteira quando ela desmoronasse.

Independentemente disso, consegui algo que queria há muito tempo.

Abraça-la.

Mesmo se tivesse que fazer isso enquanto ela chorava por outro homem.

Uma coisa que não estava na lista.

Ela rolou para longe em algum momento nas primeiras horas da madrugada, se enrolando ao meu lado, seu traseiro se contorcendo contra mim quando se acomodou, me fazendo precisar respirar fundo algumas vezes,

lembrando-me que eu era um bom rapaz, não o tipo que via as mulheres sob as garras das crises pessoais como uma oportunidade.

Às vezes irritava ser o bom rapaz.

Às vezes você consegue bolas azuis e um buraco negro no seu peito.

Desmaiei, depois acordando sozinho com a luz que entrava pelas persianas abertas, fazendo-me soltar um grunhido alto, nunca tendo sido o tipo de pessoa que se levanta e vai em frente, preferindo dar um cochilo algumas vezes, para dar ao meu corpo a oportunidade de acordar devagar.

Jules, imaginei, não era da mesma opinião.

Eu podia ouvir ruídos atrás da porta fechada do banheiro, o deslizar de algo em cima do balcão, o clique aberto e fechado de alguma coisa. Produtos, maquiagem, algo. Então o som distinto de seus saltos no azulejo.

A Jules mais suave, menos reservada e sofredora se foi. Escondida atrás da Jules do trabalho.

Talvez eu devesse ter me sentido desapontado. Mas, por mais que gostasse da Jules desprotegida, gostava tanto da Jules do trabalho. Eu não senti a necessidade de escolher quais partes preferia. Eu gostava do pacote inteiro.

Levantando-me da cama, esperei enquanto ela passava pela sua rotina, percebendo um baixo zumbido de sua música provavelmente vindo de seu celular. Não Miley. Nem nada otimista como eu imaginava que ela costumava se animar toda manhã em preparação para seus longos dias. Soava baixo e sentimental. Como country. Que era mais uma peça do quebra-cabeça Jules. Eu nunca a teria imaginado como uma fã de música country.

— Oh, você está acordado, — ela declarou, parando brevemente ao me ver sentado ali esperando por ela.

Ela optou por embalar um vestido de trabalho simples que eu já a tinha visto algumas vezes antes, justo, mas não grudado, em uma profunda cor roxa berinjala. Eu sabia, sem ver, que tinha um zíper prateado exposto da bainha até as costas e entre as omoplatas. O corpete era bem alto - como quase sempre eram suas roupas de trabalho, indo direto para o peito, bem debaixo das clavículas. Seus pés estavam em um par de saltos nudes, casuais para seu padrão com apenas cerca de sete centímetros. Seu cabelo estava puxado para trás, como sempre, algo que deveria ter chamado a atenção para as pálpebras

inchadas, graças a todo aquele choro. Mas ela deve ter ficado tempo suficiente para usar compressas frias para diminuir isso. Seus olhos estavam tão brilhantes como sempre.

— Há quanto tempo *você* está acordada?

— Levanto por volta das cinco e meia na maioria dos dias.

— Cristo, — eu resmunguei com a própria ideia. — Por quê?

— Normalmente, poderia malhar, depois limpar, fazer café da manhã, tomar banho, me arrumar. Pegar café. Ir para o escritório. Não há tempo suficiente para tudo isso se eu acordar mais tarde.

— Você tem um dia cheio antes que a maioria de nós sequer acorde. Você sabe, a vida não explodiria se você decidisse se dar um pouco de folga, Jules. Mas, — eu continuei quando ela tentou me interromper, — você pode *implodir* se você não se aliviar um pouco.

— Trinta, — ela disse ao exalar.

— Desculpa?

— O plano é diminuir a velocidade quando eu completar trinta anos. Quando eu deveria estar casada, estabelecida em uma casa, e talvez me tornasse mãe.

— Planejar relaxar meio que anula o propósito. E, querida, isso ainda está a anos de distância.

— Bill Gates disse que não tirou um único dia de folga nos seus vinte anos.

Ela tinha um plano que disse *Forçar-se muito em seus vinte anos para que você possa relaxar em seus trinta*.

— O que faz aos Domingos? — eu perguntei, sabendo que ela tinha a maior parte do dia a menos que houvesse um grande caso. Ela parava no escritório pela manhã, mas geralmente só ficava algumas horas no máximo.

— Eu tomo um lanche com minha mãe e minha irmã. Então faço tarefas, pego minha lavagem a seco, limpo meu apartamento profundamente...

— Seu apartamento é imaculado. O que poderia exigir algo chamado 'limpeza profunda'?

Para isso, ela balançou a cabeça como se eu fosse ignorante. — Esfregar a geladeira, o forno...

— Mas você nunca está em casa para cozinhar.

Para isso, havia simplesmente um olhar de quase... desamparo.

Como se ela não pudesse evitar.

Como se ela precisasse limpá-lo profundamente mesmo que não usasse o forno.

Não é de admirar que ela e Finn sempre pareceram se dar bem, embora ela não tivesse forjado laços profundos com ninguém no escritório. Quando ele estava passando por um de seus *episódios* ou qualquer outra maneira politicamente correta de descrever sua tendência de TOC completo, e limpar até que seus dedos sangrassem a cada poucas semanas. Ela era a única capaz de acalmá-lo quando ele entrava no escritório para esfregar os dutos de aquecimento, o banheiro até que o cheiro de lixívia o deixasse tonto, seu escritório sem a sua permissão.

Na verdade, se ela estivesse fazendo uma tarefa para alguém, Quin a chamaria de volta para controlar Finn.

Porque ela o entendia.

Porque ela tinha um pouco de compulsão para limpar as coisas também.

— Você nunca fica sentada e relaxa?

— Eu leio antes de dormir ou enquanto o jantar está cozinhando ou esperando a entrega.

— Por que você não tem uma TV no seu apartamento? — eu perguntei, incapaz de me conter. Quem não tem TV? Mesmo apenas para assistir as notícias?

— Nós não tínhamos permissão para ter aparelhos eletrônicos nos nossos quartos enquanto crescíamos. Mamãe pensava que eles te deixavam burro se você passasse muito tempo na frente das telas. E é muito fácil perder horas ou dias inteiros com telas. Se eu realmente preciso assistir algo, eu vou no meu computador ou notebook. Mas eu normalmente não tenho tempo de qualquer maneira. Além disso, elas são feias, — ela acrescentou, dando-me um pequeno sorriso. — Você quer alguma coisa do buffet? — ela perguntou, indo pegar o cartão-chave.

— Traga-me o que for, — eu disse, saindo da cama. — Eu terei terminado enquanto você estiver fora.

Ela claramente queria se mexer. Eu não queria ter uma Jules frustrada na minha cola.

Com isso, ela fugiu enquanto eu tomava banho, voltando com tigelas de frutas, barras de granola, café para ela, suco de laranja para mim e, estranhamente, uma porção de bacon. Ao meu olhar interrogativo, ela encolheu os ombros. — Eu não sabia se a fruta e a granola seriam suficientes para você. — Comemos em silêncio, antes de ela se virar para mim, irrompendo: — O que vamos fazer, Kai?

— Sobre o quê?

— Sobre Gary. Se nós o rastrearmos. O que faremos? Eu não acho que ele vai educadamente entregar meu dinheiro. Não depois de todo o trabalho que ele colocou nisso.

— É o seguinte. Você se preocupe com as críticas que você vai jogar nele. Deixe-me preocupar com o resto. Ok?

Eu sabia que não era um pedido fácil, que para mulheres como Jules, pedir-lhes para confiar em você implicitamente era apenas pedir demais.

Então eu não estava exatamente esperando quando ela me observou por um longo momento apenas para assentir.

— Ok.

Com isso, voltamos para o canteiro de obras, encontrando o chefe, Ron, como previsto.

— O que eu posso fazer por você, boneca?

Eu resisti ao impulso de bater nele. Jules resistiu ao impulso de arreganhar o lábio. Mas por pouco. Nós dois entendemos o que estava em jogo aqui. Toda a sua poupança. Seu futuro do jeito que ela queria. Isso significava tudo.

Nenhum de nós arriscaria isso.

— Sim, na verdade. Você tem trabalhado com o meu noivo, — ela declarou, nada mais que um tremor em sua voz com a palavra. — Sobre a construção da nossa casa, — ela adicionou, pegando seu telefone, abrindo um protetor de tela que ela não tinha mudado ainda, ela e o idiota no píer, o cabelo balançando para trás, os dois sorrindo, o braço apertado em seu quadril.

— Ah, certo. Claro, — Ron disse, não perdendo o jeito esquisito que ele estava olhando para Jules. — Matthew. Ele nunca mencionou uma noiva.

— Oh, você conhece Matt. O tipo desligado em seu próprio mundo. De qualquer forma. Eu suspeito que ele não escolheu o piso e os balcões que pedi para escolher. Você se importaria de me mostrar? — ela perguntou, colocando toda a suavidade, algo que só eu, que a conhecia melhor, sabia que era totalmente falso.

— Você quer que eu apenas lhe mostre o livro? Ou gostaria de ir ver pessoalmente?

— Oh, seria ótimo ver pessoalmente. Se você tiver alguns minutos de sobra para mim.

— Querida, podemos levar o tempo que você precisar, — ele ofereceu quando a secretária digitou algo em seu celular. — Queremos levar o seu...

— Assistente pessoal, — eu disse. — Eu prefiro ficar aqui e pôr em dia os e-mails.

— Não vamos demorar muito, — Jules prometeu, apenas endurecendo quando a mão dele encontrou a parte inferior das costas para levá-la para fora da porta.

— Agh, homens, — declarou Abby, jogando o celular na bolsa. — Você coloca a tampa no pote de mel, e eles começam a ameaçar ir para outro lugar.

— Se ele usa infidelidade como uma ameaça, talvez ele não seja alguém que mereça seu pote de mel, — sugeri, observando enquanto ela assentia.

— Isso mesmo! Vou pegar um café. Você quer um? — ela perguntou, acenando pela porta aberta para o escritório de seu chefe, onde uma máquina Keurig foi instalada.

— Tem chocolate quente?

— Hum, — ela pensou, ficando nisso por um longo momento. — Talvez. Acho que pegamos alguns para o caso de alguém trazer os filhos deles. Vou procurar.

— Eu agradeço.

Ela mal tinha atravessado para a outra sala antes de eu estar em seu computador, fazendo uma busca rápida por “Matthew”.

Eu encontrei um número, tirei uma foto rápida e corri para voltar ao meu lugar antes que ela soubesse que algo estava errado.

— Você teve sorte, — ela me disse, entregando-me um copo de isopor fumegante e cheio até a borda com chocolate quente.

— Obrigado, — eu disse a ela, pegando a bebida e esperando. Esperando. Esperando.

— Posso dizer algo?

— Claro, — eu concordei, feliz por algo para fazer além de ouvir o tique-taque do relógio, imaginando o que aquela porcaria fedorenta estava dizendo a Jules, se ele colocasse a mão sobre ela novamente.

— Eu não sei se você tem um vínculo íntimo com sua chefe ou não...

— Somos bem próximos, — eu disse, esperando que isso desse a ela o empurrão que ela precisava para dizer o que quer que ela estivesse contemplando.

— É só... aquele noivo dela...

— O que tem ele?

— Bem, não há uma maneira legal de dizer isso. Mas... ele é um homem vil.

— Homem vil?

— Ele estava farejando. O peguei passando por alguns arquivos uma vez quando ele pensou que estava sozinho no escritório. E, bem, ele deu em cima de mim. — Ela se mexeu um pouco desconfortavelmente. — Eu sei que às vezes as mulheres não querem ouvir essas coisas de outras mulheres. Mas talvez ela acredite se vier de você. Se eu fosse ela, eu gostaria de saber.

— Eu vou ver se tenho alguma influência. Eu agradeço. Eu nunca gostei do cara também, mas achei que estava apenas sendo paranoico.

— Eu só *sabia* que ele não estava sendo honesto comigo, — declarou a voz de Jules quando a porta se abriu. — Ele pegou o azulejo do metrô! — ela me disse, fazendo sua voz soar exasperada, mas divertida mesmo quando seus olhos pareciam próximos de rolar na maneira como Ron se aproximava o suficiente para ela roçar sua bunda com o quadril enquanto ele passava.

— Bem, não se preocupe. Nós pegamos isso, querida. Vou fazer uma anotação sobre as mudanças. Vamos manter nosso pequeno segredo. Vocês dois podem ter essa conversa em particular.

— Eu realmente agradeço. Você tem sido muito útil. Eu dei a ele meu número para me manter atualizada, caso Matthew volte e faça quaisquer outras mudanças que eu possa não ter concordado.

— Boa ideia. Melhor ter a discussão agora do que ter que morar com o azulejo do metrô nos próximos cinquenta anos.

— Exatamente, — Jules concordou. — Você está pronto? Eu tenho essa reunião em uma hora.

— Sim. Tudo pronto, — eu concordei, dando um sorriso para a Abby. — Obrigado, — eu disse a ela, acenando a xícara, mas deixando a minha voz ficar grossa.

A maioria das pessoas teria mantido a boca fechada, deixaria que os sentimentos estranhos a respeito da situação simplesmente se transformassem em uma pequena porção de culpa que os incomodaria em momentos aleatórios. Ela não fez isso. Ela disse alguma coisa. O mundo precisava de mais pessoas assim.

— Agh, — Jules rosnou assim que ela se sentou, procurando um pouco frenética em sua bolsa até que ela pegou uma pequena garrafa verde de desinfetante para as mãos. — Eu preciso o suficiente disso para me banhar, — ela declarou, esguichando em suas mãos, em seguida, esfregando o desinfetante todo o caminho até os braços antes de trabalhar entre os dedos e palmas. — Eles fazem desinfetante para o seu cérebro?

— O que ele fez, Jules? — eu perguntei, o estômago revirando ante as possibilidades.

— Não há necessidade de ligar a voz ‘eu vou matá-lo’, Kai, — ela me disse, me dando um pequeno sorriso. — Ele foi apenas o traste versátil. Tentou o que ele pensou que poderia se safar. Fez alguns comentários grosseiros sobre recém-casados arrombando sua casa. Nada muito louco.

Meu estômago aliviou quando entreguei meu telefone a ela. — Eu consegui o número dele. E a secretária disse que ele era um idiota e maníaco. Ela queria que eu visse se eu poderia convencê-la disso antes que você passasse pelo casamento.

— Todo mundo viu, menos eu, — resmungou Jules, olhando pela janela lateral antes de parecer se livrar do clima sombrio. — E agora?

— Agora eu tenho o número rastreado. Se ele fizer uma chamada, ele vai sinalizar a torre de celular mais próxima. Então podemos encontrá-lo.

— Se ele fizer uma ligação.

— Ele vai fazer uma ligação.

— Mas quem sabe quando, certo?

Infelizmente, ela estava certa. A parte do trabalho de espera da pessoa vir à tona era a mais longa e frustrante. Talvez ele ligasse enquanto dirigia, sinalizando uma torre de uma cidade ou condado longe de onde ele estava instalado. Você nunca sabe realmente.

— Fazemos assim... nós já perdemos o check-out de hoje. Podemos ficar aqui mais uma noite, ver se ele liga, estamos perto, podemos rastreá-lo. Espero encontrá-lo. Se não, vamos voltar e esperar. Isso não é uma questão de se, Jules, apenas quando. Nós vamos encontrá-lo.

— Tudo bem, — ela concordou, dando-me um breve aceno quando descemos a rua em direção ao hotel.

— Jules?

— Sim? — ela perguntou quando voltamos para o quarto.

— Você precisa ligar para a sua mãe, — eu a lembrei, observando enquanto ela se movia em um tipo de dormência.

Jules com raiva, chateada, até a decidida eu poderia lidar. Esta? Este robô frio e desapegado? Isso estava me incomodando. Me preocupando.

Porque seria muito fácil.

Deixar essa parte dela se tornar tudo dela.

E isso seria uma maldita tragédia.

Sua mãe e sua irmã seriam boas para ela, a agitariam, tornando difícil... se não impossível... manter a fachada. Mesmo que ela não lhes contasse a verdadeira história, ela teria que contar-lhes o suficiente para convencê-las, para aumentar sua indignação, para forçá-las a sentir alguma raiva ou desapontamento, ou algo, qualquer coisa dela.

— Oh, certo, — ela disse, balançando a cabeça, pegando seu telefone, olhando para o protetor de tela por um longo momento, o rosto completamente vazio, antes de pressionar o dedo no botão da trava para destravá-lo, depois percorrendo os contatos. — Vou passear pelo estacionamento, — ela me disse, já

se movendo em direção à porta, não querendo compartilhar essa parte de sua vida comigo, algo que eu não tinha o direito de me sentir ferido, mas encontrei-me ferido assim mesmo.

Então me espelhei nas atitudes dela.

Fui que me ocupar.

Estava nisso apenas trinta minutos quando meu celular começou a tocar do seu lugar na mesa de cabeceira.

Nem precisei olhar.

Eu sabia que era Miller.

— Ei, Miller.

— Você perdeu uma festa infernal, — ela declarou, a voz áspera como sempre acontecia quando ela bebia demais. O pai de Jules tinha pago um bar aberto. — Lincoln tentou dar em cima de duas primas de Jules. Ambas tinham o seu número. E numa versão curta, ele acabou com as calças em torno de seus tornozelos, amarrado a uma árvore na floresta sendo cortejado por uma raposa curiosa. Enquanto Finn limpou os pratos como parte da equipe de garçons. E, milagre de todos os milagres, se me perguntar, Sloane levou Gunner para dançar com ela. Dança *lenta* com ela.

— E você teve muitos copos de tequila?

— Muitos copos de tequila? Eu não tinha planos de acabar nua em uma pista de dança, que ambos sabemos que seria de alta probabilidade se eu tivesse muita tequila. Smith e eu tomamos uísque. Ranger até apareceu um pouco, se mexendo desconfortavelmente em seu assento como o homem da montanha recluso que ele é. Ele não tinha recebido a notícia de que o casamento foi cancelado. Então, o que segurou você? Eu pensei que você fosse tentar vir.

— Recebi uma ligação. De Bellamy, — eu improvisei.

— Oh, — ela exalou, soando repentinamente séria. — Ele está reconsiderando a oferta de Quin? — Ela perguntou, sabendo o quão obstinado Quin perseguira Bellamy, que era tão dedicado a se esquivar de uma oferta que financiaria toda a economia de um país enquanto ele saltitava ao redor do mundo como um vagabundo de ferrovia.

— Você conhece Bellamy. Eu preciso pisar com cuidado com isso. Eu não tenho nenhuma resposta ainda. Eu poderia estar fora por alguns dias, no entanto. Você sabe como isso acontece.

— Eu não vejo Bellamy há anos, mas eu me lembro vagamente de acordar em três países em tantos dias por causa dele.

— Eu não quero dar esperanças a Quin, no entanto.

— Certo. Sim. Eu vou apenas dizer que você saiu com Ranger. Ninguém vai saber de nada.

Desde que era quase impossível entrar em contato com ele. Na maioria das vezes, se você o queria para um trabalho, simplesmente precisava estacionar no Pine Barrens e depois fazer a longa jornada até o pequeno rancho para dizer a ele.

— Esse é um bom plano.

— Você vai manter contato? Deixe-me saber como vai?

— Claro.

— Não desvie o olhar de sua bebida. Lincoln jura que ele colocou algo em sua cerveja da última vez que saíram. Terminou em Vegas com um porquinho e nenhuma memória das doze horas anteriores.

Eu ri disso, vendo totalmente como era possível. — Bem, podemos culpar Bellamy por isso? É de Lincoln que estamos falando aqui.

— Isso é verdade. Tudo bem. Bem, vocês dois se divirtam. Vou me enrolar sob uma compressa fria e gemer pelas próximas horas com toda a diversão que tive na noite passada.

— Bananas e gengibre, Miller, — eu a lembrei, tendo praticamente que forçá-los a descer pela garganta dela depois de um trabalho na Rússia, onde ela bebeu vodka suficiente para enviar um homem três vezes maior para o hospital com envenenamento por álcool.

— Sim, sim, sim. Eu os mantenho na mão agora. Não acabe em um hotel em Vegas. Mas se você fizer isso, eu ficarei com o mini porco.

— Vou me esforçar, — eu concordei. — Vejo você em alguns dias.

Eu mal tinha desligado quando ouvi o bipe do cartão na porta.

A Jules que entrou era diferente da que saiu. Não era uma que eu queria ver, mas era melhor que a outra.

Esta Jules estava vermelho nas bochechas, estava rígida nos ombros, tinha o queixo elevado tão alto que parecia doloroso.

— Como foi?

Para isso, ela exalou forte, andando até a janela, chutando os saltos , subindo e descendo na ponta dos pés várias vezes para esticar as dores.

— Eles estão preocupados comigo. Eles me disseram como ambas, mãe e Gemma, não gostavam de Gary. Gemma gosta de todos. Ela acha que Gunner é *encantador*. Gunner. Encantador. E... — ela parou, fechando os olhos.

— E o quê? — eu perguntei, sentindo que ela precisava do empurrão.

— Ele deu em cima de Gemma! — Ela explodiu, jogando um braço em direção à janela, o rosto arrasado.

— O quê? — eu falei ríspido, mais do que apenas surpreso. Chateado. Gemma, que era como uma irmã mais nova para todos no escritório, que, embora tecnicamente adulta, era de certa maneira muito jovem, doce demais, inocente demais para ser cantada por algum grande crápula como Gary.

— No trabalho a noite, — ela continuou, virando-se para olhar pela janela. — Bem debaixo do meu maldito nariz. Encurralou-a na área de café, apertou suas costas contra a parede, disse algo sobre como conveniente eram todos os escritórios vazios para uma rapidinha.

Se eu pensava que estava bravo antes, não era nada comparado ao modo como meu sangue estava fervendo agora.

Não é preciso ser um gênio para saber como Gemma deve ter se sentido naquele momento, presa pelo namorado de sua irmã, doce demais para irritar alguém e criar problemas, sentindo-se perdida com o que ela deveria fazer, como ela deveria agir.

— Ele fez isso para que minha irmã não se sentisse segura em me contar sobre como ele tinha sido inadequado com ela...

— Ei, — eu disse, a voz mais suave do que eu sentia naquele momento, avançando atrás dela. — Você não pode se culpar por isso. Você não sabia.

— Eu deveria saber.

— Como? Ao se tornar uma vidente? Ela não te contou, Jules.

— Ela nunca deveria ter pensado que meus sentimentos por um cara eram mais fortes do que o meu amor por ela. Isso foi o meu erro.

— Isso não é justo. Sua irmã sabe que você a ama mais do que qualquer coisa. Mas você conhece Gemma. Ela não gosta de criar problemas ou chatear ninguém. E ela sabia que se lhe dissesse, você teria abandonado Gary, e ela não queria ser responsável por isso. A culpa não é sua. Pare de pôr coisas sobre os seus ombros sem razão. Logo, você não será capaz de carregar tudo isso.

— Eu sinto como se estivesse me afogando em tudo isso, — ela admitiu, a voz baixa, perdendo a força que geralmente estava implantada em sua coluna, seus ombros mal tocando contra o meu peito. — Mal começo a atingir a superfície, mais uma coisa vem ao redor para me empurrar de volta para baixo da água.

Com o episódio do choro na cama à parte, eu não conhecia o protocolo, não sabia que indulgências ela permitiria, o que ela consideraria apropriado.

Mas, ao contrário de todas as noites durante todos os meses ao longo dos anos em que eu a conhecia, simplesmente não me importava.

Respirando fundo, meio que esperando rejeição, abaixei meu queixo em seu ombro, sentindo-a endurecer imediatamente, então lentamente começou a relaxar, de fato se recostando no meu corpo no processo. Não houve nem hesitação antes que meu braço a envolvesse, apertando seu corpo.

— Eu não vou deixar você se afogar, Jules.

— Esse não é o seu trabalho, — ela me disse, mas a voz dela não tinha aquele tom agudo que teria se estivéssemos em um lugar diferente, em outro momento.

— Eu não cuido de você por obrigação. Cuido porque eu quero.

Braço em torno de sua barriga, pude sentir a respiração lenta e profunda que ela tomou, segurando-a por um longo segundo antes de exalar de uma maneira que fez seu corpo tremer ligeiramente.

— Por que você gosta de mim, Kai? — ela perguntou, fazendo-me quase ficar chocado ante as palavras, com a franqueza delas vinda de alguém que sempre fingia estar alheia e evitava falar sobre o assunto.

— O quê?

— Por que você gosta de mim? Quando eu não fiz nada para encorajá-lo. Quando eu não te induzi de forma alguma.

Parei por um segundo, despreparado para isso, essa conversa que eu estava temendo, a que ela parecia tão feliz em evitar.

O que havia para dizer senão a verdade?

— Eu não gosto de você porque você gosta de mim, querida. Não quero você porque você poderia me querer. Só gosto de você por ser quem é.

Houve uma pausa, o quarto estava silencioso, mas meu coração batia com tanta força em meus ouvidos que era tudo o que teria ouvido mesmo se uma guerra acontecesse do lado de fora da nossa porta.

Parecia uma eternidade que ficamos ali, corpos se tocando, mentes aceleradas.

Sua voz era baixa, mal audível, quando ela finalmente quebrou o silêncio.

— Você não quer que eu te queira?

Sua cabeça virou quando ela começou a falar, seu olhar encontrando o meu por cima do ombro. E eu poderia jurar que vi coisas lá, coisas que só tinha obtido vestígios antes.

Vulnerabilidade.

E ousa até pensar nisso, desejo.

Não havia palavras para a corrente elétrica que se movia através do meu corpo, vibrava nas pontas dos meus dedos, meu couro cabeludo, uma sensação surreal e avassaladora que eu nunca soube que poderia existir.

— Eu não seria presunçoso o suficiente para sequer esperar por isso, Jules, mas é claro que gostaria que você me quisesse.

Ela expirou estremecendo novamente, seus lábios pressionados, em seguida, separando-se quando seus olhos encontraram os meus novamente.

— Talvez eu...

Eu não precisei mais que isso.

Eu não ia estragar minha oportunidade pela segunda vez.

Minha mão livre se levantou, deslizando por seu queixo, levantando levemente o queixo, hesitando apenas para ver se havia uma sugestão de rejeição antes de pressionar meus lábios nos dela.

Um tremor percorreu seu corpo ao contato, fazendo meus dedos apertarem a carne de seu quadril, usando-a para virá-la para me encarar completamente, dando a volta em torno de suas costas, puxando-a firmemente contra mim

enquanto minha cabeça inclinava, com meus lábios pressionando com mais força, sentindo os dela ganhar ousadia, tornando-se exigente.

Suas mãos, antes enroladas em seus lados, levantaram-se, ambas enrolando-se em volta do meu pescoço, pressionando seu corpo mais firmemente contra o meu.

Um gemido baixo e gutural subiu do fundo do peito dela, vibrando contra os meus lábios, rasgando todo o autocontrole que eu tinha quando me movi para frente, fazendo-a recuar, pressionando-a contra a parede.

Seu suspiro deu um convite para a minha língua se mover para dentro, acariciando a dela quando o desejo se tornou um incêndio pelo meu corpo.

As mãos de Jules desceram pelas minhas costas, afundando em minha bunda, me arrastando mais forte contra seu corpo, meu pau pressionando com força a junção de suas coxas. Seu corpo estremeceu ao contato, uma sensação que eu sonhava há meses, durante anos.

Não foi até que suas mãos soltaram minha bunda para serpentear sob a minha camisa, seus dedos provocando sobre a minha pele que um pensamento foi capaz de penetrar através do véu de felicidade, que era um sonho de longa data se tornando realidade.

*Ela estava sofrendo.*

*E ela estava tentando não sofrer.*

Não foi coincidência que isso aconteceu quando ela desligou o telefone com sua família, descobrindo ainda mais más notícias sobre seu ex.

Ela queria esquecer por um momento, se perder em algo que era bom.

E enquanto eu estava bem em ser alguém que se sentia bem com ela, não queria ser o arrependimento posterior, a percepção de que ela tinha agido por impulso ao invés de desejo real.

Convocando um autocontrole que não sabia que poderia possuir quando isso significaria desistir de tudo que eu sempre quis, meus lábios se separaram dos dela, minha testa pressionou contra a sua, enquanto lutava para equilibrar minha respiração.

— Kai, por favor, — a voz choramingada de Jules, as mãos raspando a pele das minhas costas, enviando outra sacudida de necessidade através do meu corpo.

— Eu estou tentando ser o bom rapaz aqui, Jules, — disse a ela, minha voz áspera, mesmo para os meus próprios ouvidos.

Seus lábios encontraram meu pescoço, sua respiração quente se movendo sobre a pele. — Só desta vez, não seja o bom rapaz. — Estava considerando isso por uma fração de segundo antes que ela terminasse o pensamento. — Seja outra pessoa.

Meus olhos se fecharam quando soltei um suspiro porque, bem, era isso que era.

Porque ela estava apenas solidificando a suspeita incômoda e desconfortável que me fez recuar inicialmente.

Isso não era sobre mim.

Isso era sobre ela.

Sobre sua dor.

Sua decepção.

Sua necessidade de esquecer.

Ela teria encontrado isso com qualquer homem.

Não tinha nada a ver comigo.

E meu orgulho poderia aguentar muito.

Tinha levado golpe após golpe repetidamente desde que conheci Jules.

Mas não poderia aguentar isso.

Eu não podia me deixar ser nada mais do que uma válvula de escape para ela quando isso... isso significaria muito para mim. Isso significaria tudo para mim.

E eu sabia, como sabia que o sol nasceria de manhã, que ela nunca mais olharia para mim do mesmo jeito depois, depois de ter tido uma chance de pensar sobre isso, analisá-lo com uma mente clara. Ela nunca me deixaria perto dela novamente. Em parte, porque ela acharia que estava sendo gentil, não me induzindo. E talvez até em parte porque ela estaria ressentida por eu ter me aproveitado de um momento de fraqueza.

Melhor lidar com o desapontamento dela agora do que lidar com a raiva dela nos próximos anos.

— Infelizmente, Jules, não posso ser outra pessoa. Sou só eu. E não posso tirar vantagem do fato de que você está agindo com ressentimentos.

Seu corpo endureceu contra mim.

Suas mãos se afastaram da minha pele, deslizando para fora da minha camisa, tocando apenas o tecido enquanto seu corpo recuava. Ela recuou o corpo alguns centímetros para trás na parede para se certificar de que nossas testas não estavam mais se tocando.

— Ok.

Sua voz era gelada.

Glacial.

Um som que eu só ouvira uma ou duas vezes antes, quando ela e Gunner estavam discutindo.

Puro desdém.

Por *mim*.

A constatação foi um soco no meu intestino, mesmo quando ela deslizou para longe de mim, rolando seu pescoço.

— Jules... — Eu tentei, a voz suave quando tentei agarrar seu pulso.

Ela se afastou quase violentamente.

— Está tudo bem.

— Claramente, não está, — retruquei.

— Sou uma mulher adulta, Kai. Se disser que algo está bem, está bem. Esqueça.

— Onde você vai? — eu perguntei enquanto ela pegava sua bolsa.

— Tomar um café, — ela declarou, saindo antes que eu pudesse impedi-la.

Eu não percebi isso na hora, mas deveria tê-la seguido.

Porque ela nunca voltou.

## *Flashback - 24 meses antes*

Ela não era cega.

As pessoas podiam acusá-la, e muitas vezes faziam isso, de ser um monte de coisas. Teimosa. Desconectada. Ambiciosa. Mas ninguém jamais a acusaria de ser desatenta.

Ela via tudo.

Ela via as pálpebras pesadas nos olhos de Smith, indicando outra noite de inquietação, pesadelos terríveis o suficiente para impedi-lo de sequer tentar dormir.

Ela via as unhas ensanguentadas de Finn, o modo como as pontas dos dedos eram podadas mesmo depois de começar a trabalhar, sugerindo que ele estivera acordado por horas com as mãos na água com alvejante, esfregando coisas que já estavam bem limpas.

Ela via a bagunça enrugada da camisa de Lincoln, sabendo que ele provavelmente tinha dormido no sofá no trabalho, em vez de ir para casa, porque ele e qualquer garota com quem ele estivesse namorando na época terminaram.

Ela via a maneira como Miller enrijecia quando alguém mencionava conceitos estranhos para essa equipe, como família. E amor.

Ela via tudo dentro do escritório que se tornou como uma segunda casa para ela.

Ela não era cega.

Para isso.

Para ele.

Ao modo como ele era excessivamente atento, a maneira como ele notava as coisas, mais que a maioria.

Sem ela ter que explicá-las, ele parecia ler o humor dela, os gatilhos para eles, como ajudá-la a superá-los.

Se ela não tivesse notado essas coisas depois de trabalhar com ele pelo tempo que esteve, você teria que chamá-la de burra.

Ela notava.

Mas também notava que ele chegava com sacos de burritos embrulhados em papel alumínio para ele e Miller, com copos de papelão cheios de café do She's Bean Around, apesar de não tomar café. Ela notava que ele pegava correspondência na caixa postal para Quin, pegava Lincoln quando ele precisava de alguém que dirigisse para ele, compras de supermercado para Ranger, levar-lhe coisas que ele não podia obter da terra nos sertões onde ele morava.

Kai, ela concluiu há muito tempo atrás, era apenas esse tipo de cara. Tipo. Altruísta. Atencioso. Capaz de prever o que os outros podem querer ou precisar.

Teria sido estranho se ele fizesse todas essas coisas pelos outros e não fizesse nada por ela.

— Vamos lá, caia fora daqui cedo, — exigiu Miller, inclinando-se na borda de sua mesa. — Tem sido uma semana longa. Eu não acho que algum de nós tenha sido capaz de deixar este lugar por mais de uma hora ou duas de cada vez. Estou sufocando com a testosterona. Você também deve estar. Vamos sair, pegar algumas bebidas, falar sobre coisas de garotas. — Ela parou ali, olhando por cima do ombro de Jules, as sobrancelhas franzidas. — O que são coisas de garotas atualmente? Eu me lembro vagamente de coisas como unha polonesa, e histórias de depilação aterrorizantes.

— Eu tenho uma montanha de trabalho para fazer, — Jules disse a ela, acenando com a mão para os arquivos que precisavam ser escaneados, as folhas de papel soltas que precisavam ser transcritas.

— Você sempre tem uma montanha de papéis para trabalhar. Além disso, ainda estará aí para você de manhã se você sair para tomar uma bebida comigo agora.

— Miller... eu...

Ela se atrapalhou com as palavras, para explicar a necessidade quase compulsiva que ela tinha de provar a si mesma, para merecer tudo o que tinha conseguido, tudo o que Quin tinha oferecido a ela.

Ela era tão inexperiente quanto podia quando entrou no escritório, mas insistiu no trabalho.

Ele havia lhe dado isso.

Então ele a pagava generosamente.

Tão generosamente, de fato, que as pessoas tinham coisas a dizer sobre isso. Sobre como as secretárias normais e assistentes pessoais não recebiam nem metade, nem sequer um terço do que ela recebia, sobre como não havia como receber o salário que ela tinha simplesmente porque chegava cedo e ficava até mais tarde.

A implicação sempre esteve lá.

*Você está claramente dormindo com seu chefe.*

Era insultuoso, obviamente. Mesmo se Quin fosse bonito e bem-sucedido. Ela nunca iria dormir para alcançar o topo de qualquer coisa.

Ela nunca dormiria no trabalho, ponto final.

Isso nunca funcionou.

E, sem falhar, se as coisas dessem errado espetacularmente, como sempre davam, a corda arrebatava para o lado mais fraco, e vamos encarar, o da mulher, que era quem pagava por isso, que se encontraria por sua conta por isso, sem uma boa referência, sem uma maneira sólida para obter outro emprego bem remunerado.

Ela não arriscaria isso.

Até os rumores disso.

Nem por nada.

Então ela manteve todos à distância.

Ela trabalhava até a exaustão para sentir que ganhara cada centavo de sua renda.

Sair cedo estava fora de questão.

Mesmo que ela tivesse feito quase dezoito horas por dia durante toda a semana como todo mundo.

Deixar as coisas para serem tratadas pela manhã era indesculpável, a menos que estivesse doente.

— Agradeço a oferta, mas vou terminar o trabalho. Eu não quero mais nada empilhado no topo desta montanha.

— Beeem. Como queira, viciada em trabalho. Ouvi que falta de diversão envelhece. Linhas de preocupação e tudo aquilo.

— Investi em um bom creme para os olhos, — Jules informou, sorriso puxando seus lábios. — Veja, houve alguma conversa de menina.

— Acho que terá que servir. Talvez Lincoln vá comigo. Mesmo que eu saiba que ele vai me trocar por alguma saia curta no bar.

— Lincoln já saiu. Acho que só resta Kai.

— Hm, eu teria mais sorte em convencer um pastor a sair e encher a cara comigo. Tudo bem. Sozinha será. Mas se eu acabar morta em uma vala porque não tinha ninguém para ir comigo, espero que você se sinta muitíssima culpada.

— Combinado, — Jules concordou, os lábios se contorcendo quando Miller saiu pela porta, trancando-a.

Uma hora depois, ela estava finalmente terminando as transcrições da caligrafia ridiculamente ruim de ninguém menos que Gunner, que ela tinha uma suspeita que escrevia tão mal para irritá-la.

Ela tinha acabado de levantar a cabeça de onde estava encolhida perto do peito para ver a tela, sentindo uma dor incômoda e aguda entre suas omoplatas e subindo atrás do seu pescoço, fazendo um silvo audível escapar quando automaticamente esticou o braço em direção a ele, tentando aliviar a sensação cortante que simplesmente continuava vibrando em vez de diminuir.

— Tem um nó? — a voz de Kai perguntou, suave como tantas vezes, fazendo com que ela olhasse para onde ele estava saindo do corredor de escritórios, a cabeça inclinada para o lado quando ele se aproximou.

— Eu acho que alguém se esgueirou e me apunhalou pelas costas, — ela disse dramaticamente, o sorriso um pouco vacilante, mesmo quando ele começou a se mover para trás dela.

— Posso? — ele perguntou, pressionando os dedos na mão dela que não estava fazendo absolutamente nada.

Como suas mãos inúteis não poderiam fazer nada e a dor estava começando a fazê-la se perguntar se talvez devesse ir fazer um exame ou algo assim, imaginou que não havia nada a perder e afastou a mão, enroscando as duas, uma na outra em seu colo enquanto as mãos de Kai caíam sobre seus ombros, uma ficando como uma âncora do lado sem incomodá-la, a outra procurando, concentrando-se em um destino que ela não conhecia até encontrá-lo, fazendo todo o seu corpo balançar, tentando afastar-se da pressão.

— Isso vai doer, querida, antes que melhore.

As palavras continham desculpas, o suficiente para que ela quase o perdoasse enquanto ele dobrava a pressão, afundando os dedos no ponto dolorido, trabalhando em um círculo que fazia com que as pontadas de dor disparassem em meia dúzia de direções, fazendo as mãos apertarem uma na outra até a pele ficar branca.

Mas então, lentamente, como prometido, a dor diminuiu, a pressão tornou-se menos um castigo... e se tornou algo mais.

Algo bom.

Algo que fez a respiração se aprofundar, mas de alguma forma se tornou mais errática, sua segunda mão começou a se mover também, afundando, encontrando todas as partes doloridas e trabalhando nelas com destreza, sem que ela precisasse dizer algo sobre elas primeiro.

Logo, o alívio se aprofundou, aqueceu, tornou-se algo completamente diferente, construindo de tal forma, devagar, gentil, que não podia ver os sinais apontando para o que era até uma pontada de algo que decididamente não era dor entre suas coxas, fazendo sua respiração travar, seu coração saltar, seus seios ficando pesados, mamilos endurecendo, lábios se abrindo em um gemido silencioso.

Um tremor passou por ela, e não tinha certeza se era apenas internamente, ou se Kai também podia sentir isso.

Se ele sentiu, ele não fez nenhum show de responder a isso enquanto seus dedos continuavam trabalhando sua magia, fazendo um pensamento proibido passar por seu cérebro.

*O que mais ele poderia fazer com esses dedos?*

O choque disso a fez endurecer, tentando se firmar com uma respiração profunda. — Isso está muito melhor, obrigada, — ela disse a ele, esperando que sua respiração não saísse tão elevada quanto parecia, e sufocando uma onda de desapontamento quando suas mãos se moveram para os ombros dela, deram um pequeno aperto e depois se afastaram completamente.

— Fico feliz que pude ajudar, — ele disse, a sério, porque ele sempre falava sério. Ele era uma daquelas pessoas que eram impecáveis com suas palavras. E até mesmo pura o suficiente para ser assim com a motivação por trás delas.

A menos que ele estivesse em um trabalho, ela supôs.

— Você está saindo?

— Não até que você saia, — ele declarou, indo em direção ao corredor enquanto ela apenas ficava lá, o caos pulsando entre as coxas sob sua mesa. — Vou sair com você, — ele acrescentou, saindo antes que ela pudesse protestar.

Sozinha, respirou fundo, procurando compostura, forçando as pernas a segurar seu peso enquanto se levantava, as mãos segurando a borda da mesa quando percebeu que não havia como parar a sensação por dentro, que ela não conseguia pensar direito.

Água fria.

Ela só precisava de um pouco de água fria.

Com esse pensamento, entrou no banheiro, trancou a porta, molhou uma toalha de papel com água gelada, colocou-a na parte de trás do pescoço, o corpo estremecendo ao contato, mas não encontrou alívio na pressão na parte inferior da barriga, a insistente dor em seu núcleo.

Incapaz de pensar em mais nada, convencida de que não conseguiria sem alívio, sua mão encontrou a bainha de sua saia, deslizando o material apertado para cima até que sua mão pudesse deslizar entre suas coxas.

Seus dedos encontraram o tecido molhado de sua calcinha, prova de seu desejo dolorido, pressionando seu clitóris.

No terceiro círculo do broto inchado, ela sentiu o orgasmo rasgar seu corpo, fazendo seus dentes morderem seu lábio para não gritar, sua respiração engasgada alta o suficiente como possível contra cômodo vazio de azulejos. A mão dela bateu na porcelana fria e dura da pia enquanto as ondas atingiam repetidamente, ameaçando puxá-la para baixo completamente, recusando a deixá-la levantar-se antes que ela finalmente conseguisse respirar ofegante, puxando-se de volta para terra firme.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ficou lá, tentando trazer a calma de volta às suas terminações nervosas desgastadas.

Mas quando seus olhos encontraram seu reflexo, ela viu lá ainda.

Desejo.

Inferno, necessidade.

Crua.

Não diluída.

Na sua forma mais pura.

*Por Kai*

Não.

Ela balançou a cabeça para si mesma, como se quisesse se livrar do pensamento.

Não.

Não era Kai.

Na verdade, não.

Foi o toque, os bons sentimentos.

Fazia tanto tempo desde que ela havia sido tocada.

Seu corpo simplesmente reagiu, fez o que foi projetado para fazer quando inundado de sensações de bem-estar.

Foi uma resposta.

Como um reflexo no joelho.

Como um espirro.

Apenas um corpo funcionando como deveria quando confrontado com os estímulos certos.

Era isso.

Pelo menos era como ela ficou ali e se convenceu pelos próximos quinze minutos.

E isso era o que ela dizia a si mesma toda vez que a lembrança daquela noite passava por sua mente em momentos raros e silenciosos. Na cama. No banho.

Não era Kai.

Não poderia ser Kai.

# 6

*Jules*

Andei de um lado para o outro pela lanchonete do lobby durante dez minutos, sabendo que parecia uma lunática fazendo isso com os pés descalços, mas me permitindo não me importar. Só desta vez.

Havia outras coisas em minha mente para me preocupar do que como outras pessoas poderiam me ver.

Kai

Kai estava em minha mente.

Mais especificamente, agarrar Kai estava em minha mente.

Eu não planejei isso.

Entrei naquele quarto com meu humor azedo porque não havia outro lugar para ir. Se eu tivesse trazido meu carro comigo, teria ido dar uma volta, música estridente, tentando tirar a raiva, a culpa e o desgosto antes que alguém tivesse que lidar comigo.

Mas não tinha esse luxo.

E não queria passar mais tempo na área do saguão com os empregados me observando como se eu fosse uma espécie de lunática enquanto conversava com minha mãe e minha irmã em tom ocasionalmente abafado e depois freneticamente alto.

— Só... esqueça ele, Julie querida, — minha mãe me disse enquanto nos despedíamos. — Deite-se nessa praia, pegue um pouco de vitamina D, beba, leia, olhe para homens seminus. E não pense nele.

Não pensar nele.

Eu tinha certeza que ela estava fora de si enquanto voltava para o quarto.

Quero dizer, como eu poderia esquecê-lo quando minha irmãzinha, a irmã que eu deveria proteger, a irmã que deveria me admirar, tinha sido encurralada e incomodada pelo homem com quem eu havia escolhido me casar? E então aquela situação forçou uma parede de mentiras entre nós.

Como eu poderia esquecê-lo?

Mas então voltei para o quarto, comecei a descarregar no pobre Kai novamente.

E ele se moveu atrás de mim.

Colocou um braço ao meu redor.

Descansou a cabeça no meu ombro.

Apenas continuou oferecendo, oferecendo, oferecendo.

Como se seu poço fosse sem fundo.

E eu dei a ele, bem, nada.

A pergunta explodiu de mim sem pensar, algo que eu aparentemente precisava perguntar por um longo tempo, mas nunca me permiti fazer isso.

E sua resposta havia feito algo em mim, havia descongelado o gelo que eu sentia construindo lá dentro, pequenos pedaços que estavam lá há anos, há décadas, mas também as geleiras que se formaram desde a manhã do meu casamento.

Ele me derreteu.

E, de repente, algo que nunca tinha sido uma opção, algo que eu nem sequer me permitia pensar, parecia estranhamente possível. Parecia quase necessário.

A necessidade me superou em um instante.

E no segundo que seus lábios pressionaram os meus, eu sabia que nunca desejara mais nada, nunca precisei tanto de alguém.

Isso me dominou completamente, meu corpo nada além de terminações nervosas excessivamente sensíveis apenas implorando pelo toque.

E tudo que eu queria era mais.

Tudo.

E então ele parou, recusou-se a se curvar.

Talvez não tenha sido justo, talvez tenha sido egoísta da minha parte, mas tudo o que senti quando saí daquele quarto foi uma completa e absoluta rejeição.

Foi uma sensação um pouco nova para mim.

Eu nunca tinha sido alguém para iniciar qualquer coisa, então nunca precisei aprender a lidar com o que parecia ser recusada.

Era uma coisa feia, uma nuvem cinza que percorria meu corpo, sufocando qualquer coisa com alguma luz até que tudo dentro de mim parecesse negro.

Senti a pontada embaraçosa de lágrimas nos meus olhos quando terminei o último café da máquina automática, jogando o copo, e caminhando em direção à saída do prédio, com a intenção de obter um pouco de ar fresco enquanto também me salvava da humilhação de chorar em público se isso fosse inevitável.

O ar fresco provou ser um sonho enquanto eu dava um passo para fora, a umidade me atacando imediatamente, fazendo minha pele ficar pegajosa em questão de segundos, fazendo com que um pequeno fio de suor descesse entre minhas omoplatas enquanto eu dava alguns passos para o lado para fugir da área do manobrista.

Como diabos ia voltar lá e encará-lo novamente?

Ele também gostaria de conversar sobre isso.

Ele era esse tipo de pessoa.

Não como eu, do tipo que apenas empurrava repetidamente as coisas, lidava com os efeitos colaterais em particular.

Eu odiava *essas* conversas.

Os que envolvem sentimentos, esperanças, medos, decepções.

Eu tinha essa tendência humilhante de me engasgar quando falava sobre coisas importantes.

Eu também evitava que isso acontecesse na frente de qualquer um.

Especialmente alguém que teria que enfrentar profissionalmente todos os dias até, bem, eu nem sabia.

Mas eu não teria escolha a não ser ir até lá e encará-lo.

Estivesse pronta para isso ou não.

Assim pensei.

O golpe veio do nada, a dor de algo quebrando por alguns segundos antes que eu não sentisse absolutamente nada.

Porque o mundo ficou negro.

\*\*\*

Consciência foi uma mera sugestão a princípio, um raio de luz em um mundo de trevas. Mas me senti distante, como se fosse preciso muita energia, muito esforço para me arrastar em direção a ela. Então eu nadei naquele nada

por um tempo, resmungando com a luz que parecia brilhar um pouco mais a cada momento que passava.

Um som baixo e doloroso escapou de mim enquanto caminhei em direção a ela, sentindo como se precisasse de cada estoque de energia em meu corpo para fazer isso.

E assim que cheguei lá, me lancei para o brilho, meu mundo estava cheio de dor.

Não era nada menos do que uma enxaqueca incapacitante, algo de que nunca havia experimentado antes, e eu era experiente no horror das enxaquecas, imediatamente ultrapassando toda a minha cabeça.

Começou intensamente na parte traseira direita do meu crânio, mas envolveu seu aperto doloroso ao seu redor, fazendo-o bater atrás dos meus olhos, nas minhas têmporas, fazendo uma tensão dolorida ultrapassar meu pescoço e minha mandíbula.

Doeu em todos os lugares ao mesmo tempo, tornando impossível fazer qualquer coisa além de experimentá-la, lutar contra a onda de náusea familiar.

Minha reação automática foi levantar as mãos para embalar minha testa, a pressão a única coisa que poderia evitar o pior da dor.

Mas enquanto tentava fazê-lo, senti a pressão impedindo o movimento.

Um puxão

E uma ardência.

Eu não precisava ter experiência com isso antes para conhecer a sensação.

Corda.

Em volta dos meus pulsos.

Dor momentaneamente esquecida, meus olhos se abriram, encontrando-me sobretudo no escuro.

Mas havia coisas que eu podia ver graças a uma pequena janela deixando entrar uma fenda de luar.

Um banheiro.

Eu estava amarrada em um banheiro, meus pulsos amarrados sob uma pia suspensa. Eu podia sentir a fria e inflexível parte inferior da pia contra a minha têmpora, meu pescoço inclinado desajeitadamente para o lado para acomodá-lo.

— Oh, — eu choraminguei, tentando pensar além dos gritos dentro do meu crânio, a dor nos meus ombros, o torcicolo no meu pescoço.

Sequestrada.

Alguém me sequestrou.

A histeria borbulhava, desenfreada como um incêndio fatal na destruição de uma floresta.

Eu respirei fundo, concentrando-me, me forçando a focar, a pensar, a ser objetiva.

Uma maneira infalível de garantir sua própria morte era entrar em pânico em uma situação de vida ou morte.

E um sequestro, mesmo que você não tivesse ideia do motivo, era sempre vida ou morte.

Porque mesmo que a intenção deles desde o início não fosse assassinato, seria o resultado inevitável. Eu via um rosto, ouvia uma voz, notava características distintas.

Qualquer rapaz que sonhasse com a criminalidade no seu quarto à noite sabia, por alguns episódios de *Arquivo Morto*, que as testemunhas poderiam ser a sua ruína.

E sêmen.

O sêmen também costumava ser sua ruína.

Mas eu não podia deixar minha mente pensar nisso.

Não agora.

Nem mesmo se essa fosse a preocupação lógica de ter.

Estupro.

Por qual outro motivo os homens tirariam as mulheres da rua?

Mas eu não conseguia ficar tão presa ao terror daquilo que não conseguia pensar direito, não podia ficar no momento.

O momento em que eu estava sozinha em um banheiro.

Quem sabia quanto tempo eu tinha.

Minutos.

Horas

Mas chegou a hora.

Hora de pensar.

Hora de planejar.

Hora de tentar escapar.

Meus dedos se curvaram para cima em minhas amarras, procurando o nó, a borda para tentar agarrar, puxar, soltar a restrição.

Se eu conseguisse tirar a corda, poderia me arrastar pela janela.

Era pequena, todas as janelas do banheiro eram. Mas eu era magra. Poderia escorregar por ela.

Poderia me livrar disso.

Para quê? Eu não fazia ideia.

O chão?

Nada além de ar livre?

Inferno, poderia estar disposta a pular, me arriscar a ter ossos despedaçados, ou até mesmo a morte, ao destino que pode me acontecer nas mãos de outra pessoa.

Havia coisas piores que a morte.

Trabalhando com Quin por tanto tempo quanto trabalho, lendo o verdadeiro crime que pelo qual tinha um apetite insaciável, eu entendia isso. Visceralmente.

Eu prefiro acabar com todos os ossos do meu corpo quebrados por minha própria escolha do que ser reprimida e estuprada por homens que empregavam a dor e o poder.

Eu faria essa escolha se fosse necessário.

— Agh, — eu rosnei depois do que pareceu dez longos minutos tentando encontrar a borda da corda sem sorte.

Meus braços se arquearam mais para cima, me fazendo de repente grata a Gemma que me arrastou para a ioga qualquer chance que ela pudesse ter, fazendo-me capaz de torcer meu corpo de maneiras interessantes. Foi algo que se mostrou completamente inútil na maior parte do tempo, mas só desta vez, só desta vez poderia ajudar a salvar a minha vida.

Assim que eu saísse daqui iria inscrever eu e Gemma a um ano de sessões de ioga duas vezes por semana. E eu não desistiria apenas por causa do trabalho.

Meus pulsos se viraram, deixando minhas mãos alcançarem ao que eu estava presa, sentindo uma onda de vitória quando senti algo diferente do que eu

estava esperando, e temendo, um cano de metal, mas em vez disso uma espécie de tubo de metal curvo, embora não exatamente flexível, poderia absolutamente quebrar. Provavelmente onde tinha que estar conectado aos tubos reais, mantidos provavelmente lá por uma arruela e um pouco de cola. Se eu pudesse levantar meus braços um pouco mais, tentaria trabalhar para livrar a arruela.

Mas mesmo quando o pensamento, e subsequente alívio, se formou, eu ouvi.

Passos

Lentos, firmes, como se tivesse todo o tempo do mundo, como ter garotas amarradas no banheiro não fosse motivo de preocupação, e certamente não para um ritmo acelerado.

Pavor trabalhou o meu pensamento sobre a possibilidade de que esse fosse o caso. Que isso não era motivo de alarme porque essa era a norma. Que talvez eu estivesse nas mãos de algum assassino psicopata em série.

Com certeza, eu não tinha ouvido falar de nenhum, e estava muito bem informada sobre os eventos atuais. Mas isso não era Nova Jersey. Aqui era Connecticut. Estado diferente, crimes diferentes, diferentes psicopatas por trás deles.

Quem sabia que tipo de louco residia no Estado *Continuamente Revolucionário*.

Eu tinha a sensação de que estava prestes a descobrir.

O pânico agarrou meu corpo, comprimindo minha caixa torácica, esmagando meu coração e pulmões, tudo que tornava a respiração e a vida possíveis enquanto meus braços puxavam freneticamente contra a amarração, meu corpo se movendo para frente, me dando mais força enquanto eu puxava até meus braços gritarem, até meus ombros ameaçaram quebrar, sentindo a inutilidade e desespero me dominando, enquanto eu não sentia nenhum movimento.

Havia uma mão na maçaneta.

Um giro.

Mais luz fluindo para o espaço.

Em um som abafado, que eu sabia que iria me repreender se sobrevivesse a essa provação, dei a ela um último puxão desesperado.

E voei para frente alguns centímetros enquanto o tubo cedeu, enquanto água gelada começava a jorrar por toda parte, me cobrindo, encharcando o tecido do meu vestido antes que eu pudesse limpar a água do meu rosto o suficiente para ver quem havia entrado no quarto.

Eu não precisava ver, no entanto, como as coisas acabariam.

Porque eu podia ouvir muito bem.

— Você sempre deu muito mais problemas do que valeu a pena.

Gary.

Eu não deveria ter me sentido em choque, um soco nas vísceras que eu realmente não tinha o direito de sentir.

Porque, claro que era Gary.

Quero dizer, com certeza, muito crime era aleatório.

Muitas mulheres foram levadas apenas porque estavam no lugar errado, na hora errada, embora sendo do gênero errado.

Chegava a isso na maior parte do tempo.

Mas no meu caso, esse foi o resultado mais lógico.

Eu estava procurando ativamente por um homem que tinha sido claramente um vigarista habilidoso, com a intenção de pegar de volta o dinheiro que ele tirou de mim depois de um longo trabalho, que o fez passar como meu namorado. E noivo.

Teria sido ingênuo pensar que ele iria apenas... me deixar fazer isso.

Mas, na minha opinião, não era só eu.

Era Kai e eu.

E se tivéssemos problemas sérios, eu, Kai, Quin, Gunner, Miller, Smith, Finn, Lincoln e Ranger.

Então não estava sozinha.

Não estava trabalhando sozinha.

E por causa do meu apoio, eu me sentia estupidamente invencível em todo o esforço.

E talvez, apenas talvez, houvesse uma pequena parte ingênua de mim que não achava que Gary fosse capaz de me sequestrar, de... o quê? Me matar?

Mas isso *foi* ingênuo.

Porque esse homem mentiu na minha cara quase todos os dias durante anos. Ele usou meu corpo. Ele roubou minha confiança. Ele havia arrancado minha segurança.

Ele era capaz de muitas coisas que eu nunca teria sido capaz de conciliar contra o homem com quem eu pensava estar compartilhando minha vida.

Se eu tivesse pensado claramente em vez de lutar contra a dor que invadiu meu corpo, em vez de tentar escapar, talvez eu tivesse chegado a essa conclusão lógica.

Isso, claro, se eu estivesse sendo sequestrada, seria pelo homem que eu estava tentando rastrear.

— Este é um movimento estúpido, Gary. Se é esse o seu nome.

— Claro que não. Assim como não era verdade que eu odiava TV e amava uma alimentação saudável.

Ele parecia diferente.

Levei muito tempo para decidir se isso era apenas porque a lente cor-de-rosa caiu, porque tudo que eu podia ver quando olhava para ele eram os olhos que olhavam nos meus enquanto ele mentia para mim, mãos que tocaram minha irmã, um corpo que usara o meu.

Tudo isso foi certamente um fator que de alguma forma me fez não perceber antes que seus olhos estavam apenas um pouco largos demais. O que eles tinham que ser para acomodar a largura de seu nariz, não de modo desagradável, mas o suficiente para que não pudesse ser chamado de clássico, romano, mas isso não era tudo.

Ele parecia diferente porque ele estava diferente.

O rosto que ele mantinha raspado tinha alguns dias de barba por fazer. Seus olhos eram de uma cor marrom-escura. Eu não tinha ideia se a cor que eu sempre conheci era a cor falsa, ou se essa era. Seu cabelo estava mais escuro. E suas roupas não eram mais as eu que estava acostumada, o uniforme que ele costumava me enganar, baseado em minhas preferências pessoais. Não. Parecia um cara aspirante a surfista, de short vermelho vinho e uma camiseta branca mal ajustada, o V do pescoço bem largo por usá-lo muito. Você poderia ver o cabelo no peito. Alguns medalhões, baratos e dourados, estavam aninhados ali também. Era algo que eu nunca tinha visto antes, mas algo que parecia

desgastado, suave nas bordas pela idade, qualquer que fosse o padrão que tivesse sido pressionado na superfície, quase invisível.

Eu não sabia nada sobre esse homem parado na minha frente.

E ele sabia muito de tudo sobre mim.

Aquilo foi uma sensação humilhante, uma que irritava, uma que me dominou completamente, me fez esquecer o modo como a água continuava a me encharcar, fez meus pensamentos serem lentos demais para perceber que eu deveria estar usando o tempo para tentar trabalhar a corda nas minhas mãos agora que não estavam amarradas a outro objeto.

Mas tudo que fiz foi observar quando ele foi tão longe a ponto de virar as costas para mim, abaixar e desligar a água da pia, encharcando sua camiseta branca no processo.

Não foi até que ele se virou novamente, o rosto cheio de desgosto, uma sensação a que ele não tinha direito, porque isso era a minha, maldição, que eu pude sentir meus pensamentos voltando, que comecei a trabalhar em minhas mãos, encontrando a corda escorregadia sem arder, graças à água gelada.

— Você poderia ter se afastado disso, — eu disse a ele, levantando o queixo para cima, sentindo meus dentes doendo com o aperto da minha mandíbula. — Se você apenas devolvesse o dinheiro. Eles teriam deixado você ir. Ir em frente com outra pobre mulher que era cega demais para te ver pelo que você realmente é. Mas agora? Agora, isso não será uma opção.

— Eles? — ele perguntou, zombando. — Eu acredito que você quer dizer *ele*. Aquele pobre teimoso que tem estado suspirando por você por anos, e não tem ideia de como você é chata. Acho que o interesse dele se desvaneceria rapidamente se ele tivesse que ficar sentado vendo você limpando o apartamento todas as noites da semana.

Não deveria ter doído.

Depois de tudo, não deveria ter sobrado nada que ele pudesse usar contra mim para me ferir.

Mas essa era a beleza terrível disso, não era? Ele me conhecia bem o suficiente para saber exatamente o que dizer para abrir minhas costelas e bater no meu coração já machucado.

A dor era uma coisa aguda e latejante, roubando minha perspicácia normalmente rápida, impedindo-me de encontrar algo para dizer para machucá-lo também.

— O que você fez? Bateu seus cílios molhados para ele, e ele jurou que moveria o Céu e a Terra para recuperar seu dinheiro? — ele perguntou, novamente tornando impossível dizer qualquer coisa. Mas desta vez, porque não havia nada a *dizer*. Isso foi, se eu tivesse propositadamente rebatido ou não, exatamente o que tinha acontecido. — Ninguém nunca lhe disse que era cruel levar um homem ao redor pelo seu pau?

Para isso, eu me senti bufando mesmo quando o frio começou a penetrar através das minhas camadas de pele, afundando ao nível dos ossos, me fazendo pensar se eu poderia me sentir quente novamente, amaldiçoando-me pelos arrepios que atormentavam meu corpo. — Quem é você para me ensinar ser cruel? — perguntei, os olhos atirando punhais nele. Recusei-me a dizer as palavras, mas ele as conhecia independentemente. *Depois que você dormiu comigo, manteve um registro de todos os meus segredos íntimos?*

— Eu diria ‘nada pessoal’, mas isso seria besteira. Foi pessoal. E, pessoalmente, você é um peixe morto na cama.

Deveria ter sido raiva que senti.

Afinal, ele não tinha o direito de sequer mencionar o sexo que não passara de um trabalho para ele.

Mas raiva não era o que eu sentia.

Foi dor.

E, incrivelmente, culpa.

Porque havia pensamentos incômodos na minha cabeça exatamente naquelas linhas. Porque eu não fui capaz de ter orgasmos. Porque sabia que ele sabia que fogos de artifícios não tinham sido disparados por mim. E senti essa sensação esmagadora de frustração, de inépcia, como se eu não fosse mulher o suficiente, como se eu não fosse boa o suficiente se meu corpo não funcionasse como deveria, como eu queria.

Eu forcei de volta a dor, e revidei para ele com pura amargura.

— Talvez se você não tivesse insistido em me foder por trás como um cachorro o tempo todo, eu poderia ter gerado algum entusiasmo por você. E,

enquanto estamos no assunto, meu clitóris é cerca de um centímetro acima do que onde você pensou que era.

Se ele quisesse ir baixo, eu poderia ir mais baixo.

E eu sabia que tinha dado um bom golpe quando seus olhos se fecharam, suas costas ficaram tensas. — Nunca ouvi reclamações.

— Porque eu estava muito ocupada orando para que aquilo acabasse.

O momento seguinte provaria para mim que grande ator ele tinha sido o tempo todo em que o conheci. Porque nunca tinha visto uma pitada de violência nele antes.

Mas quando ficamos no banheiro inundado, a mão dele disparou, fechando em volta da minha garganta, os dedos afundando nos lados, cortando meus protestos, meu ar, então me arrastando de pé pelo pescoço, me tirando completamente das solas, balançando como uma boneca de pano, como uma condenada a força.

— Cuidado, — ele rosnou na minha cara, a voz veemente o suficiente para fazer as palavras cuspirem na minha pele. — Você não está na porra do controle aqui, Jules, — ele acrescentou, batendo-me contra a parede com força suficiente para que meus dentes estalassem, para que outra onda de dor ultrapassasse meu crânio.

Desta vez, uma onda de náusea acompanhou-a, fazendo-me pensar em como eu poderia vomitar quando não conseguia nem respirar. Meus lábios estavam formigando. Minha cabeça ficando confusa.

Apenas quando eu pensava que o esquecimento, tanto bem-vindo quanto horripilante me alcançaria, seu aperto afrouxou e deslizou para trás, afundando em meu cabelo, puxando violentamente, forte o suficiente para que eu não conseguisse conter o gemido, nem mesmo para salvar meu orgulho.

— Sim, aposto que é difícil para uma maníaca por controle como você. Mas esse é o meu mundo agora. Estou na porra do controle aqui!

— Qual é o seu jogo final então? — eu perguntei, lutando contra as lágrimas que a dor incapacitante no meu couro cabeludo estava causando. — Você sabe que Kai vai descobrir as coisas eventualmente.

— Sim, esse cachorrinho é a menor das minhas preocupações.

Aquele *cachorrinho* entrou em complexos fortemente protegidos, disse a homens carregando armas semiautomáticas que, desculpe, mas eles não podem ter de volta suas esposas, filhos, testemunhas-chave em seus julgamentos por assassinato.

Aquele *cachorrinho* encarava homens e mulheres muito mais ferozes do que esse homem diante de mim.

Aquele *cachorrinho* se importava comigo, iria para a *guerra* por mim.

Aquele *cachorrinho* ainda rosnava quando você sacudia a corrente dele.

Senti uma necessidade horrível, sórdida de vê-lo quando ele rompesse a tal corrente, quando atacasse meu ex, enquanto arrancava sua garganta com os dentes.

— Aquele cachorrinho é parte de uma matilha, — eu o lembrei em vez disso, não deixando ele saber o quão grande era a ameaça que eu pensava que Kai poderia ser, não querendo colocar Kai em perigo até que ele soubesse que estava à procura disso. — Eles podem te despedaçar e não deixar rastros.

— Felizmente, isso não será um problema, — ele declarou.

Eu não sabia sua intenção exata até que fosse tarde demais, até que me senti empurrada para frente da parede, depois bati de cara no batente da porta.

Mas então, estava inconsciente novamente.

\*\*\*\*

Eu acordei mais rápido da próxima vez. Meu subconsciente deve ter percebido o perigo desta vez, ciente do fato de que isso poderia ser uma situação de vida ou morte, e eu realmente precisava estar acordada para tentar lidar com isso.

Molhada ainda, eu sabia que eu não poderia ter estado inconsciente por muito tempo.

A umidade estava misturada por algo mais quando percebi as paredes de blocos de concreto e o chão de terra. Eu podia sentir a fricção dela pelas minhas pernas, braços, o lado do rosto que estava descansando contra ela.

Sujeira.

Eu odiava muito estar suja.

Senti a imediata onda de pânico, a necessidade de tomar banho.

Eu tentei ignorar, sabendo que era inútil esperar por coisas que eu claramente não poderia ter, mas não havia como me impedir de disparar para cima, ignorando o turbilhão do meu cérebro, tentando tirar a sujeira, apenas conseguindo esfrega-la contra a minha pele, arenosa e desconfortável.

Limpei minhas mãos contra um pequeno trecho do meu lado, onde o tecido não estava sujo, respirando fundo, tentando pensar, me concentrar, procurar uma saída.

Havia janelas, do tipo que você encontra em porões, trinta centímetros ou mais, talvez vinte centímetros de largura, o suficiente para deixar entrar a luz, mas não para se arrastar. Mesmo se eu pudesse me levantar tão alto.

Meus olhos percorriam as vigas expostas do teto, seguindo-os pelas paredes inacabadas, antes de finalmente ver a escada, de madeira, íngreme.

Eu me levantei, forçando meu corpo a segurar meu peso, a ignorar a dor no meu crânio, couro cabeludo e rosto.

Isso poderia ser tratado mais tarde.

Eu estava no meio do caminho para as escadas quando percebi que não podia simplesmente ... escalá-las e caminhar para a liberdade.

Não, Gary não teria tido o trabalho de me sequestrar se planejasse fugir como ele poderia ter se não tivesse me levado.

Ele estaria lá.

Esperando.

Muito feliz por me machucar um pouco mais.

Com palavras.

Com golpes.

Neste ponto, eu não sabia o que era pior.

Eu fui até os cantos escuros, encontrando baldes vazios, uma lata meio cheia de tinta, uma corda e, felizmente, uma pilha de barras de aço.

Minhas mãos se abaixaram, pegando um em cada mão, sempre preferindo estar mais preparada do que nada.

Armada, voltei para as escadas.

Eu não tinha ideia de como poderia me defender, se eu tinha as habilidades necessárias. Mas havia uma coisa que eu *sabia*. Eu tinha vontade.

Para lutar para fugir daqui. Para bater no homem com quem eu tinha compartilhado uma vida para fugir. Matá-lo se fosse necessário.

Não foi até o meu pé sujo e molhado levar um pequeno escorregão ao pé da escada que eu pensei em olhar para cima.

Para olhar para cima e ver o que estava à minha frente.

Apenas para sentir um tipo de decepção esmagadora por encontrar algo no caminho.

Um pedaço de madeira.

Grosso.

Uma porta velha, talvez?

Sobre toda a abertura que poderia ter levado ao andar superior.

Orgulho completamente abandonado sob minha histeria borbulhante, subi as escadas, largando as barras, batendo na madeira com dedos inúteis, mãos impotentes, sentindo lascas deslizando sob a pele, gritando, berrando.

Não foi até ouvi-lo que parei.

Ele estava rindo.

De mim.

E isso era tudo o que eu podia suportar.

Meu orgulho, irreconhecivelmente massacrado, mas ainda lutando, me obrigou a descer as escadas, pegando minhas armas, as barras de aço e afundando na parede. Uma vez que minha bunda aterrissou, meu orgulho finalmente deu um último suspiro ofegante. A exalação de morte.

Minhas mãos subiram para o meu rosto quando as lágrimas começaram, rápidas, incontrolláveis.

E fiz tudo que podia fazer.

Rezei para Kai vir e me salvar.

## *Flashback - 28 meses antes*

— Ele sempre rosna para você? — Gemma perguntou, de pé em sua mesa, borrifando as raízes de sua orquídea com água.

— Gunner? — Jules perguntou, tentando distraidamente resolver a bagunça da papelada que deixara cair em sua mesa. Pelo que ela sabia, haviam cinco diferentes todas juntas. Ele fez isso para ferrar com ela. Ele sempre fez. Desde aquela *conversa*, pouco depois que ela começou a trabalhar lá.

— Sim, Gunner, — Gemma concordou, e Jules podia sentir seu olhar no topo de sua cabeça, mas não olhou para cima.

— Ah, sim. Ele sempre rosna para mim.

— Por quê?

— Porque ele não gosta de mim.

— Isso é ridículo. Todo mundo gosta de você.

— Não, Gemmy, todo mundo gosta de *você*. Muitas vezes tenho uma tendência a incomodar as pessoas da maneira errada. E ele trata quase todo mundo do jeito errado.

— Então... tem havido muito... contato?

— Gemmy! — Jules meio ofegante, meio repreendendo, finalmente olhando para a irmã.

— Não pareça tão indignada. Eu sei tudo sobre contato. E todos os tipos de outras coisas.

— Oh, meu Deus. Pare. No mês passado você ainda estava usando tranças e sandalinhas.

— Por favor, — Gemma disse, revirando os olhos. — Eu não sou mais uma criança, Jules.

— Você é minha irmã caçula. E você está proibida de fazer qualquer tipo de *contato* ou qualquer outra coisa que você saiba.

— Então você fez um movimento?, — ela especificou, um cachorro com um osso no assunto.

— Oh, nojento. Não.

— Nojento? Ele é lindo.

— Ele é um bruto.

— Certo. E você só pode sair com pessoas altas e magras. Em ternos. Com currículos e planos impressionantes para o futuro.

— Você me faz soar como uma esnobe.

— Não. Não, — Gemma disse com mais firmeza, chateada que alguém pensaria que ela estava sendo desagradável. — É só... como você pode saber que esse tipo de cara é o cara certo para você?

— Se alguém preenche todos os requisitos, você sabe que eles têm os mesmos planos para suas vidas.

— Planos. Objetivos. Que muito antirromântico. E se houver um cara. E não veste um terno. E não paga uma previdência privada. Digamos que ele cultive mirtilos, crie cabritos. Digamos que ele está sempre em xadrez e jeans, e cheira um pouco como feno. Ele não preenche nenhum de seus quadradinhos. Mas ele *ama* você. Eu quero dizer que ele realmente ama você, Jules. Pensa que você é a razão pela qual o sol acorda todas as manhãs? E se o homem que pode amar você melhor não preenche nenhum dos seus requisitos? — ela perguntou quando a porta do escritório de Kai se fechou, o arrastar de seus pés calçados de tênis movendo-se pelo corredor até que ele explodiu na porta, dando a Gemma o sorriso suave que todos sabiam fazer antes de atirar um em sua direção também.

Ela olhou para a irmã, tendo que sacudir a cabeça um pouco para afastar uma névoa estranha que pairava sobre ela.

— Então acho que ele não é o cara certo.

# 7

*Kai*

Eu sabia que ela precisava de algum espaço, precisava pensar sobre as coisas, mas já fazia quase uma hora.

Estava começando a ficar preocupado.

Lutei comigo mesmo por mais vinte minutos antes de finalmente pegar meu cartão, celular e chaves para o caso de que ela talvez tivesse ido dar um passeio.

Passaram-se outros trinta minutos depois de vasculhar o saguão, o terreno, fazendo uma rápida varredura da área próxima à qual ela poderia ter caminhado, para que o pânico começasse a me dominar.

Era Jules.

Ela era esperta.

Cuidadosa.

Ela não teria saído a qualquer lugar.

Mesmo que ela estivesse com raiva de mim, ela teria mandado uma mensagem pelo menos.

Mas não havia nada.

Eu não estava me sentindo como eu quando adentrei de volta no hotel, passando pela escrivaninha dianteira e abaixo em um corredor lateral designado só para funcionários.

E não estava agindo como eu mesmo quando minha mão começou a bater na porta da sala de segurança.

Impaciente.

Frustrado.

Situações malucas, eram o meu trabalho. Vivia com essa adrenalina. Prosperava no caos. Eu me orgulhava de ser capaz de manter a calma mesmo em interações imprevisíveis e perigosas. Eu poderia falar do queria, ou do que eu não

queria. Sem a outra pessoa perceber que eram eles estavam desistindo das coisas. Pelo menos até que fosse tarde demais.

Mas eu não consegui reunir a calma, a frieza que eu precisava para passar a conversa para o que eu queria desta vez.

Era de Jules que estávamos falando aqui.

Ao inferno com charme.

Eu derrubaria o homem e pegaria o que quisesse se ele não cooperasse.

A porta se abriu, revelando um cara em torno da meia-idade com cabelos louros finos, olhos castanhos e uma erupção avermelhada em suas bochechas.

— Eu poderia falar com você por uma hora, fazer você me mostrar as imagens de segurança sem um sinal de resistência. Mas eu não tenho tempo, — eu disse a ele, observando enquanto ele endurecia, sabendo que o que eu estava pedindo era contra as regras. — Você tem filhas?

— Três, — ele confirmou, o peito inchando um pouco. Era uma merda ir por esse caminho. Eu aproveitei uma chance graças ao anel em seu dedo e a caneca do vovô em sua mesa.

— O que você pensaria se uma estivesse desaparecida, e um cara atrás das câmeras não deixasse você dar uma espiada, para que você pudesse ver se algo aconteceu com ela?

— Você parece jovem para ser pai.

— A mulher que eu amo está desaparecida, — eu admiti, a emoção vazando nas palavras, e eu não poderia ter me importado menos com isso.

Deixei-o ouvir o quão ferido eu me sentia.

Deixei-o saber como estava em pânico, como meu coração era uma batida frenética em meu peito.

— Se alguém perguntar, eu vou dizer que você forçou para entrar, — ele me avisou.

Eu não me importei.

— Eu ficaria feliz em ir para a cadeia se ela estivesse segura, — eu disse a ele, encolhendo os ombros enquanto ele se movia para dentro, deixando-me seguir, fechando a porta.

— Como é a sua garota?

Eu não o corriji.

Eu não disse a ele que ela não era minha garota.

Porque, francamente, ela era.

Ela era minha garota.

Mesmo se eu não fosse o homem dela.

— Magra. Cabelo vermelho puxado para cima. Em um vestido roxo e pés descalços.

— Pés descalços? Vocês dois brigaram? — ele perguntou um pouco distraído enquanto se movia para fora da cadeira para se sentar.

— Sim. Ela estava tomando ar. Cerca de... uma hora atrás. Eu já procurei nas áreas comuns, do lado de fora, dei uma volta para ver se ela estava andando ou tomando café em algum lugar. Não há nada. E os policiais não vão me ouvir até que ela esteja desaparecida por mais algum tempo.

— E qualquer idiota que assiste a programas criminais sabe que geralmente é tarde demais.

— Exatamente, — eu concordei, me movendo atrás dele para olhar por cima do ombro enquanto ele rebobinava a filmagem, pegando Jules saindo do nosso quarto.

Se eu não estivesse completamente enganado, ela não parecia frustrada, irritada ou desligada.

Ela quase parecia... magoada.

Meu coração, ainda acelerado, levou um golpe na ideia de que tinha feito isso. Magoado ela. A última coisa que eu gostaria de fazer.

— Entrando no elevador... — ele narrou, pulando de tela em tela, apontando-a para fora como se eu não fosse tão diligente quanto ele em encontrá-la. — No saguão. Pegando café...

Se eu não estava enganado, e não estava porque a observava com mais atenção do que antes, ela estendeu a mão para esfregar o olho.

Para parar uma lágrima, talvez?

Porra, se isso não tirou meu fôlego.

— E aqui ela parece notar todos olhando para ela em toda a sua glória descalça, — ele continuou, apontando para Jules caminhando para fora para pegar um pouco de ar.

Não demorou muito.

Logo depois ela se afastou do manobrista, ficando quase fora da visão da câmera.

Ela não podia ver, a sombra que estava atrás dela.

Mas nós poderíamos ver isso.

Podia ouvir o guarda inspirar ao mesmo tempo que eu.

Meu corpo se preparou para isso como se fosse acontecer comigo em vez de Jules.

Eu preferiria que fosse eu.

Mas o pensamento positivo não mudaria a realidade. A realidade em que Jules tinha um pedaço de metal batendo na parte de trás de sua cabeça, certamente enviando dor para a fração de segundo antes que ela desabasse no chão duro. Não havia som no vídeo, mas eu podia jurar que a ouvi aterrissar. Duro.

Então a sombra não era mais uma sombra. Era um homem.

Eu sabia.

Sabia antes que tivesse algum motivo para saber.

Mesmo que pudesse ser qualquer um.

Eu sabia que ele era.

Então ele estava se movendo para a câmera como se fosse um maldito amador, parecendo um pouco diferente, mas basicamente o mesmo, inclinando-se, arrastando o corpo de Jules como se fosse nada mais do que um saco de grãos, algo que ele não precisava tomar cuidado. E pensei, por que ele iria começar agora? Depois de todo o dano que ele já havia feito.

— Filho da puta, — o guarda assobiou, já alcançando o telefone enquanto ele examinava uma última vez, pegando o canto de um carro quando ele se afastou. Não muito. Mas o suficiente para uma marca e parte da placa. Eu poderia trabalhar com isso.

— Faça-me um favor? — Eu meio que pedi, meio ordenei.

— O quê?

— Não conte aos policiais sobre mim até que eles venham aqui para ver as fitas.

— Quer ganhar algum tempo para resolver isso você mesmo. Eu entendo.

— Obrigado.

— Vá buscar sua garota, — ele falou enquanto eu estava correndo pela porta, já examinando meus contatos, levando meu telefone até meu ouvido. — Eu tenho uma marca e uma parte de placa. Me dê informações, — eu exigi assim que ouvi uma voz.

Foi curto e diferente de mim.

Mas era assim que esse negócio era às vezes.

Não haveria ressentimentos. Se houvesse, eu os acalmaria.

Agora, isso não importava.

Jules importava.

Apenas Jules sempre.

Eu não tinha ideia de qual era o seu plano. Este Gary que não era Gary. E não o Matthew. Esse homem que não passava de um rosto e algumas habilidades de atuação decentes. Este homem que não era ninguém.

Eu deveria ter passado mais tempo procurando, tentando encontrar alguém que correspondesse à sua identidade. Para saber o que estava enfrentando.

Ele era apenas um vigarista?

Apenas um Don Juan, seduzindo e roubando mulheres ricas? Era um velho golpe, que não tinha tanto empenho nos dias de hoje, quando a maioria das mulheres eram detetives particulares habilidosas da internet sobre todos os homens em suas vidas. Mas isso ainda aconteceu. E ele era jovem e atraente. Ele poderia criar uma boa vida para si mesmo desse jeito.

Ou era pior que isso?

Ele tinha um tipo diferente de passado criminoso?

Assalto?

Estupro?

Meu estômago deu um nó na ideia, nas possibilidades.

Do que ela poderia estar passando.

Porque a única razão para levá-la era silenciá-la.

E para silenciá-la, bem, ele conhecia Jules.

Ele teria que matá-la.

Ele teria que saber, com certeza, que não seria aceito.

Nós nunca deixaríamos que ele escapasse disso.

Eu, o Quin, o Lincoln, o Smith, o Miller, o Ranger, o Finn e até o Gunner.  
Nenhum de nós aceitaria isso.

Se ele a machucasse.

Se ele a levasse para longe de mim.

Não havia um canto neste mundo, nem uma caverna em que ele pudesse se esconder, nem uma pedra que ele pudesse se enfiar, onde eu não o encontraria, o arrastaria para fora e o faria pagar.

Lentamente.

Dolorosamente.

Sangrentamente

Eu era um bom homem.

Tomava cuidado com minhas palavras, tomando mais cuidado com meus punhos.

Mas isso não significava que não pudesse usá-los, que não sabia como usá-los.

Eu nunca tive a mais feliz das criações. Minha casa não estava cheia de amor e luz. Estava cheio de exaustão e expectativas, pais que trabalhavam quase até a morte e queriam que eu me destacasse em tudo que fizesse para garantir um futuro melhor para mim. Minha felicidade não era um fator.

O único alívio que encontrei foi nas aulas quinzenais de artes marciais com meu avô.

Ele me ensinou controle.

Ele me deu uma saída para a frustração que eu tinha.

Ele me mostrou que a violência era o último recurso possível.

Ele me disse que os homens, homens de verdade, homens bons, não batiam primeiro.

Mas por Jules, eu ficaria feliz em não ser um bom homem.

Ficaria feliz em pegar todas as habilidades que já aprendi e usá-las para fazer o ex babaca sofrer por qualquer medo ou dor que ele colocou nela.

Mas meu plano era chegar primeiro.

Antes que ele pudesse causar algum dano real.

Sacudidas, contusões e medo, com esses eu poderia lidar. Poderia curar. Poderia aliviar. Eu poderia ensiná-la a confiar nos homens, e em si mesma novamente.

Ela ficaria bem.

Eu me certificaria disso.

Mas eu tinha que chegar lá antes.

Porque se ele apenas a quisesse morta, poderia ter atirado nela. Bem ali no estacionamento do hotel. Fugir. Deixando as peças para os outros pegarem.

Ele não queria fazer isso.

Ele queria ter cuidado.

Ele queria ter certeza de que ele estava muito longe antes que alguém sentisse o cheiro dele no ar.

Eu tinha tempo.

Não muito.

Mas algum.

Se pudesse manter minha mente focada, eu poderia encontrá-lo. Eu poderia encontrá-la. Tirá-la de lá. Trazer todos os outros para lidar com as consequências. Seja o que for que seja.

Meu telefone tocou no porta-copos, fazendo-me estender a mão com os dedos tão desesperados que deslizaram, fazendo-me desviar da estrada com um guincho de pneus, tentando encontrá-lo no assoalho aos meus pés.

— Sim? Me diga que você tem alguma coisa.

— Mesmo nome. Matthew. Ele tem todos os documentos para isso. Isso custa muito. Ele deve ser bom no que faz. Mas todos os documentos levam a um complexo habitacional semiconstruído...

Eu mal estava ouvindo enquanto colocava o carro para correr, enquanto eu saía para a estrada.

Claro.

Claro que era onde ele iria levá-la.

Estava vazio ainda, abandonado. Ninguém morava lá ainda, nem nas unidades acabadas.

A equipe teria saído às cinco horas, como faziam todos os construtores, e depois os funcionários do escritório não muito depois disso.

Seria seguro.

Quieto.

Ninguém estaria lá para vê-lo, muito menos para denunciá-lo.

Ninguém estava em qualquer lugar dentro de quilômetros.

*Ninguém a ouviria gritar.*

A escuridão era a coisa mais óbvia, sem postes de luz, sem lâmpadas acendendo nas calçadas ou varandas. Ainda não.

Escuridão em todo lugar.

Eu desliguei meus próprios faróis, sabendo que uma maneira infalível de ser visto era deixá-los brilhar em uma área que deveria estar deserta.

Eu rezei para o meu motor não ser alto o suficiente para ser ouvido.

Agradei a Deus que Ron tivesse o bom senso de ter a estrada principal pavimentada antes mesmo que todas as casas estivessem prontas.

Havia tantas unidades.

As sem paredes foram descartadas imediatamente.

Se, por acaso, os policiais locais patrulhavam essa área, ele precisava ter certeza de que não seria visto.

Assim, as unidades maioritariamente ou totalmente acabadas eram as únicas opções.

Poderia ser uma delas.

Teria sido inteligente ser qualquer outra.

Sem trilha de volta.

Nem mesmo uma trilha falsa.

Mas eu sabia.

Eu sabia qual delas era.

Sabia que era onde ele queria se alojar depois de deixar Jules sem dinheiro.

Eu sabia que era aquela porque ele queria que ela pagasse lá, por tirar isso dele.

Roubando suas pequenas férias depois de seu *trabalho duro*.

Eu não parei.

Estacionei um pouco longe, escondido atrás de uma das casas parcialmente construídas. Saí a pé, com o coração martelando enquanto me

aproximava da casa. Sua casa. Tecnicamente, a casa dela. Desde que era o dinheiro dela que estava pagando por isso

Honestamente, se ele não tivesse esbarrado em mim, seu plano era bastante sólido. Ele poderia matá-la e enterrá-la nos porões de uma das casas inacabadas. No momento em que alguém encontrasse seu corpo, se é que algum dia encontrasse, ele teria ido muito longe, provavelmente enganando alguma outra mulher pelo seu dinheiro.

Ele sabia o que estava fazendo.

Ele provavelmente fizera isso antes.

Tirou uma vida.

Ele estava sendo muito calmo, muito controlado sobre isso.

A maioria dos novos assassinos era impulsivos, planejava a limpeza depois que a ação foi feita.

Fui para a parte de trás da casa, vendo uma luz de lampião acesa no que era a cozinha, o azulejo de metrô parecendo ainda mais gritante graças à lâmpada LED brilhante.

Eu não vi ninguém no início do meu lugar empoleirado logo abaixo da janela. Mas, mudando para o outro lado, finalmente o vi.

Não Gary.

De pé ao lado da ilha, mexendo em uma mochila preta, nu até a cintura de seu calção. Seu cabelo parecia úmido também.

Sufoquei uma onda de pânico que talvez eu estivesse atrasado, talvez ele a tivesse matado e já tivesse tomado banho.

Não adiantaria tirar conclusões precipitadas.

Afastei-me da janela, sentindo um buraco no estômago ao perdê-lo de vista por alguns segundos que levei para chegar aos degraus que levavam à porta ao lado da cozinha.

Reduzi a velocidade lá, subindo com cuidado para não fazer barulho, imaginando um pouco fugazmente se ele tinha sido descuidado o suficiente para deixar a porta destrancada. Se ele pensasse que estava seguro aqui neste bairro vazio, ele poderia ter. Por uma questão de conveniência.

Inferno, como se para provar meu ponto de vista, havia um carrinho de mão com o nome dos empreiteiros contratados para construir as casas apoiado

ao lado das escadas. Esta casa estava acabada com exceção de alguns toques finais de decoração. Não havia razão para que houvesse um carrinho de mão ali.

Se ele estivesse carregando um corpo, ele não iria querer mexer em uma fechadura.

Isso funcionava a meu favor.

No momento em que ele ouvisse a porta se abrindo, eu passaria por ela, e na metade do caminho em direção a ele.

Contanto que ele não tivesse uma arma que pudesse me deter primeiro, eu não tinha dúvida de que poderia pegá-lo.

Daquele ângulo, eu podia vê-lo de lado, observando quando ele começou a puxar itens para fora de sua mochila, colocando-os sobre a ilha.

E foi então que eu soube sem sombra de dúvida.

Esse homem era um assassino.

Um assassino experiente.

Porque ele estava retirando itens muito específicos.

Luvras. O tipo longo que iria até os cotovelos. Como os açougueiros usavam.

Uma camisa de manga comprida.

Calças compridas.

Tênis baratos.

Um chapéu.

A roupa que ele iria matá-la, em seguida, queimar ou enterrar, se livrar de alguma forma, de alguma maneira. Itens que ele provavelmente comprou em uma grande loja com dinheiro. Impossível de rastrear mesmo se eles fossem encontrados de alguma forma.

Isso asseguraria que nada dele se transferisse para ela.

Minha pele ficou fria com o que saiu em seguida.

Um saco de plástico simples, mas grosso.

Veja, a maneira que alguém matava alguém dizia muito sobre eles.

Armas, elas eram impessoais. Era por isso que os profissionais as usavam. Era uma maneira rápida e eficiente de tirar uma vida que envolvia tanto, ou tão pouco, contato entre você e sua vítima como você queria.

Facas podem ser pessoais ou não. Os profissionais usavam as vezes também. Elas eram silenciosas. A morte poderia ser rápida se você soubesse onde

afundar a lâmina. Elas também poderiam ser armas de paixão. Em casos de exagero, sempre era uma faca.

Mas um saco, precisava alguém com gelo em suas veias.

Demorava muito tempo para sufocar alguém.

Os filmes faziam parecer rápido.

Um dispositivo de enredo porque a realidade era sombria e desconfortável.

Demorava uns bons seis a dez minutos para sufocar alguém até a morte.

Os filmes mostraram os primeiros quarenta e cinco segundos disso. Enquanto o sangue começava a inundar com dióxido de carbono, forçando-o a entrar em pânico, debater-se, lutar.

Mas nos filmes, era aí que tudo terminava.

Na realidade, demorava cerca de dois minutos para o corpo escorregar para a inconsciência, mas o corpo ainda podia se debater. E então de lá, você tinha que ficar lá segurando o saco por mais quatro ou seis minutos.

Você ficaria literalmente de pé, segurando um saco sobre a cabeça de alguém por dez minutos.

Dez minutos.

Pensando o tempo todo, porque isso não era um crime passional, uma decisão impulsiva e irada. Ele só estaria lá, tirando a vida de Jules enquanto ele, o que, pensava sobre o que ele teria que beber depois?

Ele estava indo com calma, friamente, com determinação roubar a vida de Jules dela.

Roubá-la de mim.

Não no meu maldito turno.

Antes que eu pudesse pensar mais sobre isso, minha mão foi para a maçaneta, virando-a sem sequer pensar, e acelerando para dentro.

A cabeça do Falso-Gary girou rápido na minha direção. Mas mesmo quando a surpresa se registrou, eu estava pulando nele, o corpo encolhido, o ombro acertando-o no estômago, derrubando-o de costas no chão duro de ladrilhos.

De lá, não houve pensamentos.

Apenas ações.

Golpes

Tomando alguns.

Dando mais.

Até que me dei conta do sangramento aberto dos meus dedos, a dor em meus dedos, o fato de que eu estava apenas batendo em um rosto ligado a um corpo inconsciente.

Não querendo arriscar, vasculhei sua bolsa, encontrando corda, tomando um momento para amarrá-lo como um porco, achando, previsivelmente a essa altura, fita adesiva na mochila também, colocando sobre sua boca.

Eu me preocuparia com ele mais tarde.

Tinha que me preocupar com Jules agora.

Agarrando o lampião, atravessei a casa, verificando os cômodos um por um, não encontrando nada além de uma bagunça no banheiro do primeiro andar, a tubulação puxada para fora da parede, a água acumulada no chão.

Quase não percebi isso na minha pressa de localizá-la.

Mas quando me virei para sair pela porta, a luz pegou o vermelho.

Sangue.

Sangue de Jules.

Meu estômago ficou tenso enquanto eu varria o andar de cima, o pânico aumentando mais e mais a cada minuto.

Nada.

Não havia nada lá em cima.

Nada embaixo.

Parei no meio do caminho quando fui checar novamente as salas do andar principal de novo.

O porão.

Ela tinha que estar no porão.

Abri as portas do armário, procurando as escadas, não encontrando nada.

Até que estava de volta na cozinha, abrindo o que parecia ser uma despensa. Estranhamente, o chão que levava a ela era uma espessa camada de madeira. Com um puxador.

Curioso, estendi a mão para levantá-la, descobrindo que havia uma alavanca presa na parede para prender a porta para que você pudesse descer.

Para o porão.

Houve uma onda de alívio cauteloso ao vê-lo, mas a maior parte de mim sabia para não ficar muito animado, sabia que poderia haver más notícias abaixo. Ou nenhuma novidade.

Meus passos soaram trovejando enquanto eu corria para baixo, a lanterna levantada, girando-a no espaço escuro, incapaz de respirar.

Então ouvi uma raspagem. Como algo arranhando as paredes de blocos de concreto.

Meu braço se esticou, empurrando a lanterna naquela direção, sentindo o batimento do meu coração disparar quando eu vi uma sombra. E então uma figura.

Jules.

Na minha cabeça, eu disse em voz alta.

Mas acho que não.

E acho que a lanterna me lançou na sombra.

Porque quando cheguei perto, senti algo balançar e aterrissar em meu peito, arrancando meu fôlego.

— Jules

Naquele momento eu disse em voz alta, ouvindo um arfar de inspiração seguida por uma voz fraca. — Kai?

Abaixei a lanterna enquanto descia o último degrau, ficando agachado.

— Sou eu, querida, — eu confirmei, dando meu primeiro suspiro profundo antes de usar a lanterna para checá-la.

Seu nariz tinha um pouco de sangue seco sob ele. Não o suficiente para se preocupar que estivesse quebrado. Havia sombras sob seus olhos que facilmente se transformariam em olhos negros em apenas uma hora ou mais. Seus olhos estavam pequenos e doloridos, provavelmente pelo golpe de trás, o que a derrubara.

Ela estava encharcada, o cabelo molhado, o vestido grudado nela.

E o que provavelmente a incomodava mais do que tudo, ela estava imunda.

O chão de terra e sua umidade haviam feito uma bagunça em cada centímetro de pele. Havia redemoinhos neles onde ela pareceu tentar limpá-lo. Em vão.

Quando meu olhar voltou para seu rosto, vi seus olhos se encherem de lágrimas. Seu lábio tremeu.

Pousei a lanterna ao lado dela, alcançando meu bolso, discando sem pensar.

— Kai! — A voz de Bellamy chamou, rindo, feliz, despreocupado. Como costumava ser. Até que não era. Quando pessoas como eu ligavam com palavras como as que eu estava prestes a dizer. — Como você está?

— Preciso de você, — eu disse a ele, a voz grave como me sentia. Tomar a decisão que eu estava tomando. Não era algo para levar na brincadeira.

— Shh, — ele disse para quem quer que estivesse lá, provavelmente um harém de mulheres, como de costume. Apenas mais um dia em sua vida.

— Eu te disse... eu não vou trabalhar para Quin.

— Não para Quin. Para mim.

— Para você? — ele perguntou, a voz ficando mais séria. — Você tem certeza? Já pensou sobre isso?

— Alguém sequestrou e espancou Jules depois de fingir ser o namorado e noivo dela, depois que roubou todo o dinheiro dela e a deixou no dia do casamento.

— Sua Jules, hein? — ele perguntou, sabendo dos rumores, porque ninguém parecia se calar sobre eles.

— Sim, — eu concordei.

— Tudo bem. Onde?

— Você está no interior?

— Na cidade, — ele afirmou, fazendo-me relaxar um pouco. Era um risco com ele. Ele poderia estar em Nova York... ou ele poderia estar em Amsterdã. Você nunca sabe de um dia para o outro.

— Eu preciso de você em Connecticut. Eu deixei um presente no chão em um prédio abandonado. Você só tem até o nascer do sol. Talvez levá-lo para visitar Ranger.

— Entendi. Está feito. Considere isso tratado.

— Obrigado.

— Não mencione isso.

Com isso, ele desligou, toda a diversão e leveza de sua voz se foi, entrando no modo de trabalho.

— Eu bati em você. — A voz de Jules soou leve, sem ar.

— Estou bem. Esses são alguns bons reflexos, querida, — declarei, tentando dar-lhe um sorriso. — Sua cabeça dói?

— Bati em uma parede. E hum... algo bateu na minha cabeça.

— Sim, eu vi essa parte. Câmeras, — eu especifiquei. — Você está pronta para sair daqui? Pegar um remédio para enxaqueca para você?

— Gary...

— Não se preocupe com Gary. Você pode andar?

— Sim, — ela concordou, estendendo a mão, indo pegar a minha, apenas para puxar de volta com um silvo.

— Que foi, querida? — Eu perguntei, estendendo a mão para o pulso dela, tentando virar a mão para olhar para sua palma.

— Lascas, — ela me disse, respirando fundo. — De...

— Bater na porta, — eu terminei por ela. — Sua pequena lutadora. Ok, aqui, — eu ofereci, soltando seu pulso para virar um pouco, colocando um braço em volta da sua cintura, puxando até que ela se levantou, pegando a lanterna e a ajudando na direção das escadas.

Ela não disse nada quando saímos pela porta da frente, eu a dirigindo assim, porque não queria que ela visse seu ex amarrado no chão da cozinha, porque... talvez... eu não queria que ela olhasse para mim de maneira diferente por aquilo.

— Tudo bem. Eu não consegui impedir o segurança de chamar a polícia, então vamos ter que lidar com isso, — eu disse a ela quando chegamos ao carro. — Não, não enrijeça. Vamos manter isso simples, sim? Você foi atingida na cabeça. Você acordou em um bosque. Tem farpas de se empurrar para levantar. Tem sujeira do chão da floresta. Você não sabe como você se molhou.

— Você quer que eu minta para a polícia?

— Você *precisa* mentir para a polícia, — eu esclareci, ligando o motor, me retirando com as luzes apagadas. — Não podemos ter a verdade aparecendo.

— Certo, — ela concordou, respirando fundo, segurando-o e soltando-o como um suspiro.

— Você pode fazer isso? Você quer ir para outro hotel por hoje? Lidar com isso amanhã?

— Eu quero acabar com isso, — ela me disse imediatamente. — Eu só... quero ir para casa, — ela acrescentou, a voz irregular.

— Tudo bem. Vamos lidar com isso agora.

— Como você me achou? Na história da polícia?

— Você estava andando pela estrada tentando conseguir ajuda.

— Certo, — ela concordou, assentindo, respirando fundo novamente.

— Serão apenas alguns minutos. Se eles pressionarem demais, fique histérica. Chore. Diga que você quer tomar banho. Diga que não pode mais falar sobre isso. Eles vão deixar passar.

— Tudo bem, — ela disse, assentindo, sem parecer muito confiante. Mas eu conhecia Jules. Ela iria se controlar. Ela manteria a compostura o suficiente para não desmoronar.

Então eu estaria lá por ela quando ela perdesse o que sobrou desse controle.

Havia, como era de se esperar, um carro de polícia estacionado na frente, motor deligado, o policial conversando com as pessoas na recepção.

— Respire fundo, — eu a lembrei quando parei, pulando para abrir a porta para ela.

Durante a hora seguinte, ela foi interrogada, reinterrogada, fizeram passar a história meia dúzia de vezes para policiais bem-intencionados e invasivos que tentaram várias vezes levá-la para o hospital, para obter um kit de estupro desde que ela ficou inconsciente por um período de tempo, sem saber o que aconteceu com ela.

Fui afastado alguns metros de distância, interrogado, reinterrogado e considerado inútil. De propósito.

O detetive conversando comigo estava apenas me agradecendo pelo meu tempo quando eu ouvi.

Choro.

Me desviei, encontrando Jules curvada para frente, as costas de suas mãos no rosto em vez das palmas feridas, o corpo tremendo.

— Eu não posso mais fazer isso, — ela chorou, e parecia que só eu poderia dizer que era falso quando eu corri até ela, colocando um braço em volta da sua cintura, puxando-a para mim.

— Vocês têm o suficiente? Ela precisa descansar, — disse a eles.

— Sim, — o detetive principal concordou, assentindo. — Acho que temos o suficiente para continuar. Aqui está o meu cartão. Por favor, ligue se ela se lembrar de mais alguma coisa.

Alguns minutos depois, os policiais se foram e eu levei Jules para o elevador.

— Espero que ele pague por isso, — disse o guarda de segurança enquanto nos movíamos para dentro.

— Ele vai, — eu prometi quando as portas se fecharam. — Ok, — eu disse a ela quando entramos no quarto, sentindo-a respirar aliviada. — Eu sei que você quer ficar limpa, mas precisamos lidar com essas mãos. E talvez a parte de trás da sua cabeça, ok?

Ela engoliu em seco com isso. — Ok.

— Eu só preciso ver o que posso encontrar para tentar...

— Há pinças na minha bolsa, — ela declarou. — E um pequeno kit de primeiros socorros.

— Ok. Vá em frente e lave as mãos com um pouco de água morna e sabão. Eu vou logo.

\*\*\*\*

— Dê-me uma coisa, Jules, — exigi quinze minutos depois, inclinando a mão em torno da luz para ter certeza de que eu tinha todas as lascas grossas e retorcidas.

— Que coisa? — ela perguntou, voz vazia.

— Eu não sei, querida. Apenas algo. Você está completamente autômata agora.

— Estou *tão suja*, — ela declarou, a voz desesperada, mas também um pouco autodepreciativa, o suficiente para me fazer rir.

— Bem, isso é uma coisa que podemos corrigir, — eu disse a ela, levantando para ligar o chuveiro. — Limpe-se. Mas não esfregue a cabeça. Os

cortes não precisarão de pontos, mas você não vai querer esfregar os dedos em feridas abertas.

— Eu não tenho nada para vestir, — ela me disse enquanto eu me movia, pegando toalhas e esponjas.

— Eu vou te pegar uma camisa. Eu tenho algumas embaladas. Você está com fome? Quer que eu tente encomendar? Ou pedir se a cozinha estiver fechada?

— Você sabe o que eu quero? — ela perguntou quando voltei para o cômodo, já encontrando tufos de vapor pesados no ar.

— Não, o quê?

— Chocolate quente, — ela declarou com um tipo vacilante de sorriso, um que eu nunca teria imaginado que ela poderia ter, mas tinha.

Eu sorri de volta, sentindo meu coração, já repleto dela, transbordar um pouco. — Posso cuidar disso.

— Ei, Kai, — ela chamou, fazendo-me voltar e descobrir que ela já tinha liberado seu zíper a maior parte do caminho até as costas, sua calcinha rosa clara ligeiramente visível. Como ela conseguiu tirar essa maldita coisa estava além de mim.

— Sim?

— Obrigado por ter vindo por mim.

— Eu sempre vou atrás de você, Jules, — eu disse a ela, com a voz grave, observando como algo surgia em seus olhos, algo que eu não conhecia bem o suficiente para reconhecer, mas isso fez algo pesado pousar no meu peito. Mas pesado de um jeito bom, se isso fosse possível. — Sempre, — eu afirmei, fechando a porta atrás de mim enquanto saía, pegando seu chocolate quente, encontrando-a desligando a água na hora que voltei.

Foram vários longos minutos depois que ela surgiu. Vestindo minha camiseta branca, o cabelo ruivo soltando pequenas marcas d'água nos ombros.

Vê-la na minha camisa foi como um soco no estômago, tudo dentro de mim gritando quão *certo* era.

Mas uma olhada em seu rosto, a dor em seus olhos, as contusões sob seus olhos, a gaze enrolada em suas mãos, me lembraram que isso não era sob as circunstâncias que qualquer um poderia chamar de *certo*.

— Vamos lá. Tome seu chocolate quente com um analgésico, — eu disse a ela, acenando para o lado da cama.

Eu vi quando ela caminhou para lá entorpecida, pegou as pílulas com o chocolate quente, depois subiu sob as cobertas, sentou-se encostada na cabeceira da cama. — Ei, Kai?

— Sim? — eu perguntei, observando seu perfil até que ela se virou para mim.

— Quem estava ao telefone? Lá no porão?

Eu hesitei, respirando fundo, imaginando se tinha cometido um erro.

Chamando-o.

Atiçando-o sobre seu ex.

Eu agi com raiva ao vê-la machucada em suas mãos.

Mas, lembrei a mim mesmo, ele planejava matá-la.

Lentamente.

Dolorosamente.

Foi o movimento certo.

Mesmo que admitir isso a Jules fosse ser uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Por confessar isso, Jules nunca mais me olharia da mesma maneira.

Eu respirei fundo, mantendo contato visual.

— Bellamy

Aí.

Falei.

Jules nunca tinha, encontrado Bellamy, até onde eu sabia. Mas isso não significava que ela não soubesse quem ele era, o que era, o que fazia, por que Quin o queria na equipe.

Porque, bem, Bellamy tinha um título como todos nós.

Bellamy era conhecido como O Carrasco.

## *Flashback – 30 meses antes*

— Pare com isso.

A voz de Gunner era crescente e ameaçadora como sempre, fazendo a cabeça de Jules se erguer para encontrá-lo de pé na frente de sua mesa, as mãos enroladas em punhos, os punhos descansando na superfície da mesa. Tudo sobre ele dizia, *fique intimidada*.

Talvez uma pequena parte dela estivesse.

Era difícil às vezes não ficar.

Não apenas com Gunner, mas com quase todos no escritório. Eles eram todos de mundos tão diferentes, agiam de maneiras que às vezes não faziam sentido para ela, linguagem usada que a fazia se sentir como uma garota de oitenta anos tentando traduzir a gíria de seus bisnetos. E cada um deles tinha habilidades, tinha um passado sombrio e obscuro, tinha a capacidade de fazer pessoas reais desaparecerem completamente, tornar cenas de crime impossíveis de acusar alguém, fazer homens assustadores com armas concordarem com acordos que não queriam.

Eles eram um bando assustador.

Eles eram um lembrete constante de sua educação normal, de sua falta de malandragem, de sua ingenuidade sobre algumas das partes mais feias da vida.

Ela aprendeu rápido, felizmente, e havia captado tanto tão rapidamente.

Ela descobriu que, enquanto Quin às vezes era arrogante, ele nunca era mal-intencionado. Apenas exigente. Apenas alguém com altas expectativas.

Lincoln era um amor que amava genuinamente as mulheres. *Todas* as mulheres.

Smith era quieto de uma maneira severa, mas nunca levantou a voz para ela. Nem mesmo quando ela tropeçou algumas vezes nas primeiras semanas depois de ter começado no escritório.

Finn também era quieto e compulsivo, mas tímido, mesmo que às vezes lhe desse arrepios, já que ele costumava ser chamado para fazer os corpos desaparecerem.

Ela ainda não conhecera Ranger, mas relatos dele sugeriam que ele era mais reservado que agressivo.

Miller tinha sido rápida em ajudá-la no escritório, nunca com uma palavra malvada.

E Kai, bem, Kai era apenas um amorzinho.

Mas Gunner, Gunner ainda conseguiu intimidá-la. Ela tentou se esforçar para esconder isso, nunca para se chocar se ele rosnasse, nunca se encolher quando ele soltava algum discurso cheio de xingamentos.

Talvez uma parte disso tenha a ver com a aparência dele. Ele era alto e corpulento, coberto de tatuagens. Ele se movia como se fosse te dar uma surra se você sequer andasse em seu caminho.

Mas foi ele quem ainda fez com que ela tivesse que se esforçar para não demonstrar seu medo.

E inclinado sobre a mesa dela como estava, olhando-a furiosamente e rosnando para ela como estava, ela não conseguia parar o jeito que seu estômago tencionava, que os ombros dela endireitavam, se preparando para o que quer que se seguisse.

— Parar o quê? Eu estou codificando arquivos com cores, — ela disse a ele, agitando os adesivos multicoloridos na frente dele.

— Você sabe o que, — ele insistiu, levantando as sobrancelhas como se a achasse exasperante.

E, para ser justa, ele provavelmente achava. Vendo como ele sempre levantava a sobrancelha para ela assim. Algo sobre ela simplesmente o atrapalhara desde o primeiro dia em que ela começou. Ou talvez ele simplesmente não gostasse de ninguém. Que era uma possibilidade definida. Ele não tinha exatamente um monte de amigos.

Ela tentou não levar para o lado pessoal.

Seu trabalho era manter seus arquivos corretos, levar café para ele, não ser sua amiga.

Ela fazia a parte dela.

Ela imaginou que se ajustaria à sua maneira abrupta de lidar com ela eventualmente.

— Claro que não, — ela disse, encolhendo os ombros.

— O que estava acontecendo com você e Kai?

— Eu e Kai? Nada.

— Besteira. — A palavra atravessou o espaço vazio, o suficiente para que ela não conseguisse impedir a cabeça de se afastar um pouco como se tivesse sido atingida.

— Desculpe?

— Eu saio, e ele está ajudando você a arquivar. Depois de trazer-lhe salada para o jantar. Depois de limpar a sua mesa enquanto você estava falando com Quin.

— Ele é um cara legal, — insistiu Jules.

— Ele é, — ele concordou, assentindo. — E você precisa parar de foder com ele.

Suas sobrancelhas se franziram nisso. — Foder com ele? — ela repetiu, esperando que o palavrão não parecesse tão artificial como parecia para ela. Gunner era do tipo que respondia a linguagem chocante, já que o usava tão livremente. E enquanto ela não era fã de xingar como um marinheiro, ela entendeu que, com ele, ela precisava fazer isso para ter impacto.

— Sim, fodendo com ele. Não se faça de idiota, duquesa. Nós dois sabemos que você não é.

Bem, essa foi a coisa mais próxima de um elogio que ele lhe dera. E enquanto era só um pedaço, o orgulho dela roubou isto para se deleitar.

Tão patético quanto isso talvez fosse.

— Eu não estou me fazendo de idiota, Gunner. Eu não sei do que você está falando.

— Por razões completamente fodidas além de mim, aquele garoto tem uma queda por você. E dane-se se vou ficar parado, e assistir você guiá-lo pelo seu pau porque você gosta de tê-lo fazendo coisas por você. Consiga um namorado. Deixe Kai em paz.

Sua boca se abriu e fechou, um peixe procurando oxigênio.

Mas não importava que ela não pudesse encontrar as palavras para dizer de qualquer maneira.

Porque Gunner tinha saído do escritório, batendo a porta atrás dele.

Ela se abaixou em seu assento, respirando fundo, tentando combater a sensação de frieza em sua pele, a mesma sensação que se lembrava de ter sentido durante toda a sua infância e adolescência quando um idoso a repreendia.

Mas enquanto Gunner era certamente alguns anos mais velho que ela, ele não era um ancião.

E ele não era seu chefe.

E ele não tinha o direito de falar com ela desse jeito.

E dane-se se deixaria ele fazer isso de novo.

— Gunner estava gritando? — a voz de Kai perguntou, entrando na área de recepção com ela, o cabelo dele caído onde esteve levantado quando ela o viu alguns minutos antes.

— Sim.

— Com quê?

— Eu, — Jules disse a ele, levantando-se novamente, com coragem, determinada a não deixar sua pequena explosão estragar sua noite. Ou o amor dela pelo trabalho.

— Ele estava gritando com *você*? — Kai perguntou, voz tomando uma frieza que ela não tinha ouvido antes. Quase, talvez, como raiva.

Ela olhou para ele, imaginando se talvez Gunner estivesse certo. Ele era doce com ela. Ela imaginou que ele tinha sido apenas doce. Era possível que ela estivesse errada. Ela nunca tinha sido ótima em pegar sinais sutis.

— Sim. Nós tivemos um desentendimento.

— Eu vou falar com ele, — Kai insistiu, já se movendo em direção à porta, com a intenção de alcançá-lo.

— O quê? Não. Está tudo bem.

— Não está bem, — ele insistiu, voltando-se, dando-lhe um olhar quase duro. — Tudo bem se vocês dois discordarem, mas não é bom para ele gritar com você em voz alta o suficiente para eu ouvi-lo no meu escritório. Caso encerrado, Jules.

Com isso, ele saiu também.

As coisas com Gunner nunca se recuperaram.

E porque ela não sabia bem como lidar com a ideia de Kai ser doce com ela, ela escolheu a opção mais fácil.

Negação.

Kai estava tendo Falso-Gary morto.

Essas palavras não pareciam juntar-se. Nem mesmo em minha mente.

Kai era todo amor, luz e bondade.

E enquanto as histórias de Bellamy podiam dizer o mesmo, todos sabiam a verdade. Havia um poço de escuridão lá dentro que era profundo.

Talvez a verdade pudesse ser dita de Kai.

Mesmo que isso fizesse meu estômago parecer girar desconfortável.

Eu não tinha o direito, claro.

Eu trabalhava com assassinos.

Quin, Smith, Lincoln, Ranger, Finn. Todos eles estiveram no exército, todos mataram pessoas. Provavelmente muitas pessoas. E enquanto ela nunca chegou a dizer isso, Miller provavelmente também o fez.

Não sei por que imaginei que Kai seria a exceção à regra no escritório.

Talvez houvesse sangue nas mãos dele.

Nesse caso, é claro, o sangue não estaria diretamente em suas mãos.

Ele estava contratando Bellamy.

Ele estava terceirizando o trabalho para um especialista.

— Kai... — Eu ouvi uma mistura de preocupação e talvez até uma pitada de descrença.

— Ele estava planejando matar você, Jules, — Kai me disse, fechando os olhos para exalar, como se ele estivesse tentando empurrar uma imagem para longe. — Ele estava tirando todos os itens na cozinha quando cheguei. Se eu chegasse cinco minutos depois...

— Você não chegou, — eu o consolei, colocando minha mão envolta em gaze em seu braço, observando o olhar dele lá, ficando por um longo momento antes de voltar para o meu rosto. — Como ele iria fazer isso?

— Jules... não.

— Diga-me. Como ele estava planejando me matar?

— Isso não...

— Sim, — eu o interrompi. — Importa.

— Ele bateu em você na cabeça com um cano. Ele a bateu em uma parede.

Pela aparência de seus pulsos e garganta, ele sufocou e amarrou você. Por que esse detalhe é importante depois de tudo isso?

— Kai...

Ele suspirou, e eu sabia que tinha conseguido o que queria. — Ele ia sufocá-la com um saco plástico.

Senti aquelas palavras chegarem, serem lentamente absorvidas, girarem um pouco enquanto refletia sobre as implicações delas, enquanto eu aceitava o terror delas.

Cinco minutos.

Se ele tivesse chegado cinco minutos mais tarde, eu teria um saco na minha cabeça, tentando desesperadamente lutar enquanto meu ar diminuiria mais e mais.

— Ele deve realmente ter se ressentido comigo, — eu pensei em voz alta, de alguma forma sentindo a necessidade de compartilhar os pensamentos, não algo que eu estava propensa a fazer. Mas com o Kai, acho que era diferente. Porque ele estava nessa loucura comigo. Porque ele tinha me visto em alguns dos meus momentos mais baixos. Porque sabia que podia confiar nele para não compartilhar isso com mais ninguém.

— Jules, não. Ele é apenas um doente...

— Não, — eu o interrompi de novo, balançando a cabeça lentamente. — Ele se ressentia. Ele realmente me desprezava, Kai. O jeito que ele falou comigo, — eu continuei, engolindo o gosto amargo na minha língua. — Ele não estava frio e distante, apenas chateado porque eu era uma ponta solta que ele tinha que amarrar. Ele queria me machucar. Queria que suas palavras me cortassem. E me conhecia, então sabia exatamente o que dizer. Ele me jogou no porão com piso de terra encharcada porque ele sabia o quanto odeio estar suja. Em cima de tudo isso, ele queria que eu sofresse até a morte. Não apenas morrer. A morte não tem que ser lenta e agonizante. Mas ele queria isso para mim. Isso era pessoal para ele. Ele realmente me odiava.

Eu não sabia por que isso me incomodava.

Sempre fui um tanto inabalável na ideia de minha autoestima. Não porque fosse arrogante, mas porque sabia o que valia. Sabia que trabalhava duro. Sabia que era inteligente. Sabia que era leal, dedicada e atenciosa.

E porque sabia tudo isso, senti que merecia um bom homem. Porque eu pensava que era uma boa mulher.

Não deveria me atingir que ele me odiasse.

Mas aconteceu.

Isso mexeu dentro, fazendo meu coração se sentir baixo e pesado, fazendo desânimo de abater.

Se alguém que compartilhou minha vida comigo por tanto tempo, a quem eu dei tudo de mim, me odiava tanto... o que isso tinha a dizer sobre o que eu tinha a oferecer?

— Olhe para mim, — a voz de Kai cortou minha reconhecidamente sombria festa de piedade. — Se ele odiava você, isso era culpa dele. Não sua. Você é incrível. Qualquer um que conheceu você sabe disso, acha isso. Você não pode ser culpada pelo péssimo gosto dele. — Ele fez uma pausa, me observando, lendo-me e eu sabia o que ele estava vendo. Que eu não estava convencida. Que estava prestes a usar meu próprio orgulho como piñata, me martirizar, observando como pequenos pedaços intermináveis de insegurança caíam. — Não seja essa garota, — ele exigiu estranhamente, fazendo minhas sobrancelhas franzirem.

*Essa garota.*

Essas nunca foram boas palavras.

Endureci com a ideia de ele usá-las.

Mas esse era Kai.

Então ele tinha o benefício da dúvida.

— Que garota? — perguntei, ouvindo a hesitação na minha voz.

— A garota que suporta os problemas de um cara e os aceita como seus próprios. As pessoas têm todos os tipos de motivos para serem assim. Talvez a mãe dele batesse nas mãos dele com uma régua se o quarto dele não estivesse limpo o suficiente e sua preferência por limpeza o lembra disso. Talvez sua mãe fosse uma mulher de carreira que valorizasse seu trabalho mais do que o tempo

com ele. Talvez ele veja sua ambição repetindo esse ciclo, Ou talvez ele seja apenas um desgraçado sem coração que odeia mulheres, gosta de manipular e machucar, e até de matá-las. Talvez tenha sido uma doença com a qual ele nasceu. Mas seja o que for, é dele. Não é seu. Largue isso. Você não deveria carregar isso.

Senti ardor nos meus olhos, sabia que estariam deslizando a qualquer momento.

Eu não era uma chorona.

Mas Kai poderia fazer isso, chegar ao meu coração. Por quê? Eu não sabia. Eu só sabia que era verdade.

Respirando com dificuldade, inclinei-me para frente, minha testa pressionando seu braço.

E eu as disse.

As palavras que senti na minha alma.

— Eu não mereço ter você em minha vida.

— Pare, — ele exigiu, voz suave, mão apertando meu ombro. — Não diga isso. É ridículo. Você está cansada. E, admitindo ou não, machucada. Fisicamente e emocionalmente. Você precisa descansar. Você estará pensando, e sentindo-se melhor pela manhã.

Eu não acreditei muito nele, mas pressionei meus lábios.

Porque isso não era um desenvolvimento novo, essa ideia de Kai ser muito bom.

Era algo que eu sentia, sabia, faz tempo.

Nada do que fiz na vida me fez merecer o tipo de amor inabalável que ele parecia sentir por mim.

Era, para ser perfeitamente honesta, intimidante. Esmagador.

Eu não tinha certeza se tinha algum direito para reivindicá-lo.

Pertencia a alguém mais suave, mais doce, alguém menos rígida e ambiciosa, alguém que sabia como relaxar e que não seguisse a vida toda baseada em listas e ideias de como as coisas *deviam* ser.

Refleti sobre isso enquanto a respiração de Kai ficou profunda e firme, enquanto o corpo dele relaxava.

Não foi antes de mais uns vinte minutos que eu levantei a cabeça, equilibrando-me no antebraço para olhar para ele.

Minha mão se moveu sem sequer perceber isso a princípio, subindo, afundando nos fios curtos de seu cabelo.

Eu nunca tinha admitido isso em voz alta, mas era um pequeno segredo dentro da minha cabeça.

Eu amava o cabelo dele.

Não tanto assim.

Mas como ele gostava, como ele costumava mantê-lo.

Mais longo.

Emoldurando o rosto dele.

Negros e parecendo tão macios que seus dedos coçavam para passar entre os fios sedosos.

Eu tinha esse estranho fetiche de apreciar amarrar tudo no alto. Ou soltá-lo.

Esquisito? Sim.

Porque eu nunca gostei de cabelos compridos.

Eu achava desagradável e pegajoso. Isso me lembrava de motoqueiros sujos ou aspirantes a cantores de música da pesada.

Apenas não era meu tipo.

Mas em Kai, sei lá, sempre fez isso por mim.

Vê-lo cortado foi horrível, um choque para o meu corpo. O corte mais curto mostrou sua mandíbula bastante forte. Isso o fez parecer mais velho e mais profissional.

Mas esse não era Kai.

E sentia falta daquele Kai.

O Kai antes de eu fazer coisas feias para ele. Antes que eu escolhesse outro homem em vez dele. Antes de concordar em me casar com alguém diferente dele, passar minha vida com alguém que não fosse ele.

Ele cortou na noite anterior ao casamento.

Eu o vi no sábado.

Estava atolada no trabalho.

Ele tinha estado lá, cabelos longos em um coque solto.

Então ele cortou por causa do casamento.

Parecia arrogante pensar nisso, mas eu tinha certeza de que era a verdade.

Eu o fiz sentir que ele precisava ser algo diferente.

Eu não tinha certeza se poderia me perdoar por isso.

Não foi feito intencionalmente, maliciosamente. Eu não ficaria contente observando alguém como eu de longe, e ficando magoada quando eu namorasse outra pessoa.

Eu estava tão envolvida nos meus planos, meus objetivos, meu sonho de como a vida deveria ser.

Eu era, por natureza, prática.

Nada romântica.

Essa era Gemma.

Deus salvou todas as coisas românticas, rosas e borboletas para ela enquanto eu recebia toda a seriedade, a praticidade.

Nem mesmo quando fui adolescente, quando deveria ter sido melindrosa e boba sobre garotos, tudo em que eu conseguia pensar era em quem teria um futuro melhor, qual garoto conseguiria um bom emprego, seria um bom marido, bom para seus filhos.

Eu namorei o menino com maior probabilidade de ter sucesso. Não porque senti meu coração dar cambalhotas por ele, mas porque era a escolha mais lógica. Nós combinamos. No papel, nos encaixamos. Ele provavelmente teria sucesso, eu era oradora da turma.

Eu não tinha ficado toda sentimental sobre os marcos do namoro também.

O primeiro encontro envolveu nós dois explicando nossos planos e metas, o que queríamos fazer, e quando.

Perder minha virgindade não era cheio de preocupações e exigências pelo felizes para sempre dele. Tinha sido apenas sexo. Uma progressão natural do nosso relacionamento.

E quando estupidamente coloquei todos os meus ovos em uma cesta, apenas me inscrevendo para Yale porque era onde eu tinha certeza de que deveria ir, onde trabalhei tanto para conseguir, e ele entrou... e eu não... não chorei e arranquei meu coração porque nós terminamos, ambos sabendo que era inútil tentar manter um relacionamento à distância.

Então ele foi embora.

Eu me concentrei.

E trabalhei.

Então exigi um emprego com Quin porque parecia que iria pagar bem, enquanto dizia a mim mesma que voltaria para a escola, iria me formar.

Mas então não havia razão para isso. Porque Quin me pagou mais do que eu poderia esperar ganhar, a menos que eu me tornasse uma grande CEO. E isso provavelmente levaria uma década. Bem, provavelmente duas porque eu era mulher.

*Você terá que ser duas vezes melhor. E ainda levará o dobro do tempo.*

Minha avó me dera esse conselho, tendo trabalhado até ao cargo de secretária-chefe de uma grande empresa de marketing antes de se casar com meu avô.

Ela costumava me presentear com histórias de inadequações de seus empregadores masculinos, como eles não podiam usar uma máquina de escrever para salvar suas vidas, como eles não tinham ideia de como preparar um bule de café, como alguém genuinamente não sabia como fazer suas próprias chamadas telefônicas.

Minha avó era esperta, habilidosa, merecedora de muito mais do que aquela empresa jamais daria a ela. Simplesmente baseado em seu sexo. E enquanto os tempos eram melhores, não eram onde deveriam ser.

Ela estava certa.

Se eu seguisse essa rota de CEO, não teria feito o dinheiro que estava ganhando até os quarenta anos. E se quisesse filhos, e eu queria, isso pode estar fora do meu alcance por mais tempo ainda.

Eu tinha acertado em cheio com o meu trabalho.

Não ter sido aceita em Yale e perder meu namorado do ensino médio foi uma das melhores coisas que aconteceram comigo.

De acordo com o meu plano de vida, era.

Para a minha vida como um todo, bem, eu acho que nem sequer tenho um desses.

Era algo sobre o qual escolhi não pensar muito, sabia que iria me culpar, se pensasse. Então me mantive ocupada.

Era apenas em momentos muito tranquilos. Como no chuveiro. No caminho do trabalho, logo antes de dormir. Foi só então que me lembrava de algo.

Ocupada não significava feliz.

Bem-sucedida não significa realizada.

Eu não fui ver um filme há anos. Não saía para beber há tanto tempo.

Não tinha ideia, genuinamente nenhuma pista do que me satisfaria, o que me daria alegria.

Nem prazer.

Porque me *agradava* ter uma conta bancária cheia, ter minhas contas pagas, poder fazer compras se quisesse, ter uma casa limpa e o respeito das pessoas no trabalho.

Mas o prazer era uma coisa superficial.

A alegria era duradora.

Alegria era aquela coisa que fazia você sorrir quando ia para a cama, quando se levantava de manhã.

Alegria era um conceito estranho para mim.

Gemma prosperava nisso.

Meus pais encontraram um no outro.

Minha avó encontrou em seus filhos, seu marido, seu jardim.

Mas eu?

Não sabia o que me traria isso.

Eu não tinha tempo livre, nem passatempos.

Não tinha filhos.

E realmente não entendia verdadeiramente o que era amor.

Agh.

Isso parecia triste até em pensar.

Mas era verdade, no entanto.

Meus parceiros foram escolhidos logicamente. Meu coração não teve nada a ver com isso.

Claro, eu *amava*.

Eu amava meus pais, meus amigos que eu raramente via, minha irmã, meus avós antes de eles morrerem.

Mas quando se tratava de amor romântico, eu era ignorante como um bebê recém-nascido. Estava tão perdida quanto as pessoas em uma viagem antes que o Google Maps fosse inventado.

Não entendia isso.

Em mim.

Então eu não entendia em Kai.

Em relação a mim.

Eu não queria machucá-lo, e nos momentos em que as feridas aconteciam, eu acho que nem vi isso. Mas eu estava vendo isso agora. Estava me chutando por isso agora. Para cada vez que interpretei mal sua gentileza, pelo jeito que eu trouxe o Falso-Gary para o escritório, Oh, Deus, o dia em que mostrei-lhe meu anel, tolamente pensando que ele tinha... acabado por me superar porque ele tinha parado de ser tão atencioso.

Ele não tinha me superado.

Ele se afastou, então parei de machucá-lo tanto.

Houve uma sensação aguda e penetrante na minha barriga ante isso, algo bastante real para me fazer rolar de costas, pressionando a mão lá, meio esperando que minha mão saísse ensanguentada. Isso foi o quanto doeu.

Eu fiquei lá por um longo tempo, pressionando a mão na minha barriga como se fosse estancar o sangramento, imaginando quantas vezes fiz Kai sentir exatamente isso.

— Ei, querida, qual é o problema? — a voz de Kai perguntou, suave, mas rouca de sono.

— Nada, — eu menti, nem remotamente de forma convincente.

— Então o que é isso? — ele perguntou, sua mão estendendo-se, passando pela minha bochecha, mostrando-me a umidade lá.

Eu nem sabia que estava chorando.

Era quão alheia a realidade estava, com meus sentimentos.

Eu meio me virei no travesseiro, os olhos encontrando os dele. — Como você não me odeia? — eu perguntei.

— *O quê?* — a voz de Kai perdeu o sono em um instante. — Te odiar por quê?

— Por ser ignorante, — expliquei. — Por ferir você com minha própria falta de consciência ou... compreensão.

Kai fez uma pausa, pensando bem, algo que eu apreciava mais do que simples garantias ou negações.

— Porque... enquanto você não entende, eu entendo. Eu entendo você. Eu não estou bravo ou chateado porque sei que você nunca me machucou por qualquer culpa sua. Sei que você nunca realmente... compreendeu tudo isso, — ele disse, acenando com a mão entre nós. — Você não pode ser culpada por algo se você não soubesse o que estava acontecendo.

— Mas machuquei você. — Eu me apeguei a isso, precisando saber disso. Por alguma razão, precisando ouvi-lo dizer isso. Apenas para provar que eu estava certa. Ou para me punir. Eu não sabia.

Kai hesitou, mas eu me recusei a retirar o que disse, forçando-o a expirar lentamente. — Sim.

Meus olhos se fecharam, forçando mais algumas lágrimas descerem pelo meu rosto ao movimento.

— Jules, não, — Kai pediu, os dedos enxugando as lágrimas.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe. Não há nada para se desculpar. Eu sou responsável por meus sentimentos, não você.

— Você deveria gostar de alguém como Gemma.

— *O quê?*

— Alguém romântica, doce, gentil e boa. Como você.

A isso, tudo o que ouvi foi uma risada baixa, algo ondulado e masculino e, bem, meio sexy, para ser perfeitamente honesta.

Meus olhos se abriram, encontrando-o sobre seu cotovelo, olhando para mim, os lábios curvados para cima, os olhos dançando.

— O quê? — eu exigi quando ele não disse nada, apenas continuou me dando aquele sorriso ilegível, mas de alguma forma divertido.

— Você é ridícula, — ele declarou, encolhendo os ombros como se isso explicasse alguma coisa.

— Não, eu não sou.

— Você é, — ele insistiu, assentindo quase solenemente.

— Como assim?

— Você está agindo como se houvesse uma escolha em quem você ama.

Realmente não funciona assim. Você ama quem você ama.

— Agora *você* está sendo ridículo. Claro que o amor é uma escolha.

— Estar em um relacionamento com alguém é uma escolha. Amá-lo não é. Há muitas pessoas divorciadas hoje que ainda se amam. E há um monte de pessoas por aí que amam alguém com tudo o que têm, mas não escolhem estar com elas porque elas são viciadas ou não são confiáveis, ou elas trapacearam. A escolha de estar com alguém ou não, isso é uma escolha. Mas por quem você acaba se apaixonando, isso está completamente fora de seu controle. — Sua mão se moveu, puxando o colarinho de sua camisa do meu pescoço alguns centímetros, o roçar de seus dedos parecia fazer a pele formigar enquanto ele fazia isso. Ele passou o dedo pelo centro da minha cruz. — Você acredita que há algumas coisas que estão fora do nosso controle.

Não foi uma pergunta, mas eu respondi mesmo assim.

— Sim.

— Esta é apenas uma daquelas coisas.

— Kai?

— Sim? — ele perguntou, o dedo ainda traçando minha cruz, seu olhar focado ali.

— Por que você nunca fez um movimento? Você sabe... muito tempo atrás? Antes de Gary? Antes quando não havia ninguém no caminho.

— *Você* estava no caminho, — ele me informou, os lábios se curvando quando seus olhos encontraram os meus novamente. — Eu sabia como você se sentia sobre sua reputação no trabalho, como você tinha uma regra sobre não namorar ninguém no trabalho. Ouvi você dizer uma vez quando Gemma estava louca por Lincoln quando ela o conheceu, perguntando por que você não “pegou aquele”. E eu sabia que não era seu tipo, querida. Isso não é ótimo de admitir. E não me senti bem em perceber, mas era verdade. Eu não era o seu tipo. E tentar e ser rejeitado poderia ter sido pior do que nunca tentar. — Ele fez uma pausa e depois me deu um lento sorriso, quase triste. — Eu não preenchia, e não preencho suas listas, Jules. Eu entendo isso. Sempre entendi isso.

Meu estômago revirou com a menção da minha lista. A primeira coisa que ia fazer quando chegasse em casa era queimar aquela maldita coisa na lareira. Junto com qualquer coisa que sobrou do Falso-Gary.

— Que olhar é esse?

Exalei lentamente, encolhendo os ombros. — Eu quero ir para casa, mas não quero ir para casa. Se isso faz algum sentido.

— Faz sentido. Por que você não quer ir para casa?

— Tudo no meu apartamento me lembra dele agora. Ele tocou em tudo. Ele está em toda parte. Tudo parece manchado.

— Então vá para casa, mas não vá para casa, — ele sugeriu. — Vá ficar com sua mãe. Ou com Gemma.

— Olhe para mim, — eu disse, acenando com a mão para o meu rosto. — Teria que dizer a elas toda a verdade feia. Quero dizer, eu planejo fazer isso. Eventualmente. Uma vez que resolva isso. Mas se for até elas, teria que explicar agora. Eu só... não quero ir lá. Ainda não.

Eu não queria dizer isso, mas senti que não tinha explicação.

*E eu não tenho dinheiro para ficar em outro lugar.*

— Venha ficar na minha casa, — ele sugeriu porque, bem, é claro que iria. Porque ele era apenas o ser humano mais altruísta do planeta. — Não. Não se apresse em dizer não só porque sente que não pode pedir isso de mim. Você não está pedindo. Eu estou oferecendo. Venha ficar na minha casa por uma semana. Cure. Coloque a cabeça no lugar novamente. Então você pode descobrir o que você fará a partir daí. Podemos parar no caminho de volta, pegar tudo o que você precisa e, em seguida, ir para a minha casa.

Eu queria.

Não tinha nem ideia de como era a casa de Kai, e eu tinha me tornado um pouco exigente com essas coisas ao longo dos anos. Talvez ele fosse tão desleixado em casa quanto era em seu escritório no trabalho. Talvez ele colocasse os sapatos na mesinha de centro ou deixasse pratos na pia durante dias. Talvez ele não fosse chato sobre espuma de sabão no chuveiro como eu era.

Mas, de alguma forma, me encontrei genuinamente não me importando.

Eu queria ir para a casa dele.

— Diga sim, — ele exigiu. — Até aprenderei a usar minha cafeteira para algo além de preparar água quente.

— Tudo bem, — eu concordei, assentindo.

— Tudo bem? — ele perguntou, como se tivesse certeza de que tinha me entendido mal.

— Tudo bem, — eu afirmei, sentindo aquele aperto no peito outra vez.

\*\*\*\*

— É um apartamento ou uma casa? — eu perguntei depois que paramos para carregar alguma parte da minha bagagem com roupas, produtos de higiene, maquiagem, alguns livros e meus próprios travesseiros. Era um hábito estranho, talvez um tanto insultuoso, que eu pegara da minha mãe, que sempre insistira para que levássemos nossos próprios travesseiros quando íamos ficar em algum lugar. Não porque os travesseiros de outra pessoa estavam sujos, mas porque o nosso cheirava a lar, tornaria mais fácil dormir em um lugar estranho.

Além disso, bem, eu paguei muito caro para conseguir os melhores travesseiros que consegui encontrar, aqueles que não ficariam planos em cinco segundos. Eu dormia de lado. Eu precisava de um bom travesseiro ou teria um torcicolo dos infernos no meu pescoço.

— Você vai ver quando chegarmos lá.

— Odeio surpresas.

— Eu sei.

— Eu poderia pesquisar no Google. Sei o seu endereço. Conseguir a vista da rua.

— Mas você não vai, — ele concordou comigo.

E ele estava certo.

Eu não ia.

Estava indo metaforicamente sentar em minhas mãos e esperar.

Por sorte, não demorou muito.

— De jeito nenhum, — eu disse quando ele se virou em uma parte industrial da cidade, nada além de velhos armazéns ao redor.

— Por que não?

— Eu te imagino com um quintal.

— Fico muito na estrada. Eu não tenho tempo para mantê-lo. Mas gostaria disso. Algum dia. Uma casa. Um quintal com um cachorro e algumas crianças nele. Agora, no entanto, este funciona melhor para mim, — ele me disse, chegando ao que tinha sido uma fábrica têxtil.

— Esta é a sua casa? — eu perguntei, nem mesmo me incomodando em mascarar a descrença na minha voz.

— Paguei uma pechincha. Tinha sido o lar de alguns guaxinins e gambás. Eles tinham seu próprio ecossistema funcionando. Mas pus algum dinheiro nisso, consegui tudo limpo. Humanamente, — ele especificou como se eu pudesse imaginá-lo contratando alguém para espancar os pobres guaxinins e gambás. — Então comecei a construir do jeito que eu queria.

— São quatro andares.

— Sim.

— O que você poderia ter achado para fazer com todo esse espaço?

— Dois andares são a área habitável real. Tem três quartos. Às vezes, Lincoln vem entre as meninas. Bellamy e Ranger ficam se estiverem na cidade.

— E os outros dois andares?

— Bem... — ele disse, bateu em um controle no quebra-sol, fazendo uma porta gigante gemer lentamente, permitindo que ele dirigisse para dentro. Para um espaço de garagem gigante.

— Espere... aquele não é do Lincoln...?

— Corvette? Sim, — Kai me disse, apontando para o carro vermelho cereja no canto mais distante. — Ele ficou sem espaço, e alegou que ele nunca poderia ficar no tempo. Apesar de ser, você sabe, um carro e deveria ficar lá fora. Estou sob ordens estritas de não tocá-lo. Ou respirar nele. E meu carro, não é permitido soprar o escapamento nele. O que quer que isso signifique. Vamos, vamos lá para cima, — ele disse, pulando para fora, indo para trás e carregando os braços com a minha bagagem, deixando-me com nada além de meus travesseiros para agarrar.

Subimos escadas íngremes de cimento até uma porta, parando apenas para deixar Kai digitar um código, depois indo para o espaço escuro.

— Pronta?

— Eu não sei.

Mas então a luz acendeu.

E eu pude ver a casa de Kai pela primeira vez.

— Uau.

—? Uau Mau?

— Uau bom surpresa?

Não era o que eu esperava. Pilhas de coisas por toda parte com uma trilha limpa que leva à cozinha.

O espaço em si era um conceito aberto. Entramos na sala de estar com as janelas dos dois lados. A sala de estar estava montada em um quadrado de sofás. Eles eram um tanto baixos, negros e minimalistas. Muito moderno. No centro, uma mesa de café com um conjunto de arquivos de trabalho. Mas não espalhados, apenas todos juntos. Havia uma grande tela plana em frente à área de estar, provavelmente onde ele e os rapazes, ou Miller, relaxavam e assistiam a jogos ou filmes ou... o que as pessoas faziam quando relaxavam como adultos.

Atrás da sala de estar, havia uma mesa preta simples de quatro cadeiras colocada diante da enorme cozinha em forma de L, separada do resto do espaço por uma gigantesca ilha. Os balcões eram de cimento. Os aparelhos eram de aço inoxidável. Os armários eram de um cinza profundo.

Toda a área era fresca, mas não fria. Simplificada e limpa. Não havia cortinas ou almofadas, sem adornos de decoração.

Definitivamente uma casa de solteiro.

Porque Kai era solteiro.

Kai era solteiro e não um monge.

Ele era bonito, doce e interessante.

As mulheres tinham que ser atraídas por ele.

Irracionalmente, senti um gosto amargo inundar minha boca, reconhecendo o que era. Ciúmes.

Mesmo que eu não tivesse o direito de me sentir assim.

— Você tem uma empregada?

O pescoço de Kai ficou um pouco vermelho, um sinal infalível de culpa. —  
Sim.

— Mas você não me deixa limpar seu escritório.

— Não é o seu trabalho.

— Eu arrumo para alguns dos outros.

— Não é o seu trabalho, — ele insistiu antes de se afastar de mim. — Como você pode ver, esta é a área de estar principal. Sirva-se do que está na geladeira. Vou pegar algumas coisas saudáveis mais tarde para você. O banheiro do andar principal está... aqui, — ele declarou quando me aproximei dele, encontrando uma porta atrás da cozinha. — E aqui atrás é apenas a sala de jogos, — ele me disse, acenando antes de pegar outro lance de escadas largas de cimento. Eu me afastei, dando uma olhada para ver como uma sala de jogos poderia ser. Era exatamente o que parecia. Uma sala cheia de jogos de fliperama antigos. E uma pequena seção com uma TV gigante e uma coleção de consoles de jogos.

Kai gostava de jogos.

Como eu nunca soube disso?

— Eu te humilharia, — ele declarou, voltando para ficar ao meu lado. — No skeeball, — ele me disse, empurrando o queixo para onde eu estava olhando.

— Não sei. Eu costumava ser muito boa.

— Vamos jogar mais tarde. O vencedor escolhe o jantar.

— Parece divertido.

E foi.

Diversão.

Que conceito novo.

— Você escolhe o seu quarto, — ele me disse quando chegamos ao segundo andar. — Este é meu, — ele me disse, acenando com a mão em direção a um quarto com uma cama king-size com edredom azul. E outra TV. Um cara. Três TVs. Até agora.

— Este é o primeiro. É o que os caras geralmente escolhem, — ele me informou, acendendo a luz.

— Posso ver o motivo.

Era de paredes nuas e uma cama simples com um edredom ardósia. E você adivinhou, outra TV.

— Este nunca ninguém escolheu, — ele me disse, levando-me para o último cômodo onde as paredes eram de um suave verde-claro. A cama queen-size tinha um edredom branco exuberante. Havia uma cabeceira branca,

mesinhas de cabeceira brancas e um tapete branco com verde oliva tão grosso que eu tinha certeza de que meus pés simplesmente afundariam nele.

— Eu gosto desse olhar. Eu acho que nós temos um vencedor?

— Oh, sim. E sem TV. Você sabe que tem quatro TVs?

— Sei disso. Eu gosto de TV. Você deveria tentar algum dia.

— Talvez eu vá.

Talvez eu também goste disso.

Quem sabe?

— Tudo bem, então o banheiro de hóspedes fica no final do corredor. Tudo o que você pode precisar está lá. Sinta-se livre para espalhar suas coisas. Eu tenho meu próprio banheiro. Vou deixar você se acomodar. Estarei lá embaixo se você quiser companhia.

— Kai, — eu chamei um pouco desesperadamente quando ele se virou e se foi antes que pudesse sequer respirar.

— Sim?

— Obrigada. De novo.

— Estou feliz por ter você aqui, Jules. — Havia tanta sinceridade em seu tom que era impossível pensar que ele estava apenas jogando gentilezas.

E lá estava novamente.

O aperto no peito.

E estava começando a pensar que tinha uma ideia do que significava.

Andei ao redor, me estabelecendo, tomando banho, feliz por ver que minhas mãos estavam curadas, um pouco dolorosas ao toque, se eu tentasse agarrar qualquer coisa com muita força, mas tolerável. Não havia nada a fazer sobre meus olhos negros e a faixa de hematomas ao redor do meu pescoço, mas aproveitei o tempo para secar e pentear meu cabelo, tendo o cuidado de evitar o corte em lenta cicatrização no meu crânio.

Vesti uma calça e uma camisa simples, feliz por me sentir um pouco mais como eu mesma, e então desci as escadas para encontrar Kai descansando no sofá assistindo alguns procedimentos criminais, com os pés levantados na mesa de café. Mas sem sapatos, só meias.

— Quer se juntar a mim? — ele perguntou. — Podemos pedir o almoço daqui a pouco.

— Você não precisa dar entrada no trabalho?

— Eles vão ficar bem sem mim. Miller acha que eu estou com Bellamy. Ficando bêbado e fugindo pra Vegas ou algo assim.

— Todo mundo tem histórias loucas sobre ele, — eu observei quando me sentei no outro sofá.

— Ele é uma figura.

— Ele parece divertido e alegre.

— E você não consegue descobrir por que ele faria o que ele faz para ganhar a vida.

— Exatamente.

— Bellamy estava no exército com os caras. Fez alguns testes de personalidade. Acontece que ele tinha, eu não sei, algo nele que os caras grandes achavam que podiam dobrar, deformar e usar. Então, ele se tornou operações especiais. Operações secretas. Eu acho... quando você é ordenado a matar bastante, você fica insensível a isso. Ele teve problemas depois que ele foi levado para casa. Teve esse período negro que ele não podia se controlar. Até que ele soube que voltar para seus velhos hábitos...

— Matando pessoas, — eu especifiquei.

— Sim. Uma vez que ele começou a fazer isso, ele manteve essa escuridão à distância. Na maioria das vezes, só surge quando ele tem um trabalho.

— Quin realmente tem necessidade de alguém como ele na equipe?

Kai ficou quieto por um momento, olhando pela janela para o sol ofuscante. — Você encontra muitas pessoas nesse trabalho, — ele começou, com voz estranha, distante. — Alguns são inocentes presos em situações ruins. Alguns não são pessoas tão inocentes, mas decentes. Mas todos os clientes quase inevitavelmente ficaram do lado ruim de algumas pessoas verdadeiramente desprezíveis. Do tipo que gosta de tortura e estupro, que machucam outros de maneiras novas e inventivas. O tipo de gente que o mundo seria um lugar melhor sem. Nesses trabalhos, em vez de fechar acordos com demônios, acho que Quin gostaria de fazer parte do bem maior.

Refleti sobre isso por um longo momento antes de deixar escapar a primeira coisa em minha mente. — Eu acredito na pena de morte, — declarei, fazendo o rosto de Kai se virar para mim, sobrancelhas franzidas. — Essa é uma

opinião impopular no meu grupo de amigos. Minha irmã parece magoada se eu sugerir isso. E eu acho que é usado com muita frequência, mas às vezes, é necessário. Algumas pessoas são deformadas. Não há cura para esse tipo de doença. Eles não pertencem às ruas entre pessoas decentes Molestadores de crianças e estupradores em série, pessoas que saem matando. Eu acredito que elas merecem a pena de morte. Então eu entendo o que você está dizendo. Culpar Bellamy seria como culpar o médico que insere a injeção letal de certo modo.

— Só um conselho sólido. Se você sair com Bellamy, não desvie o olhar da sua bebida.

Eu sorri ante isso. — Entendi.

Então assistimos a alguns programas policiais, zombando mutuamente de pistas perdidas, almoçando. *Enquanto estávamos sentados em frente à TV.* Kai saiu para buscar suprimentos, depois tivemos nossa noite de jogo.

— Droga! — eu assobieei, observando como a pontuação de Kai superou a minha. Nós estávamos fazendo o melhor de cinco. E ele tinha me superado três dessas vezes agora.

Ele conseguiu escolher o jantar.

— Vá devagar comigo, — implorei, pressionando a mão no meu estômago.

— Você teve uma salada para o almoço. E você vai comer o seu peso corporal em tacos para o jantar. É chamado de equilíbrio.

Como essa era a casa de Kai, a vida de Kai, tudo de Kai, senti que poderia fazer as coisas de maneira diferente, eu poderia tirar uma folga da minha vida, das limitações dela.

— Não se preocupe. Vou fazer algo saudável para o café da manhã, — ele me assegurou enquanto eu resmungava enquanto ele limpava os ingredientes.

Eu não sabia, quase como regra, como comer tanto que sua cintura se sentia apertada. A sensação genuína de “cheia”. Nem mesmo nos feriados desde que minha mãe era mais sobre os vegetais do que os amidos. Isso era inesperadamente desconfortável. Tinha certeza que o botão na minha calça estava perfurando minha pele.

— Eu acho que ganhei dois quilos, — eu lamentei.

— Não seja dramática, — disse Kai, voltando-se para colocar as sobras na geladeira. — Três vitórias.

Eu bufei a isso, balançando a cabeça.

— Eu vou bater você nessa coisa de jogo de tiro e forçar uma quantidade detestável de verdes em sua garganta.

— Você nunca jogou em um Xbox antes.

— E daí?

— Então, vou humilhá-la e depois forçá-la a comer um balde de frango frito.

— Vou precisar de um guarda-roupa novo depois de ficar aqui por uma semana.

— Você come como um pássaro na maior parte do tempo. Seu metabolismo tem que ser regulado pra potência alta. Quer um pouco de chá para dormir? — ele perguntou, acenando com a mão para a jarra de café que ele não tinha usado para o café ainda. Eu remediaria essa situação. De manhã. Enquanto assistia ele me fazer café da manhã.

Observei ele fazer o jantar.

Isso pareceu estranho até para admitir para mim mesma, mas era verdade, no entanto.

Me sentei na ilha e o observei enquanto me fazia útil ralando queijo e cortando tomates.

Mas eu fiz tudo isso enquanto o observava se mover pela cozinha com uma espécie de graça masculina.

Havia algo de primordialmente sexual em um homem cozinhando para você, te nutrindo, te cuidando.

Sexual.

Jesus.

Ok.

— Você tem camomila? — perguntei, imaginando que algo calmante estava certamente em ordem se de repente eu achasse que cozinhar era sexual.

— Claro que sim, — ele concordou, sacudindo a chaleira enquanto pegava, sem brincadeira, um pote de chá. — Vá em frente e prepare-se para dormir. Vou levá-lo quando estiver pronto.

Com isso fui, vesti meu traje habitual de dormir, bermudas curtas e sedosas e uma camisola combinando, subi na cama e esperei.

Eu o ouvi andando pelo corredor, assobiando uma das músicas que estava tocando enquanto ele cozinhava, uma música de uma das minhas playlists.

E, incrivelmente, senti uma onda de antecipação percorrendo meu corpo, fazendo minha pulsação acelerar, minha pele parecia formigar.

Tão louco quanto isso era.

— Ei, — ele disse, entrando pela porta, minha caneca fumegante na mão dele. Sua voz era estranha. Quase um pouco áspera.

— Ei. — Ok. E minha voz estava um pouco distraída.

Minha respiração ficou um pouco mais profunda, e o olhar de Kai pareceu descer. Não, não pareceu. Isso *aconteceu*. Seguiu a linha da minha garganta, sobre a pele exposta do meu peito. Quando respirei de novo, pude sentir meus mamilos enrijecendo, roçando o tecido frio da minha camisola.

Do meu lado, os olhos de Kai se fecharam enquanto ele respirava fundo, forçando o olhar a levantar, para segurar o meu quando ele se aproximou, colocando a caneca na minha mesa de cabeceira. — Durma bem, Jules, — ele disse, a voz suave, passando o dedo no alto do meu nariz antes de desaparecer do meu quarto, fechando a porta ao sair.

Eu mal dormi, minha mente e meu corpo me mantendo inquieta e girando a noite toda.

Acordei por volta das sete horas depois de dormir algumas horas, saindo da cama em pânico.

Sete.

Eu nunca dormi até as sete.

Agarrei meu robe de seda rosa, fazendo uma rápida parada para escovar os dentes e alisar o cabelo antes de descer pelo corredor em direção à cozinha.

Eu me surpreendi ao som do telefone de Kai tocando, encontrei-me parando como se houvesse uma segunda voz além de Kai.

— Tudo bem?

— Você mentiu para mim, — a voz de Quin invadiu o apartamento, deixando claro que Kai tinha colocado a chamada no viva-voz.

Kai fez uma pausa. — Sobre?

— Sobre onde você esteve. Veja, eu não posso acreditar que você estava se divertindo com Bellamy quando recebi um envelope hoje por um mensageiro

cheio de alguns *milhares* de dólares e uma nota dizendo que era de Jules, menos sua taxa. Você mentiu para mim.

— Tecnicamente, menti para Miller, — Kai classificou.

— O que diabos está acontecendo, Kai? Por que Jules estava perdendo o que deveria ser toda a sua poupança?

Houve um silêncio de Kai, forçando-me a lutar contra o surto de desconforto quando saí do corredor e fui para a cozinha.

— Tudo bem, Kai, — eu disse, a voz soando muito mais segura do que eu realmente sentia no momento.

— É Jules? — a voz de Quin perguntou, parecendo surpreso.

— Sim, — eu afirmei, respirando fundo, tendo que me lembrar de ficar calma quando Kai apareceu ao meu lado, pressionando uma caneca de café em minhas mãos.

— Você deveria estar de férias. Jules, fale, — ele exigiu quando eu não disse nada, só tomei um gole do meu café, nem mesmo me importando que isso queimou minha língua.

— É uma longa história.

— Se isso terminou com você contratando Bellamy para alguma coisa, querida, eu tenho tempo para ouvir isso.

Então eu comecei, dando uma versão um pouco resumida dos eventos, terminando com retornando para a casa de Kai por alguns dias sem explicar sobre o meu apartamento.

— Fique aí — gritou Quin.

— O quê? Não. Quin, você não precisa vir aqui.

— Fique aí, — ele exigiu novamente, desligando em minhas objeções.

— Você pode querer se vestir, — sugeriu Kai. — Estamos prestes a ser invadidos.

Nem meia hora depois, nós fomos.

Não apenas por Quin.

Ah não.

Entrando atrás dele na casa de Kai, estavam Miller, Smith, Lincoln, Finn e, acredite ou não, Gunner.

E, o que é ainda mais surpreendente, foi Gunner que se afastou do grupo, investindo contra mim, levantando a mão, agarrando meu queixo, levantando-o um pouco com força.

— Filho da puta, — ele rosnou, olhos no meu pescoço.

— Está tudo bem, — insisti, balançando a cabeça.

— Bem. Algum desgraçado coloca as mãos em volta do seu pescoço, não está nada bem, Jules.

Havia uma sensação quente e florescente na minha barriga. Na reação do Gunner. Em todos os outros. Essas pessoas que largaram tudo para vir me ver depois de um evento traumático.

Eu respirei fundo, encontrando o olhar severo de Gunner. — Bem, do jeito que eu ouvi, ele não será mais um problema.

A isso, o enrijecimento em sua mandíbula afrouxou, seus lábios se curvaram ligeiramente. — Entenda bem. Se Bellamy não tivesse lidado com isso, eu teria feito isso eu mesmo.

— Todos nós teríamos que entrar na fila, — afirmou Smith, chegando a inclinar minha cabeça para baixo, separando meu cabelo. — Não é tão ruim.

Quin se moveu em seguida, balançando a cabeça para mim. — Você deveria ter vindo até mim, Jules. É isso que eu faço, lembra? Conserto as coisas.

— É embaraçoso, — eu admiti.

— Embaraçoso? Isso é o que os vigaristas fazem. E eles são bons nisso. Não havia razão para você se sentir envergonhada por ter sido alvo de um profissional. E ele *era* um profissional. Eu consegui falar com Bellamy antes de sair. Ele conseguiu um nome verdadeiro. Pesquisei-o no caminho. Tem uma longa lista de acusações que remonta à quando ele tinha dez anos de idade. Coisa violenta às vezes também.

— Qual era?

— Hum?

— O nome dele, — eu esclareci. — Qual era o nome dele?

— Não importa.

— É importante, — eu disse a ele, baixando minha voz para que ninguém mais pudesse ouvir. — Vivi com aquele homem. *Dormi* com ele. Seria bom saber o nome dele em vez daquele que ele me deu.

— Jameson Decker, — ele explicou. — Sujeito a ser um criminoso quando você é nomeado em homenagem a bebida.

Com isso, ele se afastou para se juntar aos outros fazendo xícaras de café. Era uma situação tão estranha que fiquei lá e observei por um momento.

— Então, vocês todos *sabem* como fazer seu próprio café, — eu disse a eles com um sorriso de escárnio.

— Não tenha ideias. Assim que você estiver pronta para voltar, você fará isso de novo. — Esse foi Quin.

— Você sabe, — começou Miller, vindo em minha direção e Kai, mas olhando apenas para ele. — Por um lado, estou chateada que você mentiu para mim. Por outro lado, você estava ajudando Jules, então não sei se tenho o direito de ficar brava.

— Se é algum consolo, me senti culpado por isso, — Kai ofereceu.

— Isso ajuda. Você, — ela declarou, apontando e curvando o dedo para mim. — Nós precisamos conversar.

Com isso, ela seguiu pelo corredor como fizera tantas vezes antes. Talvez ela tivesse. Talvez ela conhecesse este lugar melhor do que eu.

Sem mais nada para fazer, eu a segui, observando quando Finn chamou minha atenção ao sair pela porta.

— Ele está a caminho para limpar seu apartamento, — Miller me informou com o tipo de autoridade que dizia que ela falava por conhecimento, não de conjectura.

— O quê?

— Ele não é tão bom com as palavras, mas ele quer mostrar o seu carinho. Então ele limpa o seu apartamento. Eu acordei depois daquela viagem para a Turquia, lembra daquela? Eu levei uma surra. Mal podia me virar. Mas sim, eu acordei e vi que ele invadiu minha casa, e limpou tudo imaculadamente. Ele estava no processo de separar minha roupa para lavar quando eu o peguei.

— O que você fez?

— Deixei-o terminar, é claro. Eu odeio lavar a porra da roupa. E ele adora. Então foi uma dupla vitória para nós. Ouvi um sermão sobre minhas opções medíocres de suprimentos de limpeza. Acordei no dia *seguinte* com uma entrega enorme de galões com coisas de limpeza, panos e esfregões. Eu usei exatamente

um terço de um desses galões. Eu tenho mais sete escondidos no meu porão. Então, sim, seu apartamento estará limpo, como se Jameson nunca tivesse tocado em nada.

— É por isso que estou aqui, — eu admiti quando acabamos no andar de cima, indo em direção ao meu quarto. Como se ela soubesse que era onde eu estava, apesar de haver outro quarto de hóspedes.

— Hum?

— Porque eu sinto que tudo no meu apartamento está contaminado. Eu não me sinto pronta para voltar.

— A casa de Kai é como férias de qualquer maneira. Com a sala de jogos e o quarto andar. — Eu tinha descoberto que o quarto andar na verdade ostentava uma piscina elevada e uma banheira de hidromassagem. — E ele cozinha para você. É uma situação de ganhar triplamente ficar aqui. — Ela parou na porta do meu quarto, olhando em volta. — Ele fez isso sozinho, você sabe.

— A decoração?

— Sim. Quero dizer, ele fez todo o lugar, mas este quarto é muito diferente de todos os outros. Não é o estilo dele. É...

— Meu, — eu disse quando ela não quis.

— Exatamente. Ele passou por catálogos, sites e pintou amostras procurando as coisas que ele sabia que combinariam com você. Porque ele queria que você viesse aqui. Quer dizer, tenho certeza que a maior esperança era ter você em seu quarto, em sua cama. E ele certamente não queria você aqui porque você estava ferida. Mas ele sempre viu você aqui.

— Eu não... — eu fiz uma pausa, procurando as palavras certas. — Entendo isso, eu acho.

— Porque você não é como ele. Você é mais prática. Eu entendo. Eu também sou. Não saberia como lidar com os sentimentos dele também, se estivesse no seu lugar. Quando você genuinamente não parecia interessada, eu disse a ele para recuar. Mas... agora eu não tenho tanta certeza.

— Não tem certeza de quê?

— Que você genuinamente não está interessada. Nele. Eu estava lá, você sabe, — ela acrescentou, recostando-se contra a parede. — Quando você olha para ele, você tem aquela coisa de olhos arregalados que ele sempre tem quando

olha para você. Então... o que está acontecendo? Veja, eu imagino que você ainda não informou a sua família, ou todos eles estariam montando um acampamento aqui. Então você não tem ninguém para conversar sobre isso. Concordo que sou tão boa quanto você para lidar com essa coisa. Mas isso é legal. Nós podemos tentar descobrir isso juntas.

— Isso, ah, parece bom, — eu admiti, sentada ao lado da cama, respirando fundo. — Eu tenho que admitir. Pensei que você tivesse me chamado aqui para gritar comigo.

— Por ser ruim com os caras? Garota, eu sou a última pessoa que pode dar um sermão sobre isso. Lembra-se de Renzo? — ela perguntou, e eu assenti. — Eu o encontrei uma vez ou duas. Ele era grosseiro e rude, de cabelos escuros, olhos escuros, com um forte sotaque nova-iorquino. — Ele acabou por ser algum executor da máfia. Opa. Quero dizer, foi bom enquanto durou. Ele poderia foder como uma estrela pornô. Como com a intensidade de James Deen e... você não tem ideia de quem eu estou falando, tem? — ela perguntou, observando enquanto eu balancei minha cabeça. — Oh, garota. Melhore sua atividade pornô. Enfim, sim, eu tenho um executor, um espião russo e um traficante colombiano no meu currículo. Literalmente. Então eu não vou julgar você.

— Isso quase faz minha história vigarista parecer monótona.

— Totalmente. Então derrame. O que está acontecendo? Sobre Jameson? Sobre Kai? Conte-me enquanto Kai dá detalhes aos garotos.

— Ele estava apenas... lá por mim.

— Kai

— Sim, Kai. Quero dizer, ele veio depois do casamento. Ele me ajudou a remendar minha sanidade. Ele arquitetou um plano para encontrar Gar... Jameson. Ele me deixou descarregar todos os sentimentos nele. E ele... veio por mim.

— Sim... ele é Kai, — ela disse de um jeito que claramente dizia *Dã*.

— Ele me beijou.

— *O queeeê?* — Miller perguntou, abrindo a boca e ainda de alguma forma conseguindo sorrir ao mesmo tempo. — Vou precisar de mais detalhes do que isso.

— Eu tinha perguntado a ele porque ele gostava de mim. Mesmo que eu não parecesse devolver os sentimentos. E ele explicou como ele não gostava de mim porque eu o queria, ele só gostava de mim. E perguntei se ele não gostaria que eu gostasse dele... e sim. Nós nos beijamos.

— E você não foi fodida atrás de portas trancadas de sete maneiras porque...

— Porque ele parou.

— O quê? Por quê?

— Porque ele achava que eu estava muito vulnerável, que iria me arrepender.

— Oh, esse idiota. Quero dizer, ele é bem-intencionado, mas ele é um idiota.

— Foi quando desci para tomar ar... e quando Gar... Jameson me encontrou.

— Ele não... — ela parou, mas a implicação estava lá.

— Não. Ele me bateu e disse algumas coisas horríveis. Então Kai veio e me pegou.

— Ele realmente fez a coisa do cavalo branco com você. Isso é alguma coisa romântica séria.

— Meio que foi.

— E ainda assim ele ainda não fez nada.

— Bem, eu tinha como cem lascas em minhas mãos que ele tirou. Minha cabeça tinha um corte ainda fresco atrás. Eu tive uma enxaqueca malvada. Nós apenas conversamos. E fomos dormir.

— Então, o que eu estou ouvindo aqui é... você mudou de ideia sobre Kai. Eu mudei?

Acho que sim.

Talvez isso nem fosse preciso.

Talvez eu tivesse acabado de mudar minha opinião sobre o potencial dele como parceiro.

Agora que eu estava pronta para queimar minha lista.

Porque havia indícios, ao longo dos anos, de que havia algo ali. Como quando ele esfregou meus ombros e ateou fogo no meu corpo. Tipo como aquele beijo fez parecer que eu nunca quis parar.

— Sim, eu acho que sim.

— Você parece diferente aqui, — disse Miller, mudando de tática.

— Diferente?

— Eu não sei. Você ainda está vestida como você, mas você parece mais calma, menos desgastada. Você não tem os ombros levantados e a coluna toda tensa.

— Eu joguei e assisti TV. E comi tacos.

Ela sorriu, parecendo entender que, enquanto para a maioria das pessoas, essas não eram declarações inovadoras, mas para mim, era enorme.

— Tacos ganham de longe das saladas verdes, não é?

— Sim, meio isso.

— Tudo bem, olhe, — ela disse, franzindo os lábios por um segundo. — Eu não acho que isso vai acontecer.

— O quê?

— Kai fazendo um movimento. Eu não acho que isso vai acontecer. — Aquelas palavras fizeram um sentimento de desânimo passar pelo meu peito. — Ele é muito bom, sabe? Ele vai te tratar com luvas de pelica por um tempo, pensando que você está muito magoada, fisicamente e emocionalmente, para pensar direito. O que é doce. Sexista pra caralho, mas doce. Então, tempo suficiente vai passar e ele vai se sentir como se tivesse perdido sua chance. Então ele estará inseguro. E isso nunca vai acontecer. Então... eu acho que você precisa ousar, Jules.

— Ousar? — eu perguntei, sobrancelhas franzidas.

— Se você o quer, e isso é um se. Porque não quero dizer o tipo de querer ‘estou com o coração partido por meu ex ser um fodido, e quero alguém para me fazer sentir melhor’. Quero dizer querer. A ele. Todo o pacote. De uma maneira séria. Mas se é isso que você decide depois de alguma busca da alma, então você vai ser a única a ter que dar o primeiro passo.

— Eu... realmente não dou os primeiros passos.

— Bem, supere isso. Se você quiser ver como a devoção de Kai se traduz nos lençóis. Tudo bem, — ela disse, batendo palmas de repente, afastando-se da parede. — Então, isso foi uma conversa de meninas bem-sucedida, certo?

— Certo, — concordei com um sorriso.

— E olhe... nem um vidro de esmalte ou uma máscara facial à vista. Vamos lá!

Com isso, ela se foi, deixando-me sentada lá, pensando.

— Ei você, — Lincoln disse da porta um momento depois, ocupando o espaço, me observando com olhos astutos. — Eu sempre quis entrar no *Quarto de Jules*. Quero dizer, ele nunca disse isso, mas é bem óbvio. Como você está se saindo, querida? — ele perguntou, movendo-se para sentar ao meu lado da cama. — Como você está? E não me dê garantias. Como você está realmente?

— Eu estou... digerindo ainda, — eu admiti. — Agora que mais pessoas sabem, acho que vou me sentir um pouco melhor.

— Encobrir isso por vergonha era bobo, em primeiro lugar, — ele me informou, apertando meu joelho. — Eu entendo, mas espero que você esteja vendo agora que é melhor compartilhar, nos levar a isso. Nós sempre estaremos aqui para você, Jules. Nós não nos preocupamos com você só porque você faz um ótimo café e mantém o escritório funcionando sem problemas. Nos preocupamos com *você*.

— Eu entendo isso agora, — eu concordei, assentindo.

Não tinha certeza de quanto tempo eu colocara meu valor na minha utilidade, na minha produtividade, mas eu estava finalmente começando a entender que havia mais em mim que as pessoas poderiam se sentir atraídas, que eu era mais do que estava em discussão.

— Não mais sair por conta própria perseguindo bandidos. De acordo?

— De acordo, — prometi.

— Vamos lá. Kai está fazendo café da manhã, — ele me disse.

Então eu fui.

E eu compartilhei uma refeição e algumas horas com essas pessoas que só conhecia antes como colegas de trabalho, não tanto quanto seres humanos.

E, bem, foi uma das melhores manhãs da minha memória recente.

Eles saíram um pouco depois, Quin exigindo que eu pegasse todo o tempo que eu precisasse, mas esperava que não fosse muito longo. Smith e Lincoln me deram um sorriso. Miller, bem, Miller fez um círculo com um punho e enfiou um dedo dentro e fora quando Kai não estava olhando, me dando uma piscadela antes de sair.

— Disse a você que você podia confiar neles, Jules. Todos se importam com você. Até Gunner.

— Entendo isso agora, — eu concordei, sentindo meu coração inchar.

— Aqui, — ele disse, segurando um envelope.

— Uau. Isso é tudo, hein? Eu senti que deveria ser muito maior.

— Bellamy pegou grandes notas.

Eu balancei a cabeça, abrindo o envelope, vendo meu futuro restaurado para mim. Eu ainda estava no caminho certo. Se não com o casamento e a parte das crianças, então pelo menos com a parte da casa. Eu poderia plantar um jardim, algo que costumava amar fazer com a minha avó quando a visitava quando criança. Eu poderia decorar, fazer uma vida para mim mesma. E mais tarde me preocupar com a parte de esposa e a mãe.

A programação não parecia importar para mim tanto quanto costumava.

— Eu quero saber quanto foi a taxa de Bellamy?

— Ele deu desconto dos amigos e família. Vinte e cinco mil.

— E se eu não fosse um amigo?

— Cinquenta a setenta e cinco por alguém normal. Até cento e cinquenta por alguém de alto perfil ou extremamente perigoso. E liguei para Bellamy. Ele está mandando os vinte e cinco mil de volta para você.

— O quê? Não, isso é...

— Não foi seu pedido. Foi meu. Eu pago.

— Foi o meu caso. Eu pago.

— Infelizmente, o cliente não escolhe quanto ou o que paga.

Seus lábios estavam curvados para cima, sabendo que a lógica era impossível de discutir.

— Bem, você me pegou. — Enfiei o dinheiro na bolsa, planejando ir ao banco assim que meu rosto parecesse menos assustador. Seriam mais três dias

no máximo, imaginei, antes que a maquiagem pudesse encobrir as contusões bem o suficiente.

— Então, eu posso te animar com um pouco de *Crimes Premeditados*?

— Sim! — eu me animei, praticamente me jogando no sofá.

E assim foram os próximos dias.

Kai foi ao trabalho por algumas horas aqui e ali, mas passou a maior parte do tempo comigo, cozinhando. Assistindo TV, jogando.

Como se constatou, eu era muito boa nos jogos do Xbox, tinha conseguido que Kai arranjasse saladas ou tacos três vezes em poucos dias. Mas ele me humilhou no fliperama. Me encheu com um balde de frango frito acompanhado de fatias de batata, uma enorme pilha de panquecas e, como se isso não bastasse, enormes e gordurosos sanduíches de carne e queijo.

Mas então aconteceu.

Meus machucados sararam.

Eu acordei uma manhã parecendo como eu.

Não havia mais desculpas.

Era hora de voltar para a minha vida.

Fiquei lá no espelho depois dessa percepção com um sentimento de desânimo.

Não pareceu tempo suficiente.

Eu queria ficar.

Sabia que ele deixaria, nem faria um comentário se simplesmente ficasse por mais uma ou duas semanas... ou mesmo meses.

Mas eu não poderia fazer isso.

Continuar brincando de casinha em um lugar que não era meu.

Eu precisava me acomodar no meu próprio apartamento.

Precisava voltar ao trabalho.

Senti o peso de todas as minhas chances desperdiçadas.

Para fazer um movimento.

Como Miller sugeriu.

Cada noite, ele me trouxe chá.

Eu deveria ter estendido a mão, agarrado seu pulso, puxando-o para baixo na cama comigo.

Todas as manhãs ele ficava ali fazendo meu café.

Eu deveria ter caminhado e o beijado.

Em algum momento, todos os dias, sentávamos na sala e assistíamos à TV.

Eu deveria ter me levantado do meu sofá e sentado com ele, me abraçado a ele.

Deveria ter, deveria ter, deveria ter.

*Deveria*, tanto quanto estava preocupada, era a pior palavra do idioma. Isso representava tanto potencial, tanta autonegação, tantas chances que poderiam ter levado a coisas maravilhosas.

Mas eu nunca consegui essa confiança para fazê-lo. Em parte, porque eu simplesmente nunca tive que fazer isso antes. Mas também em parte porque eu não tinha certeza se poderia lidar com a rejeição se ela aparecesse de novo.

— Eu sinto como se você estivesse prestes a me dizer que você está indo para casa, — Kai adivinhou com precisão quando entrei na cozinha depois de me preparar para o dia, cuidadosamente arrumando minhas coisas enquanto fingia ignorar a distinta sensação de *injustiça* dentro de mim.

— Acho que é hora de voltar as coisas. Trabalhar. Minha vida. — Eu me encolhi assim que as palavras saíram, interpretando-as do jeito que Kai poderia fazer. O jeito que diria que isso foi divertido enquanto durou, mas eu não tinha interesse nessa vida a longo prazo. E, a julgar pelo olhar quase cauteloso, algo totalmente antinatural para ele, eu estava certa em pensar que ele iria tomar o caminho errado. — Não me entenda mal, — corri para adicionar. — Eu me diverti muito aqui. Mas nunca vou me acostumar a estar no meu apartamento de novo se não tentar pelo menos.

Ele assentiu a isso, compreendendo, mesmo que seus olhos parecessem um pouco menos felizes do que quando eu o vi antes de dormir na noite anterior.

— Eu entendo isso. Sei que você se sente estranha em voltar. Mas, ei, se você chegar lá e decidir que não vai funcionar, afinal, eu estou aqui. O quarto está aqui. Você nem precisa ligar, — ele me disse, estendendo a mão para sua gaveta de bugigangas, algo em que me encolhi, já que era tudo para cada coisa estranha, de clipes de papel a chaves de fenda, velas de aniversário e fitas com

absolutamente nenhuma organização do conteúdo, pegou um bloco e caneta, anotando algo antes de entregá-lo para mim.

— O que é isso? — eu perguntei, olhando para os números.

— O código para entrar.

Eu olhei para os números novamente, sentindo uma pontada de reconhecimento, mas incapaz de trazer à superfície da memória, então peguei o código e coloquei na minha carteira.

E assim, acabou.

## *Flashback - 35 meses antes*

Ele pensara que era um simples caso de atração.

Isso fazia mais sentido, não fazia?

Afinal ela era linda.

Qualquer homem sentiria atração por ela imediatamente.

Mas tinha passado um mês.

Um mês da sensação estranha de ansiedade quando ele a via. A única maneira que ele poderia pensar em descrevê-lo era como quando você estava dirigindo um pouco rápido demais em alguma estrada, o tipo que era montanhoso e acidentado. E você disparou por uma colina, sentindo o carro inteiro no ar por um segundo. E seu estômago despencou. E seu coração despencou. Então você desceu a colina sentindo-se alegre, vivo, contagiante e feliz.

Era assim que ele se sentiu.

Absolutamente *todas* as vezes que ela entrou na sala.

Depois de um mês.

Talvez ele estivesse tentando chamar isso de atração simples, já que a outra opção era, bem, ridícula.

Mas por mais que ele tentasse mentir para si mesmo, ele sabia a verdade.

Atração era como um soco no estômago, era um choque na virilha.

E enquanto ele sentia isso também, era mais.

Então tinha que ser mais do que apenas querer levá-la para a cama. Tanto quanto ele se deleitava com essa ideia.

Era mais.

E estava ficando cada vez mais difícil mentir para si mesmo sobre isso.

O fato da questão era, ele sentiu no segundo em que pôs os olhos nela.

Instantâneo.

Isso era o que era.

Incontrolável.

Sem sentido.

Claro, ele sempre foi talvez mais romântico do que muitos caras, mais propensos a colocar mulheres em pedestais.

Mas isso era diferente disso.

Isso era algo parecido com algo dentro dele reconhecendo algo dentro dela.

Como destino.

Almas gêmeas.

Toda aquela loucura insana e exagerada.

Isso era o que era.

Não havia como olhar a isso por qualquer outra perspectiva.

Ele sabia disso no momento em que a viu.

Algo em sua alma disse: *Minha*.

Todas as interações desde então apenas reforçaram a ideia.

Não havia uma coisa que ele tivesse visto até agora que ele não gostasse.

Sua ambição.

Seu perfeccionismo.

Sua compulsão por limpeza e organização.

Ele até tinha uma queda pelas partes dela que talvez os outros considerassem falhas, sua indiferença, seu desejo de manter todos à distância, sua racionalidade fria como pedra.

Não eram falhas.

Apenas partes do todo.

E o todo, sim, ele gostou.

Ele passou muitos momentos ociosos pensando nisso. Sobre ela. Sobre ele. Sobre possibilidades.

Fantasia, claro.

Mas ele não conseguia evitar.

Mesmo que ele soubesse como as coisas estavam.

Ele sabia que ela não sentia isso também.

Ele sabia que ela não olhava para ele e via um futuro, via uma casa, filhos, um cachorro e uma noite de jogos em família.

Ela não via isso.

Não com ele.

Jules era alguém que provavelmente abordaria relacionamentos com a mesma mentalidade que ela se aproximava de todo o resto. Com pensamento. Com uma consideração cuidadosa.

Sem corações e flores.

Mas com listas das características certas sendo marcadas.

Ele não ficaria surpreso em saber que ela tinha uma lista real para os homens. Junto com uma linha do tempo para quando ela deveria conhecê-lo, namorar com ele, casar, mudar para uma casa, ter filhos com ele, desistir de sua carreira por tudo isso.

Era assim que ela era.

E ele não se encaixava naquela foto.

Não havia como negar que isso o incomodava, talvez até mesmo o machucasse, mesmo que ele realmente não tivesse o direito de se sentir ferido, dado que ela não correspondia, ele estava sozinho em seus sentimentos.

E ele não tentou nada.

Ele nem sequer sugeriu seu interesse.

Ele não abriu essa porta.

Mas ele imaginou que tinha tempo.

Depois que a conhecesse melhor.

Depois que ela o conhecesse melhor.

Sempre haveria tempo.

Até, claro, que não houvesse.

Mas ele não estava pensando nisso.

Ele estava pensando em quão bem suas calças azul-marinho e sua camisa branca mostravam seus olhos, cabelos e figura. Sobre como ela tinha quatro sorrisos diferentes que ele conhecia.

Seu sorriso de atendimento ao cliente, aquele que ficava tenso nas extremidades, fazia com que seus olhos se semicerrassem um pouco. O falso.

Seu sorriso “você é um idiota”. Ela deu aquele para Kai muito quando ele estava sendo bobo. E Lincoln quando ele estava tendo mais problemas com garotas.

Seu sorriso “tudo está como deveria ser”. Ela conseguia aquele quando terminava seus arquivos, sua transcrição, a limpeza e a organização. Quando tudo estava perfeito. Esse era o seu sorriso de alívio.

E então o grande.

O melhor.

Aquele que fazia linhas marcar em suas bochechas e seus olhos dançar. Seu genuíno sorriso feliz. Ele gostava mais do que o melhor, é claro, e viu menos. Ela parecia guardá-lo para sua irmãzinha quando ela passava, ou para sua mãe, quando ela mandava o almoço sem perguntar. Esse era seu sorriso menos proeminente. Mas era o que ele mais amava, aquele que ele secretamente esperava que ela fosse mostrar em sua direção em algum momento.

Mas ele estava começando a pensar que talvez ela nunca iria.

Talvez ele nunca tivesse coragem de dizer a ela, tentar algo, fazer as coisas acontecerem.

E esse pensamento foi o suficiente para fazer seu coração se sentir esvaziado em seu peito.

# 9

*Kai*

— Covarde, — a voz de Lincoln invadiu meu escritório, fazendo-me sair dos meus próprios pensamentos, descobrindo que ele já tinha aberto a minha porta sem que eu percebesse.

— Desculpa?

— Você me ouviu, — ele disse, entrando um pouco para chutar a porta fechada. — Você é um covarde e eu o perdoaria se eu pensasse que você era apenas um pobre otário sem qualquer esquema. Mas eu estive em missões com você, cara. Eu vi você encantar a vida em calcinhas velhas e empoeiradas. Você pode ativar e usar isso para sua vantagem. Não é que você não sabe como conseguir o que quer. Você pode persuadir qualquer um a fazer qualquer coisa. Então eu não posso perdoar que você está sentado aqui, sendo uma merda de bocetinha. O quê? Sonhar acordado com ela. Quando ela está a cinco metros de distância. E você poderia finalmente parar de sonhar com ela. Porque você poderia ter a coisa real. Então, em conclusão, você é um covarde. — Ele terminou quando ele sentou no banco em frente a mim, apoiando as pernas na minha mesa, entrelaçando seus dedos e os usando para segurar a parte de trás do seu pescoço, fazendo seu peito se alargar.

Lincoln não entendeu a coisa de Jules.

Não meus sentimentos por ela em si, mas minha falta de ação em relação a eles.

Lincoln era uma pessoa de ação. Especialmente quando se tratava de mulheres. Você nunca iria encontrá-lo nervosamente descascando o rótulo de sua cerveja enquanto ele tentava se animar para falar com uma garota no bar.

E, claro, talvez ajudasse que ele parecesse que poderia estrelar o protagonista de algum romance dramático no horário nobre.

Mas Lincoln acreditava firmemente que não tinha nada a ver com a aparência de nossa parte, que tinha tudo a ver com a forma como nos

apresentávamos, como nos aproximamos das mulheres que nos atraíam. Eu o vira dar aulas para um pequeno molenga triste com quem tínhamos trabalhado há algum tempo, levando-o ao bar, dizendo-lhe o que vestir, o que dizer, como abordar as mulheres.

E funcionou.

Se ele precisasse desistir de seu trabalho como negociador de Quin, ele poderia cobrar um bom dinheiro para sediar cursos de como conquistar, para homens que não tinham habilidades.

E Lincoln usava sua própria habilidade pessoal constantemente, pegando mulheres em bares, supermercados, na fila do café. Às vezes apenas por diversão, só porque ele podia. Outras vezes, porque ele queria transar. E, estranhamente, com a mesma frequência, porque ele queria começar algo. Algo mais sério. Bem, tão sério quanto ele ficou com as mulheres. Elas quase sempre se esgotavam em torno do período de três meses. Se isso tinha a ver com as mulheres que ele escolhia ou com a sua própria falta de compromisso a longo prazo, ninguém sabia.

Mas, como tal, ele não entendia.

Meu interesse em Jules.

E a minha aceitação de nunca haver nada mais do que o que já existia.

— Ela acabou de ter seu coração partido, Lincoln, — eu insisti, já sabendo quão fraca era como desculpa.

Mesmo se fosse verdade.

Que, para ser perfeitamente honesto, eu não tinha certeza.

Ela chorou, claro, logo no começo. No meu peito, pela minha camisa.

Mas desde então, além de ficar com medo de me machucar, ela não parecia estar de luto.

Talvez fosse difícil lamentar alguém que estivesse pronto para te matar. Ou talvez os sentimentos dela por ele não fossem como você esperava que fossem.

Talvez ela não o tivesse amado.

Talvez ela estivesse apaixonada pela *ideia* dele.

Ou talvez, se houvesse amor, tivesse sido o tipo que cresceu a partir de experiências compartilhadas na vida, aprendendo a viver um com o outro. A maneira como as pessoas com casamentos arranjados aprendiam a amar um ao

outro. Talvez não tivesse sido um caso de amor louco, como parecia pelo do lado de fora, com a rapidez com que as coisas progrediram.

— Não me venha com essa, — insistiu Lincoln, sacudindo a cabeça. — Aquela garota tem uma boa cabeça em seus ombros. Tão boa, na verdade, ela se deixou pensar que amava aquele desgraçado quando estava claro que ela só pensava que deveria amá-lo. Ela não está de coração partido. Talvez seu orgulho tenha se abatido um pouco. Mas mais uma razão para você tirar a cabeça da sua bunda e ajudá-la a reconstruí-lo de novo, e não como seu amigo, Kai. Ela tem um número suficiente de amigos. Ela precisa de um homem que a veja por quem ela é, que valorize tudo o que ela tem para oferecer. É disso que ela precisa depois de tudo isso. E você e eu sabemos que você é o homem para o trabalho.

— Ela não...

— Então mostre a ela. Convença-a. Você conhece Jules. Ela às vezes não consegue ver coisas que caem fora de sua visão limitada.

— Ela está distante desde que voltamos ao trabalho.

— Porque você a seduziu com a sua sala de jogos e habilidades de cozinhar loucas e maratonas de TV, então a deixou ir em frente e age como se nada tivesse acontecido entre vocês.

— Eu não deixei...

— Você deixou, — ele me cortou. — Você diz que ela está distante, mas Kai... você andou contornando-a. Eu não o vi em sua mesa, brincando com seu organizador. Você não massageia seus ombros mais. Como você pode acusá-la da mesma coisa que você é claramente culpado?

Talvez eu estivesse dando espaço para ela.

Eu me convenci de que ela precisava disso. Para voltar ao ritmo das coisas. Para se concentrar em colocar sua vida nos trilhos.

Eu não queria pressioná-la quando ela estivesse sobrecarregada.

Inferno, contar a sua família sobre Jameson sozinha provavelmente causou um enorme estrago nela. Eu poderia dizer quando ela tinha feito isso. Ela chegou ao trabalho na segunda-feira parecendo sobrecarregada, movendo-se um pouco mais devagar do que o normal. Ela provavelmente teve um almoço com sua mãe e sua irmã, soltando tudo. Então, imaginei, ela precisava ir para casa e contar ao pai também. Aos amigos dela. Era um grande negócio.

— Ela precisava se concentrar em contar a todos sobre essa coisa toda.

— Claro, — ele concordou, assentindo. — Mas você não acha que talvez toda a experiência de fazer isso teria sido muito mais fácil se ela tivesse indo para casa, para se apoiar em alguém, para ajudar a levantar o peso de seus ombros? — ele perguntou, levantando uma sobrancelha quando eu não consegui encontrar nada para dizer. — Exatamente. Você deveria ter vergonha de si mesmo, cara. Deixá-la ir para casa naquele apartamento vazio cheio de fantasmas. E, claro, Finn limpou o local, trocou as fechaduras, colocou em alguma segurança melhor, mas você sabe que ela não se sentiria bem lá. Você poderia ter estado lá com ela.

Pelo que ouviu de Jules contando a Miller, Finn limpou tudo de alto a baixo, indo tão longe a ponto de lavar todos os móveis, e então retirou e substituiu o velho colchão. Porque Finn era um cara para entender que algumas coisas não haviam como limpar, não havia nenhuma maneira de se livrar do nojo. Você tem que arrancar e começar de novo.

— O que está acontecendo aqui? — outra voz se juntou à sala, fazendo nós dois olhar para ver Gunner entrando e fechando a porta.

— Oh, nada. Apenas dizendo a Kai que ele é um covarde. Se importa de se juntar?

— Parece bom. Eu não tenho nada acontecendo, — Gunner concordou, movendo-se para se encostar na minha porta, cruzando os braços. — Então por que diabos você não fez uma tentativa ainda? — ele perguntou, casualmente, mas daquele jeito rude que ele era tão bem conhecido.

Eu queria dizer a eles para se afastarem e desaparecerem. Mas a coisa sobre esse grupo particular de caras era, se você tentasse afastá-los, eles chegavam mais perto. Estava cercado por alfas supremos. Eu mal tinha uma chance.

— Não, — disse Lincoln, olhando para Gunner. — Você conhece o modus operandi dele. Ele vai se lamentar e sonhar e então, quando não aguentar mais, vai correr para a floresta para visitar Ranger, onde pode sonhar acordado com Jules em vez de se mexer e fazer com que esse sonho se torne uma realidade.

— Quero dizer, você não está cansado de foder sua mão todos esses anos? — Gunner perguntou, sem rodeios como sempre. — Não tente negar que não é o

caso. Você nunca passa tempo com qualquer mulher. Claro, você deixa todo mundo acreditar que sim, mas você não pode enganar a todos por muito tempo, você sabe... alívio, mulher, — ele rosnou quando Miller empurrou a porta, quase derrubando-o dela.

— Oh, isso é uma intervenção? — ela perguntou quando Gunner se moveu para o lado para deixá-la entrar — Por que eu não fui convidada? Eu sou boa com chutar bundas. Quero dizer, quem foi capaz de dizer a Kai que ele perdeu sua chance quando Jules ficou séria com Jameson? Hum? Oh, certo, essa era eu. Aquela sem bolas reais. Então, até onde chegamos?

— Até agora, — continuou Lincoln, fazendo-me fechar os olhos enquanto respirava fundo, me equilibrando para mais uma rodada. Palavras, para ser justo, eram muitas vezes piores do que um chute real. Especialmente de pessoas próximas a você que sabiam exatamente o que dizer. — Nós abordamos... que ele é um covarde e... não está cansado de bater punheta quando poderia estar pegando a coisa real.

— Hummm. O que isso me deixa? — Miller pensou, movendo-se para sentar do outro lado da minha mesa, em frente aos pés elevados de Lincoln. — Que tal... você não é apenas um péssimo interesse amoroso, mas você também é um amigo de baixa qualidade agora?

— Entendi, — disse Lincoln, levantando um dedo no ar.

— Droga. Vocês têm todas as coisas boas.

— Talvez se você não estivesse tão ocupada pensando no novo cliente de Quin, você teria chegado aqui mais cedo, — sugeriu Gunner.

— Ei, você o viu? Você pode me culpar? O homem parece que ganharia uma luta contra um muro de pedra. E aquela voz...

— O homem é um traficante de drogas, Miller, — insistiu Gunner, revirando os olhos.

— Ei, todos nós temos nossas falhas! — Miller disse dando-lhe um sorriso autodepreciativo. — Falando em defeitos. O seu, é que você é bom demais, Kai. Jesus Cristo. Você a teve em sua casa. Levou o chá para ela na cama todas as noites. E eu sei o que Jules usa para dormir, Kai. Inferno, eu ficaria meio tentada por ela, e não gosto dessa fruta. Mas não, você tinha que ser o ombro para se apoiar, a melhor amigo assexuado.

— Você está agindo como ser legal é uma coisa ruim.

— É quando faz você engasgar quando realmente quer alguma coisa, — explicou Miller. — Olha, Jules está se abrindo desde que ela voltou. Inferno, eu até flagrei Gunner falando com ela sobre várias opções de defesa pessoal.

— Defesa pessoal? — eu perguntei, endireitando-me.

— Sim. Quero dizer, é claro. Ela teve alguém que a espancou, Kai. Eu sei que você não é uma mulher, mas faz algo com você. As possibilidades do que *poderia ter acontecido* faz algo para você. É não importa que Jameson esteja morto. Ela quer garantir que ninguém tire o melhor dela assim de novo. E, quero dizer, ela está vivendo sozinha. Trabalhando em um trabalho onde alguns dos canalhas dão em cima dela, mostram muito interesse nela. É claro que ela está procurando maneiras de se defender.

— Ajudei-a a preencher sua licença de arma, — acrescentou Lincoln. Jesus.

Tanto estava acontecendo debaixo do meu nariz.

Enquanto fiquei no meu escritório, me recusando a fazer parte desse mundo, para ajudá-la a escolher que tipo de autodefesa fazer, para ajudá-la com sua licença de arma.

— Isso é inútil, — disse Gunner, movendo-se para se levantar novamente, balançando a cabeça. — Se ele não foi capaz de fazer uma tentativa em todos esses anos, ele nunca será. Quem quer ir beber? — ele perguntou. — Sloane está jantando com o editor dela.

— Estou sempre dentro, — declarou Miller, pulando para segui-lo.

— Eu estarei lá, — Lincoln falou, lentamente descruzando os braços, colocando seus pés de volta no chão, inclinando-se para frente em direção a mim. — Aprendi muita coisa na minha vida, Kai. Mas talvez o mais importante seja isso, arriscar e ser rejeitado é uma merda. Mas nada é pior do que nunca arriscar. Não deixe esta Terra com “e se” em sua mente.

Com isso, ele se levantou num pulo, saiu, foi se juntar aos nossos amigos.

Quin ainda estava no escritório com seu cliente traficante de drogas. Mas ele sairia mais cedo do que tarde, querendo chegar em casa para sua mulher.

E isso nos deixaria.

Eu e Jules.

Como tantas noites no passado.

Eu não sairia antes dela.

Porque eu sempre a levava até o carro se ninguém mais estivesse para fazer isso.

Eu respirei fundo, me perguntando se eu poderia encontrar...

Coragem para fazer alguma coisa.

Para arriscar.

Uma chance de arruinar tudo, claro, de matar a possibilidade de um futuro com ela de uma vez por todas.

Mas a chance de conseguir tudo que eu sempre quis também.

Acho que íamos ver.

## *Flashback – 36 meses antes*

Ela conseguiu o emprego.

Ela conseguiu o emprego e receberia uma quantia ridícula de dinheiro para arquivar, atender telefones e buscar café.

Era difícil absorver isso.

Porque, com certeza, ela estava à procura de trabalho de secretariado depois de uma série de trabalhos de recepcionista, inclusive em algumas entrevistas em consultórios médicos, escritórios de advogados e até em um salão de bronzeamento artificial. Mas ela esperava o habitual.

Um emprego de nove a cinco, entre dez a doze dólares por hora.

Não era um bom dinheiro, mas decente. Suficiente. Para mantê-la até que ela pudesse passar por mais uma rodada de inscrições para a faculdade.

Ela também aprendera a lição.

Claro, ela iria se reinscrever em Yale, onde ela se imaginou desde que era uma garotinha.

Mas ela havia ficado mais esperta, ela nunca mais correria riscos.

Tinha sido uma falta de visão incrível da parte dela.

E como alguém que se orgulhava de ser racional, não se sentia bem por ser tão tola.

Então, ela também se reaplicaria a Yale, Harvard e Princeton. Mas desta vez, pela terceira vez, ela também se inscreveria no Estado de Montana, no Estado de Oklahoma e locais com quase cem por cento de aceitação.

Ela estava ficando velha demais para não ser aceita em algum lugar.

Mas um emprego entre dez e doze dólares por hora lhe daria mais do que o suficiente para pagar suas poucas contas. E então ela poderia economizar muito para usar para comprar livros, ou pagar por comida, transporte, o que ela pudesse precisar enquanto estivesse no campus.

Era temporário.

Ela não precisava fazer fortuna.

E por causa dessa mentalidade, ela havia entrado nos escritórios de Quinton Baird como se ela fosse dona do lugar. Porque, em sua mente, era um trampolim. Não exatamente abaixo dela, mas certamente não um trabalho que exigiria todo o seu potencial.

Mesmo depois de conhecer o bastante intimidante Quinton Baird, que era um *solucionador*, o que quer que isso significasse, ela praticamente exigiu o emprego, praticamente lhe dissera que ele seria um tolo em não contratá-la.

E, inacreditavelmente, ele tinha acabado de... concordar. Imediatamente. Com uma sala de espera cheia de outras candidatas mais velhas e mais experientes.

Esse homem profissional, confiante, mundano e um pouco assustador concordara em contratá-la.

Isso foi surreal o suficiente.

Mas então ele deu a ela a ficha de emprego.

Nela encontrou as coisas habituais.

Seus formulários de emprego que pareciam quase assustadoramente oficiais.

Havia a papelada dela do plano de saúde da empresa, algo que a fez se sentir imediatamente mais adulta do que qualquer outra coisa. Ela sairia do plano de seus pais. Mesmo antes dela legalmente ter que fazer. Ele ainda tinha plano dental.

Então, claro, havia a boa impressão.

Esperava-se que ela estivesse no escritório quando fosse necessária, quer isso significasse das nove às cinco ou das sete às onze, ela estaria lá.

Ela lidaria com as tarefas normais de manutenção do escritório, além de executar tarefas e, estranhamente, depositar arquivos em algum cofre fora das instalações.

Ela também teria que assinar um acordo de confidencialidade.

Mas, em troca de tudo isso, ela seria paga com apenas seis dígitos.

*Seis dígitos!*

Com o potencial para bônus anual.

Como se o pagamento de seis dígitos já não fosse mais do que suficiente.

Ela não pôde deixar de levar a um momento fantasioso, e, portanto, não característico, de sonhar com o que esse tipo de dinheiro poderia fazer por ela.

Pagar um apartamento para ela.

Enchê-lo com todas as coisas que ela viu em revistas que ela amava, mas achava que não podia esperar ter até depois de conseguir seu diploma e um exuberante escritório de canto.

Ela até pensou seriamente em parar. Aplicando. As faculdades estariam lá se ela precisasse delas no futuro. Mas por que ir acumulando dívidas, se ela já tinha um emprego tão estável?

Não era que ela desvalorizasse a importância de uma educação, mas também era um pouco prática demais para escolher uma possibilidade acima de uma realidade.

Então ela aceitou o emprego.

Dentro de três dias, ela decidiu aguentar, tirar a faculdade da cabeça.

Ela conheceu as pessoas importantes no escritório.

Quin, claro, era o chefe, O Solucionador.

Smith parecia ser seu segundo em comando, O General.

Havia Finn, O Limpador.

Havia Lincoln, O Intermediador.

Havia Miller, a única garota em um clube só de garotos – A Negociadora.

Havia o cara que vivia, estranhamente, em Pine Barrens. Ranger. Nomeado, por razões que ela ainda não tinha descoberto, O Babá.

E por último, mas não menos importante, havia Kai. Ele era O Mensageiro.

O que isso significava, ela não tinha ideia. Mas ela tinha certeza de que era importante. Todos pareciam ser importantes por algum motivo. Eles recebiam quantias ridículas de dinheiro para “solucionar” as coisas para as pessoas. Ela viu as faturas. Ela quase cuspiu seu café ante algumas delas, incapaz de imaginar que problema poderia haver, que poderia custar mais de cento e cinquenta mil dólares.

O que quer que fosse, eles pagaram.

Então esses homens, e Miller, faziam trabalhos malucos.

Eles estavam todos de posse de algo que ela só podia começar a entender em termos de habilidades.

— Ei querida, — uma voz chamou, fazendo sua cabeça levantar, encontrando Kai parado lá segurando um café para ela.

Ela era exigente com o café.

Sua mãe nunca pareceu acertar, embora ela bebesse da mesma forma há mais de um ano.

Mas ela apreciou o gesto de qualquer maneira, estendendo a mão para ele, sentindo seus dedos roçarem os dele. Um chiado pareceu se encontrar no contato, apenas para espalhar por seu braço, sobre o peito, para baixo de sua barriga. Mais abaixo. Sua respiração ofegante, surpresa, insegura.

— Você realmente ilumina este lugar, — ele declarou, dando-lhe um sorriso brilhante, afastando a mão e descendo o corredor, deixando-a ali com o corpo começando a pegar fogo.

*Que diabos foi aquilo?*

# 10

*Jules*

Nova realidade.

Essa era a frase.

Tudo parecia diferente, mas era assim agora.

Minha nova normalidade.

Eu tinha ouvido Quin discursar para os clientes ao longo dos anos. Parecia um pouco banal naquela época. Mas agora que era a minha realidade, eu entendi. Entendi porque ele precisava dizer isso para todo mundo. Porque era verdade.

Não importa o que tenha acontecido, você aprende a se ajustar.

Os humanos eram criaturas adaptativas dessa maneira.

As pessoas podiam, e faziam isso todos os dias, voltar de coisas terríveis. Não se enrolar em uma bola, viver pela metade para sempre. Elas voltavam. Mais fortes. Mais determinados que nunca.

Isso foi o que eu planejei fazer.

Tudo começou com a volta para o meu próprio apartamento, achando-o impecável, fazendo uma nota mental para enviar algo bom para Finn. Quero dizer, o homem me deu um colchão novo. Eu não sabia exatamente o que ele fazia, suprimentos de limpeza à parte, mas eu tinha que arranjar algo para ele.

E eu fiz o que muitos outros que tinham que ir para casa faziam. Para alguns, isso significava desfazer-se de fotografias antigas, para outros, significava limpar o sangue de entes queridos da entrada da garagem.

Para mim, significava fazer as mudanças que eu poderia fazer para sentir o meu espaço como o meu novamente.

Reorganizei minha sala de estar, doando todos os meus velhos cobertores e almofadas, substituindo-os por novos. Eu me liberei de todos os itens em meus armários que pertenciam a Jameson. Eu limpei a caixa que ele deixou fora do meu armário. Arranjei um novo computador. Mande lavar meu vestido de

casamento para remover o rímel, e depois doeí isso também. Também se foram os vestidos sobre os quais Jameson fizera comentários. Eles eram os menos parecidos com o meu guarda-roupa, os muito curtos ou muito decotados, os que se agarravam como uma segunda pele em tecido fino que significava que nada era deixado para a imaginação, isso significava que eu tinha que investir em calcinhas que eram corte a laser para evitar qualquer tipo de marcas.

Depois de tudo o que foi feito, o ar no meu apartamento parecia mais leve, mais fácil de respirar.

Então, finalmente, fiz o impensável.

Pus uma TV na minha sala de estar. Claro, eu a preendi à parede, em seguida, a escondi por trás de uma tela de enormes dimensões para que não fosse uma monstruosidade o tempo todo, mas estava lá. Fazia parte da minha nova realidade. Onde eu planejava continuar assistindo as séries de crime que de repente me vi viciada.

Eu também me inscrevi para ter aulas com Janie e Lo na academia local de autodefesa. Decidi pelo Krav Maga porque era isso que Gunner sugerira. E eu tinha planos de ir visitar o campo de tiro local no próximo final de semana. Em vez de limpar meu forno já limpo.

Talvez essas coisas parecessem motivadas pelo medo, e talvez isso fizesse parte disso, mas era mais sobre excitação. Quando a ideia de autodefesa veio a mim, eu estava empolgada. Era algo que não sentia há tanto tempo que quase não reconheci isso. Então, quando eu finalmente vi o que era, sabia que era algo que eu tinha que seguir.

Precisava começar a ter uma vida novamente.

Sem planos, nem metas a alcançar, uma vida.

Eu tinha concordado em sair para beber com Miller depois do trabalho na sexta-feira seguinte também.

Na verdade, as coisas com meus colegas de trabalho mudaram completamente.

E, além do mais, sabia que não era por causa do que tinha acontecido comigo, por si só, que não era atenção por pena deles. Foi porque de repente eu estava só *aberta* à amizade com eles. Eles sentiram isso. Eles agarraram isso.

Todos eles sempre foram um grupo muito unido. E eu estava me mantendo como a estranha. Por razões que realmente não faziam sentido para mim, mesmo quando tentei analisá-las. Realmente chegou ao receio de que, se eles me conhecessem, pensariam menos de mim, porque não era do mesmo mundo que eles. Que era ridículo. Quin e Gunner estavam com mulheres que não eram deste mundo. Lincoln namorou uma fila interminável de mulheres que não estavam familiarizadas com as áreas mais sombrias da vida.

Tudo se resumia a insegurança inútil.

Para alguém que sempre pensou em si mesma como segura de si, tudo continuava sendo mera e pura insegurança.

Foi por isso que planejei a minha vida com tanta perfeição, por que queria essa imagem impecável de vida. Não porque isso era realmente o que eu queria, mas porque parecia certo. De fora. Foi por isso que me decidi por Jameson, que não amava, que nem sequer conseguiu me agradar na cama. Ele parecia certo do lado de fora.

Porque eu estava preocupada com o que os outros pensavam sobre a minha vida, minhas escolhas, meus gostos e desgostos.

Que maneira ridícula e insatisfatória de viver.

Uma vez que vi claramente, decidi-me a fazer mudanças, a fazer minhas escolhas baseadas na necessidade e desejo, e uma pitada de prudência, porque eu ainda era eu.

Nunca tinha realmente percebido quão tensa era, bem, até que decidi fazer mudanças na minha vida, me abrir para viver mais e honestamente, mais alegremente.

Eu tive que introduzir minha família e amigos na insanidade que era a realidade do meu relacionamento com Jameson.

Minha mãe e meu pai ficaram vermelhos de raiva. Minha irmã chorou, sendo uma alma suave assim. Meus amigos me presentearam com histórias de como eles achavam que ele era estranho, como ele tinha um olhar errante.

Em vez de absorver tudo friamente, remoendo, internalizando a indignação e o embaraço, exigi que no futuro eles me dissessem se eu estivesse namorando um babaca, por mais apaixonada que parecesse estar por eles. Surpresos, eles

concordaram. E assim, meu relacionamento com eles ficou mais profundo também, tornou-se mais honesto.

Depois deles, foi o trabalho.

Miller foi fácil. Ela simplesmente explodiu em minha vida. Lincoln, também, apenas forçou sua entrada. Quin ainda era meu chefe, ainda mantinha uma distância profissional, mas falava mais comigo, perguntava sobre meu dia, minha nova agenda com uma hora de folga toda tarde para sair para almoçar em vez de trabalhar na minha mesa como fiz todos os dias desde que comecei. Finn manteve a sua distância desajeitada, mas agradeceu-me quando abriu o seu presente, fazendo-o com sentimento. Inferno, até Gunner tinha parado de ser tão rude comigo. As coisas não eram exatamente melosas, mas era sobre eu e Gunner que estávamos falando aqui, ninguém jamais poderia nos acusar de sermos melosos. Nós os espetaríamos se eles fizessem.

O único estranho no escritório para mim, incrivelmente, era Kai.

Aquele que sempre foi o mais próximo de um amigo que eu tinha lá.

Mas desde que deixei a casa dele, tudo que consegui de Kai foram gentilezas cuidadosas.

Ele não pedia meu almoço, invés disso ele saía sozinho. Ele não veio se pendurar na minha mesa, me incomodando enquanto eu tentava fazer o trabalho, algo que não sabia que podia sentir falta até sentir falta.

Era uma situação que constantemente tirava meu foco do trabalho. Eu me encontrei obsessivamente pensando nisso enquanto estava digitando, fazendo-me ter que voltar e apagar, depois redigitar tudo, algo que nunca tive que fazer antes.

Mas não pude evitar.

Era uma giro de cento e oitenta graus com Kai que eu tinha deixado apenas alguns dias antes, sorrindo, dizendo que eu poderia voltar, caso sentisse necessidade, dando-me o código da casa dele para que eu pudesse entrar a qualquer momento.

Agora, bem, ele mal podia me olhar nos olhos.

Isso machuca.

Talvez eu não tivesse o direito de me sentir magoada após o quanto ele já tinha feito por mim, mas senti mesmo assim.

Foi uma sensação de apunhalada no coração.

Eu fiquei sentada ali tentando descobrir o que causou uma mudança tão drástica.

Mas tudo que eu poderia pensar era que ele estava decepcionado comigo.

Era a única coisa que fazia sentido, certo?

Ele tinha, por todos esses anos, construído alguma ideia de mim, me colocou num pedestal. E então ele teve a chance de passar algum tempo comigo, em tempo real com a mulher real, não a ideia que ele tinha de mim, e simplesmente... mudou de ideia.

Esse conceito era incapacitante.

Antes disso, eu estava planejando fazer isso.

O que Miller disse.

Eu ia fazer uma tentativa.

Fez meu batimento cardíaco acelerar apenas em pensar sobre isso.

Mas eu iria engolir essa ansiedade e faria isso. Tomaria uma atitude.

Mas de jeito nenhum poderia ter coragem de fazer isso agora que ele ficou tão frio comigo.

Não havia como descrever a sensação de decepção que senti.

Todos esses anos em que estive sem noção ou em negação, ou me lembrando ativamente de por que ele era uma má ideia, mesmo quando meu corpo e aquela coisa constante de aperto no peito diziam o contrário. E agora que eu estava pronta, que via as coisas claramente, que tinha parado de mentir para mim mesma, que estava totalmente ciente dos meus sentimentos em relação a ele, ele não estava mais atraído por mim.

Quão cruel e inconstante o destino poderia ser.

— Agh, pare de parecer um cachorrinho ferido, — Miller exigiu, tendo saído, mas voltou alegando que esquecera suas chaves da casa, e que não queria ter que dormir no Lincoln porque a garota que ele estava vendo era uma aspirante a cantora, e terrível, e *você pode imaginar lidar com isso e uma ressaca ao mesmo tempo?*

— Eu não sei do que você está falando, — eu menti, tapando a culpa ao fazê-lo.

— Oh, por favor. Você não pode mentir para mim, — ela declarou, movendo-se pelo corredor em direção a seu escritório, voltando acenando as

chaves em torno de seu dedo indicador. — Onde eu estava? Oh, sim. Pensei que você tivesse superado toda a negação. Você sabe que quer se atirar nele. Vá pular nele. Ou, se você não gosta desse linguajar, vá e esfregue suas partes nas partes dele até chegar a orgasmos muito dignos.

— Eu não estou negando que finalmente percebi como me sinto sobre ele. Mas você já viu como ele está comigo desde que voltei. Acho que ele teve muita realidade comigo e mudou de ideia.

— Oh, pelo amor de Deus, — ela declarou, olhando para o teto em busca de paciência. — Descobrir que você limpa seu nariz e *come* não faria aquele homem mudar de ideia sobre você.

— Então por que ele mal consegue me olhar nos olhos ultimamente?

— Ele está sendo Kai, idiota, — ela declarou afetuosamente. Miller, como se viu, muitas vezes mostrava seu amor te xingando. — Ele acha que você precisa de espaço, precisa descobrir as coisas, que não precisa dele complicando as coisas para você. Blá blá blá do caralho. Ele não está menos apaixonado por você do que quando ele bebeu até o esquecimento na minha sala de estar na noite que ele descobriu sobre o seu noivado.

Eu não sabia disso.

Eu não podia imaginar isso.

Kai não era de beber. Eu nunca o tinha visto nem mesmo tonto.

— Pare de ser tão maricas... e vá lá e mostre a sua, — ela sugeriu ao sair, sorrindo para mim do outro lado da porta enquanto ela destrancava a fechadura.

Ela poderia estar certa?

Isso fazia sentido.

Kai era esse tipo de pessoa.

Altruísta ao ponto de completa e absoluta autonegação.

Eu definitivamente poderia vê-lo fazendo isso, me dando espaço mesmo que isso o machucasse. E se ele estava sofrendo, fazia sentido porque ele evitava me ver demais.

Respirando fundo, peguei minha bolsa, fui ao banheiro para retocar minha maquiagem, borrifar um pouco de perfume, tirar um pouco da tensão dos meus músculos, depois larguei a bolsa, endireitei os ombros e desci aquele corredor.

Minha pulsação latejava nos meus ouvidos, um som sibilante que até conseguiu bloquear o clique dos meus saltos no chão duro.

Minha pele estava corada, superaquecida, meu corpo inundado de energia nervosa, antecipação e uma boa dose de medo.

Eu levei um segundo do lado de fora de sua porta, regulando minha respiração para algo que não fazia parecer que tinha acabado de correr uma meia maratona em vez de apenas caminhar os cinco metros da minha mesa até o seu escritório.

Quando tive certeza de que não desmaiaria de pânico absoluto, levantei a mão para bater, pensando melhor nisso até o último segundo possível, para depois abrir a porta.

A cabeça de Kai levantou-se de onde estava encostado na frente de sua mesa, uma bola de estresse em sua mão.

Me vendo, suas sobrancelhas franziram, mas não havia como negar o que eu vi em seus olhos.

Miller estava certa.

Ele estava apenas tentando ser o bom rapaz.

Porque aqueles eram olhos sonhadores, se eu já os vi.

— Jules, está tudo...

Eu rapidamente me movi pela sala, agarrando-o pela frente de sua camiseta, meus dedos agarrando o tecido quando o puxei para mais perto, quando os meus lábios reivindicaram os dele.

Reivindicaram.

Isso estava certo.

Meu.

Ele era meu.

Acho que ele sempre foi. Estava apenas cega demais para ver isso.

E pela primeira vez, eu era dele.

Completamente.

— Jules... — ele tentou, se separando, tentando ser racional, me dizendo que eu estava sofrendo, ou me recuperando, ou o que quer que ele fosse inventar.

— Cale a boca, — eu exigi, tomando seus lábios novamente, pressionando mais forte, exigindo mais.

Quando minha língua se moveu para traçar a junção de seus lábios, qualquer pensamento de ser o bom rapaz pareceu desaparecer quando suas mãos se levantaram, emoldurando meu rosto, abrindo seus lábios e unindo sua língua com a minha.

O tremor que se movia através de mim era quase violento, algo que eu sabia que ele sentia também quando uma de suas mãos deixou meu rosto, descendo pela minha espinha, aterrissando na minha bunda, apertando forte por um segundo antes de usá-la para me arrastar mais perto, até não haver espaço entre nós, até que pude sentir sua dureza pressionando minha barriga, algo que fez um gemido baixo me escapar.

Minhas mãos inquietas moveram-se sobre o corpo dele, subindo os lados de seu estômago, sentindo pequenas marcas de músculos por baixo, uma sugestão de caixa torácica, depois para seus braços, movendo-se para cima, encontrando seus bíceps tensos, presos em seu desejo, algo que fez o meu ardendo mais quando meus dedos deslizaram sob seus braços, descendo pelas costas, aproximando-se de seu destino antes de Kai se afastar de repente em uma ação que parecia muito familiar.

Eu sabia o que viria a seguir.

A rejeição que ele tentaria suavizar com desculpas. Desculpas que eu não queria ouvir. Desculpas que não eram mais relevantes.

Estendi a mão, pressionando meus dedos contra seus lábios por um segundo antes de baixá-los, recuando alguns passos, invocando cada pedacinho de autoconfiança que eu já possuí em minha vida, e começando lentamente a levantar minha blusa, expondo minha barriga centímetro por centímetro, antes de descartá-la no chão ao meu lado, em pé ali na minha calça e um sutiã nude simples sem alças.

Respirando profundamente, o que fez seu olhar baixar do meu rosto, eu alcancei minhas costas, soltando os ganchos antes que pudesse perder minha coragem, tirei o sutiã e joguei junto a minha blusa no chão.

O ar frio fez meus mamilos se contraírem, fazendo com que meus seios já cheios de desejo se sentissem ainda mais sensíveis à forma como o ar estava passando sobre eles do ventilador.

Minhas mãos foram para a minha calça, vendo seus olhos quase a contragosto seguirem, como se ele não tivesse conseguido o suficiente da visão que eu já tinha mostrado a ele.

Eu soltei-as, empurrando-as para baixo, tirando dos pés.

Eu queria apostar tudo.

Queria ser corajosa o suficiente para ficar ali completamente nua.

Mas no último segundo, não consegui forçar minhas mãos a enganchar minha calcinha e puxá-la para baixo.

A respiração de Kai estremeceu, seu olhar se moveu lentamente pelas minhas pernas, depois de volta para cima, sobre minha barriga, até meus seios, e finalmente encontrou meu rosto novamente.

Tudo o que eu encontrei lá foi uma necessidade tão forte que fez meu sexo tencionar dolorosamente, me fez ter certeza que tinha feito a coisa certa, tornou possível reunir um pouco mais de confiança para diminuir os poucos passos que eu havia colocado entre nós, pressionando de frente nele, tomando um segundo para absorver a sensação de sua camiseta arranhando meus mamilos endurecidos antes de me inclinar, minha mão indo para a parte de trás do seu pescoço, meus lábios indo para sua orelha.

Eu não tinha certeza do que ia dizer. Eu esperava algo censurável, algo sexy o suficiente para quebrar os últimos fios que mantinham seu controle.

Mas tudo o que pôde sair foi a verdade.

— Eu sou sua, Kai.

As palavras soaram suaves, sufocadas, mas não havia como negar a sinceridade por trás delas. Nem mesmo Kai conseguiu encontrar um motivo para desacreditá-las.

Ele não me agarrou e me violou como eu poderia ter esperado, mas seus braços foram ao meu redor, apertando o suficiente para dificultar a respiração. Sua cabeça pressionou meu ombro, respirando fundo como se ele estivesse tentando atrair meu perfume, ou encontrar forças, ou talvez uma combinação dos dois.

— Não basta dizer isso, — ele exigiu, lábios pressionando no meu ombro como se para acalmar as palavras. — Não diga que você é minha só porque você me quer agora.

Meus olhos se fecharam por um segundo, respirando, tudo em mim respondendo à vulnerabilidade crua em seu tom.

Eu me afastei, esperando que seu olhar encontrasse o meu, vendo nada além de abertura ali.

— Eu não faria isso com você, — disse a ele, a voz um pouco feroz. — Desde que nos conhecemos, eu senti essa... coisa, — eu disse, pressionando a mão no meu peito.

— Coisa?

— Bem aqui, — eu expliquei, deslizando meus dedos para onde eles encontraram o centro do meu peito, os dedos tocando minhas clavículas. — Eu nunca entendi. Ou apenas me recusei a tentar, — eu admiti, sabendo que era a história mais provável.

— Que tipo de coisa? — ele perguntou, sobrancelhas franzidas.

— Fica apertado. Meu peito fica apertado. E... eu nunca entendi isso até recentemente. — Eu parei, olhando pra baixo por um segundo, balançando a cabeça. — Isso só acontece com você. Eu não sabia o que pensar sobre isso.

— Isso só aconteceu comigo? — ele perguntou, pressionando a testa na minha.

Eu balancei a cabeça um pouco, pegando sua mão, pressionando sua palma contra o meu peito sob a minha.

— Só você, — eu confirmei, sentindo minha barriga girar um pouco com admissão.

Sob a minha, seus dedos ficaram tensos por um segundo antes de relaxar.

— Mas Kai? — Comecei, sentindo-me encorajada, sentindo a absoluta *retidão* deste momento, sabendo que nada que eu pudesse fazer quando estivéssemos assim poderia levar à rejeição, que não havia lugar mais seguro para agir sob meus impulsos do que com ele.

— Sim, querida? — ele perguntou, a voz mais profunda do que o habitual.

Estendi a mão para fechá-la em torno de seu pulso, lentamente puxando sua mão para baixo, entre meus seios, sobre minha barriga, meu umbigo e, finalmente, rapidamente pressionando-o no pedaço de tecido entre as minhas coxas, sentindo sua respiração presa ao encontra-la úmida de desejo. — Eu também quero você, — acrescentei, sorrindo um pouco quando ele soltou esse

som sufocado que parecia quase uma risada, mas foi afogado em muita necessidade.

Sua testa se levantou da minha, olhos pesados quando encontrou meu olhar.

Assim que ele fez, seu dedo se moveu para cima. Perfeitamente. Habilmente. Como se ele conhecesse meu corpo há anos. Seu dedo roçou meu clitóris, arrancando um estremecimento através de mim enquanto eu exalava forte com um gemido sufocado.

Ao som, seus olhos se fecharam por segundos antes de se abrirem novamente, sua mão livre se movendo para a parte inferior das costas, usando-a para me guiar quando ele se virou, descendo na cadeira, me puxando para cima dele, joelhos montando ambas as pernas, deixando-me completamente aberta para ele, um fato que ele estava muito feliz em explorar quando seu dedo fez outro golpe, fazendo o broto inchado pulsar com a necessidade de gozar.

Sentindo-me tão aberta, tão completamente desnuda, minha boca se moveu para encontrar palavras novamente, para encontrar admissões, para dizer-lhe algo que eu nunca tinha dito a ninguém antes.

— Você me fez sentir assim antes, — eu disse a ele, sentindo seus dedos ainda quando ele me deu toda a sua atenção.

— No hotel, — ele concluiu.

— Então, também, sim. Mas antes disso. Há muito tempo atrás.

— Quando? — Ele exigiu saber, sua mão afundando em minha bunda, o único sinal de que ele estava mal se controlando.

— A primeira noite que você esfregou meus ombros, — eu admiti, observando seus lábios se curvarem devagar, docemente, como se tivesse sido uma lembrança para ele. — Foi impressionante, — acrescentei, me sentindo tão bem em compartilhar. Minha pequena verdade secreta. — Eu tive que ir ao banheiro e... ah...

Ok, então talvez eu não fosse *tão* ousada ainda.

— Fazer isso? — ele perguntou, deixando seu dedo roçar mais uma vez. Mas apenas uma vez. Um pouco mais forte que antes.

— *Sim.* — A palavra saiu mais como um gemido do que como uma afirmação. Talvez fosse os dois.

— Quase nunca me permiti esperar que isso acontecesse, — ele admitiu. — Eu queria que você tivesse me contado, — ele acrescentou, roçando meu clitóris mais uma vez. — Mas valeu a pena a espera, — ele concluiu, os dedos se afastando para escorregar para o lado da minha calcinha, o dedo raspando minha fenda lisa sem nada entre nós, a constatação disso foi o suficiente para me fazer estremecer.

— Kai, por favor, — eu implorei, os dedos segurando seus ombros, segurando como se eu estivesse com medo de cair sem fazê-lo. Minhas coxas estavam tremendo com a intensidade da minha necessidade de gozar.

Um músculo vibrava em seu maxilar enquanto seu dedo pressionava meu clitóris, fazendo o orgasmo bater inesperadamente através do meu corpo, me arrastando onda após onda enquanto eu enterrava minha cabeça em seu pescoço, gritando durante tudo.

Eu fiquei plantada ali mesmo depois que o orgasmo finalmente liberou seu controle sobre o meu corpo, tornado voraz depois de tanto tempo, quando tremores secundários fizeram meu corpo tremer levemente, fazendo a mão livre de Kai deixar minha bunda, acariciando suavemente, para cima e para baixo na minha espinha, dando tempo para me recompor.

Assim que me afastei para olhar para ele, porém, seus dedos se moveram de repente, um empurrando inesperadamente dentro de mim, fazendo minhas paredes se apertarem ao redor dele, implorando por mais da invasão.

— Oh, meu Deus, — eu choraminguei, tentando respirar profundamente, achando impossível que a necessidade lentamente se acumulasse de novo dentro de mim.

— Não posso te dizer quantas vezes pensei nisso, — ele me disse enquanto seu dedo ficava mais rápido, mais exigente. — Sonhei com isso um milhão de vezes, mas até a minha imaginação não me deixou imaginar você tão molhada como você está para mim agora. — A declaração fez meu canal se apertar ainda mais, algo que fez um pequeno sorriso sexy se manifestar nos lábios dele.

Todos esses anos.

*Todos eles.*

Pensando que Kai era um doce filhotinho de cachorro.

E ele era.

Mas isso me cegou para a possibilidade de que ele também pudesse ser tão sexy, que ele poderia me fazer devassa de desejo apenas com suas palavras.

— Kai, por favor, — eu exigi novamente, os quadris moendo em sua mão, sentindo sua palma pressionar meu clitóris excessivamente sensível novamente. — Não? — eu perguntei, uma desesperança esmagadora se movendo pelo meu peito enquanto ele balançava a cabeça para mim.

— Não, — ele confirmou. — Da próxima vez que você gozar, eu quero que seja em meus lábios, — ele declarou, fechando um braço ao redor da minha parte inferior das costas quando ele levantou, me levando com ele, movendo-se até minhas costas baterem na parede.

Eu perdi seu dedo enquanto ele incitava meus pés a tocarem o chão.

No segundo que eles tocaram, ele puxou um pelo joelho, prendendo-o na parede, aproximando-se e moendo seu pau duro contra o meu calor. Minha cabeça bateu de volta na parede, fazendo a dor atravessar meu crânio, mas foi esmagada pela maneira como seu pênis pressionou meu clitóris, então deslizou para baixo, provocando a entrada do meu corpo, prometendo um fim para a necessidade primordial e irresistível.

— Ainda não, — ele me lembrou quando se encostou em mim, enquanto meus gemidos se transformavam em choramingsos que se transformavam em suspiros sufocados por ar.

— Eu não posso par... — Eu comecei a protestar quando de repente seu pênis se foi, e meu pé bateu no chão com uma pancada quando ele o soltou.

Ele tinha se abaixado no chão na minha frente, os olhos olhando para mim quase reverentemente por um longo momento antes de sua mão estender, agarrando minha calcinha na frente, lentamente abaixando-a pelas minhas pernas, me ajudando a manter o equilíbrio enquanto as tirava.

Eu pensei que ele iria devagar, beijar minhas coxas, prolongar impossivelmente ao máximo, me fazer implorar por isso.

Mas a mão dele agarrou a parte de baixo do meu joelho, levantando, prendendo-o na parede novamente, expondo-me completamente a ele. E antes que eu pudesse registrar a mudança de posição novamente, sua boca estava em mim, lábios se fechando em torno do meu clitóris enquanto sua língua explorava, encontrando o ritmo que fez minhas mãos entrarem em seu cabelo curto,

curvando-se, segurando-o contra mim, só no caso que ele tivesse alguma ideia de tentar se afastar, de me negar o que foi prometido momentos antes.

Mas se havia algo que você pudesse saber sobre Kai, era que ele era um homem de palavra.

Ele nem tentou prolongar.

Ele descobriu o que eu gostava e fez implacavelmente, quase selvagememente, nem mesmo se importando que minhas coxas estivessem tremendo tanto que eu não tinha certeza se poderiam me segurar por muito mais tempo, não tentando me levar lentamente ao precipício.

Não, ele me jogou lá, depois agarrou e me empurrou.

Pareceu assim dessa vez.

Como em queda livre.

Como um momento de nada até que eu bati nele, o impacto rasgando tudo de mim, meus pensamentos, minhas inseguranças, minha quietude habitual.

Tudo o que eu sabia quando o prazer começou a diminuir foi que minha garganta doía como se eu estivesse gritando, meu corpo parecia escorregadio, trêmulo, extenuado.

Foi então que Kai beijou minhas coxas, subiu pela minha barriga, lentamente se levantando, passando a bochecha sobre meu seio antes de pegar meu mamilo em sua boca, chupando-o, trabalhando com sua língua. Então, passando pelo meu peito para continuar o lindo tormento.

Então, tão lentamente, entre meus seios, a língua traçando minha clavícula, depois os lábios sussurrando ao lado do meu pescoço, dentes gentilmente prendendo meu lóbulo da orelha antes que seus lábios encontrassem os meus novamente, mais suaves, provocantemente doces, tão gentis e despretensiosos, para minha surpresa quando senti o peso em meus seios novamente, o peso na minha barriga, o aperto no meu núcleo.

Então, apanhada nas sensações, eu não tinha percebido que ele estava me levando de volta ao limite da maneira mais despretensiosa possível.

Minha respiração acelerou, minhas mãos desceram pelas costas dele, agarrando a bainha de sua camiseta, lentamente puxando-a, observando seus braços se levantarem, permitindo-me libertá-lo disso. Minhas mãos espalmaram sobre os ombros dele, o olhar segurando o dele pelo maior tempo que pude,

querendo ver o prazer nele como ele tinha visto em mim, mas logo não pude manter meus olhos nos dele, e observei minhas mãos se moverem em seu peito, traçando os suaves entalhes dos músculos sob sua pele macia, deliciando-me com o modo como eles ficavam tensos sob o meu toque. Meus dedos encontraram o cóis da calça jeans, a antecipação tornando a minha pele elétrica enquanto eu desabotoava o botão e o zíper.

Respirei fundo quando as costas dos meus dedos roçaram sua cueca boxer, forçando meus dedos a ficarem focados em sua tarefa enquanto empurrava minhas mãos em direção às costas, segurando a cintura com os polegares enganchados para que meus outros dedos estivessem livres para tocar sua bunda no caminho, meu olhar subindo para ver o ardor em seus olhos e o menor sorriso sexy em seus lábios.

Ele não teve a chance de sair das calças.

Não conseguia conter minha vontade de retribuir, mostrar a ele até mesmo uma dica do que ele havia me mostrado duas vezes. Então eu abaixei de joelhos na frente dele, olhando para cima para vê-lo olhando para mim, pura fome alcançando seu rosto. Minhas mãos se estenderam, pegando o tecido de sua cueca boxer, abrindo-a enquanto a puxava para baixo, observando quando seu pênis apareceu, um comprimento grosso, exigente, prometendo satisfação.

Mas ainda não.

Mesmo que o meu sexo estivesse pulsando quase dolorosamente com a ideia de tê-lo dentro de mim.

Agora tudo era para ele.

Assim que o tecido caiu, meu olhar voltou para cima, querendo observar sua reação enquanto minha mão se fechava em torno da base de seu pênis, e minha língua se movia para traçar a cabeça, lambendo a gota de pré-sêmen lá.

Seu ar sibilou quando sua mão bateu na parede, se preparando enquanto ele me observava enquanto meus lábios iam ao redor dele, arrastando-o centímetro por centímetro, sentindo-o ficar ainda mais grosso quando comecei a trabalhar nele, sentindo o seu corpo enrijecer, sua mão enrolar no meu cabelo, sua respiração sair estremecida.

Apenas quando tive certeza de que iria saborear seu gozo, uma ideia que provocou um arrepio no meu corpo, de repente o aperto no meu cabelo

aumentou, puxando, puxando até que não tive escolha a não ser largá-lo, levantar-me para aliviar a dor.

Ele se moveu tão rápido que mal pude apanhá-lo quando ele me empurrou contra a parede, inclinou-se para pegar sua carteira, tirou um preservativo e nos protegeu. Juro que aconteceu em velocidade máxima, antes que eu pudesse registrar o alívio da dor no meu couro cabeludo, ele tinha terminado essas tarefas, estendeu a mão para levantar meu joelho, batendo contra a parede, em seguida, empurrando dentro de mim, profundamente, fortemente, reivindicando cada centímetro num piscar de olhos, fazendo um gemido sufocado me escapar na invasão, da maneira perfeita que ele me encheu.

— *Jules* — Meu nome parecia sair forçado dele, profundo, carente, primitivo, e algo dentro de mim respondeu ao som.

Ele tinha parado dentro de mim, enterrado profundamente, e minha mão subiu, movendo-se para enquadrar sua mandíbula, esperando que seus olhos se abrissem enquanto ele respirava com firmeza.

— Toda sua, — eu lembrei a ele, minha perna se soltando, movendo-se para enrolar em torno de suas costas, segurando-o para mim enquanto eu o moía, precisando do movimento mais do que eu precisava de qualquer outra coisa na minha vida.

Seus olhos ficaram suaves por um breve segundo, cheios de tudo que havia acontecido ao longo dos anos, todas as esperanças, medos, decepções e finalmente... triunfo.

Seus lábios reivindicaram os meus novamente, duros, famintos, exigentes. Os meus, por sua vez, tornaram-se o mesmo que o meu canal apertado em torno dele, implorando pelo gozo.

Seu pau se retirou, e seus lábios se separaram dos meus quando ele bateu de volta dentro de mim, olhos tão intensos que era quase inquietante. — Todo seu, — ele me disse, começando a empurrar, forte, rápido, carente, a prova de quanto tempo ele tinha esperado por isso, o quanto ele precisava disso.

Sua mão desceu, prendendo meu outro joelho, arrastando-o em torno de sua cintura, suas mãos indo para minha bunda, usando-a para me levar mais fundo a cada vez, batendo nele enquanto ele empurrava dentro, a quase violência de tudo me enlouquecendo mais rápido do que nunca.

Senti meu canal se fechar ao redor dele como um alicate, que impedia que a inconsciência me alcançasse, prometendo o esquecimento assim que ele derivasse para longe.

— Goze para mim, Jules, — ele exigiu, os olhos me observando enquanto ele continuava empurrando, recusando-se a deixar o orgasmo diminuir. — Aí, — ele rosnou quando minhas entranhas começaram a tremer, quando minha voz parou num gemido. — Isso é bom, — ele acrescentou, a voz áspera tentando sair de sua mandíbula cerrada.

— Kai, — eu choraminguei quando outra onda veio no final da primeira.

E essa foi a sua ruína também.

Ele empurrou mais forte por alguns segundos, batendo fundo, empurrando com força para cima quando um tremor sacudiu seu corpo.

— *Jules*, — ele sussurrou enquanto enterrava a cabeça no meu pescoço, seu corpo pressionando o meu na parede enquanto ele lutava pelo controle de si mesmo.

Sua respiração mal tinha nivelado antes de suas mãos pegarem em concha mais forte na minha bunda, enquanto ele caminhava de volta para a cadeira, caindo comigo em cima dele, nós dois muito sobrecarregados para fazer qualquer coisa além de ficar lá, nos abraçarmos, nos agarrarmos com o que acabara de acontecer.

Pareceu-me ser a única a recuperar primeiro, sentindo a minha frequência cardíaca voltar ao normal, a minha respiração voltar ao ritmo habitual.

Meus lábios pressionaram um beijo em seu pescoço antes de me afastar alguns centímetros, observando enquanto seus olhos se abriam lentamente, algo em suas profundezas que eu não sabia como interpretar.

— Você está bem? — eu perguntei, sentindo um pouco de desapontamento, ouvindo velhas palavras feias faladas por um homem de coração mesquinho encher minha cabeça, sugando a piscina de confiança que eu senti com Kai.

Ele respirou fundo enquanto sua mão se elevava, enfiando meu cabelo atrás da minha orelha suavemente. — Já teve um sonho que se tornou realidade, Jules? Um grande. Aquele que está em sua mente quase obsessivamente há muito tempo?

Eu engoli em seco, percebendo a verdade.

— Não.

— Nem eu. Até essa noite, — ele me disse, assim como meu coração estava pronto para se encolher a nada com a ideia de seu sonho ser esmagado pela realidade. Ele balançou a cabeça por um segundo, como se não tivesse certeza de que acontecera afinal. — Foi melhor do que eu poderia imaginar. Você é melhor do que eu jamais poderia ter imaginado. A realidade supera o sonho. Eu não sabia que isso era possível.

Senti o ardor revelador em meus olhos, piscando forte, sem saber por que estava me sentindo tão emocionada. Eu nunca me senti emocionada.

— Pare, — eu sussurrei, balançando a cabeça.

— Nunca, — ele me disse quando uma das lágrimas escapou, escorrendo pelo meu rosto. Seu polegar se moveu, pegando-a, antes de me puxar para frente, tomando meus lábios novamente, lentos, profundos, cheios da emoção espessa no ar ao nosso redor. E nem me incomodei em tentar impedir as outras lágrimas quando elas caíram.

Lágrimas de felicidade.

Elas eram um novo conceito para mim.

Mas não havia como negar sua existência.

Ele me beijou até que meus lábios pareciam inchados e sensíveis, deixando-me finalmente descansar minha cabeça contra seu ombro enquanto suas mãos se moviam para passar pelo meu cabelo.

Demorou muito até ele falar. Quando ele fez, ele era Kai. O Kai que eu conhecia todos os dias há anos. Doce. Suave.

— Tudo bem, o silêncio está me matando, — ele declarou. — O que está acontecendo aí? — Ele não perdeu o jeito que eu bufei um pouco, me sentindo pega. — O quê? — ele exigiu, dando um puxão brincalhão em um pouco do meu cabelo.

— É apenas...

— O quê? — ele exigiu quando eu parei.

— Miller estava me contando sobre aquela berinjela com queijo realmente incrível que você faz e...

Sua risada me cortou, feliz, despreocupada, tão *Kai* que eu senti isso de novo. Meu peito apertando. Mas desta vez, foi acompanhado por algo mais, algo novo. Uma sensação do meu coração se avolumar.

— Você quer voltar para a minha casa para que eu possa cozinhar para você? — ele perguntou quando eu me afastei, encontrando-o sorrindo facilmente, olhos brilhantes.

— E assistir *Crimes Premeditados*, — acrescentei.

— E assistir *Crimes Premeditados*, — ele concordou.

— Então talvez...

— Talvez o quê?

— Você possa me mostrar seu quarto, — sugeri.

Seu olhar ficou meloso ante isso, fazendo a minha barriga fazer o mesmo.  
— Acho que posso arranjar isso.

Com isso, nós dois pulamos de pé, voltando a vestir nossas roupas, as minhas parecendo estranhamente ásperas, talvez porque minha pele estivesse mais sensível, implorando por mais contato.

Voltei para a área da recepção, desligando meu computador, percebendo que era a primeira vez desde, bem, sempre, que eu estava saindo com o trabalho na minha mesa que ainda precisava ser feito, com uma minicozinha que ainda precisava ser abastecida.

E, honestamente, não poderia ter me importado menos.

Porque eu estava indo para casa com Kai.

Eu peguei uma anotação que Quin me deixou para suprimentos que ele precisava que eu pegasse no caminho no dia seguinte, abri minha carteira para guardá-la.

E outra anotação chamou minha atenção.

A de Kai.

Aquela com o seu código de alarme.

O código que soava tão familiar, mas eu não conseguia me lembrar disso antes.

Não era um código.

Era uma data.

Exatamente trinta e seis meses e vinte e um dias atrás.

E eu finalmente sabia o que era essa data...

## *Flashback - 36 meses e 21 dias antes*

Ele não sabia por que Quin o havia chamado. Seu escritório ainda não estava totalmente pronto, mesmo que os negócios estivessem funcionando. Ele tinha sido uma pequena adição tardia, tinha sido difícil de rastrear enquanto ele saltava pela Europa, permanecendo em albergues com pessoas em peregrinação para se encontrarem.

Mas ele deve ter precisado dele se ele estivesse chegando.

Então ele alcançou a maçaneta da porta, abrindo-a, entrando na área da recepção, toda escura e simplificada em tudo. Quin parecia que nunca se livraria daquela coisa militar minimalista. Ele gostava de coisas limpas e previsíveis.

Kai não tinha certeza de como eles iriam se dar bem. Ninguém jamais o acusaria de ser algo como *arrumado*. Ele trabalhava melhor com bagunça, parecia pensar com mais clareza quando estava procurando um arquivo perdido. Era quando suas melhores ideias chegavam a ele.

Mas Quin o queria, então ele devia estar pronto para lidar com isso. Kai achou que ele estaria bem com isso, desde que sua bagunça ficasse dentro dos limites de seu escritório.

Ele se certificaria disso.

Ele sabia que não deveria estragar uma oferta como essa, e decepcionar um homem como Quin.

Porque Quinton Baird era, bem, um tipo particular de pessoa: severo, muito racional, e ele esperava perfeição.

*Afirmava* algo que ele o quisesse em sua equipe.

A formação era impressionante.

Smith, Finn, Lincoln e Ranger tinham servido todos na mesma época, lado a lado, conheciam um ao outro por habilidades e reputação.

Miller não tinha servido, mas tinha estado na vida dura por muito mais tempo do que qualquer um do resto da equipe, precisou de garras para sair do seu passado, unhas ensanguentadas e corpo machucado. Isso deveria tê-la feito

amarga e malvada, mas, embora às vezes ela fosse um pouco distante e contundente, ela era relativamente estável, divertida e fácil de lidar.

Ele tinha a sensação de que eles se dariam bem, dado algum tempo.

Então, o fato de Quin, de todos *eles*, quisesse que *ele* se juntasse à equipe, era uma honra, um privilégio. Um que veio com um ótimo plano de saúde e um 401k.<sup>5</sup> O que ele realmente não precisava, graças ao salário quase ridiculamente alto que lhe foi prometido.

Depois de ficar pulando por tanto tempo, nunca tendo nenhuma ligação muito forte com alguém, ele achou que seria bom criar algumas raízes, criar amizades duradouras, fazer o que ele faz, não apenas porque ele era bom nisso, mas porque garantiria a ele um futuro seguro.

Ele estava ficando um pouco velho para albergues.

Ou pelo menos era assim que se sentia quando ele estava cercado de garotos tirando anos sabáticos depois da faculdade *para ir se encontrar*.

Além disso, ele estaria perto de pessoas que estariam *incluídos* no mesmo estilo de vida, que não o olhariam estranho quando ele lhes dissesse que ele, essencialmente, vivia de ser um viciado em adrenalina de fala suave.

Isso não seria estranho para esta equipe de limpadores, intermediários, negociadores, babás, generais, solucionadores e fantasmas.

O escritório estava em silêncio, exceto pelo ventilador e os tons quietos de vozes no final do corredor.

Ele reconheceria a voz de Quin em qualquer lugar.

Parecia que a outra voz era uma mulher.

Não tendo certeza se ele deveria se juntar ou não, ele ficou na recepção, de pé, esperando.

A porta do escritório de Quin se abriu, trazendo as vozes no espaço principal.

Definitivamente Quin.

E definitivamente uma mulher.

---

<sup>5</sup> Um 401 (k) é um plano de poupança para aposentadoria patrocinado por um empregador. Ele permite que os trabalhadores economizem e invistam uma parcela de seu salário antes que os impostos sejam retirados. Os impostos não são pagos até que o dinheiro seja retirado da conta.

Como se para comprovar ainda mais esse ponto, ele podia ouvir o clique constante de saltos no chão duro quando se aproximaram.

O sorriso que ele estava pronto para dar a eles congelou e se apagou de seu rosto quando saíram do corredor, vindo para sua linha de visão.

E ele percebeu que ele sempre se lembraria deste dia, desta data.

Estaria gravado em sua memória para sempre.

Porque foi o dia em que ele a conheceu.

## Epílogo

Jules - 1 dia

— O que você está fazendo? — a voz de Kai perguntou, ainda lenta e rouca do sono, um som que eu nunca poderia saber que seria tão sexy, mas agora sabia. — Você já foi à loja? — ele perguntou, pegando os sacos plásticos que cobriam o balcão.

Ele deu a volta para me encarar, sem camisa, calças baixas, olhos funcionando apenas pela metade.

E meu peito fez isso de novo.

Apertou

E mais, algo mais.

Algo dentro de mim resmungou *meu*.

Meu.

Ele era meu.

Inteira.

Nunca me senti possessiva antes, nunca tive a necessidade de possuir algo, *alguém*, tão completamente.

— Alguma loja ainda abre tão cedo? — ele perguntou, olhando para o relógio no fogão.

Seis e quinze.

— O Walmart é vinte e quatro horas, — lembrei a ele. — Eu só precisava de algumas coisas para resolver... isso, — declarei, acenando um braço para a gaveta de bugigangas.

— Resolver, — ele repetiu, o cérebro claramente um pouco lento pela manhã. Como ele passa sem café estava além de mim.

— Organizar isso, — esclareci.

— É uma gaveta de bugigangas.

— Sim?

— Gavetas de bugigangas não deveriam ser organizadas, — ele me informou como se isso fosse de algum modo de conhecimento comum. E se fosse, então o coletivo de humano era louco. Se você precisasse encontrar velas de aniversário, não seria melhor tê-las ali mesmo em um local designado, em vez de ter que revirar quinze outras coisas antes de encontrá-las? Provavelmente meio esmagadas?

— Bem... seja como for, a sua vai ser. Isso me acordou no meio da noite, Kai. Estava chamando por mim, me provocando com sua bagunça.

Ante isso, ele pareceu perder o sono, o rosto se abrindo em um sorriso enquanto soltava uma pequena risada.

— Então nós teremos uma gaveta de bugigangas organizada. Mas você pode explicar a todos se eles perguntarem.

— Perguntarem. Sobre uma gaveta de bugigangas? Seus amigos realmente se esforçam para encontrar tópicos de conversa, hein? O que... oh, — eu soltei um pequeno gemido quando ele veio até mim, arrastando meu corpo para o dele, selando seus lábios aos meus.

Senti-me derretendo nele, meus lábios se tornando exigentes, necessitados, embora tivéssemos tido um ao outro três vezes na noite anterior até que nossos corpos se recusassem a fazer qualquer outra coisa além de dormir.

Insaciável.

Era como me descrever agora.

Com Kai

— Só você perderia o sono pela gaveta bagunçada, — ele declarou depois de interromper o beijo, pressionando a testa na minha.

— E se eu precisasse de uma chave inglesa em uma emergência? — Eu perguntei, fuçando a gaveta para encontrar o item em questão.

— Uma chave inglesa de emergência, hein? — ele perguntou, os lábios se contorcendo, tentando não rir de mim. — Você já tomou café?

— Não, — eu disse, balançando a cabeça. Eu estava com pressa demais para chegar à loja. Eu sabia que queria arranjar organizadores, arrumar a bagunça de maneira adequada, depois começar a trabalhar pelo menos um pouco mais cedo, sabendo que deixara coisas inacabadas na noite anterior.

— Não se preocupe, — ele disse, tocando meu quadril enquanto passava. Ele fez muito isso. Mesmo nas oito horas que estávamos tecnicamente juntos. Ele sempre me tocou. Como se ele precisasse de confirmação de que eu estivesse lá. Ele não tinha ideia de como ele estava preso comigo agora. Agora que entendi o sentimento no meu peito, poderia nomear o que era, mesmo que só para mim por hora. Algo que eu nunca tinha experimentado com mais ninguém, algo que era só dele. — Eu vou pular no chuveiro enquanto você organiza, — ele acrescentou quando ouvi a água correndo para encher a cafeteira. — Então nós dois podemos ir para terminar o que você não conseguiu terminar ontem à noite.

O homem me pegou.

Essa foi uma sensação tão nova também. Alguém te entendendo, compreendendo suas preocupações sem precisar soletrá-las o tempo todo, alguém que se importasse o suficiente para conhecê-la ao nível básico.

Era um pouco unilateral ainda.

Eu tinha muito a aprender sobre Kai.

Por sorte, decidi, enquanto retirava os adesivos dos pequenos organizadores de gavetas de plástico, não tinha nada mais que fazer que descobrir sua história.

\*\*\*\*\*

— Você fez sexo, — declarou Miller cerca de cinco horas depois.

Minha cabeça se ergueu, os olhos se arregalando, olhando freneticamente ao redor para me certificar de que estávamos sozinhas.

— O quê?

— Oh, não me dê esse olhar inocente. Você finalmente teve coragem de pular nele, não foi? — ela se aproximou, sorriu maliciosamente. — Foi incrível? Todos esses anos de frustração reprimida, tinha que ser incrível. Quero dizer... a menos que ele não durasse. Que seria uma grande chatice. Mas tenho a sensação de que Kai seria do tipo quem compensaria de outra forma se ele explodisse rápido demais e... não, — ela disse, assentindo. — O amigo queria muito isso. De jeito nenhum ele explodiu. Foi incrível, certo?

— É a minha vez de falar agora? — eu perguntei, os lábios se contorcendo.  
— Você parecia estar levando essa conversa muito bem sozinha.

— Oh, foi *bom*, — ela concluiu, pulando na minha mesa. — Você está com um humor muito bom para um pau insatisfatório. Eu me sinto como uma mãe orgulhosa quando sua filhinha conseguiu seu primeiro grande e duro.

— Tenho certeza que as mães não se sentem *orgulhosas* dessa situação, Miller, — eu disse a ela, bufando. A minha lidava com a situação com uma espécie de compreensão resignada de que eu não poderia ser criança para sempre.

— Oh, o que eu sei? Eu nunca tive uma mãe. De qualquer forma, foda-se sim. Esta é uma ótima notícia. Você está fazendo como coelhos? Eca, esta mesa está contaminada? — ela perguntou, erguendo um pouco a bunda e olhando para a superfície da mesa, como se pudesse causar alguma doença.

— Há *câmeras* aqui, Miller, — eu lembrei a ela.

— Eu sei. Sua cadela excêntrica.

— Nós não fizemos isso aqui, — eu esclareci.

— Ooh, mas você *fez* isso aqui. O escritório de Kai, certo? Escrivadinha? Cadeira? Parede? Mentira! — Ela disse, batendo no meu braço com as costas da mão quando devo ter parecido um pouco culpada. — Todos os três?

— Bem, não a mesa.

— Não se preocupe. Há tempo para isso. Ele não era bobinho, certo? — ela perguntou, franzindo o nariz ante a mera ideia.

— Tipo... ele não ficou besta e chorou...

— Não, ele não chorou, — eu disse a ela, deixando de fora a parte sobre como eu tinha ficado um pouco emocionada.

— O que ele fez esta manhã? Levou seu café da manhã na cama? Ele parece o tipo de cara de café da manhã na cama. Eu preciso encontrar um desses.

— Bem, pare de namorar traficantes de drogas, então, — eu sugeri com um sorriso.

— Mas onde está a graça nisso? Vamos lá. Ele levou?

— Ele me fez café enquanto eu organizava sua gaveta de bugigangas.

— Oh ... excitante? — ela disse, sobrancelhas franzidas. — Quero dizer... o que quer que te deixe disposta, sua maníaca.

— Não é assim, — eu disse quando ela pulou da minha mesa. — É...

— Me lembre de nunca te conseguir material de escritório. Isso poderia te excitar demais. E, sem ofensa, Jules, mas você não é o meu tipo. — Ela foi para o corredor, girando com um grande sorriso. — Parabéns pela foda. Eu vou provocar o seu homem agora.

E, sim, foi assim que o escritório descobriu que Kai e eu estávamos juntos.

E como todos de repente tinham piadas sobre material de escritório e organização de ferramentas.

### ***Kai - 2 semanas***

Eu não consegui me acostumar com isso.

Eu provavelmente já deveria.

Acostumar-me a vê-la na minha casa, ao redor das minhas coisas, com o cabelo solto, com os pés descalços.

Mas eu não me acostumei.

Toda vez que entrava em um cômodo e a encontrava, havia uma sacudida no meu corpo que trazia consigo esse calor quase irresistível, essa sensação de retidão.

Mesmo que ela estivesse de joelhos meticulosamente esfregando meu forno como uma lunática. Pelo menos realmente *havia* alguma gordura ali para ela limpar, já que eu cozinhava sempre que estava em casa.

— Eu tenho uma empregada.

— Eu não me importo, — ela declarou, a voz abafada um pouco, desde que sua cabeça estava dentro do forno.

Aproximando-me dela, encontrei uma fileira de produtos de limpeza alinhados. Sim, uma *linha* deles.

— Este é um projeto para o dia todo? — eu perguntei, apreciando a visão de sua bunda em jeans destacando-se para mim, a forma como sua blusa tinha subido um pouco, mostrando uma parte de suas costas.

— Só mais ou menos uma hora, — ela declarou como se fosse uma quantia totalmente aceitável de tempo para se dedicar a um aparelho.

— Quer companhia? — eu perguntei, movendo-me para sentar no chão perto dela, não me importando se me fazia parecer pegajoso querer estar perto dela o máximo possível.

— Claro, — ela disse, virando a cabeça por cima do ombro para sorrir um pouco para mim. — Conte-me sobre a sua infância, — ela sugeriu. No meu olhar vazio, ela encolheu os ombros. — Você sabe tudo sobre mim. Eu quero saber mais sobre você.

— Não há muito para contar. Vivi com meus pais quando criança. Tecnicamente, mas não de verdade. Eles trabalhavam em uma fábrica. Se eu os visse duas ou três horas por semana, isso era muito. E esse tempo geralmente era cheio de eles me repreendendo sobre ser melhor na escola, para que eu pudesse ter uma vida melhor. Eu consegui passar alguns finais de semana com meu avô que me ensinou artes marciais. Mas além disso, eu meio que me criei a maior parte do tempo.

— Você estava sempre sozinho? — ela perguntou, saindo do forno, sentando-se em seus calcanhares, olhos tristes encontrando os meus.

— Não tenha pena de mim, querida. Acabei ficando bem.

Ela hesitou, sabendo que era verdade. Eu poderia não ter tido histórias para dormir, abraços e amor sem fim, mas consegui passar pelo processo relativamente bem ajustado. — Bem... você pode compartilhar a minha agora, — ela declarou, dando-me um sorriso inseguro, um tanto vacilante, como se estivesse preocupada com a rejeição.

Como se houvesse algum retorno para mim.

Eu estava tão envolvido que nem sequer considerei um futuro sem ela.

Eu provaria isso para ela eventualmente.

Com o tempo.

Ela ainda estava aprendendo a confiar novamente.

Nós chegaríamos lá.

— Eu adoraria fazer parte da sua família, Jules.

***Jules - 2 meses***

— Pare de se mexer, — eu disse a ele, afastando a mão do botão que ele estava mexendo em seu pulso.

Ele estava nervoso.

Era tão bizarro, pelo menos para ele, que era difícil aceitar isso.

Eu entendi, é claro, que essa sempre deveria ser uma experiência um tanto estressante.

Conhecer a família

Mas ele conhecia minha família!

Ele conhecia minha mãe, irmã e pai.

Ele até conheceu minha avó antes de ela falecer.

E, além disso, minha família gostava dele.

Mas ele estava nervoso. Ele havia passado mais tempo na frente do espelho do que eu, enroscando-se com o cabelo que estava lentamente crescendo, mas não rápido o suficiente para o meu gosto. Eu sentia falta do seu cabelo comprido. Tinha fantasiado tantas vezes sobre passar meus dedos por ele. Eu queria ser capaz de experimentar isso finalmente.

— Juro que eles vão amar a surpresa.

Talvez isso tenha sido injusto da minha parte.

Eu estava meio que... revelando-o a eles.

Sequer tinha dito a Gemma sobre nós sermos um casal.

Eu queria ter um pouco de tempo só nosso, antes de envolvê-los todos, ter que lidar com todas as suas perguntas.

Mas chegou a hora.

Mamãe estava ficando desconfiada.

Eu acho que ela pensou que eu estava desenvolvendo um problema de bebida ou algo assim porque sempre que ela perguntava onde eu estava, eu mentia e dizia que estava na cidade com Miller. E desde que ela sabia que Miller gostava de se divertir, incluindo bebidas bombadas e doses de tequila, ela chegou às próprias conclusões.

Inferno, mesmo que ela odiasse Kai, ela ficaria aliviada por eu estar apenas com ele.

Subimos a entrada de carros que minha mãe tinha coberto com fardos de feno, porque ela era uma daquelas mães que faziam questão em decorar para cada feriado ou estação do ano. Espantalhos flanqueavam cada lado dos degraus da frente. Abóboras falsas alinhavam o caminho que levava a ela. E ela estava apenas na metade de sua decoração.

— Eu amo esta casa, — declarei enquanto subimos para a casa colonial branca com persianas pretas, como sempre foi. Havia um balanço de pneu em um velho carvalho no jardim da frente, embora Gemma e eu não o tivéssemos usado em quase uma década.

— É o tipo de casa que você quer, — ele me informou. Não adivinhado ou questionado. Informado. — Está tudo estampado no seu mural do Pinterest, — ele me disse. — Casa colonial e golden retrievers.

— E os produtos de limpeza naturais. Mesmo que Finn me esfolasse se ele ouvisse isso.

Enquanto conversávamos, o corpo dele pareceu relaxar.

Isso foi até que eu abri a porta sem bater porque, bem, esta não era mais a minha casa, mas eu sempre estaria no lar, e o arrastei pelo corredor em direção à cozinha de onde as vozes estavam vindo. Vozes que pararam abruptamente com a visão de nós ali de pé. De mãos dadas. Inclinando-se um no outro.

A boca de Gemma se abriu. Comicamente aberta. Olhos arregalados.

As sobrancelhas do meu pai se levantaram.

Foi só minha mãe que falou, chocando nós dois.

— Bem, finalmente, — ela declarou, acenando com a colher de pau no ar. — Eu tinha certeza de que teria de contratar um maldito avião para escrever no céu, para informá-los de que vocês dois estavam interessados um no outro, e precisavam tirar a cabeça de suas bundas e agir de acordo com isso.

— Querida, eu não acho que uma mensagem no céu poderia fazer tudo isso, — meu pai a informou, sempre um pouco lógico para entender o sarcasmo.

— O céu é interminável, Mitch. Ele poderia fazer caber, — ela disse, os olhos sorrindo tanto quanto seus lábios. — Kai, estou tão feliz por finalmente ter você na família, — ela disse a ele, atravessando a cozinha para jogar os braços ao redor dele.

Voltei um passo, olhando para eles, descobrindo um segundo depois que estava tão feliz por tê-lo feito. Ou poderia ter perdido isso. A nostalgia no olhar de Kai. A alegria pela sua aceitação.

— Agora, — disse minha mãe, afastando-se para colocar as mãos em seus ombros. — Vamos falar sobre os meus netos!

— *Mamãe!* — eu assobieei.

— Não estamos falando com você, — ela me informou enquanto levava Kai com ela.

Gemma aproveitou a oportunidade para saltar para mim, as mãos agarrando as minhas, apertando com força.

— É ele, Julie-querida, — ela me disse com alguma autoridade. Como se ela soubesse o tempo todo. Talvez ela tivesse.

Senti meus lábios se curvarem, olhando para Kai, que parecia sentir isso, lançando um sorriso por cima do ombro para mim.

— Sim, é ele.

### ***Kai - 1 ano***

Agora, isso era o que ela sempre sonhara que seria seu casamento.

Num lugar fechado.

No inverno.

A neve caía preguiçosamente, flocos grandes e gordos do lado de fora das janelas que iam do chão até o teto, alinhando-se no salão de recepção sobre o qual ela havia sonhado. As mesas estavam cobertas de enfeites champanhe. Todas as cadeiras combinavam. E não havia nada que pudesse ser chamado de “rústico”.

Talvez exceto por Ranger.

Você poderia vestir o homem, mas não poderia fazê-lo parecer que ele se encaixava com o pessoal da cidade. Mesmo quando Miller tentou arrastá-lo para fora da concha um pouco. Após a cerimônia, ela estava praticamente tentando empurrá-lo com álcool até que ele se soltasse um pouco. Não funcionaria, é claro, mas ela tentaria o máximo possível.

Nós estávamos menos de vinte minutos até a hora do show, até que a mulher que eu sabia que deveria se casar comigo desde o momento em que nos conhecemos, finalmente concordasse com isso.

‘Finalmente’ soou dramático, já que só estávamos namorando há um ano, estando juntos seis meses quando eu me ajoelhei e propus a ela.

Mas pareceu muito tempo.

Parecia que eu tinha esperado uma vida inteira.

Eu não estava nervoso.

Não havia nada para ficar nervoso.

Isso estava certo.

De todas as maneiras possíveis.

— Está pronto? — Miller perguntou, me dando um sorriso quando ela se aproximou em um terno de três peças.

Veja, nós não queremos uma grande festa nupcial.

Gemma seria dama de honra.

E eu quando estive debatendo minhas escolhas para o padrinho, Miller tinha invadido, informando-me que desde que ela era a única no escritório com coragem para nos aproximar finalmente, ela merecia a honra.

Então, sim, Miller era meu padrinho.

— Sempre estive pronto, — eu concordei, pegando seu braço, andando pelo corredor até a sala de cerimônia.

Não era nada menos do que um conto de fadas, tudo branco e dourado e reluzindo magicamente.

Jules normalmente gostaria de se casar em uma igreja, mas como escolhemos um dos meses mais nevados do ano para nos casarmos, decidimos que um local único seria nossa melhor aposta. Havia um hotel no andar de cima também com quartos para os nossos hóspedes, caso o tempo não recuasse, ou o bar aberto provasse ser muito tentador.

De sua localização na primeira fila, a família de Jules sorria para mim. Não houve qualquer período de adaptação com eles. Eles me receberam de braços abertos, me puxando para a unidade da família como se sempre tivesse sido meu lugar. Significava mais para mim do que eu poderia dizer. E agora estávamos todos nos tornando familiares de uma maneira oficial.

Em frente a eles estava o que era, essencialmente, minha família.

Gunner, Lincoln, Smith, Finn, Ranger e o homem que nos uniu em primeiro lugar, Quin.

Havia mais duas pessoas na equipe do que no ano anterior e mais uma mulher no braço de um dos homens.

Mas essas eram histórias para outro dia.

Essa era a história de hoje.

A música soou, trazendo Gemma pelo corredor em um vestido que Jules claramente deixou que ela escolhesse para si mesma, já que não era o estilo de Jules, mas era completamente Gemma, um vestido dourado e branco com um par de sapatilhas douradas nos pés. Seu cabelo estava solto. Flores silvestres estavam em suas mãos.

Ela sorriu para mim quando ela tomou seu lugar.

Eu sorri de volta.

Mas apenas por um segundo.

Porque não havia como perder o que veio a seguir.

Jules estava na entrada no braço do pai dela.

No meu peito, meu coração parecia que iria quebrar os confins da minha caixa torácica que estava tão cheia.

Eles pararam ali por um segundo, Jules me deu um sorriso lento e seguro, as luzes pegando em seu cabelo vermelho que ela tinha deixado solto para fluir ao redor de seus ombros, como ela sabia que eu gostava.

Este vestido era diferente do anterior. O vestido preparatório, se você preferir. Sem mangas, apertada em torno do peito, descendo no peito e nas coxas, apenas abrindo-se em torno dos joelhos em camadas de tecido leve.

Linda.

Mais bonita do que eu já a tinha visto antes.

Eles caminharam para mim no que parecia ser câmera lenta.

Eu mal lembrei de apertar a mão do meu sogro e agradecer a ele na minha pressa de pegar as mãos de Jules nas minhas.

Um anel já brilhava no dedo dela.

Verdadeiro.

Em forma de pera.

Dentro de um momento, haveria outro lá.

Minha.

Ela finalmente era minha.

— Tudo bem vocês dois, — declarou Miller, subindo depois que a maioria dos outros na recepção já tinha saído para encontrar quartos ou ido para casa. Ela soltou a gravata. Seu paletó estava aberto. E seus olhos estavam pesados de cansaço e álcool. — Queríamos dar-lhe o seu presente de casamento antes de sairmos.

— Vocês todos participaram? — eu perguntei, sobrancelhas franzidas. O que eles poderiam ter nos dado que todos precisaram contribuir?

— Sim, — Lincoln concordou quando Quin se adiantou para entregar a Jules uma pequena caixa branca embrulhada em uma fita dourada.

— Abra, — exigiu Gunner, quando Jules não fez imediatamente, não sendo a devida etiqueta abrir presentes de casamento na frente dos convidados.

Mas com permissão, seus dedos rasgaram a fita, abriram a tampa da caixa, ansiosa pelo nosso primeiro presente como casal.

Dentro havia um pequeno cartão branco.

Com um endereço.

Sob isso, uma chave.

— Vá construir uma vida lá, — Quin nos disse, beijando a bochecha de Jules, apertando a mão no meu ombro, depois levando Aven para fora com ele.

Nós dois ficamos lá em silêncio, atordoados enquanto o resto deles nos parabenizava, nos diziam para ter uma lua de mel divertida, exigindo que trouxéssemos lembranças.

— Eles nos compraram uma casa, — Jules sussurrou, voz irreconhecível.

— Você verificou o endereço? — a voz da mãe de Jules perguntou, fazendo-nos olhar para cima para vê-la e a seu marido ali, os olhos vívidos.

Ambos os nossos olhos se moveram ao mesmo tempo, finalmente raciocinando.

A casa em frente à deles.

Uma colonial.

Com persianas pretas.

E um grande quintal.

— Esta casa não estava à venda, — insistiu Jules, balançando a cabeça, sem acreditar.

— Bem, — sua mãe disse, sorrindo calorosamente. — Edgar e Louise estão velhos. É uma casa grande para tentar manter. Quando seus amigos me contaram sobre o plano deles, perguntei se eles estariam interessados em uma oferta. Eles estavam. É toda de vocês. Vocês podem morar quando voltar da sua lua de mel.

— Eu vou pendurar um pneu enquanto vocês dois estiverem fora, — seu pai acrescentou, nos dando um sorriso enquanto levava sua esposa embora.

Jules se virou para mim, os olhos brilhando, não totalmente transbordando, mas chegando lá.

Eu acho que eu tinha uma pequena surpresa que poderia empurrá-los sobre a borda.

Veja, eu deixei Jules cuidar dos planos do casamento, sabendo que ela estava morrendo de vontade de colocar as mãos nisso, não tinha absolutamente nenhuma preferência quando se tratava disso. Mas eu exigi que ela me deixasse lidar com a lua de mel. Sem informações para ela.

Enfiei a mão no bolso do meu terno, tirando as passagens de avião.

— Está pronta? — eu perguntei, segurando-as para ela.

Ela as pegou com as mãos trêmulas, virando-as para ler.

E então as lágrimas caíram.

— Irlanda? Você está me levando para a Irlanda?

— Eu te mostrarei onde te peguei aquele globo de neve. Talvez nós pegaremos outro.

Em uma pequena e doce fungada, sua cabeça pressionou meu ombro. — Eu te amo, — ela declarou, as palavras impregnadas de sentimentos.

Não importava quantas vezes eu tivesse ouvido, sempre acontecia a maravilha da primeira vez que ela disse isso.

— Eu também te amo, Jules. Sempre.

## ***Jules - 8 anos***

— Qual é o sentido de uma sapateira se ninguém a usa? — eu perguntei, deixando escapar um suspiro quando os coloquei de volta em seus devidos lugares.

Os sapatos de Kai.

E do nosso filho.

Nossa filha, abençoe seu coração, sempre pegava sozinha. Ela arrumava seus brinquedos em seu quarto todas as noites antes de dormir. Havia muito de mim nela.

Nosso filho, bem, ele era todo Kai. Cordial e alegre, e tinha essa necessidade incontrollável de maneiras novas e inventivas de estimular sua adrenalina.

Depois de tê-lo flagrado usando uma caixa de papelão para *surf*ar pelas nossas escadas de madeira, eu praticamente decidi que os filhos eram a única razão pela qual o vinho foi inventado.

— Onde estão vocês, gente? — eu chamei, soltando duas sacolas de lona transbordando no balcão, da feira que Gemma e eu íamos a cada fim de semana, pegando todas as coisas saudáveis com a qual eu fui criada e sempre quis dar para os meus filhos também. Com um pouco de lixo lá dentro de vez em quando. Peguei uma caixa de canudinho vazia no balcão, jogando-a enquanto me movia pela cozinha, enorme, branca, um lugar onde passávamos tanto tempo cozinhando, assando, criando memórias.

Nós até mesmo tínhamos uma gaveta de bugigangas com velas de aniversário, chaves inglesas e notas autoadesivas.

Todos em seus devidos compartimentos nas gavetas do organizador.

— Kai? — chamei, movendo-me pela sala de estar, aquela com enormes janelas que me permitiram ter parapeitos cheios de plantas de interior.

Com um suspiro, vi a porta aberta que levava a varanda dos fundos. Eles deixavam a porta aberta, depois tinham ataques quando encontravam uma mosca ou um gafanhoto na casa.

Eu me movi naquela direção, abanando a já mencionada mosca até que ela encontrou o caminho de volta para fora, fechando a porta do outro lado, de pé na varanda dos fundos, olhando para o nosso quintal.

Isso sempre me fez suspirar de alívio.

Eu tinha meus jardins.

Kai tinha a área de churrasqueira masculina.

As crianças tinham espaço para correr e brincar.

Era tudo, tudo o que eu sempre quis.

Como se eu tivesse chamado seus nomes, nossos filhos entravam e saíam da minha horta fechada, um lugar que sabiam que não deviam estar, a menos que me ajudassem a cultivar ou colher.

Eu me movi naquela direção, imaginando onde Kai estava que ele não os enxotou, apenas para sentir minhas mãos agarradas em cada lado pelos meu filho e filha pequeninos.

— Vamos, mamãe. Temos uma surpresa.

Oh, Deus.

Surpresas, vindas de crianças, quase inevitavelmente significavam que algo estava lamacento, marcado permanentemente ou quebrado para ser remontado. Seriamente.

Tomando fôlego para me resignar a um desses destinos, deixei que me conduzissem pelas fileiras de feijões verdes, dando volta na extremidade.

E lá estava Kai.

— Surpresa, mamãe, — ele declarou, radiante.

Radiante porque ele estava segurando algo pequeno e dourado em seu peito.

Nós sempre conversamos sobre isso.

Mas o momento nunca pareceu certo.

Kai viajava muito.

Eu trabalhava muito.

Então nós tivemos filhos que roubavam toda a nossa energia.

Apenas nunca pareceu o momento certo para fazê-lo.

Para obter a última coisa do meu mural.

— Cento e trinta e dois meses e vinte e um dias, — ele acrescentou, ao me aproximar dele. Deles.

Cento e trinta e dois meses e vinte e um dias desde que nos encontramos pela primeira vez.

E ele me deu seu coração, sua mão, um lar, um futuro, nossos filhos. E agora meu filhote golden retriever.

Ele me deu tudo.

*Tudo.*

Não havia mais listas, nem cronogramas, nem planos.

Nós deixamos tudo acontecer como era destinado. E tudo se encaixou perfeitamente. Belamente.

Meu peito apertou quando o filhote lambeu o meu peito com a língua molhada.

Eu olhei para Kai, deslizando seu longo cabelo atrás da orelha, inclinandome para beijá-lo.

Forte e longo para um coro de barulhos de protestos de nossos filhos, meu coração transbordando com um amor que eu nunca soube que poderia existir.

Até que ele mostrou para mim.

Até que eu finalmente permiti.

E veja o que poderia acontecer com um amor assim.

**FIM.**